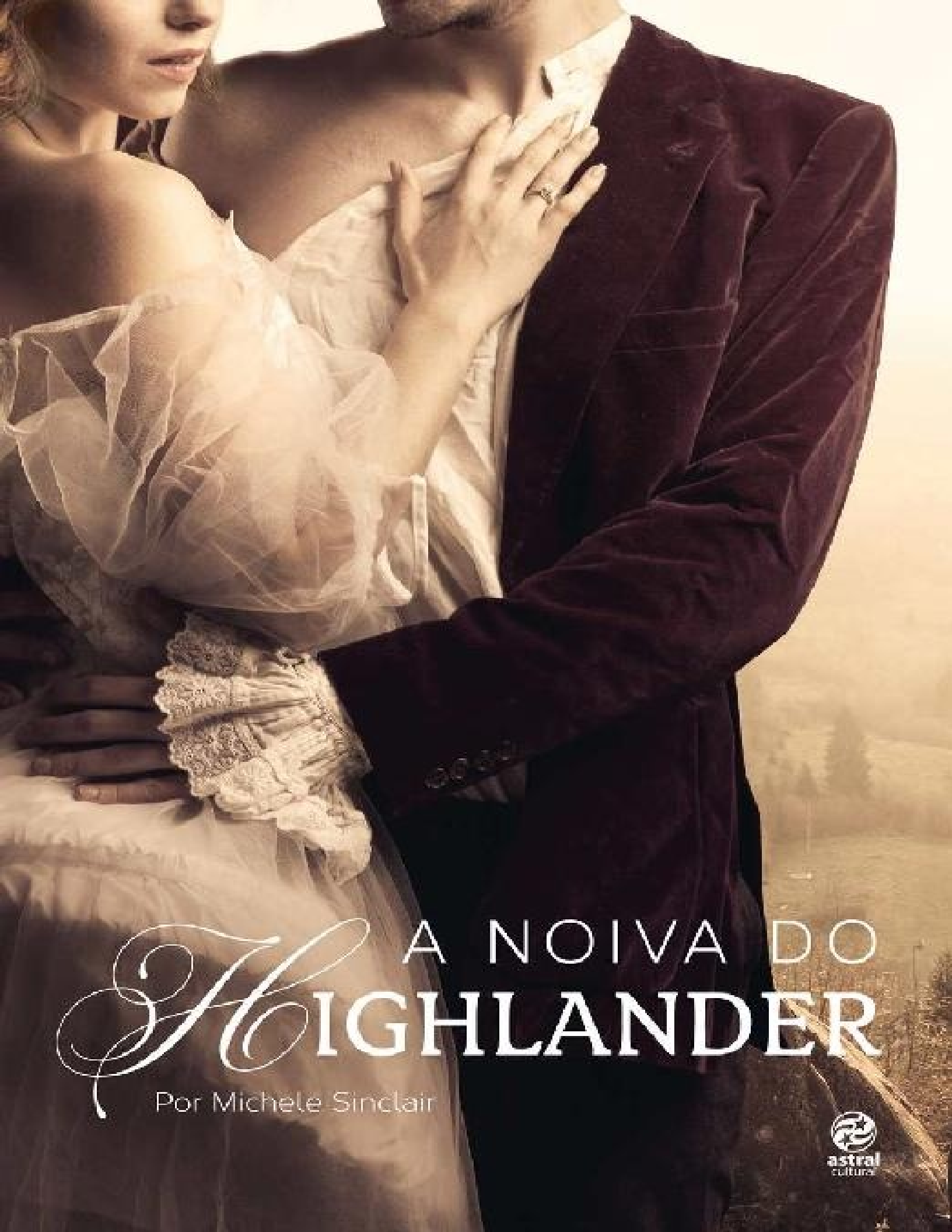
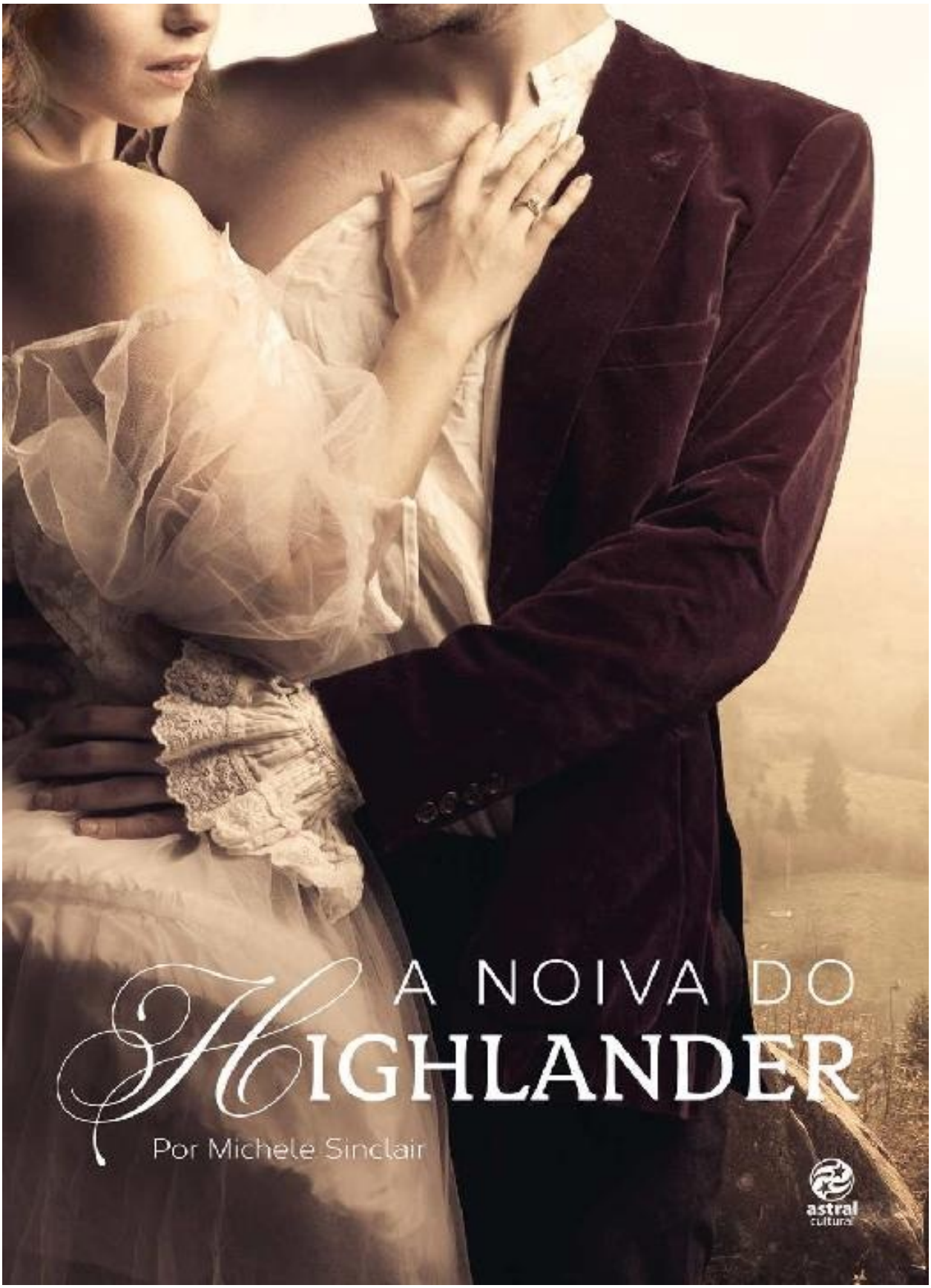
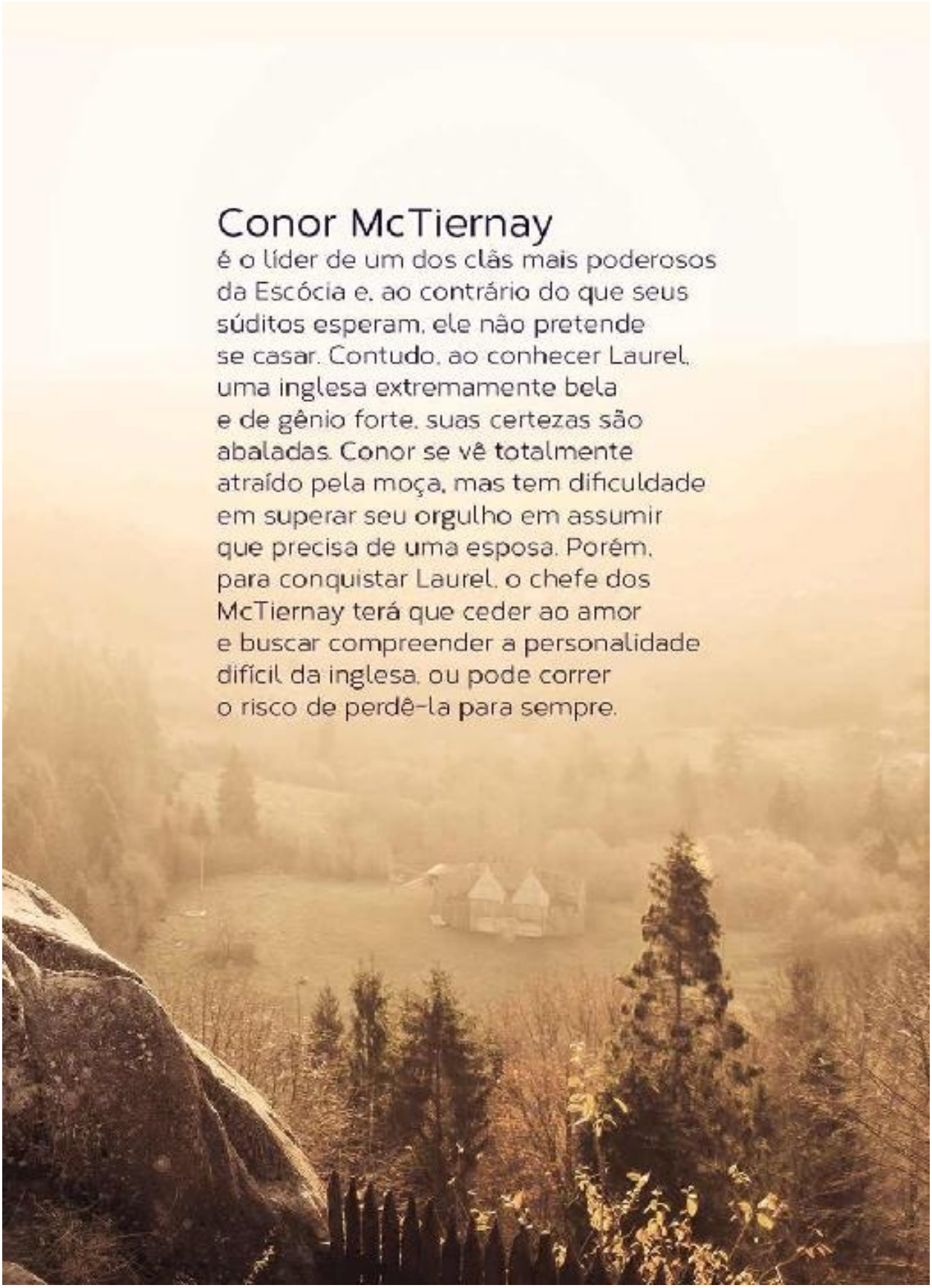

A NOIVA DO
HIGHLANDER
Por Michele Sinclair
astral
cultural


A NOIVA DO
HIGHLANDER
Por Michele Sinclair
astral
cultural



Conor McTiernay

é o líder de um dos clãs mais poderosos da Escócia e, ao contrário do que seus súditos esperam, ele não pretende se casar. Contudo, ao conhecer Laurel, uma inglesa extremamente bela e de gênio forte, suas certezas são abaladas. Conor se vê totalmente atraído pela moça, mas tem dificuldade em superar seu orgulho em assumir que precisa de uma esposa. Porém, para conquistar Laurel, o chefe dos McTiernay terá que ceder ao amor e buscar compreender a personalidade difícil da inglesa, ou pode correr o risco de perdê-la para sempre.

A NOIVA DO HIGHLANDER

A NOIVA DO HIGHLANDER

Por Michele Sinclair

Tradução: Márcia Blasques

astral cultural

Copyright © 2017, Michele Sinclair
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Taina Bispo
Produção editorial Aline Santos, João Paulo Fernandes/Colaborador, Karen Barbarini, Luiza Marcondes, Thiago Kuguchi e Natália Ortega
Edição de texto Caio Didry
Preparação de texto Débora Timayose
Fotos Shutterstock Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S623n Sinclair, Michele
A noiva do Highlander / Michele Sinclair ; tradução de Marcia Blasques. – Bauru, SP : Astral Cultural, 2017.
320 p.

ISBN: 978-85-8246-489-2
Título original: The Highlander's Bride

1. Literatura norte-americana I. Título II. Blasques, Marcia

17-0598

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana 813

ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS DA EDITORA ALTO ASTRAL.

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Rua Gomes de Carvalho 1507, conj. 91, bloco B
CEP 04547-005
Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

O BEIJO DO HIGHLANDER

Algo primitivo irrompeu dentro de Conor com aquele olhar reluzente. A mão dele roçou o rosto de Laurel enquanto ele afastava os cabelos molhados dela para trás dos ombros. A outra mão acariciava seu braço enquanto ele mergulhava em seus olhos. Sem uma palavra, ele se inclinou e passou a boca levemente pela dela, incentivando-a a responder.

Os lábios de Laurel eram suaves, mornos e inocentes. Ele inclinou a boca contra a dela, e ela o beijou de volta, aumentando a pressão. Os dedos dela se abriram nas costas de Conor, e ele a trouxe cuidadosamente de encontro a seu peito. A sensação das mãos errantes de Laurel e de seus seios no corpo dele fazia o calor constante em sua virilha aumentar até ficar dolorida de desejo.

Ele aprofundou o beijo e brincou com o lábio inferior dela, encorajando sua boca a se abrir para ele. Quando por fim ela o fez, ele mergulhou nela, absorvendo-a por inteiro enquanto suas mãos subiam lentamente pela espinha dela. Ela tinha um gosto tão bom. Assim como seu cheiro, seus beijos eram frescos, novos e inocentes...

1

Escócia, 1307

— E o senhor? Não pensa em se casar?

A pergunta cansativa fora feita a ele vezes demais nas últimas semanas. Desde que seu irmão mais novo resolveu se casar, todo mundo presumia que ele também devia querer.

— É a sua vez, Conor! — Ele ouvia para onde quer que fosse.

Os que o conheciam bem sabiam que não deviam perguntar algo assim, mas aqueles que não eram tão próximos, em algum momento proferiam a pergunta amaldiçoada:

— Então, quando o senhor vai se casar?

Quando por fim deixaram o casamento para ir para casa, ele provavelmente já tinha irritado mais do que alguns com suas respostas:

— Quando eu bem entender... nunca.

— O que disse, Conor? Nunca vai escolher uma esposa? — A voz irritante imitava uma das várias mães escocesas que encontraram ao longo da última semana, que tentavam fazer de suas filhas pretendentes para Conor, em busca de status e poder dentro do clã. Uma risada baixa se espalhou pelo grupo de homens, todos de olhos azuis e cabelos escuros.

— Ele vai socar você um dia desses, Craig.

— Espero que acerte Craig na boca — disse um dos cavaleiros mais jovens, gostando que outra pessoa fosse objeto da zombaria de seus irmãos mais velhos.

Conor ignorou a brincadeira dos irmãos mais novos e levou o pequeno grupo até um rio próximo para refrescar as montarias. Por fim, esta viagem inevitável acabava. Em poucos dias, ele estaria nas terras McTiernay novamente, de volta aos seus deveres como chefe de seu clã.

— Cuidem dos cavalos. Vamos acampar no vale adiante.

Os homens assentiram e começaram a cuidar das montarias. O destino desta noite ainda estava a vários quilômetros ao norte, e a noite já teria caído antes que armassem o acampamento. Ainda que o vale escolhido por Conor não tivesse nenhum riacho para aliviar as gargantas secas dos homens e dos cavalos, o pequeno grupo de highlanders entendeu sua decisão. Nenhum deles queria dormir tão perto do solo de Douglass.

Embora só uma pequena parte do território de Douglass fizesse limite com a terra aliada pela qual Conor e seus homens cavalgavam, ficava em uma localização estratégica. Abrigadas pelos dois lados por grandes falésias, só duas áreas precisavam ser fortificadas e protegidas. Era um lugar excelente para construir uma fortaleza, e foi exatamente o que os ancestrais de Douglass fizeram.

Conor pensou na pergunta de seu irmão enquanto seguiam na direção do vale. Era um homem grande, até mesmo para o padrão highlander. Em geral mantinha o cabelo castanho escuro amarrado de um modo atípico para soldados escoceses. Por anos, mulheres e suas mães o perseguiram de modo incansável, empregando várias táticas para persuadi-lo a aceitar um compromisso. A ideia de se tornar esposa de um poderoso chefe de clã era muito atraente, em especial quando o chefe era jovem e muito bem-apessoado.

Ao longo dos anos, as palavras suaves e artificiais sussurradas por belas mulheres mudaram esse quadro. Ele não era mais considerado o highlander desejável da juventude, mas um homem frio, duro, sem calor para partilhar com uma mulher. Por conta disso, embora ainda fosse um homem impressionante, já fazia um tempo que não atraía o olhar de uma dama, fosse sincero ou não.

Mas isso não importava, pois Conor não tinha vontade de casar. A maior parte dos casamentos era pouco mais do que um contrato. Era só um meio de garantir alianças, dar sequência às linhagens familiares, compartilhar cargas de trabalho ou atender necessidades físicas. Seu talento com a espada e a lealdade inabalável de seus homens o fornecia alianças suficientes. Seus vários irmãos garantiriam que o nome McTiernay continuasse por gerações, e ele descobrira que suas necessidades físicas podiam ser satisfeitas a qualquer

momento sem o pré-requisito de um contrato de casamento.

Ele se lembrava apenas de um casamento — o de seus pais — que teve algo a mais. Seus pais forjaram uma união construída no apoio mútuo, no desejo e na garantia de que, não importavam as circunstâncias, sempre acreditariam e confiariam um no outro. Enquanto era um jovem ingênuo, ele desejara encontrar alguém para criar uma vida e um laço similares.

Depois de quase se deixar enganar, Conor começou a procurar falsidade nas mulheres que perseguiam a ideia de tornar-se a senhora McTiernay. E nunca se desapontava. Embora a maior parte de suas admiradoras fosse educada, nenhuma o desejava por ele mesmo. Quando confrontadas sobre seus projetos de conquistar um título, algumas entravam em pânico e outras choravam. Algumas até o chamavam de frio, declarando que ele devia ser o único chefe de clã das terras altas ainda vivo sem um coração. Depois de uma série de desapontamentos e experiências de revirar o estômago, ele decidiu que a alegria e o vínculo que seus pais compartilhavam eram uma dádiva única que jamais teria.

Quando o grupo chegou ao vale e começou a arrumar o acampamento, Conor deixou aqueles pensamentos de lado e começou a relaxar. O ar estava mais frio agora, e ele estava contente em voltar para casa. Havia muito que fazer antes de o inverno chegar e, em poucas semanas, as montanhas estariam cobertas de neve.

Despreocupado, Conor observava seus irmãos mais jovens fazendo uma grande fogueira no centro do acampamento. Eram um grupo pequeno, cinco de seis irmãos e quatro guardas de elite. Raramente Conor permitia que toda a família viajasse além das fronteiras McTiernay, mas casamentos exigiam a presença de todos. Embora relutante, ele concordou que seus irmãos mais jovens viessem, já que a jornada era em grande parte por terras de aliados ou de clãs neutros.

— Aposto que Colin está tendo uma ótima noite, consumando o casamento e tudo mais — Craig falou com uma gargalhada. Seu irmão gêmeo Crevan sorriu, assentiu e reclinou-se para pegar um pedaço de carne. Os gêmeos de dezessete anos eram parecidos na aparência física, ambos homens altos, com cabelos castanho escuro cacheados e brilhantes olhos azuis. Suas

personalidades, no entanto, eram tão distintas quanto a noite e o dia.

— Colin é sortudo. Deirdre é bem bonita — comentou Clyde, o mais jovem dos McTiernay, apenas se aproximando dos doze anos de idade. Seus irmãos zombavam constantemente por causa de seu nome, dizendo que era uma pena que a mãe deles tivesse usado todos os nomes bonitos que começavam com C na época que ele nasceu. Quando Clyde era muito jovem e suscetível a essas brincadeiras, Conor o lembrava que eram os únicos dois homens a herdar os olhos prateados dos McTiernay; os outros tinham os olhos azuis de sua mãe.

— Acha que vai ter tanta sorte chamando Clyde? — Conan retrucou, o segundo mais jovem que, aos catorze anos, aproveitava qualquer oportunidade para se juntar às traquinagens dos mais velhos.

Clyde o retaliou chutando terra na manta xadrez de seu irmão. Conan descontou usando força demais, e acabou espalhando terra não só em Clyde, mas em Conor também. Aquilo teria se transformado em uma briga fraterna completa se Cole, o mais velho depois de Conor e de Colin, não tivesse interferido. Agora que Colin se casara, era responsabilidade de Cole impedir que seus irmãos mais novos se comportassem mal. Como chefe do clã, Conor tinha ocupações demais e muito mais importantes para ser incomodado com tais detalhes.

— Basta — Cole declarou com sua voz mais firme, tentando imitar Conor no campo de treino.

Conor foi se sentar longe da agitação, e recostou-se em uma das árvores que cercava a pequena clareira. Ficou aliviado quando Cole assumiu o controle dos irmãos mais jovens antes que destruíssem o acampamento recém-montado. Cole já era um rapaz grande de vinte e um anos, mas teria que trabalhar sua presença para tornar suas ordens mais convincentes. Conor se levantou, sacudiu a poeira e foi conversar com seus guardas sobre a vigília noturna.

Embora estivessem em terra aliada, ainda era perto demais da fronteira de Douglass para se sentirem confortáveis. Os aliados de Conor eram inimigos de Douglass. Era verdade que Conor adoraria ter um bom motivo para encontrar o cruel e desonesto chefe de clã no campo de batalha, mas não desejava fazer isso com seus irmãos mais jovens vulneráveis e a dias de

distância da fronteira McTiernay.

Conor se reuniu com cada um dos quatro guardas de segurança do acampamento. Mais alguns dias cavalgando para norte, e não seriam mais necessárias vigias de noite inteira. Ele deu as ordens e retornou para o acampamento bem a tempo de ouvir Craig relatando a última parte de uma fofoca ridícula de alguma prostituta.

— Vocês não vão acreditar no que Hilda me contou — Craig dizia, tentando chamar a atenção dos outros. O mais tempestuoso do grupo, Craig era um jovem extrovertido e sempre cheio de energia.

— Quem é Hilda? — perguntou o mais novo, Clyde.

— Ah, é uma moça com quem ele se encontrou à noite — Conan respondeu, tentando parecer conhecedor das coisas.

— De qualquer modo — Craig enfatizou, tentando reconquistar a atenção de todos —, Hilda me disse que a neta de MacInnes vem morar com ele. — Deu uma piscadela maliciosa para o grupo.

— E por que isso s-seria interessante? — Crevan era o oposto de seu irmão gêmeo. Enquanto Craig se exibia com frequência e era um comediante sociável, Crevan era introspectivo, equilibrado e agradável. Contudo, seria um erro fatal para um inimigo confundir a natureza serena e a pequena gagueira de Crevan com fraqueza. Ele era habilidoso e já exibia o traço McTiernay para estratégia, esperteza e crueldade em batalha.

— Porque ela não é escocesa... é inglesa — Craig sorriu.

— Ah, espere. Achei que tivesse di-dito que era neta de MacInnes. Mais escocês do que MacInnes é impossível.

— É porque MacInnes é highlander e era melhor amigo do nosso avô. Conor diz que MacInnes ainda pratica muitas das tradições das terras altas.

— E-então ela não é inglesa, e sua fofoca é uma besteira.

— Ah, mas Hilda disse que ela vive na Inglaterra há muitos anos e que sua bela mãe, filha de MacInnes, morreu quando ela era criança. Sem mãe para guiá-la, é difícil ter sobrado alguma coisa escocesa nela. Todo mundo está se perguntando quanto tempo ela aguenta até voltar correndo para a Inglaterra, chorando. É bem sabido como MacInnes é rigoroso.

— Os ingleses deviam ficar na Inglaterra — uma voz fria comentou. Cole

desprezava o país fronteiriço e todos que vinham dele.

— Cole, os ingleses realmente arruinam a terra só de andarem nela? — perguntou Clyde, que com frequência escutava os guerreiros McTiernay dizerem que os ingleses estragavam tudo o que tocavam.

Antes que Cole pudesse ridicularizar a pergunta, Conan, de catorze anos, interveio:

— Por que uma dama inglesa viria viver na Escócia com seu avô?

— Não sei, talvez ela odeie a Inglaterra — Craig respondeu com a boca cheia de carneiro frio.

— Os ingleses são estúpidos demais para saber que deveriam odiar sua terra natal — Cole zombou enquanto se virava para descansar sobre sua manta xadrez. — Provavelmente ela quer o benefício de ser a única parente de um poderoso chefe de clã.

— Mas você disse que falam que ela é bonita — Conan dirigiu a meia pergunta para Craig. Conan era dotado de uma inteligência aguda e estava sempre em busca de um novo manuscrito para ler e aprender. Mas quando se tratava de relacionamentos, em especial aqueles com o sexo oposto, era totalmente perdido.

— Antes de mais nada, uma garota bonita pode ser louca e muito irritante, Conan. Lembre-se disso — Craig respondeu, usando um tom de voz condescendente que sabia que irritaria seu irmão mais novo.

— Sei disso — Conan replicou acalorado. — É por isso que serei como Conor e nunca vou me casar. Não quero uma mulher estúpida e inoportuna, mesmo se for bonita — Conan olhou para Conor em busca de afirmação, mas ficou desapontado. Os olhos de Conor estavam fechados e sua expressão era incompreensível.

— Em segundo lugar, eu não disse que ela era bonita — Craig declarou. — Eu só disse que a mãe dela, filha de MacInnes, era conhecida por ser uma bela senhora e era desejada por muitos homens.

— Então por que a neta de MacInnes é inglesa se sua mãe podia ter se casado com um escocês? — Clyde perguntou inocente.

— Porque sim — Cole observou, como se a resposta fosse óbvia. — Ela fugiu e se casou com um barão inglês. Isso prova que dá para ser bonita e

estúpida, bem como eu disse. Mas é mais do que provável que a neta de MacInnes puxe o pai inglês e seja feia de doer os olhos.

— Isso deve ter deixado o chefe MacInnes triste — Clyde murmurou.

Como sempre, Conor não participava das conversas que os irmãos tinham entre si. Afastava-se intencionalmente deles, e eles sabiam bem que não deviam tentar incluí-lo. Era difícil equilibrar os papéis de chefe do clã e irmão mais velho. Ele amava sua família, mas era difícil saber como e quando ser apenas irmão, e não o chefe. Por isso, logo depois de se tornar chefe, Conor encorajou Colin a agir como o irmão mais velho, permitindo-o se concentrar no clã e em suas necessidades.

Agora Colin se casara com Deirdre, filha mais velha do chefe do clã Dunstan. Após o retorno deles, Cole se juntaria à guarda do chefe do clã Schellden, um aliado com terras adjacentes aos limites ocidentais dos McTiernay. Colin e Cole eram os primeiros a partir, mas com o tempo todos os seus irmãos iriam embora, fazer suas vidas.

Esta percepção o incomodava, mas ele não entendia o porquê. Queria que seus irmãos forjassem suas próprias vidas, fossem com ele ou onde quer que seus destinos os levassem. Mas por algum motivo, isso o fazia se sentir isolado, sabendo que seu futuro não os incluía. A única maneira que conhecia de amenizar a dor da partida deles era se distanciar agora. Sua vida era o clã, e o clã sempre precisaria dele.

Conor pensava em tudo o que precisava ser feito após seu retorno, quando Finn, o comandante de sua guarda de elite, se aproximou após sua ronda na floresta.

Finn veio na direção de Conor sem sorrir e preparado para a batalha.

— Hamish ouviu movimento nas árvores e está investigando agora.

Neste instante, ouviram Seamus dar um grito surdo na floresta. Desembainharam suas espadas enquanto avançaram para confrontar os atacantes. Quando se aproximaram do limite do bosque, viram Loman e Hamish arrastando uma mulher incrivelmente desgrenhada para a clareira.

Loman avançou na direção de Conor segurando a mulher pelo braço com força. Ela já não lutava mais, mas Loman vira em primeira mão o quão esperta ela podia ser. Conor viu a força com que Loman a prendia e se perguntou qual

era o motivo daquilo. Ela era uma moça magricela, era difícil imaginar que pudesse se defender contra qualquer homem. Conor percebeu que estava surpreendentemente intrigado.

— Ela acertou Seamus bem na cabeça. Nós a capturamos quando ela tentava fugir da cena do crime — Loman contou.

Quando ouviu a palavra "crime", Laurel ficou surpresa e, depois, ultrajada. O gigante que chamavam de Seamus tentara capturá-la. Ela tinha todo o direito de se defender contra um homem tão colossal. Ela virou o olhar para o líder deles, que parecia ser o maior de todos.

Conor notou a mudança de emoções que cruzou o rosto dela. Estava muito assustada, mas tentava com todas as forças não demonstrar. Ele viu seu olhar de surpresa quando Loman mencionou o crime e ficou fascinado quando o choque se transformou em fúria. Conor só não estava pronto para sua própria reação quando ela voltou sua atenção para ele.

A aparência desgrenhada e as roupas rasgadas dela desapareceram por um instante, e tudo o que ele podia ver eram seus olhos. Eram da cor do Mar do Norte depois da tempestade — um azul-acinzentado escuro, com toques de verde. Eles se encararam por um bom tempo antes que ele recuperasse o juízo.

— Quem é você? — ele exigiu saber sem inflexão, de algum modo dando ainda mais poder à pergunta.

Ela era alta para uma mulher, e mantinha-se em posição régia apesar da pressão no braço que Loman continuava a exercer. Seu vestido estava rasgado no ombro, então parte de sua manga estava pendurada na altura do cotovelo. Seus olhos brilhavam intensamente, e ela erguia o queixo com confiança. Mesmo assim, não conseguiu esconder um leve tremor quando Conor se aproximou. Ele duvidava que a maioria dos homens tivesse visto ou reconhecido esse pequeno estremecimento pelo que era. Ficou surpreso e desconfiado com a atração imediata que ela exerceu sobre ele.

Laurel estava desesperada. Percebeu que o homem que avançava era seu captor, mas instintivamente sabia que esse escocês imenso de algum modo também seria seu salvador.

Ela ergueu o queixo um pouco mais alto.

— Meu nome é Laurel. Laurel Rose Cordell.

Conor fez um sinal com a cabeça para Loman soltar a mulher misteriosa e orgulhosa. O guarda imediatamente deixou Laurel ir e deu um passo para trás. Conor observou-a enquanto ela massageava distraída o lugar onde o homem a segurara. Terra e galhos dos arbustos estavam enredados nas longas ondas douradas de seu cabelo. Ela tinha maçãs do rosto salientes e os lábios cheios perfeitos, feitos para serem beijados. De repente, ele percebeu que estava intensamente atraído por ela de um jeito muito físico, a despeito de sua aparência caótica. Fazia muito tempo desde que estivera com uma mulher. Tentando recuperar o controle de sua inesperada necessidade sexual, Conor se concentrou nas qualidades dela que acalmariam seu desejo.

Era inglesa. Estava imunda e toda desarrumada. Mas, de algum modo, cheirava a flores — lírios, para ser mais preciso. Sua mãe amava aquela flor e as mantinha por toda a fortaleza quando os botões se abriam.

Ele estava afogado no cheiro dela e na cor de seus olhos, que não se afastaram dele nem por um instante, quando notou a pequena adaga com cabo de madrepérola em suas mãos. Ela parecia nem perceber que estava segurando aquilo. Era obviamente uma mulher muito confusa se achava que podia machucar um deles com aquela faquinha de brinquedo. Resolveu pegar a lâmina dela, antes que ela se machucasse.

Instintivamente, Laurel estremeceu quando ele se aproximou. Ela queria correr, mas já vira, por experiência própria, que era tolice. Então o líder gigante estendeu a mão e, com força gentil, pegou a faca.

Laurel não pretendia se encolher de modo tão covarde, mas sentia-se intimidada por alguém tão grande. O homem era enorme, e ela sabia que era alta para uma mulher. Todos os traços dele eram fortes. E embora seus músculos desenvolvidos o fizessem parecer ameaçador, Laurel sentia-se de algum modo confortada por ele. Parecia que ele podia enfrentar um exército inteiro sozinho se tivesse vontade.

Ele estava tão perto dela agora, que Laurel podia ver uma pequena cicatriz ao longo de seu supercílio direito, cortando-o no meio. Mas fora essa falha simples, o rosto dele era a perfeição masculina, ao contrário de seus braços, marcados de cicatrizes. Era claro que este homem vira batalhas e sabia como sobreviver a elas.

O guerreiro tinha cabelo castanho escuro grosso e olhos prateados hipnotizantes, diferentes de qualquer outro tom que Laurel já vira. Lembravam uma taça de cristal que refletia a luz de uma fogueira, quente e ao mesmo tempo frio, analisando cada movimento dela, até mesmo os mais discretos.

Apesar do tamanho imenso e da frieza dos olhos dele, Laurel sabia que estava segura com ele. Ele e ajudaria e a protegeria. Tinha que fazer isso.

Na fraca luz da lua, Conor observava a inglesa encarando-o enquanto ela calculava o próximo movimento que faria. Seu vestido fora rasgado em mais de um lugar, revelando uma camisa de renda branca muito feminina. Definitivamente, era uma senhora de classe alta. Ninguém que ele conhecia usava roupas íntimas como aquelas. Seu cabelo parecia ter um tom dourado claro, mas era difícil dizer com tanta sujeira incrustada nele. Mesmo o rosto dela estava coberto de manchas, que podiam ser de terra ou de sangue.

Quando Hamish se aproximou dela com um trapo molhado, para que ela pudesse limpar o rosto, Laurel instintivamente se afastou.

— Meus homens não fizeram isso — Conor declarou aquilo como um fato, sem gostar da ideia de que ela estivesse com medo deles.

Ela confirmou com um simples “Não”. Ele assentiu e se virou para pegar o trapo molhado de Hamish. Desta vez, quando ele estendeu a mão para lhe dar o pano, ela não se encolheu.

Conforme Laurel limpava o rosto da sujeira, revelava uma parte de sua beleza. Suas feições eram as da nobreza escocesa — suave, feminina, mas cheia de força. Seu nariz era levemente arrebitado, e sua pele clara estava muito pálida. Os lábios eram carnudos, feitos para um homem explorar minuciosamente. Conor sentiu novamente a urgência de beijá-la com força e vontade, profunda e apaixonadamente, e de todos os outros jeitos que um homem pode beber dos lábios de uma mulher.

Quando Laurel terminou de limpar o rosto e as mãos, ela ouviu um farfalhar na floresta e o terror completo a consumiu até que viu Seamus aparecer na clareira. Imediatamente ela se lembrou que fora acusada injustamente de atacar o gigante recém-chegado.

Laurel olhou provocadora para Conor.

— Não cometi um crime — Não expôs defesa alguma. Em vez disso,

encarou Conor como se o desafiasse a rejeitar a verdade.

Conor notara as mudanças rápidas do pânico ao alívio quando ela viu Seamus aparecer. Definitivamente, a moça estava fugindo de alguma coisa ou de alguém.

— Você está segura. Ninguém lhe fará mal aqui — Conor explicou, tentando diminuir o medo dela. — Está fugindo de seu marido? — Ele temia fazer a pergunta, mas tinha que saber a resposta.

Laurel se lembrou do quão perto estivera de ser exatamente isso: casada. Negou com a cabeça de modo veemente.

— Não sou casada — ela praticamente gritou. Apesar da surpresa, por um instante, o gigante atraente pareceu aliviado com a resposta dela, mas aquilo não fazia sentido.

De repente, aquilo tudo era demais. Laurel só queria sentar e pensar no que fazer. Muita maldade fora testemunhada e enfrentada nos dois últimos dias. Ela estava tão cansada, e doía até respirar.

Pense, Laurel, pense, ela pensou consigo mesma. Ainda não estava segura, não importava o que o grande highlander dissera. Precisava encontrar um jeito rápido de se afastar o máximo possível dali o quanto antes. Ela levantou o rosto e viu a força silenciosa nos olhos prateados dele. Ali estava alguém que honrava sua palavra — se Laurel conseguisse fazê-lo prometer que a levaria com ele, para onde quer que estivesse indo...

— Por favor, leve-me com você — ela implorou com suavidade. — Por favor, me ajude... só por um tempo. Assim que eu estiver longe o bastante... — e então sua força acabou. Ela segurou o braço de Conor pouco antes de desabar no chão.

Conor e seus guardas ficaram aturdidos por um momento. Ela não havia dado indícios de estar à beira do colapso. Finn se abaixou para pegá-la. Mas Conor o deteve abruptamente, abaixando-se em seu lugar para pegá-la em seus braços. Um desejo feroz de protegê-la tomou conta dele enquanto ele erguia a silhueta frágil e mole. Ele sussurrou em seu ouvido enquanto seguia na direção do acampamento:

— Nada de mal acontecerá com você, moça. Dou minha palavra de honra de que a protegeremos.

Então a colocou, ainda desacordada, sobre sua manta xadrez, cobriu-a para protegê-la do frio da noite, e sorriu, enquanto colocava a pequena adaga perto da mão dela.

2

Um pouco antes do amanhecer, Laurel despertou do sono e se sentou, sentindo mais uma vez a dor percorrer seu corpo. A lembrança da noite anterior era distante, meio sonho, meio pesadelo. Olhando ao redor, ficou alarmada por um momento ao perceber que estava no meio de um acampamento cheio de escoceses gigantes com as pernas de fora. Então se lembrou. A lateral de seu corpo doía, e ainda era difícil respirar, mas sua cabeça já não latejava mais.

Laurel se levantou, fechou os olhos e se lembrou do homem rude com brilhantes olhos acinzentados que pareciam investigar sua alma. Com cuidado, ela pegou a manta de lã escura, verde e azul, sobre a qual dormira. Acariciou de leve o tecido macio e bastante usado, acentuado com tons dourados, vermelho e vinho, e enrolou-se em seu calor. Tinha cheiro de cavalo e do homem que prometera mantê-la em segurança. Era estranho, mas a manta e seu cheiro a confortaram enquanto ela caminhava para o bosque em busca de alguma privacidade.

Conor a viu se levantar. Estivera observando seu sono durante grande parte da noite. Ela se movera muito pouco enquanto dormia, como se qualquer mudança de posição causasse dor. Era duro ver a aparência dela nas condições atuais, mas ele não podia negar que algo nela o cativara.

Ele a observou pegar a manta xadrez, enrolar o tecido em volta do corpo, e ir para o bosque mal iluminado pelos raios do sol nascente. Ela caminhava com graça, dignidade e calma. Nada indicava que ela tivesse escapado por pouco de alguma experiência angustiante.

Conor balançou a cabeça pela centésima vez, tentando controlar o rumo de seus pensamentos. Nunca vira uma mulher em tal estado de caos físico. Mesmo assim, ele a desejava de um jeito que não conseguia explicar para ninguém — em especial para si mesmo.

Conor se levantou abruptamente. Precisava se concentrar na cavalgada do

dia e no retorno para casa. Chegando lá, encontraria um lugar seguro para ela, e então voltaria à sua rotina diária. Foi reunir sua guarda para que pudessem levantar acampamento.

Quando Laurel retornou, o restante do grupo já estava em pé e se preparando para partir. O mais jovem dos escoceses gigantes foi o primeiro a vê-la parada na clareira, observando-os. Os outros, ao perceberem a repentina falta de ação de Clyde, olharam para ver o que afetava tanto o irmão mais moço.

Era uma mulher alta e esguia com cabelos dourados compridos e olhos azuis-esverdeados incríveis. Seu braço tinha vários hematomas, seu vestido estava rasgado, e ela estava enrolada em uma manta xadrez característica dos McTiernay.

Laurel também estava petrificada pela visão dos cinco escoceses. Eram todos highlanders. Suas feições rudes e fortes, suas vestimentas e armas eram inconfundíveis. Alguns deles ainda eram muito jovens, mas em alguns anos também se tornariam gigantes. Todos tinham o cabelo castanho acobreado que variava de um castanho-avermelhado claro até um tom castanho escuro como o do líder deles. Todos tinham olhos azuis vivos que brilhavam, com a exceção do mais jovem, cujos olhos acinzentados incomuns a faziam se lembrar do gigante que lhe prometera proteção.

Laurel olhou ao redor, procurando o líder do grupo ou algum dos outros homens que encontrara noite passada, mas nenhum estava à vista. Um instante de pânico a invadiu. Precisava partir imediatamente. Certamente alguém já descobrira o que fizera e estava procurando por ela.

Um dos homens se aproximou.

— Moça? Você está bem, moça? Está um lixo, se me perdoa dizer isso — Enquanto ele falava, os outros começaram a cercá-la, todos compelidos em ajudá-la.

Laurel logo percebeu que os gigantes não representavam risco e que estavam apenas curiosos.

— Hmm, você está certo. Estou um lixo. Acredito que foi um irmão de vocês quem me ajudou noite passada — Ela fez uma pausa quando viu os quatro homens mais jovens sorrirem. O mais velho dos cinco, por outro lado,

fazia cara feia. Ela decidiu ignorá-lo e dirigir sua atenção para os que eram mais agradáveis. — Algum de vocês, cavalheiros, sabe onde posso lavar o rosto?

Todos negaram com a cabeça. O mais jovem, que tinha os olhos acinzentados, explicou:

— Tem só um lugar aqui perto, senhorita, mas é um riacho muito pequeno, e fica na direção das terras dos Douglass — Apontou para a área da qual ela escapara noite passada.

Laurel empalideceu perceptivelmente.

— Mas há um outro local ao norte, senhorita. Vamos para lá hoje — mencionou um dos gêmeos.

— Você poderia vir conosco — o outro sugeriu.

Laurel ficou radiante com o entusiasmo dos jovens. Seu sorriso causou uma reação positiva imediata no grupo. Até Cole — que odiava tudo da Inglaterra — de repente queria ajudar a senhorita que fora atacada com tanta crueldade.

Conor voltou a tempo de ver seus irmãos olharem para Laurel como se ela fosse um anjo que acabara de cair do céu. Era evidente que o efeito sedutor dela não era limitado a ele. Seus guardas, Loman e Hamish, estavam falando sobre ela quando ele chegara naquela manhã, e agora seus irmãos estavam praticamente boquiabertos com ela. Até ele estivera encarando-a a noite toda.

Sob a luz fraca da fogueira, o cabelo dela parecia um loiro polido, mas agora, na luz da manhã, o brilho dourado claro poderia deixar um homem abismado. O rosto dela tinha formato de coração, com olhos grandes, maçãs do rosto altas, um narizinho arrebitado e lábios rosados. Não importava que seu cabelo estivesse emaranhado e imundo. Os homens se esqueciam de quem eram, suas habilidades e seus deveres quando tinham visões como aquela.

Ele fez cara feia para os irmãos, apertando os olhos. Laurel se virou para ver o que fizera os homens se sobressaltarem daquele jeito. Então ela o viu. Na noite passada, ele lhe dera sua palavra que nada de mal lhe aconteceria. Ou sua promessa de proteção era apenas um sonho?

— Você falou sério? — ela sussurrou quando ele se aproximou.

Maldição, ela tinha os olhos mais hipnóticos que ele já vira. Agora que ela não estava zangada, eles tinham um tom azul muito mais claro, misturado com

um verde incomum. Emoldurados por longos cílios escuros e uma sobrancelha perfeita um pouco mais escura do que seu cabelo claro, eram um pouco grandes para seu rosto. Sua bochecha direita estava levemente inchada e o hematoma no braço estava mais escuro e maior. Ao ver a evidência dos ferimentos dela sob a luz do dia, Conor reprimiu a raiva que se agitava dentro dele e estendeu a mão para pegar a manta xadrez que ela lhe oferecia.

O espanto dos irmãos dele foi audível. Quem quer que a espancara, não tivera misericórdia. A razão por detrás do sono inquieto dela era bem clara. Todos começaram a fazer perguntas ao mesmo tempo.

— O que aconteceu com você, moça?

— Quem fez isso com você?

— Aqui, moça, sente-se.

— Qual é seu nome, moça?

— Sim, onde é sua casa, senhora bonita?

— Diga-me quem fez isso, e eu a vingarei — um dos gêmeos jurou.

— Meu irmão vai salvar você. Ele é um chefe de clã — ela escutou o mais jovem prometer.

Conor impôs silêncio com o olhar.

— Quem fez isso? — A voz de Conor estava carregada de fúria controlada. Os quatro guardas haviam retornado de seus postos noturnos e se juntaram ao grupo, perguntando-se o que havia causado a raiva de seu chefe. Então viram Laurel.

— Quem me machucou não importa. O que importa é que não lhe dei outra oportunidade. Por favor, posso ir com vocês? — Ela perguntou, demonstrando ansiedade.

A pergunta não fazia sentido. Ele lhe prometera proteção, e aquilo tornava a resposta óbvia.

— Você virá conosco — Conor deixou claro, sem demonstrar emoção na voz. Por outro lado, seu olhar se encontrou com o dela, e Laurel viu uma perigosa tempestade se formando naquelas piscinas cinzentas.

A resposta dele era reconfortante, mas só se partissem a tempo. Ela não queria que mais homens bons morressem por sua causa.

— Logo? Podemos partir agora mesmo?

Era óbvio que ela achava que quem havia feito aquilo estava atrás dela. Os olhos dele se estreitaram levemente com o pedido.

— Sim, moça, estamos partindo. Mas antes de terminarmos essa viagem, eu saberei quem fez isso — ele declarou, apontando para os braços e para o rosto dela. Fez sinal para que o grupo levantasse acampamento. — Partiremos imediatamente.

Todos começaram a montar. Enquanto Laurel se perguntava com quem cavalgaria, Hamish se aproximou.

— Minha senhora — O guarda gesticulou na direção do seu cavalo. Laurel começou a caminhar até o cavalo castanho, desapontada pelo fato do líder moreno não ter oferecido.

O chefe highlander tinha uma aparência muito mais feroz na luz da manhã. Seu corpo era rígido, e o controle completo que tinha sobre qualquer movimento era assustadoramente poderoso. Seu cabelo ondulado escuro caía sobre seu rosto e seus olhos cinza-gelo não tinham mais o calor e a preocupação que demonstravam sob a luz do luar na noite passada. Mesmo assim, era por ele que ela se sentia atraída. Com ele, sentia-se segura e protegida. Nele ela confiava.

Conor já havia montado em seu garanhão e tentava colocar alguma distância entre ele e a donzela sedutora fazendo-a cavalgar com um de seus homens. Mas quando viu Hamish se aproximar dela, e viu a aceitação simples dela, algo dentro dele virou gelo. Em um impulso, colocou seu cavalo em movimento e, com um gesto rápido com o braço, colocou-a em seu colo. Hamish olhou interrogativamente para o chefe do clã, e então se virou para montar em seu cavalo. Não estava satisfeito com a decisão do chefe, mas sua lealdade ao clã McTiernay era inabalável.

— Posso perguntar seu nome? — Laurel o inquiriu por sobre o ombro, enquanto se ajeitava de lado na montaria.

Ele se inclinou até ficar bem próximo da moça, de modo que seus lábios acariciaram de leve a orelha dela.

— Conor. Você pode me chamar de Conor — Ele falou tão suavemente que deu arrepios em todo o corpo dela.

Cavalgaram duro naquela manhã, parando apenas uma vez para comer

alguma coisa e descansar os cavalos. Laurel comeu muito pouco e falou menos enquanto cavalgavam. Conor sabia que ela sentia muita dor, embora tentasse não estremecer cada vez que seu cavalo fazia uma volta inesperada nas passagens rochosas. Mas ela nunca reclamava.

No início, Laurel ficou tranquila quando Conor a pegou para cavalgar com ele. Mas sua reação física a ele era tão intensa, tão inesperada, que quando ele sussurrou seu nome no ouvido dela, Laurel quis se retirar para os braços sem apelo de outro.

Durante a manhã, ela tentou cavalgar com as costas rígidas, de modo a não fazer contato físico com o highlander. Mas à tarde, não tinha mais forças, e começou a relaxar contra o peito dele. Ele era tão forte, e cheirava tão bem. O cheiro dele a fazia lembrar de seu avô — terra, calor e conforto.

Conor ficou aliviado quando ela finalmente cedeu à fadiga. Era doloroso para ele ver o desconforto dela agravado por uma recusa em se apoiar nele. Mas, assim que ela o fez, Conor se arrependeu. A tortura que ele experimentava ficou ainda pior.

Durante toda a manhã, ele precisou lidar com o cheiro de lilases, tentando ignorar a pele suave dela em contato com a dele. Agora, com ela apoiada nele, ele vivia uma agonia que só seria superada por vê-la nos braços de outro homem.

Uma hora antes do pôr-do-sol, Conor fez sinal para que Finn preparasse o acampamento à frente. Fez uma curva para a esquerda, deixando os outros, e cavalgou em direção a um conjunto de arbustos que protegia um regato. Desmontou e colocou-a lentamente no chão, entregando-lhe uma pequena bolsa.

Sabia que era tolice continuar segurando-a, mas ele parecia não ter poder sobre seus atos. Ela olhou para ele em expectativa, mas não tentou escapar de seu abraço.

— Há um regato ali adiante onde você pode se banhar. Não deve estar muito frio tão ao sul — ele acenou com a cabeça na direção de um caminho que desaparecia por entre os arbustos. — Preciso ver meus homens, e voltarei em pouco tempo — Ele a deixou ir e se virou na direção de seu cavalo. Um pouco antes de partir, acrescentou. — Não se preocupe, você está segura aqui — e

saiu cavalgando, deixando Laurel ter um pouco de privacidade.

Conor voltou para o acampamento ainda desfeito e encontrou os irmãos reunidos, conversando animadamente sobre alguma coisa ou sobre alguém. Entregou sua montaria para Cole e foi estabelecer um perímetro de vigia com Hamish.

— O que pretende, chefe? — Hamish se aventurou a perguntar, querendo saber quais eram os planos de seu chefe para com a inglesa chamada Laurel. Hamish era um homem corpulento, musculoso, com cabelos ruivos na altura dos ombros. Seus olhos verde-escuros reluziam com qualquer que fosse a emoção forte que sentia. Naquele momento, era uma mistura de proteção e possessão.

Conor viu a necessidade feroz de seu guarda.

— Cumprir minha promessa.

Apenas um pouco apaziguado, Hamish precisava saber a extensão da promessa de seu chefe.

— Sua promessa? Você prometeu a ela segurança? Ou levá-la de volta para casa? — Quando Conor não respondeu, Hamish pressionou de maneira pouco usual. — Certamente, acredito que não prometeu levá-la de volta à Inglaterra, chefe.

Essa linha de questionamento não era normal em seu guarda — em geral quieto e reservado. O fato de tal atitude se dar por conta de Laurel deixava Conor inquieto.

— Basta, Hamish. Estamos voltando para as terras McTiernay agora e eu cuidarei da mulher inglesa.

Hamish não gostou do tom de voz de seu chefe. Era áspero e frio. Mas o que ele esperava? Há muito tempo Conor deixava claro como se sentia a respeito do sexo oposto. Hamish decidiu, então, que se ela não quisesse voltar para seu povo, ele pediria a mão dela.

A breve discussão com o companheiro deixou Conor irritado e zangado. Ele sabia que Hamish estava atraído por Laurel, assim como a maioria de seus irmãos e os outros guardas, talvez até mais. Maldição, ele gostaria de saber o que havia nela para fazer os homens desejarem-na tão rapidamente, de um jeito tão definitivo.

Ordenou que Hamish terminasse de verificar o perímetro. Conor se encontraria com ele e com Seamus perto da passagem rochosa assim que terminasse mais uma tarefa. Disse a si mesmo que ia apenas se assegurar de que a inglesa estava segura.

Quando se aproximou da clareira, pôde ver Laurel sentada serenamente no rio, com apenas os ombros para fora da água. Ela lavara o cabelo, que agora brilhava sob a luz do entardecer. Era da cor de ouro desfiado com algumas mechas mais claras que pareciam reluzir com luz própria.

Ele estava prestes a se mostrar quando ela se levantou. Em suas costas havia vários vergões onde ela fora chutada repetidas vezes. Quando ela se virou para a margem, Conor pôde ver hematomas em seus braços, com o formato das grandes mãos que a agarraram com força. Ele ainda não podia ver a frente do corpo dela, mas tinha certeza que as mesmas marcas brutais estariam lá. Ela não havia dito uma palavra. Ele não podia deixar de respeitar a força da donzela inglesa. Era bonita e corajosa, e enquanto ele observara a água escorrer de sua silhueta nua, ela era mais desejável do que qualquer mulher que ele já vira.

Não hoje — mas logo —, ele mataria o animal Douglass por colocar a mão nela. Ele teria suas respostas sobre o que acontecera antes de chegarem em casa. Quem quer que fosse, havia tocado na mulher do chefe do clã McTiernay. E por isso devia morrer.

Conor fez uma pausa diante da ideia. Mulher do chefe do clã McTiernay. Era quem ela era para ele? Ou seria uma fascinação temporária que logo desapareceria?

A dor em sua virilha aumentou enquanto ele a observava se vestir, incapaz de se virar. A parte não marcada de sua pele, agora limpa da sujeira e do sangue, era primorosa. Era beijada pela luz do entardecer, fazendo-a parecer quente e sensual. Ele balançou a cabeça, passou os dedos pelo cabelo, e tentou recompor os pensamentos. Estava tomado por ondas de emoções — luxúria, possessividade, necessidade e um desejo irresistível de mantê-la em segurança.

Quando por fim ele entrou na clareira, Laurel vestira a fina camisa de renda e tentava puxar o vestido. Ambos estavam bastante úmidos após sua tentativa de lavá-los. Ela devia ficar envergonhada ou pelo menos desconfortável com a

aparição dele e seu estado de quase nudez. Em vez disso, só sentiu alívio.

Olhou para ele suplicante.

— Pode, por favor, me ajudar?

Ele pegou o vestido molhado e tirou dela.

— Preciso examinar suas costelas.

Ela olhou para a pequena clareira, como se desconfiasse que alguns dos demais integrantes do grupo pudessem se aproximar.

— Ninguém verá você. Os outros sabem que estou aqui garantindo sua segurança — Conor declarou.

Ela agarrou o vestido das mãos dele e cobriu o peito.

— Minhas costelas estão bem, obrigada.

Conor não foi dissuadido.

— Sua respiração estava irregular o dia todo, e você estremecia cada vez que meu cavalo fazia uma volta.

Os olhos dela se arregalaram.

— São só hematomas. Garanto que estou bem. Não quero ser um problema — Laurel falou, recuando. Conor estava ficando irritado.

— Pare de ser covarde. Não vou machucar você.

Laurel lhe lançou um olhar de desprezo.

— Não sou covarde, senhor, e lhe direi agora que nunca fui covarde. — Uma emoção acalorada inundou seus olhos, deixando-os com a cor da tempestade no Mar do Norte mais uma vez. — Só não gostaria que sentisse minhas... costelas — ela completou um pouco ruborizada.

— Está certo, meu mistério inglês, você não é covarde. Mesmo assim, vou olhar suas costelas. — Ele estendeu a mão e a segurou de modo gentil, mas firme, sem lhe dar outra escolha que não se submeter ao seu exame. Ele começou a pressionar suas costelas uma a uma.

— Respire, moça.

Laurel estava tentando, mas o toque da mão dele era tão terno, que era impossível. Ela nunca estivera perto de um homem como este tal de Conor. Ele era imenso, mas gentil. Um guerreiro, mas protetor. Quando ele estava perto dela, como agora, ela não queria que ele se afastasse. Ah, o que havia de errado com ela? A proximidade do corpo dele a deixava envolvida e

incrivelmente viva e ciente de que era uma mulher com necessidades físicas e desejos.

Ela arquejou e então gemeu. Tentava não reagir aos toques de Conor, mas ele continuava o exame.

— Basta — ela choramingou baixinho. — Por favor, chega —

E desabou sobre ele.

Ele a segurou gentilmente, acariciando seu cabelo.

— Está tudo bem, moça. Está tudo bem — Esperou até que ela parasse de tremer. Ergueu o queixo dela. E o que aconteceu na sequência ele culparia aqueles olhos da cor do mar.

Enquanto esfregou gentilmente os lábios contra os dela, Conor sentiu uma agitação aguda na região de sua virilha. Os lábios dela eram carnudos e macios sob os dele. Ele continuou sua pequena incursão ao paraíso e sentiu-a estremecer contra seu peito.

Instintivamente, ele segurou-a pela nuca para que pudesse aumentar a intensidade do beijo. Ele inclinou a boca contra a dela, sua língua provocando a abertura dos lábios dela e aprofundando o beijo com possessividade tenra. Ela respondeu de forma tão inocente, tão natural, que perturbou o cerne dele. Nunca uma mulher o afetara de maneira tão profunda, e tão rápido. Ele parou o beijo aos poucos e deu um passo para trás por um minuto para tentar recuperar o fôlego.

Laurel não sabia o que pensar. O beijo acabara do jeito que começou, como parte de um sonho. Este homem a perturbava de um jeito que nenhum outro fizera antes. Noite passada, ele a apoiou, esta manhã foi frio e distante, e agora, com um simples beijo, causara sensações e reações físicas que ela não sabia possuir. A única coisa que tinha certeza era que ele salvara sua vida.

Conor respirou fundo várias vezes antes de falar.

— Você tem duas costelas quebradas que precisam de uma atadura antes de terminar de se vestir. A atadura deve diminuir a dor durante a cavalgada. Temos mais vários dias de jornada pela frente — Ele controlou a respiração e acalmou a voz, mas não conseguia saciar seu desejo palpitante por ela. O beijo devia ter acabado com essa estranha atração. Em vez disso, servira como combustível para o fogo.

Ela assentiu, sabendo que ele estava certo. Observou-o arrancar uma tira de tecido da barra de sua camisa para prender suas costelas. Cada toque parecia relembrá-la da necessidade física que ele despertara bem fundo nela. Foi só depois que voltaram para o acampamento e estavam entre a conversa do grupo, que ela se sentiu calma o suficiente para falar.

— Estamos realmente seguros aqui? — perguntou, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Sim, milady. Estamos em terras aliadas agora — Loman respondeu prontamente. Em geral, Loman era bem-humorado e ansioso em ajudar. Mesmo assim, no campo de batalha, era uma visão terrível para o inimigo. Tinha feições menos carregadas, era extremamente musculoso e esguio. E sorridente como era, parecia inofensivo. Mas Laurel se lembrava de seu comportamento na noite em que a encontrou lutando com Seamus, e sabia que ele não era nem um pouco inofensivo.

Ela encarou o guarda e sorriu.

— Por favor, me chame de Laurel.

Loman olhou para Conor de relance e percebeu pelo olhar que teve em resposta que não lhe era dado o direito de usar o nome dela. Aquele direito era reservado para ele, e somente para ele.

— Não, milady, não seria apropriado.

— Mas certamente não pretende ficar me chamando de milady?

Loman engoliu em seco.

— Sim. Pretendo, milady. Até que o chefe do clã diga o contrário. — Loman recuou rapidamente sob o olhar intimidante de Conor. Apesar de suas palavras prévias, seu chefe estava deixando claro que esta inglesa estava indisponível. Loman começou a se perguntar como Hamish reagiria à decisão do chefe.

Laurel se aproximou da fogueira e aceitou a manta xadrez oferecida pelo irmão mais jovem do clã.

— Só se você se sentar comigo — ela o fez prometer.

Usando os dedos, ela começou a desfazer os nós do cabelo molhado e deixou-o secar com o calor das chamas. Todos os irmãos a encaravam como se nunca tivessem visto uma mulher loira antes. Enquanto trabalhava nos nós, Laurel resolveu distraí-los e, ao mesmo tempo, aproveitar para conhecê-los

melhor.

— Vocês são highlanders — ela declarou, como se já tivesse aquilo como fato. Recebeu acenos de cabeça como resposta. Inclinou-se e sussurrou no ouvido do mais jovem. — Qual é seu nome, highlander?

O garoto irradiou alegria.

— Clyde. Esses são meus irmãos: Cole, Craig e Crevan, eles são gêmeos, depois Conan e eu. Conor é o chefe do nosso clã. O único que não está aqui é Colin.

— Colin? Por que ele não está aqui?

— Ele acaba de se casar.

— Ah — ela exclamou. — E com qual clã das terras altas tenho o privilégio de compartilhar esta fogueira?

— Somos os McTiernays — Conan respondeu com orgulho, sentando-se do outro lado dela. Ela se perguntou se os McTiernays eram um clã grande e poderoso. Se fossem, quem ela acabara de permitir que lhe desse um beijo? E por que fizera isso? Ela se obrigou a se concentrar e perseguir um tópico diferente.

— Sabem para onde estamos indo?

— Nós estamos indo para casa — aquele que Clyde apontara como Cole replicou. Ele parecia ser o mais velho dos irmãos, fora Conor.

— Onde é sua casa, Cole? — Ela testou para ver como ele reagiria à familiaridade dela.

— Bem longe da Inglaterra — ele respondeu sem rodeios. Obviamente era isso: embora ele não quisesse vê-la ferida, não gostava da ideia de Laurel se juntar a eles na viagem. Ela se levantou com cuidado e ficou parada diante dele. Não olhou diretamente para ele, mas olhou para frente, imitando a postura fria de Cole.

— Se acha melhor que eu vá embora, Cole, eu me vou.

Sua franqueza o assustou. Ela cheirava a flores, e ele não podia negar que ela era adorável. Era de longe a moça mais bonita que já vira. E a mais abusada. Apesar de seu ódio por todas as coisas inglesas, nem ele podia se negar a ajudá-la e deixá-la sem proteção.

— Não, milady, não quero que se vá. Eu não gostaria que ninguém fosse

obrigado a viver com um Douglass.

— Douglass? Por que eu voltaria para lá? — Ela perguntou alto o bastante para que os outros ouvissem.

— Não é de lá que vem, milady? Vimos que empalideceu quando mencionamos o nome deles esta manhã, e estávamos acampando bem perto da fronteira deles — Craig interveio.

Laurel voltou para o lado de Clyde e se sentou de novo.

— Não, não sou de nenhum lugar perto daquele povo odioso — Laurel tentou desencorajar a conversa sobre suas origens fingindo concentrar-se em seu cabelo. Ao observar uma parte solta da manga rasgada, ela arrancou o tecido e tentou utilizá-lo para amarrar o cabelo. Mas, cada vez que levantava os braços, retraía-se de dor. Conor viu Hamish, que estava ali por perto, fazer um gesto de quem pretendia ajudá-la. No mesmo instante, o chefe interrompeu seu guarda, pegou o tecido da mão de Laurel e amarrou rapidamente o cabelo dela.

Embora tentasse ser rápido, a sensação dos cachos suaves e o cheiro limpo de flores enervavam seus sentidos. Mesmo com o cabelo preso no alto da cabeça, as ondas cacheadas quase alcançavam o final das costas. Ele seria atormentado pelo resto de seus dias por ter tocado em tamanha beleza enlouquecedora.

Conor então seguiu para os arredores do acampamento, como se fosse verificar o perímetro. Precisava recuperar o controle sobre seu desejo ardente em saber como seria senti-la embaixo de si, gemendo seu nome.

Hamish o seguiu.

— Preciso saber suas intenções, chefe.

Conor assentiu. Reconheceu o desejo do guarda por Laurel. Também percebeu que, embora estivesse lutando contra sua própria necessidade por ela, não podia suportar saber que Laurel estivesse com outro homem.

— Ela é minha.

Hamish assimilou aquilo. Não tinha certeza sobre como proceder. Conor era o chefe do seu clã e tinha sua lealdade em todas as coisas. Mas Hamish também queria ter certeza de que seu chefe era sério em relação a Laurel e, se não, queria que ficasse claro que ele era.

— Ela sabe disso?

— Não importa.

— Você sabe o que aconteceu? E se ela for casada?

— Ela não é — a voz de Conor era dura e inflexível.

Hamish não estava satisfeito.

— E quanto à família dela, chefe? E se estiverem procurando por ela? O que dirá para eles?

— O que você diria, Hamish? — Conor contrapôs, parando para olhar o guarda nos olhos. Hamish não cedeu diante do olhar profundo e direto de questionamento.

— Eu diria para eles que ela nunca mais seria ferida. Que eu a protegeria e a apoiaria enquanto houvesse um sopro de vida em meu corpo.

Conor deu meia volta e continuou andando.

— Eu diria o mesmo — Com isso, Conor deixou Hamish sozinho e caminhou de volta para o resto do grupo.

...

Laurel estava correndo. Estava sem fôlego e, a cada respiração, uma dor que parecia uma punhalada atravessava a lateral de seu corpo. Ela obrigou-se a correr ainda mais, mais rápido. Algo mau, sombrio, com olhos escuros, a perseguia e, se a capturasse, alguém que ela amava morreria. De algum modo, ela sabia que a presença assustadora nunca pararia de caçá-la. Quando estava prestes a colapsar de exaustão, alguém grande e sem rosto ergueu-a e carregou-a sobre as árvores na direção de majestosas montanhas cinza-azuladas com os topos cobertos de neve. Ali estaria segura do ódio que existia embaixo. A paz tomou conta dela como uma densa neblina em uma manhã fria e o sono por fim chegou.

Conor, de sono leve, acordou no começo da noite com o sono agitado de Laurel. Ela sonhava e estava inequivocamente assustada. Ele percebeu, vendo sua expressão de pânico, que o escudo de orgulho que ela usava quando estava desperta era uma máscara para seu medo verdadeiro. Estendeu a mão gentilmente para acordá-la, mas aquilo pareceu inflamá-la ainda mais em seu estado de sonho. Só quando ele se sentou e a pegou gentilmente nos braços ela

por fim pareceu acalmar.

Laurel acordou no meio da noite sentindo-se segura e aquecida. Pensou que o sono tivesse nublado sua mente, pois percebeu que estava apoiando a cabeça no ombro de Conor e uma de suas pernas estava por cima dele. Apesar de confortável e aconchegante, a posição íntima e inapropriada de seus corpos era inegável.

Laurel não se mexeu. Ah, ela sabia que devia, mas nunca se sentira mais confortável na vida. Fechou os olhos. Nos braços dele, ela encontrou uma segurança que sumiria pela manhã. Conor era sempre o primeiro a se levantar, então ninguém saberia, ela disse para si mesma. Então, em vez de se afastar como uma dama inglesa faria, Laurel ficou onde estava, saboreando cada momento perto de Conor até cair em um sono pacífico.

Conor acordou com ela. A respiração suave e morna dela ficou superficial por alguns minutos, e ele se perguntou se ela se afastaria. Quando ela não fez isso, ele quis acreditar que ela gostava e ansiava por seu abraço tanto quanto ele. Era mais provável que estivesse com frio, e ele proporcionava o calor físico que ela precisava.

Ele tentou não pensar em como seria maravilhoso tê-la ao seu lado. Tentou ignorar o cheiro de lilases e o jeito que se sentia quando ela suspirava seus beijos leves de ar no peito dele, e concentrou-se em voltar a dormir. Ele se obrigou a não acariciar os cachos de cabelo dourado que encontravam aleatoriamente o caminho até a mão dele. O sono chegou por fim, mas não foi rápido.

...

Na manhã seguinte, quando chegou a hora de montar nos cavalos e partir, tanto Hamish quanto Loman se ofereceram para que Laurel cavalgasse com eles. Contudo, cada um dos irmãos argumentou que ela devia cavalgar com um McTiernay. Laurel, sem querer antagonizar com nenhum dos homens ou mostrar preferência, ficou parada no meio do acampamento desmontado procurando uma solução diplomática até Conor acabar com a disputa, fazendo-a cavalgar com ele.

O beijo de tremer a alma seguido pela noite em grande parte partilhada na

mesma manta xadrez não fizeram nada para aplacar o desejo crescente dele em possuí-la. Seu comportamento calmo e sua coragem silenciosa só serviam para atiçar o fogo do desejo dele. Tocá-la o dia todo seria o inferno, mas um que ele estranhamente aceitava enfrentar.

Ele cavalgou até Laurel, estendeu a mão e disse:

— Você vem comigo — Ela sorriu para ele e, como esperava, o highlander franziu o cenho em resposta. Ela começava a entender melhor este gigante gentil.

Laurel sentia-se melhor hoje. Conor estivera certo em colocar uma atadura em suas costelas. O suporte tornara a cavalgada muito mais fácil do que no dia anterior. Ela admirava a bela paisagem e viu as montanhas verdes, totalmente arborizadas, das quais se aproximavam.

— Essas são as montanhas das terras altas? — ela perguntou, apontando para onde se dirigiam.

Ele riu em resposta, e ela sentiu o riso dele vibrar através de seu corpo.

— Não, moça. Essas são apenas as pequenas colinas que separam a fronteira entre a Escócia e a Escócia central.

Laurel olhou para aquelas rochas imensas que se projetavam para o céu. Pequenas colinas?

— As terras altas são as terras mais grandiosas Escócia. Erguem-se sobre o restante. Só os mais fortes podem sobreviver lá.

Laurel pôde ouvir o orgulho na voz dele, enquanto ele falava das altas terras do norte.

— Amanhã, estaremos bem no vale da Escócia central. Pela manhã, quando alcançarmos as colinas, você poderá ver vários lagos a oeste.

Laurel sorriu, lembrando-se que seu avô sempre falava deles.

— Os vales estendem-se do sudoeste a nordeste, ao longo da linha da montanha, atravessando o centro da Escócia para separar as terras altas das regiões de fronteira.

— Quanto tempo ficaremos no vale? — Ela perguntou.

— Devemos sair do vale depois de amanhã. Observe o terreno. Ele vai mudar conforme nos aproximarmos.

Laurel já notara que o arenito vermelho e o calcário que eram

característicos de sua terra natal e das terras da fronteira estavam mudando. Conforme cavalgavam, o arenito vermelho permanecia, mas agora era matizado com uma rocha incomum, densa, cinza escura e repleta de buracos. Ela lembrava de seu avô explicando que essas características eram causadas pelo resfriamento da rocha derretida. Mesmo agora, era difícil para Laurel conceber uma rocha tão quente a ponto de derreter e mudar de forma depois de esfriar.

Após a parada do meio-dia, seguiram para o norte, entrando no vale de Clyde, que atravessava o meio sul da Escócia. Era uma bela combinação de terras ribeirinhas e belas florestas de freixos e olmos, totalmente cobertas por uma vegetação luxuriante. Laurel nunca vira nada assim.

Podia sentir Conor relaxar um pouco, e soube que deviam estar em território amigável outra vez. Era incrível como ele era capaz de saber, apenas olhando para a paisagem ao redor, exatamente onde estava em relação a seus amigos e inimigos. Depois de cavalgarem juntos por dois dias, ela podia sentir que estavam em terras de aliados e podiam conversar.

— Clyde disse que todos os McTiernays estavam voltando para casa, com exceção de Colin. Quem é ele? Vai voltar logo?

— Colin é o segundo filho McTiernay e, em resposta à sua outra questão, não, ele ficará com a família da esposa, ajudando com a guarda e, no futuro, tornando-se chefe do clã.

— Entendo. Mas não é um tanto incomum que um marido assuma o papel de chefe de um clã?

— Em geral. Mas, neste caso, Deirdre Dunstan era a filha mais velha de Dunstan, e são todas garotas.

— Similar aos McTiernays: todos garotos — Laurel comentou e sorriu, olhando para frente.

— Similar, mas não muito. Sem garotos para se tornarem chefe do clã, alguém deve lutar pelo título. No caso de Dunstan, o clã é pequeno, mas forte. Se Colin realmente vir a se tornar chefe, a aliança entre nossos clãs será quase inquebrável.

— Porque vocês são irmãos — ela tentou entender.

— Sim. Mas também porque Colin é forte, habilidoso, capaz e, o mais

importante, confiável.

— Ah, ele será leal.

— Ele é meu irmão.

Laurel balançou a cabeça em silêncio, divertindo-se com a lógica circular. Cavalgaram um pouco mais, e Laurel finalmente reuniu coragem para fazer uma pergunta pessoal.

— Por que você não se casou?

Conor deu de ombros quase de modo inconsciente.

— Não tenho motivo para procurar um bom partido.

— Um bom partido? — Laurel repetiu, confusa.

— Não tenho necessidade de me casar. Tenho fortes alianças com os clãs com os quais quero me unir. Meus irmãos darão continuidade à linhagem McTiernay por mim e, quanto às questões físicas... bem, isso não exige contrato de compromisso.

Continuaram cavalgando, cada um absorto em pensamentos particulares. Laurel gostara da conversa com ele até ouvir sua opinião sobre os três motivos pelos quais os homens se casavam com as mulheres. Ele achava que um homem e uma mulher só se casavam devido a uma necessidade externa. E quanto ao amor, à afeição e à amizade?

Conor sentiu que ela enrijeceu o corpo em reação ao que ele dissera, mas não o contradisse. Talvez ela entendesse e concordasse com ele. Mas, é claro, uma senhora em geral queria bebês, uma família e companhia. E essas coisas não eram possíveis sem casamento. Ele não tinha mais certeza de como se sentia sobre essas coisas, agora que a conhecera. O conceito de casamento ainda não era atraente, mas a ideia de ter uma família com Laurel soava surpreendentemente agradável.

3

Naquela noite, Conor fez o acampamento em uma clareira muito pequena, distante de qualquer fonte de água. Laurel ficou surpresa com a decisão dele, sabendo que haviam passado há pouco por várias áreas maiores com riachos nas proximidades. Pensou em perguntar por que escolhera aquele lugar para acampar, mas sentia que não teria uma resposta.

Mais tarde, depois que partilharam a refeição, os irmãos começaram sua jovial conversa noturna, cheias de rivalidades e provocações familiares. Laurel observava a camaradagem deles e ficou triste ao lembrar que ela e seu irmão Ainsley nunca haviam sido tão próximos nem tinham partilhado esse tipo de laço fraterno.

Além de sua mãe, ela só conseguia lembrar de sentir afeto verdadeiro por uma outra pessoa — seu avô. O grande escocês lhe contava histórias, ensinava-a a cavalgar sem sela, e a proclamava a moça escocesa mais adorável que já conhecera. Ela sabia que ele era tendencioso, mas era uma de suas lembranças mais queridas.

Era estranho que não pudesse se lembrar do pai com tanta afeição. Enquanto sua mãe estava viva, ele era atencioso e caloroso. Mas ela sempre soube que seu pai teria preferido outro filho e não uma filha. Não podia apagar as palavras de desapontamento dele por sua mãe não ter lhe dado outro herdeiro. Ainsley era seu primogênito, um filho nascido de sua primeira esposa que morrera logo depois de dar à luz. Fora um casamento arranjado, a mãe lhe contara. Mas ela e o pai de Laurel tinham se casado por amor, apesar de todos os obstáculos entre eles — em especial o avô de Laurel, que era contra o casamento da filha com um inglês.

Laurel entendia a confusão do avô. Depois de passar um tempo tanto na Escócia quanto na Inglaterra, era difícil entender por que sua mãe escolheria viver em um mundo frio e áspero, longe do riso e do canto que enchia o lar de

seu avô. Quando sua mãe morreu, seu pai se casou novamente, mas não teve outro herdeiro. Começou a levar sua vida do jeito que levava seu lar — frio, rígido e emocionalmente separado de qualquer um que pudesse lhe demonstrar calor. Ele nunca era áspero ou severo com os filhos, apenas distante.

Por vários anos depois da morte de sua mãe, Laurel teve permissão para continuar visitando o avô durante os meses mais quentes do ano. Mas, conforme ficava mais velha, a permissão para se encontrar com os parentes escoceses diminuiu até que deixou de existir. Por duas vezes, ela esteve prestes a se casar com um barão da vizinhança, e duas vezes os barões morreram antes que o casamento ocorresse. O primeiro morreu em batalha, o segundo por causa da idade avançada.

Foi só depois da morte do pai que Laurel sentiu o peso de seu futuro sombrio diminuir. Seu irmão não estava inclinado a lhe dar um dote e lhe encontrar um marido. Ele com frequência a lembrava de que era muito alta, ou muito magra, ou muito ágil com a língua para interessar qualquer homem. Mas quando Ainsley garantiu seu próprio casamento com uma mulher do bairro que lhe daria acesso a poder, dinheiro e conexões, sua irmã se tornou um peso.

Reconhecendo a oportunidade, Laurel se aproximou de Ainsley com cuidado, tentando convencer o irmão com a ideia de que ele poderia se livrar de suas responsabilidades familiares sem repercussões. Após vários meses de persuasão, ele concordou em deixar Laurel ir para a casa do avô na Escócia. Fez só uma exigência: que ela prometesse nunca mais voltar. As palavras dele ainda soavam em seus ouvidos.

— Tudo bem: torne-se uma escocesa imunda. Mas nem eu nem qualquer um de minha família vamos acolhê-la ou reconhecê-la novamente. Assim que meus homens a escoltarem até sua preciosa Escócia, meus deveres em relação a você serão encerrados para sempre.

Ela concordou rapidamente. No momento em que cruzou a fronteira com a Escócia, ela deixou de lado mental e emocionalmente todas as coisas inglesas e aceitou completamente seu coração escocês.

Ela pestanejou algumas vezes, ciente de que estivera preocupada por algum tempo. A conversa dos irmãos havia terminado e todos se preparavam para

dormir, exceto ela. Laurel olhou ao redor em busca de Conor, mas só seus irmãos mais jovens estavam à vista. Ela viu que alguém pegou a manta xadrez de Conor e a arrumou para que ela se deitasse.

Horas mais tarde, Laurel sonhava que estava sendo perseguida, e novamente foi salva bem no momento em que desistia. Acordou e percebeu que Conor acariciava seu cabelo e a acalmava com palavras suaves e confortantes. Enquanto ele a fazia dormir novamente, Laurel desejou que ele sempre estivesse ali para salvá-la dos pesadelos — tanto os dos sonhos quanto os da realidade.

Laurel acordou uma segunda vez no meio da noite, mas desta vez não foi por causa de um sonho. Conor se fora. Ela sabia que ele acabara de sair, pois seu lado na manta xadrez ainda estava quente. Olhou ao redor e viu Conor e três guardas reunindo os cavalos para partir. Estavam falando em gaélico com um quarto homem — Loman. Iam buscar alguma coisa em algum lugar em uma cabana próxima. Loman teria que desmontar o acampamento e preparar todos para a partida ao amanhecer. Partiriam imediatamente após o retorno deles.

Laurel deitou-se rapidamente, fingindo dormir. Ela não tinha a intenção de fazê-los desconfiar que ouvira — ou mesmo de que entendera — toda a conversa em gaélico.

Conor e seus homens iam fazer um saque. Embora ele não considerasse que um saque fosse algo realmente perigoso, não era uma atividade planejada para uma viagem para casa. Conor teria preferido não colocar seus irmãos tão perto de um perigo potencial. Mas ficariam em segurança, ele pensava. Afinal, ele sabia que eram guerreiros astutos e fortes. E Laurel precisava de um cavalo. Ele precisava que Laurel tivesse seu próprio cavalo.

Quando ela adormeceu apoiada nele enquanto cavalgavam naquela tarde, Conor achou difícil se focar nos perigos potenciais. O cheiro dela tornava impossível se concentrar e, cada vez que ela se mexia para descansar mais confortavelmente contra ele, sua mente ficava contemplando modos como ele gostaria de tocá-la e distraí-la. Ela parecia se encaixar nele melhor do que sua armadura. Era como se ela tivesse sido feita só para ele e se encaixasse apenas nele.

Ele descartara a ideia de deixá-la cavalgar com outra pessoa. Primeiro, disse para si mesmo que seus irmãos já estavam apaixonados pela mulher e que ele não queria distrair os guardas tampouco. Mas, naquela noite, quando segurou Laurel em seus braços, confortando-a em seu sono durante um de seus muitos pesadelos, ele percebeu que não queria que ninguém mais a tocasse ou a segurasse como ele fazia. Era dever dele protegê-la e segurá-la e não entregaria esse direito para ninguém, nem mesmo para Finn — seu comandante casado e feliz aparentemente era o único homem vivo imune aos encantos de Laurel.

Portanto, sairiam para saquear. Só um saque pequeno. Uma cavalgada rápida sob a luz da lua, uma pilhagem rápida, um cavalo desapareceria e eles seguiriam para o norte.

Mais cedo, Conor havia localizado uma pequena fazenda com vários cavalos fortes, isolada dos vizinhos. Amanhã, aquela fazenda estaria com um cavalo cinzento a menos. Ele esperou por uma oportunidade daquelas. Moradias perto das cidades tinham mais obstáculos para serem superados. As cidades eram mais seguras, tendiam a ser melhor defendidas com vigilantes locais, e os animais com frequência eram guardados à noite.

Mas esta fazenda não era perto de cidade alguma, e o clã Stirling ainda estava se recuperando das perdas recentes na Batalha de Falkirk e do cerco vitorioso de Robert de Bruce contra Edward I para reconquistar a posse daquelas terras. Era altamente improvável que alguém fosse vingar o furto de um único cavalo.

Conor tramou seu plano e a rota, e se preparou para o ataque.

...

Mais tarde, na manhã seguinte, Laurel ainda estava de certo modo surpresa por cavalgar seu próprio cavalo. Era um lindo garanhão cinzento de passo firme, apesar de não estar ferrado. Conor lhe assegurou que seria forte, rápido e que precisaria de poucos cuidados de higiene. Embora os highlanders gostassem de seus animais, Laurel percebera que esse tipo de cuidado não era algo que nenhum deles gostasse em particular.

Ela decidiu chamar o cavalo de Borrail. Borrail era um dos guardas de seu

avô, encarregado de cuidar dela quando ela era jovem. Ele, assim como seu novo cavalo, combinava com o nome, que em gaélico significava arrogante, atrevido, altivo e orgulhoso. Ironicamente, no entanto, quando traduzido para o inglês, Borrail era pronunciado como Borrel, que significava um homem simples, rude e camponês. Quando criança, Laurel sempre se perguntava quantas palavras em gaélico tinham significado oposto em inglês.

Finn, depois de falar com Conor, veio cavalgar ao lado dela.

— Conor disse que talvez você estivesse interessada em nosso progresso e em nossas terras.

Laurel se animou visivelmente.

— Ah, sim. A variedade de sua terra é fascinante e maravilhosa.

Finn observou que o apreço dela era sincero.

— Ah, moça. Você não viu beleza até ver as terras altas. E, depois, as vistas mais majestosas de todas são as montanhas McTiernay.

Laurel sorriu e respondeu.

— Conor acha o mesmo — Quando ele assentiu em concordância, ela perguntou: — Finn, onde estamos agora?

— Estamos nos aproximando da "cintura" da Escócia, onde nosso país é mais estreito — Laurel olhou ao redor, mas não podia ver nada mais estreito. Essa "cintura" não devia ser tão fina, pois não havia linha costeira à vista.

— Logo vamos entrar no vale do rio Forth, que é como se fosse um portão de entrada para as terras baixas. Os Stirlings são nossos aliados. Lutaram ao nosso lado com Wallace e com nosso rei, Robert de Bruce. Só há poucos anos Robert rompeu o cerco ao castelo deles e o retomou dos ingleses.

A apreensão se agitou dentro de Laurel.

— Vamos visitar o Castelo Stirling? — Ela esperava que não. Finn disse que eram aliados de Conor, mas alguém poderia levar a notícia até os Douglass se a vissem viajando com eles. Além disso, como explicar a aparência dela?

— Não. Eu lhe digo que, se vir os soldados deles, não precisa ter medo. Eles conhecem Conor e o respeitam. Vão nos deixar passar.

Laurel se perguntou sobre o Castelo Stirling. Era um forte antigo, datado de antes de Alexandre I. As batalhas travadas entre os ingleses e os escoceses, em especial as de William Wallace, eram bem conhecidas. Ela desejava vê-lo —

mesmo que à distância.

Logo subiram até o que parecia ser um cume pequeno, insignificante, mas então o poderoso rio Forth, que os homens descreveram durante a refeição da manhã, surgiu diante da vista deles. Este poderoso rio era a fonte do riacho gelado e de correnteza rápida no qual ela se banhara naquela manhã. Assim que o inverno chegasse, seria perigoso atravessar os córregos alimentados pelo rio maior até que a água voltasse após o degelo da primavera. A noroeste, ela viu um belo pedaço comprido de terra. Nenhuma colina, mas um terreno suavemente ondulado, coberto de relva, cheio de beleza natural e corpos de água parcialmente escondidos.

— Finn, como se chama aquela área?

— Trossachs, milady. Sim, é lindo. Mas se anseia por beleza verdadeira, espere até chegarmos às montanhas McTiernay, localizadas nas terras altas. Terras onduladas que rivalizam com as Trossachs aguardam por nós, aninhadas entre poderosos picos cobertos de neve. Sim, pura majestade atinge a vista que se tem do trono dos McTiernays — Finn deu um toque em seu cavalo e se adiantou para se aproximar de Conor.

Laurel observou os dois homens grandes e fortes discutirem sobre alguma coisa e se perguntou sobre Conor e os McTiernay. Pareciam ser um clã poderoso. O respeito e admiração que tinham por seu chefe — tanto os guardas quanto os irmãos — era quase tangível. Ela suspeitava que todos os homens de Conor respondiam a ele do mesmo jeito.

O jeito como falavam de suas terras altas, em especial das terras McTiernay, faziam Laurel pensar que gostaria de viver ali até que o inverno passasse. Seria possível? Ela, uma inglesa, seria aceita? Cole começava a gostar dela, mas fora obrigado a aceitar sua companhia.

Durante a refeição do meio-dia, Conor ordenou uma parada mais longa, para dar um pouco de descanso à montaria. Tinham forçado bem os cavalos durante a maior parte da manhã. Também queria verificar como estavam as costelas de Laurel e como ela estava viajando sozinha.

— Laurel, venha comigo — Conor comandou. Seu tom de voz não indicava que ela tinha outra opção. Ele começou a se afastar do grupo, na direção de algumas rochas cercadas de arbustos e árvores.

— Sim, chefe — ela replicou, respondendo de maneira cínica ao tom de voz autoritário.

Ele parou abruptamente e se virou. Por algum motivo, não gostava que Laurel o chamasse de chefe. Certo, era como todas as mulheres do clã se referiam a ele. Mas no que se referia a Laurel, ele queria que ela o chamasse pelo primeiro nome. Não queria ser apenas o chefe do clã para ela. A ideia de que ela o via como um protetor e líder temporário o deixava inquieto. Agitava-o ainda mais a percepção de sentir-se perturbado pelo jeito como uma mulher o chamava — em especial uma inglesa.

— Você me chamará de Conor — ele instruiu, olhando-a direto nos olhos. Algum dia ele se acostumaria àquele brilho que sempre mudava de cor? Em um minuto, eram escuros como uma tempestade marítima, e no momento seguinte, eram puro cristal, luminosos como o sol resplandecendo sobre um lago escocês. A moça estava enfeitiçando sua alma.

— Mas Finn me disse que todos se referem a você como chefe ou *chefe McTiernay*, nunca como Conor.

A mandíbula de Conor enrijeceu.

— Laurel, entenda uma coisa. Você não me chamará de chefe. Não sou seu chefe. Para você, sou Conor — Ele se virou e começou a caminhar rapidamente em direção ao objetivo original.

Laurel não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou não. Não era chefe dela? Não era seu protetor? O herói que a salvava toda noite em seus sonhos? Ela decidiu encarar a exigência dele de um jeito mais positivo. Seus irmãos algumas vezes o chamavam de Conor. Talvez ele só permitisse às pessoas mais próximas usarem seu primeiro nome. Não, devia haver outro motivo. Finn era definitivamente próximo de seu chefe e não o tratava assim. Talvez fosse porque ela era uma mulher.

Ela franziu o cenho com a ideia. Era inquietante pensar que muitas mulheres do seu clã o chamavam de Conor. Parecia... íntimo.

— Alguém mais, além dos seus irmãos, o chama de Conor? — ela perguntou para as costas dele enquanto ele continuava a levá-la para dentro do bosque.

— É claro.

O coração dela deu um salto rápido e repentino.

— Hmm, qualquer mulher o chama de Conor?

— Você me chama.

— Sim, sim. Mas além de mim, quis dizer — Laurel explicou, cada vez mais frustrada.

— Além de você o quê?

Laurel apertou os lábios.

— Você é, de longe, o homem mais insuportável, irritante e *imenso* que já vi. Acha que, por causa do seu tamanho, pode dizer às pessoas o que fazer e que elas vão obedecê-lo. Bem, tenho notícias para você, chefe, eu nunca serei uma dessas pessoas. Você pode ser um gigante, mas não tenho medo de você. — Ela parou e olhou fixamente para ele. Quando ele não respondeu e continuou sua marcha em frente, ela perguntou: — Então...?

Nenhuma resposta.

— Conor, está se fazendo de surdo? Está tentando me deixar zangada? — Laurel praticamente gritou para ele. Quando ele não respondeu, ela foi até uma rocha e se recusou a se mover, deixando sua afronta se tornar ainda mais evidente. Quando ele parou, e olhou para ela, ela lhe deu o sorriso mais desafiador possível.

Na verdade, Conor estava não só interessado em sua linha de raciocínio, mas no espírito que ela exibia. Ele só vira um pouco do fogo de sua personalidade quando a capturaram e ela lutou para se libertar.

Ele suspeitava que esse traço fora suprimido nos últimos dias. Ela estava cansada e com dor a maior parte da viagem. A combinação em geral faria uma pessoa reclamar, choramingar e, dependendo do temperamento, ficar de mau humor e zangada. Conor tinha quase certeza de que Laurel tinha gênio forte, e dos bem ferozes. A capacidade dela em controlá-lo até agora, nas condições duras de viagem que enfrentavam, dava a ele uma sensação estranha de orgulho.

— Laurel, se quer perguntar alguma coisa, vá em frente. — Ele fez uma pausa deliberada. — Ou você é uma covarde? — Provocou com gentileza, incitando-a mais. Mas assim que viu o resultado, percebeu que se colocara em perigo. Laurel era linda e tentadora em qualquer estado de espírito. Mas

zangada? Nunca vira algo assim. Nem as terras altas se comparavam àquilo.

De repente, ela estava em pé bem diante dele, o cabelo dourado agitado pela brisa, o sol tingindo algumas mechas com um tom avermelhado. As mãos no quadril acentuavam os seios que arfavam enquanto ela tentava acalmar a fúria. Mas o efeito tranquilizador não chegava aos olhos, que faiscavam de fúria. A donzela inocente se fora. Diante dele estava uma visão maravilhosa de um desafio régio. Se ele não recuasse imediatamente, corria o risco de agarrá-la e de lhe dar mais um motivo para ficar louca com ele.

Laurel lutava para manter a compostura.

— Ninguém, nem um chefe de clã nem um barão, nem mesmo você, *chefe McTiernay*, jamais me chamará de covarde — Ela falava sério. A seriedade que irradiava dela era palpável. Por algum motivo, a ideia de ter sido chamada ou considerada covarde era completamente inaceitável para ela.

Ele sorriu e passou os dedos pelo cabelo.

— Sim, meu amor. Você não é covarde. Na verdade, tem mostrado mais coragem e presença de espírito do que homens demonstraram em circunstâncias similares.

Laurel abaixou o olhar, absorvendo suas palavras. O alívio percorreu suas veias. Era claro que ele não achava que ela era covarde. Conor não permitiria que uma covarde viajasse com ele, permitiria?

— Mas, amor... — O tom de voz dele obrigou Laurel a erguer os olhos arregalados. — ..., eu a *chamarei* como bem entender.

Conor então retomou sua marcha, caminhando diante dela em direção a algum destino desconhecido.

Ela o observou, ainda se recusando a segui-lo.

— Conor — ela começou a dizer, tendo recuperado a compostura calma —, você me subestima — As palavras dela foram ditas de maneira lenta e deliberada, cheias de avisos indiretos. Ela ficou parada por vários segundos antes de ir atrás dele.

Agora começavam uma leve subida. Nada muito difícil, embora a dor nas costelas dela aumentasse um pouco por conta da respiração pesada. Enquanto ele subia na frente, em silêncio, ela mais uma vez apreciava seu físico bem formado.

Ele era realmente um homem bem grande. Mesmo assim, quando ele ficava perto dela, Laurel não se sentia oprimida. Em vez disso, sentia-se tranquila e relaxada pela sólida presença dele. Conor era gentil, mas firme. Controlador, mas generoso. Era um homem que ela poderia amar com muita facilidade.

As pernas dele estavam nuas e eram muito distrativas. Eram poderosamente fortes, como seus braços e todas as outras partes do seu corpo. Até suas nádegas pareciam firmes e rígidas sob a grossa saia xadrez pregueada. Ela podia ver a força dos seus ombros e braços pela camisa de linho branco e tinha uma vontade louca de acariciar suas costas. Não, na verdade, ela queria tocá-lo em qualquer lugar — em todos os lugares.

Ela se imaginou enroscando os dedos no cabelo ondulado escuro dele e se perguntou como seria. Era tão grosso e macio quanto parecia? Tinha um tom perfeito de castanho e combinava com a cor de sua pele, que ainda estava levemente bronzeada pelo sol de verão. O cabelo e a cor da pele dele tornavam os olhos prateados ainda mais hipnóticos. Ele era tão intensa e irresistivelmente másculo. Como um homem tão lindo não era casado? Então ela se lembrou. Ele não queria se casar ou ter qualquer outro tipo de compromisso.

Ela achava que o ponto de vista dele sobre matrimônio acabaria com o desejo dela de estar em sua companhia enquanto cavalgavam, ou com o tanto que gostava da voz dele enquanto conversavam. Mas estava errada. Laurel nunca estivera perto de alguém que a fazia se sentir tão viva só por estar em sua companhia.

Ela se sentia dividida entre querer passar tempo com ele e querer mantê-lo à distância. Cada instante que passava em sua companhia só a fazia querer mais. Mas era tudo inútil; ela sabia que não havia futuro para eles. Por que haveria? Dois dias de proteção e um beijo estavam muito distantes de um compromisso de coração. E era exatamente o que ela queria antes de se comprometer com qualquer homem. Experimentara isolamento emocional durante a maior parte da infância. Seria tola em querer o mesmo na vida adulta.

Sabendo da inevitabilidade da separação deles, ela queria beijá-lo apenas mais uma vez. Só mais uma vez para saborear a sensação dos lábios dele contra os dela, para capturar para sempre o cheiro dele e lembrar-se do seu

toque. Cada noite, ela dormia sabendo que ele se juntaria a ela em algum momento durante seu sono, pois ele sempre parecia estar ali quando os sonhos intranquilos chegavam. Ah, Senhor, talvez já estivesse apaixonada por ele.

Laurel tomou uma resolução firme. Tinha que parar de fantasiar sobre ele. Ele podia ser atraído por ela, mas não a queria — pelo menos não como esposa. E embora ela admitisse que o queria de maneiras com as quais nunca sonhara, ele não era seu destino.

Ela só precisava de um lugar para se recuperar e de algum tempo para descobrir um jeito de avisar seu avô da ameaça do chefe Douglass. Com Keith Douglass morto e ela desaparecida, o chefe Douglass não teria dúvidas em preparar uma guerra contra o clã de seu avô — os MacInnes. Ela não sabia por que Deus mandara um highlander lindo para ajudá-la, mas ele era a única esperança de sua sobrevivência. O futuro do clã dela estava na capacidade deste chefe highlander em mantê-la a salvo.

Mas até desenvolver um plano para avisar seu avô sobre Douglass, ela permitira a si mesma as alegrias imprudentes de estar, conversar e observar seu miraculoso campeão de cabelos escuros.

Conor podia senti-la olhando para ele, avaliando-o. Podia sentir os olhos dela atravessando sua pele, arrancando as camadas até sua alma. No que ela estava pensando? Será que o acharia desagradável? Ela dissera que não era casada, mas haveria alguém importante para ela, alguém para quem estivesse prometida? Ele estaria sendo comparado com outro homem? Alguém que ela preferia, com quem desejava estar? Os medos dele começavam a se apoderar dele quando ela o chamou.

— Conor, mais devagar! — Conor acelerara o passo de repente, e Laurel estava com dificuldades de acompanhá-lo. Para onde iam? Já haviam passado por vários lugares que poderiam ter proporcionado privacidade para uma conversa.

— Só um pouco mais. Quero lhe mostrar algo — Conor não tinha muita certeza do motivo pelo qual queria mostrar essa vista em particular para Laurel. Ele a encontrara há anos, quando era guarda do melhor amigo de seu pai, o chefe MacInnes. Era especial e, de algum modo, ele sabia que Laurel gostaria depois que chegassem lá.

— Você poderia... ir só um pouco... mais devagar? — A respiração dela era difícil, e a dor na lateral do corpo era latejante.

Conor olhou para trás e sentiu-se culpado imediatamente. As costelas dela! Toda aquela subida — agora que estava pensando! Desde que ela entrara em sua vida, há dois dias, ele não agia como si mesmo. Havia provocado a raiva dela deliberadamente mais cedo quando, na verdade, só queria ser aquele quem a fazia sorrir. Em vez de levá-la a um lugar de prazer e alegria, ele lhe causara sofrimento e dor. Não culparia Laurel se ela o atacasse e exigisse voltar. Deu meia volta e começou a retornar para o acampamento.

— Conor, em nome do que é sagrado, o que está fazendo? — Ela olhou para ele com expressão perplexa. — Não me diga que subimos todo esse caminho e agora vamos voltar porque preciso que vá mais devagar. Eu quero ver o que você ia me mostrar. Disse que não estava longe — e então um pensamento lhe ocorreu. — Ou você está perdido, Conor?
É isso? Não sabe para onde vamos?

A combinação da pergunta com a indignação dela era demais, e ele deu uma gargalhada alta. Ela realmente pensou que ele estava perdido!

Ele lhe deu um olhar de deleite.

— Não, amor, não estou perdido. Nem jamais estarei perdido com você — Conor não se deu conta de como essas palavras foram pronunciadas até dizê-las em voz alta. Ela olhou para ele por muito tempo, como se sentisse do mesmo jeito. — Está logo depois dessas árvores. Mas se você está com dor, vamos voltar.

Laurel endireitou os ombros.

— Bobagem. Vamos para as árvores então. Eu só não queria correr até lá. Embora você não esteja perdido, eu ficaria se o perdesse de vista.

— Eu encontraria você — Conor respondeu de um jeito gentil, mas assertivo. — Eu sempre protegerei você, Laurel — E completou a frase com uma promessa mental: *Você é minha*. Conor sentiu seu corpo inteiro se contrair de desejo.

Só que então Laurel já o deixara para trás e se passara com cuidado por baixo de um arbusto para ver o que havia além. A beleza que se estendia diante dela era atordoante. Ela pensava que suas terras em Northumberland eram

bonitas, em especial o litoral do Mar do Norte, mas nada se comparava com aquilo.

Daquele ponto de vista privilegiado, a vista da Escócia era total. Ela podia enxergar por quilômetros. Muito além havia faixas de terra, cada uma saindo para o mar à sua maneira. Algumas cobertas por árvores, algumas com falésias que pareciam seguir para sempre. Havia dúzias de lagos aninhados entre elas. Algumas das árvores pareciam tocar o céu, e as formações rochosas eram diferentes de qualquer outra. Nuvens espalhadas aqui e acolá davam ao cenário uma aparência de outro mundo.

Conor observava Laurel absorver a beleza de suas terras. Seus olhos se embebiam de tudo aquilo. Seu sorriso se espalhava no rosto, e seu corpo parecia relaxar. Conor sabia, pelo interesse prévio de Laurel pela terra e pela beleza ao redor deles, que ela entenderia seu amor por aquele lugar.

— É lindo, Conor. Nunca vi nada assim. É sempre desse jeito?

— Sim, todas as vezes que vim aqui — Conor não olhava a beleza ao redor dele, mas a visão que tinha diante de si. Ela era magra e delicada, e seu cabelo dourado ondulado estava preso por uma tira fina de renda. Seus olhos eram da cor dos lagos que via. Era incrível como os olhos dela mudavam, dependendo do seu estado de espírito. Ele se perguntava como ficariam cheios de paixão. Então se perguntou se alguém mais já soubera.

Ela estava completamente inconsciente do olhar descarado de Conor.

— Há algo de mágico aqui. É como se o lugar estivesse congelado no tempo. E como se você e eu, aqui juntos, estivéssemos separados de todas as maldades do mundo — ela devaneou em voz alta.

Conor colocou o braço em volta dos ombros dela. Ficaram ali por um bom tempo, observando o sol se pôr nas montanhas distantes. Nenhuma palavra foi dita — nenhuma palavra era necessária.

Conor interrompeu o silêncio, apesar de desejar o contrário.

— Precisamos ir agora, Laurel. Logo estará escuro.

Laurel deu uma última olhada ao redor e assentiu. No pouco tempo que passaram ali, ela encontrou paz. Era como se agora seus problemas fossem administráveis. Ela agora acreditava que seria capaz de encontrar um jeito de avisar o avô sem deixar que Douglass soubesse.

— Conor, obrigada por me trazer aqui — Ela sussurrou quando ele pegou sua mão para guiá-la pela descida. — Era tudo o que eu precisava.

...

Quando se aproximaram do fim do bosque, bem perto da clareira, ela ouviu o confronto de espadas e vários homens lutando.

— O que está acontecendo? — Laurel murmurou, então gritou. — Conor! Estão lutando! Alguém atacou o acampamento. Precisamos ajudá-los! — De repente sua mente se encheu de visões dos homens de Ainsley sendo massacrados há alguns dias.

— Ajudá-los? Só estão treinando um pouco para refrescar suas habilidades. É inofensivo.

Ela se virou para encarar Conor.

— Inofensivo? — O queixo de Laurel se ergueu, zangado, seus olhos verde mar faiscando de raiva. — Homens lutando com espadas é divertido e inofensivo?

Quando ele simplesmente a olhou fixo, ela ergueu a voz e disse:

— Tudo bem. Alguém tem que detê-los, e acho que sobrou para mim.

Ela trombou com Conor quando ele entrou no caminho dela.

— E o que você acha que vai fazer, amor?

Laurel fechou os olhos em uma frustração acalorada e breve.

— Conor, está sendo exasperante de novo. Ter que me repetir para você é muito irritante — ela falou com uma voz perigosamente doce.

Ele se manteve no caminho dela. Era óbvio que não ia se mover ou deixá-la passar. Então ela tentou novamente.

— Só vou pedir para que parem. E, se não funcionar, usarei um encorajamento mais forte — ela respondeu entre os dentes.

Laurel começava a mostrar seu temperamento, e o ruído dele tentando controlar as risadas só a deixava mais irritada. Ela então enfiou a mão no bolso do vestido e pegou a adaga perolada que pegara durante a fuga do castelo de Douglass.

Quando Conor viu a pequena faca em sua mão, não conseguiu mais controlar o riso. A diversão que sentia ao ver o brinquedo dela deu origem a

uma gargalhada tão alta que interrompeu a prática de espadas que os irmãos faziam com os guardas.

Quando os irmãos vieram investigar o urro alegre de Conor, o chefe do clã gargalhava descontroladamente. A visão *em si* era o suficiente para deixar atônito cada um deles. Era uma coisa rara que o Chefe McTiernay sorrisse, quanto mais gargalhar — e ainda mais alto daquele jeito. Somava-se ao choque deles a mudança em Laurel. Ela estava furiosa.

Os olhos dela ardiam e, se olhares hostis pudessem causar ferimentos corporais, Conor estaria desfigurado para sempre. A moça realmente o agradava, Conor pensou. Não podia esperar até levá-la para casa.

Entretanto, enquanto a ideia de casa e de Laurel no castelo e na cama tomava forma, ela atacou. Antes que ele pudesse reagir, ela mudou a pegada do punhal e tirou a faca do cinto dele. Girou tão rápido que, mais tarde, todos os presentes diriam que ela era apenas um borrão enquanto mirava e atirava.

Primeiro, Laurel jogou a adaga. Rápida e certeira, a lâmina acertou um *sporran*[1] de couro de um dos guardas que estava pendurado em uma árvore. Com o outro braço, atirou a faca de Conor. A precisão foi um pouco prejudicada devido ao peso inesperado da empunhadura, mesmo assim, acertou o tronco de madeira escolhido, perto da manta xadrez de Conor no chão, a pelo menos nove metros de distância.

O silêncio imediato que caiu sobre o grupo era palpável. Todos olhavam para ela e para as lâminas que ela jogara com tamanha precisão. Laurel sabia que devia ter vergonha de deixar seu temperamento ser incitado para silenciar as gargalhadas de Conor. Mesmo assim, não conseguia. Mais ainda, não podia deixar aquilo sem resposta.

— Eu disse que podia cuidar de mim mesma — ela falou em um tom de voz completamente impertinente.

— Mulher, como fez aquilo? — Loman perguntou.

Imediatamente, a raiva de Conor se acendeu. Ele olhou por um instante para Loman e o corrigiu.

— Ela é “milady” para você, Loman — declarou em um tom de voz frio para que ninguém questionasse o que aquilo queria dizer.

— Conor, não fale assim com Loman. Ele só me fez uma pergunta. Não

precisa jogar sua raiva comigo sobre ele — Laurel falou, tentando redirecionar a ira dele para o alvo pretendido.

Conor não se acalmou.

— Falarei como quiser, *quando* quiser e *como* quiser com ele, e com quem mais eu escolher. Sou o chefe do clã deles — ele rosnou de volta, desta vez sem nenhuma alegria. Encarou Loman até que o guarda por fim assentiu em concordância.

Laurel viu como ele intimidou o guarda e se recusou a seguir o exemplo de Loman.

— Bem, você pode ser o chefe do clã deles, Conor McTiernay, mas certo como o inferno que não é o meu. Lembra do que disse antes? Achei que tivesse dito que eu não podia chamá-lo de *chefe*. Eu só podia chamá-lo de Conor — ela gritou de volta.

— Pare de xingar, amor, ou não é uma lady? — ele gritou de volta, achando que a crítica certamente atingiria o alvo e a obrigaria a se retirar da discussão.

Mas ele errou o alvo — completamente. Recuar não estava nos planos dela. Laurel partiu para a ofensiva.

— Uma lady? Acho que depende de como você define, Conor.

Ela se virou e olhou para os irmãos dele, que estavam parados, com olhares estupefatos nos rostos. Nunca tinham visto alguém desafiar Conor deste jeito antes. *Ninguém.* A maioria das mulheres se encolhia na presença dele, e se ele, mesmo que de leve, erguesse a voz ou olhasse atravessado para uma delas, elas fugiam para longe, choramingando pela intimidação.

O que estava acontecendo entre Laurel e Conor era nada menos do que um milagre. Primeiro ele gargalhara, depois ela demonstrara que podia cuidar de si mesma, e então os dois estavam gritando um com o outro.

Laurel começou a caminhar.

— Na Inglaterra, uma lady é qualquer mulher nascida em uma casa nobre. A palavra se refere ao título de nobreza ou outra posição. Algumas pessoas se referem à mulher da casa como lady, significando que são casadas com homens que têm grandes casas, mas não possuem títulos. Ou então você pode estar se referindo às mulheres que se comportam como apropriadas e virtuosas. Mas todas as ladies devem ter bons modos, ser discretas e manter

altos padrões de comportamento adequado. Acredito que este é o ponto onde quer chegar. Estou correta, Conor?

Ele apenas olhava para ela. Ela parara a caminhada zangada e estava parada bem diante dele, desafiando-o a contrariar seus argumentos com um sorriso gelado.

— Hmm? Porque caso esteja em dúvida, sou uma lady por nascimento, mas não por atos. Eu caço, eu cavalgo, e fico zangada. E quando fico zangada, eu xingo. Meu pai não me considerava uma lady, e meu irmão certo como o inferno que não. A única pessoa em minha vida que acreditava que eu era uma nobre verdadeira era meu avô. É uma grande pena que ele não esteja aqui esta noite para testemunhar e *apoiar* meu comportamento de lady.

Mais uma vez o silêncio era ensurdecedor. E novamente ela era a causa. Laurel sabia que tinha ido longe demais. Tinha provocado Conor diante de seus guardas e de seus irmãos. Seu pai e seu irmão sempre ficavam mortificados quando ela exibia qualquer coisa próxima de uma explosão emocional. O discurso que acabara de fazer teria resultado em confinamento imediato, provavelmente por tempo indefinido. O que estava acontecendo com ela? Sempre tivera temperamento forte, mas, pelo menos, conseguia controlá-lo. O que havia em Conor que a provocava tanto? Por que ela se sentia tão livre para reagir com naturalidade perto daquele homem?

Laurel sabia que devia estar envergonhada por seu comportamento só de ver as expressões chocadas nos rostos de todos eles. Ainda estava em choque também quando Finn deu um tapinha em suas costas, abriu um sorriso e disse:

— Você vai conseguir, moça. Sim, você vai.

Laurel não conseguiu disfarçar a confusão.

— Vou conseguir o quê?

O sorriso de Finn aumentou de maneira tão expansiva que ia praticamente de orelha a orelha.

— As terras altas! Estávamos com medo que você fosse ficar intimidada ou escondida, pelo jeito tímido como estava se comportando nos últimos dias. A única esperança que tínhamos era ver sua coragem e resistência para cavalgar com dor. Mas agora, bem, como eu disse, você vai conseguir — Finn respondeu, e os outros ao redor dele sorriram e assentiram ao mesmo tempo.

Ela os encarou estupefata. Estavam realmente felizes por ela ter perdido a calma. Os dois McTiernays mais jovens não podiam estar mais felizes com a falta de controle dela. Conor, no entanto, era muito mais difícil de entender.

De repente, um pensamento ao mesmo tempo delicioso e aterrorizante ocorreu a Laurel.

— Finn, me esclareça uma coisa.

— Certamente, milady.

— Por que é tão importante que eu consiga?

Finn pareceu perplexo.

— Milady, a senhora de um chefe de clã deve ser forte, não apenas física, mas emocionalmente.

— Sim, Finn está certo, milady — Seamus confirmou. — Não daria certo para Conor ter uma mulher fraca e sensível aos acontecimentos ao redor dela.

Laurel lutava para entender.

— Mulher fraca? Senhora de um chefe de clã? — Ela repetiu lentamente, sílaba por sílaba. Não podiam estar falando sério.

— O que Seamus quer dizer, é que... — Loman começou a dizer quando Conor o interrompeu.

— Ela entendeu.

Laurel se eriçou com a arrogância de Conor.

— Posso assegurar que *ela* não entendeu — Laurel replicou.

— Entendeu, sim, amor. Só não aceitou.

— O que está propondo... ainda ontem você disse que nunca... que você se recusava, não precisava... — Laurel tinha dificuldade para encontrar as palavras. Aquilo não podia estar acontecendo. Sentia-se exaltada e despedaçada ao mesmo tempo.

Conor também não entendia o que estava acontecendo. Seu desejo por ela era tão forte que todo mundo estava percebendo. O que concluíram era compreensível, mas ele recuou da ideia de compromisso e imediatamente entrou em negação.

— Não estou propondo nada. Apenas um teto e proteção.

O lado alarmado do coração dela suspirou de alívio. Mas a parte dela que o queria, que doía com seu toque, chorou quando ela percebeu que ele acabara

de declarar que aquilo nunca aconteceria. O orgulho a forçou a responder.

— Ótimo. Porque quando chegarmos às suas terras altas, tudo o que quero é algum lugar para viver, até decidir o que fazer na sequência. Apenas durante o inverno. Prometo que na primavera terei partido.

— Mas, moça, você estará vivendo conosco — Craig comentou —, no castelo principal. Conor, ela não morará conosco? — Ele perguntou, agora realmente confuso. Vira como seu irmão respondia a ela. Ela traria a suavidade e intimidade que há tanto tempo faltavam para o chefe do clã e para o lar deles.

Craig pressionou.

— Quero dizer, ela precisa de você, você precisa de uma esposa, ela é mais do que bonita e... e... bem, Conor, ela não tem medo de você. — Ele se virou e fez a pergunta direto para ela. — Você tem? Quero dizer, tem medo de Conor?

A testa de Laurel se franziu com a ideia.

— É claro que não tenho medo de Conor. Que ideia ridícula. Posso ficar irritada com frequência quando seu irmão está envolvido, mas não tenho medo dele.

Esta resposta resultou em um punhado de gargalhadas McTiernays. Esses highlanders eram realmente um bando desconcertante.

— Laurel — ela se virou para olhar para Conor, quando ele a chamou. — Mais uma coisa. Você morará no castelo McTiernay.

O esclarecimento dele foi ouvido, mas não bem recebido. A postura régia mas desafiadora dela era inflexível.

— Não vou. Não seria apropriado.

— Pensei que não tivesse interesse em ser uma lady.

— Posso não estar interessada nas regras da *sociedade* sobre uma conduta adequada, mesmo assim não viverei sob seu teto.

— Viverá.

— Não, não viverei.

Conor se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Amor, acredite em mim, você vai.

Ela se virou para responder. De repente a dor explodiu na lateral de seu corpo, mas isso não a impediu de responder.

— Conor, se me obrigar, vai se arrepender — prometeu. Quando ele levantou a cabeça para se afastar dela, Laurel agarrou sua camisa e o manteve próximo.— Conor, eu realmente preciso ir — ela sussurrou.

Entendendo errado, Conor acreditou que ela estava dizendo que partiria no dia seguinte, e que ele nunca mais a veria. De repente, o pânico o dominou. Ainda que ninguém pudesse saber ao olhar para ele, Conor estava tomado pelo medo de Laurel deixá-lo, de que ela quisesse deixá-lo, e logo. Imediatamente decidiu que não deixaria isso acontecer. Independente da vontade dela, Laurel ficaria com ele até ele decidir o contrário.

— Nunca. Você nunca partirá — ele declarou com mais ímpeto do que pretendia.

— Acho que não entendeu. Eu não devia ter sido tão imprudente, arremessando aquelas facas — ela sussurrou de volta.

As facas? O que as facas tinham a ver com a partida dela? Ele decidiu que aquela conversa tinha que continuar em particular. Lançou olhares ameaçadores para todos retornarem às atividades prévias. Então agarrou o braço de Laurel e começou a levá-la na direção do rio.

— Conor, por favor — ela exclamou com suavidade enquanto as lágrimas começavam a transbordar de seus olhos.

Uma preocupação imediata tomou conta dele.

— Laurel? Por que está chorando?

— Como eu disse, eu não devia ter jogado aquelas facas. Mas joguei. Meu orgulho sempre foi fonte de problemas para mim — ela fungou.

— Uma daquelas facas machucou você?

— Minhas costelas estão me matando. Eu me virei rápido demais, e as bandagens se soltaram. A dor está quase insuportável. Eu não tinha percebido o quanto as bandagens ajudam, mas agora dói até para respirar. Você pode... você pode me ajudar a ir até o rio e refazê-las?

Alívio e medo encheram as veias dele imediatamente. Ela não ia deixá-lo. Na verdade, ela precisava dele! Mas seu desejo de tocá-la estava apenas controlado até agora. Sempre que se aproximava dela, o cheiro ardiloso e feminino dela agitava as entranhas de Conor, excitando-o. Se chegasse perto dela assim novamente, ele certamente cederia ao seu desejo.

Com um ato de controle inesperadamente extraordinário, Conor controlou suas paixões e levou-a até o rio. Assim que ajudou a retirar as bandagens soltas, ele esperou fora da vista enquanto ela se banhava e se preparava para a noite.

Ele desceu um pouco o rio para banhar-se também. Infelizmente, a água fria teve pouco efeito para acalmar seu desejo por ela. Conor lembrou o quanto se sentira vivo na primeira vez que segurara Laurel. Uma sensação esmagadora de retidão que ele nunca experimentara antes — a necessidade de tê-la — pulsava através de seu corpo como fogo. Quando ele voltou, sua necessidade por ela consumia todo o restante. Ela vestira a camisa de renda e esperava que ele a ajudasse com as bandagens.

— Desculpe — ele falou de modo brusco, referindo-se ao fato de tê-la deixado esperando.

— Hmm? Ah, está tudo bem — ela respondeu, olhando a camisa dele, modelada no peito. Ele também devia ter se banhado e tinha se vestido ainda molhado. Era tão sólido e forte, e seu corpo meio molhado enfatizava a elegância natural de sua silhueta poderosa. Quando ela abaixou o olhar, viu os pelos de seu peito, escuros e finos. Ela não percebera o quanto aquela camisa de linho solta escondia. E não lhe ocorreu que tinha se vestido após o banho também sem se secar, sua camisa de renda fina solta e revelando o corpo bem formado.

Conor, no entanto, estava bem ciente das roupas dela e de como o tecido se colava em cada centímetro de seu corpo. Não conseguia se concentrar em mais nada. Os seios dela eram grandes, e ele podia ver os mamilos rosados pelo tecido fino. A camisa modelava os quadris de Laurel, deixando-o sem dúvidas em relação às curvas e à beleza dela. A tensão na genitália dele se multiplicou.

— Conor? — Laurel inquiriu enquanto lhe entregava inocentemente as bandagens que usara da última vez. — Se puder me ajudar mais uma vez. Eu não tinha percebido como elas me ajudam.

Ele pegou as bandagens e começou a refazer a atadura nas costelas dela mais uma vez. Ao fazer isso, ele inadvertidamente tocou nos seios dela várias vezes. A sensação causava um calor úmido entre as pernas dela. De repente, tudo o que ela queria era que ele a tocasse de verdade, não apenas através do

tecido. Queria sentir a pele dele contra a dela.

Não conseguia entender essa ânsia ou de onde ela vinha. Ela não o amava, ou será que o amava? Ele era um homem incrivelmente atraente, mas também era um gigante exasperante, insuportável e arrogante que a irritava deliberadamente e depois se divertia com suas respostas pouco dignas de uma lady. Ela procurou desesperadamente controlar a si mesma e seu comportamento.

Conor sabia que estava brincando com fogo ao fazer as ataduras nas costelas dela. Primeiro, ele examinou se os ferimentos dela não tinham piorado depois que ela atirou as facas. Admitiu para si mesmo que ficara bem impressionado quando ela exibiu suas habilidades. Nunca vira uma mulher se mover com tanta destreza e rapidez com uma arma. A capacidade e a exatidão dela lhe causavam um orgulho que ele não conseguia explicar. Mesmo assim, ele se orgulhava.

Laurel não só tinha os traços de uma dama de verdade — beleza, charme e graça —, mas todas as exigências necessárias para sobreviver nas terras altas. Era inteligente, habilidosa, engenhosa, corajosa, e tinha energia suficiente para superar qualquer mulher que ele conhecia, e vários homens.

O cabelo molhado dela cheirava a flores das terras altas na primavera, sua pele era macia e sensual. Ele se apressava em completar a tarefa torturante. Quando terminou, olhou para ela e viu gratidão em seus olhos. Mas havia algo mais. Ela o queria. Sim, ela estava tão perturbada quanto ele pela sua proximidade.

Ela olhou para ele, sem se mover, como se esperasse que ele desse o primeiro passo. Algo primitivo irrompeu dentro de Conor com aquele olhar reluzente. A mão dele roçou o rosto de Laurel enquanto ele afastava os cabelos molhados dela para atrás dos ombros. A outra mão acariciava seu braço enquanto ele mergulhava em seus olhos. Sem uma palavra, ele se inclinou e passou a boca levemente pela dela, incentivando-a a responder.

Os lábios de Laurel eram suaves, mornos e inocentes. Ele inclinou a boca contra a dela, e ela o beijou de volta, aumentando a pressão. Os dedos dela se abriram nas costas de Conor, e ele a trouxe cuidadosamente de encontro a seu peito. A sensação das mãos errantes de Laurel e de seus seios no corpo dele

fazia o calor constante em sua virilha aumentar até ficar dolorida de desejo.

Ele aprofundou o beijo e brincou com o lábio inferior dela, encorajando sua boca a se abrir para ele. Quando por fim ela o fez, ele mergulhou nela, absorvendo-a por inteiro enquanto suas mãos subiam lentamente pela espinha dela. Ela tinha um gosto tão bom. Assim como seu cheiro, seus beijos eram frescos, novos e inocentes.

Laurel não sabia que homens e mulheres se beijavam assim. Quando a língua dele dançou com a dela pela primeira vez, ela queria retraí-la, mas ele não deixou. A sensação erótica da boca de Conor aumentou até que ela estava respondendo à altura, beijando-o sem parar. As duas mãos dela estavam enroscadas no cabelo dele, mantendo sua cabeça abaixada, encorajando o abraço a continuar.

Conor não tinha intenção de deixar o doce e vulnerável calor dos lábios dela. O jeito como Laurel respondia, ele sabia que o desejo dela por mais também estava vindo à superfície. Ele desceu a mão lentamente pelo ombro de Laurel, depois pelas costas e parou gentilmente sob os seios dela, na atadura que acabara de fazer.

Quando ela aumentou a intensidade do beijo, ele começou a passar os polegares em seus mamilos, para frente e para trás, até que eles enrijeceram sob suas carícias.

Laurel estava surpresa por ser tocada de maneira tão íntima, e estava prestes a se afastar quando ele interrompeu o beijo e começou a explorar seu pescoço. Ao mesmo tempo, suas mãos massageavam e acariciavam os tensos seios dela, fazendo-a arquear as costas inconscientemente para que ele tivesse melhor acesso.

A resposta dela era tão genuína, tão despreparada e pura, que alimentava a necessidade dele. Ele nunca desejara uma mulher como desejava Laurel. Como alguém tão nova nos caminhos do amor e em suas próprias paixões podia ser tão desejável?

Ele lentamente deslizou as mangas da camisa dela para baixo, de modo que seus seios ficaram livres do aperto do linho e da renda.

Conor olhou para ela, e viu que seus olhos cheios de paixão eram de um intenso azul-esverdeado. Ele nunca vira nada mais adorável nem sentira mais

vontade de fazer amor com uma mulher do que sentia neste instante.

Inclinando-se, ele pegou um mamilo na boca. Sua língua começou a dançar ao redor da auréola firme, e seus dentes mordiscavam as pontas intumescidas. Ela gemeu prontamente em resposta. Nunca em sua vida, Laurel experimentara ou sonhara com nada parecido. O mundo desapareceu ao redor dela enquanto a língua dele girava e girava, provocando o mamilo endurecido.

O calor entre as pernas dela não parava de aumentar e agora ardia como fogo. O mundo ao redor dela desapareceu, e tudo o que ela percebia ou com o que se importava era Conor e o que ele fazia com ela. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas queria mais, precisava de mais.

Conor explodia de desejo. A resposta dela e seus gemidos constantes de prazer faziam com que ele se esquecesse de onde estavam.

De repente, ele ficou ciente de uma jovem voz masculina invadindo sua busca pelo paraíso.

— Conor! Ei, Conor! Cole e Finn me mandaram chamar você. Onde você está?

Maldição. Era Craig. O que ele queria? Conor parou rapidamente e segurou uma instável Laurel nos braços. Os últimos instantes deixaram ambos trêmulos de paixão. Ele acariciou as costas dela e tentou acalmar os próprios desejos.

— Conor! Estou presumindo que sabe onde Laurel está. Você pode querer buscá-la e trazê-la de volta. Há algum movimento no perímetro do outro lado do acampamento, e não parece muito amigável.

Conor respondeu em voz alta para Craig antes que ele os alcançasse.

— Tudo bem. Retorne para o acampamento e avise Finn que vou buscar Laurel e voltar imediatamente. *Não* façam nada até eu chegar.

Ele ouviu Craig murmurar e seus passos se afastando.

— Laurel, amor, temos que voltar.

Ela ainda estava agarrada à camisa dele, enterrando o rosto em seu peito. Ele pôde senti-la acenando em concordância.

Laurel respirou várias vezes e levantou a cabeça. Ainda se recuperando da necessidade sexual insatisfeita, tinha muitas perguntas para si e para ele. Mas percebeu que nenhuma delas tinha resposta. Sem dizer uma palavra, eles se prepararam para deixar o rio e voltar ao acampamento.

Assim que voltaram, Conor partiu com Finn e a guarda para investigar o movimento na serra. Estavam no início das terras altas e perto das fronteiras de vários clãs. No entanto, os distúrbios desta noite eram causados apenas por uma matilha de lobos procurando a próxima refeição. Quando Conor voltou, Laurel estava adormecida em sua manta xadrez.

Esta noite ele não ia esperar até que os pesadelos dela viessem. Deitou-se e a segurou em seus braços. Ela se virou instintivamente e colocou a cabeça no ombro dele, acomodando-se.

A alegria e a paz que ele sentia segurando-a em seus braços eram inacreditáveis. Mais cedo, naquela noite, aquela mulher cativante o deixara duro e em chamas. Agora, embora ele ainda a quisesse com possessividade feroz, não queria fazer nada para perturbar essa sensação de contentamento.

Ele inclinou a cabeça e beijou o cabelo dela, inalando o cheiro doce. Como esta inglesa lançara um feitiço nele tão rapidamente ele não sabia. Mas sabia que estava totalmente preso em sua teia encantada. Também sabia que nunca a deixaria ir. Seu último pensamento antes de cair no sono foi que Laurel lhe pertencia.

---

[1] Bolsa usada na cintura, típica do traje masculino escocês (N. da T.)

4

Já viajavam grande parte da manhã quando Finn se aproximou de Laurel para cavalgar um pouco ao seu lado. O terreno mudara, e estavam agora subindo para as terras altas. Laurel estava feliz que os cavalos fossem criados com energia e força necessárias para continuar o caminho pelas montanhas.

— Milady.

— Finn — respondeu com um sorriso que iluminaria qualquer noite.

Ah, essa dama vai deixar o clã em polvorosa, ele pensou.

— Como vai esta manhã? Sua respiração não parece tão difícil.

Ela sorriu em agradecimento.

— Estou bem. Minhas costelas estão remendando, e minha respiração melhorou muito.

Ele ficou momentaneamente atrás dela quando o caminho se estreitou.

— Fico contente. Devemos chegar em casa em um dia ou dois, dependendo do clima.

Ela levou Borrail para mais perto da montaria dele.

— Finn. Por favor, não deixe o grupo viajar mais devagar por minha causa. Posso aguentar.

Ele viu a súplica súbita em seus olhos azuis-esverdeados e decidiu que não poderia mentir nem dizer a verdade.

— Sim, milady, mas só podemos viajar seguindo o passo do animal mais lento.

Laurel pensou em *perguntar* qual era o animal mais lento e então decidiu que não queria saber se era o dela. Em vez disso, achou melhor mudar de assunto.

— Você mencionou que logo chegaremos às terras McTiernay.

Ciente da tensão na postura do chefe do seu clã, Finn se concentrou no caminho adiante e evitou contato visual desnecessário com a mulher

encantadora ao seu lado.

— Sim, milady.

— Pode me falar um pouco mais sobre os McTiernays?

— Bem, milady, os McTiernays são um clã orgulhoso e forte, e Conor é um líder sábio e forte. — Finn fez uma pausa tentando determinar como falar sobre o respeito e a admiração que tinha por seus companheiros de clã e por seu chefe.

— O chefe está seguindo o caminho do pai, liderando o clã com mão calma, mas firme. Sua habilidade com a espada e capacidade em treinar os homens permitiram que ele conquistasse alianças fortes com muitos clãs importantes. Recentemente, os McTiernays absorveram dois clãs menores, então nossos números são formidáveis. Conor agora tem a tarefa de melhorar as habilidades de combate deles até o nível dos demais.

Laurel pensou no que Finn lhe contava.

— Por que Conor concordaria em absorver homens que não contribuem para o clã tão bem quanto seus soldados?

— Bem, milady, o chefe tem uma reputação de liderar homens que são altamente qualificados e impiedosos em batalha. Isso lhe dá uma posição de influência e poder. Alguns dos grupos menores das terras altas não têm outra escolha senão se juntar a um clã maior, em busca de apoio. Além disso, há guerreiros altamente qualificados que não têm um clã para o qual voltar depois de lutar por William Wallace e Robert de Bruce.

Laurel assentiu, sabendo que Edward assolara a Escócia com guerras por muitos anos, e só recentemente fora expulso dessas terras, com exceção de três ou quatro castelos escoceses ainda sob seu controle.

— Outros clãs — Finn prosseguiu — são formados predominantemente por fazendeiros ou perderam grande parte de seus soldados em batalhas. Os homens mais jovens que restaram ainda precisam ser treinados e procuram líderes que possam instruí-los e guiá-los, assim como protegê-los. O chefe do nosso clã — Finn falou com devoção — é um dos poucos que se distingue nesses três pontos. É por isso, milady, que você é tão afortunada.

Quando ela estava prestes a contestar a declaração, ele acrescentou:

— Mas não acho que meu chefe perceba que talvez seja ele quem tem sorte.

Intrigada, ela respondeu:

— Finn, acho que você e o restante deste grupo entenderam mal as intenções de Conor. Ele me acha um mistério, algo para desvendar. Mas não me deseja.

Finn não reagiu ao comentário dela e continuou a olhar para frente, sem dar motivo para o chefe de seu clã ficar preocupado.

— Milady, isso simplesmente não é verdade.

— Tudo bem, não vou insultar sua inteligência e dizer que não há uma estranha atração entre nós. Mas, Finn, jamais passará daí. — A intensidade da declaração dela fez Finn se virar e encará-la com descrença.

Os olhos de Laurel eram grandes e cheios de sinceridade.

— Eu falo sério. Pergunte ao chefe do seu clã diretamente, se precisar. Mas ele me disse da maneira mais honesta e cândida que não tem intenção de se casar. Não acho que as opiniões dele sobre matrimônio mudaram.

Finn sabia que Conor tinha opiniões fortes, em especial sobre casamento, mas tinha certeza que Laurel o fizera mudar de ideia. Será que Conor não pensava no que aconteceria quando chegassem? Assim que a notícia de que Laurel era solteira e desimpedida corresse, muitos pediriam sua mão em casamento. Conor estava se enganando se achava que permitiria que isso acontecesse. Mas talvez a miopia de Conor fosse uma coisa boa, Finn refletiu.

Finn vira os dois interagindo e sabia que seriam felizes juntos. Conor nunca parecera tão vivo. Ele ria, discutia e era genuinamente aberto e expressivo quando ela estava por perto. Parecia que Conor encontrara nela o que estava procurando — alguém para quem pudesse abrir o coração e a alma. Ele podia não conhecer Laurel tão bem quanto conhecia seu chefe, mas Finn achava que ela também agia com mais naturalidade perto dele do que jamais fizera no mundo no qual fora criada. Se ele não soubesse, poderia jurar que havia sangue escocês correndo nas veias dela. Mas quando ela falava com aquele sotaque inglês horrível a ideia parecia bastante ridícula.

— Hmm, voltando ao assunto original — Laurel o encorajou —, e quanto aos irmãos McTiernay? Eles parecem ser muito próximos. Tenho um irmão, mas ele e eu nunca fomos muito sociáveis.

Finn segurou as rédeas com mais força.

— Seu irmão a procurará, agora que está desaparecida?

A negativa sombria dela acalmou os temores de Finn por seu chefe.

— Não, Finn, acho que meu irmão ficará mais aliviado do que qualquer um com meu desaparecimento — ela disse lamentosa e acelerou o passo do cavalo.

Triste pela mudança de humor dela, Finn tentou concentrar os pensamentos dela em outra coisa e começou a descrever os irmãos McTiernay.

— Veja, cada um dos McTiernays mais jovens tem reputação de ser um guerreiro feroz no campo de batalha. Ainda que apenas os três mais velhos tenham visto uma batalha de verdade, os McTiernays mais jovens estão sempre treinando e serão soldados excelentes. Todos eles, até Clyde, demonstraram um dom aguçado para estratégia, um traço McTiernay. Infelizmente, essa é a habilidade mais difícil de ser ensinada.

Laurel pareceu intrigada.

— Ah, e por quê?

— Milady, com prática, é possível ensinar qualquer homem a usar uma espada de maneira adequada e com rapidez. Mas é difícil melhorar o jeito como ele pensa ou a velocidade com que formula planos durante a batalha. Conceitos podem ser transmitidos e dicas podem ser passadas, mas a habilidade em si tem que estar lá.

Laurel se abaixou para evitar um galho pendurado.

— Meu avô dizia a mesma coisa. Me contava sobre o melhor amigo que tinha e com frequência se vangloriava da habilidade dele em vencer qualquer grupo de soldados *ingleses*, não importava o quão preparado fosse, apenas com a sua capacidade de pensar.

Finn não disse nada em resposta, mas ficou pensando nas palavras dela. Vencer soldados *ingleses*, ela dissera. Por que o avô dela iria querer superar seus próprios homens? A menos que o avô dela não fosse inglês. Ele sabia que Conor estava esperando até chegarem mais perto de casa para perguntar o que acontecera, mas Finn sabia que ele iria querer saber esta informação antes de perguntar.

Concentrada no terreno, Laurel não estava consciente dos pensamentos de Finn.

— Como são os irmãos fora do campo de batalha? São sempre assim tão

próximos?

— Sim, milady. Os McTiernays são ferozmente leais e devotados.

— Então todos vivem juntos no castelo?

— Sim, com várias outras pessoas.

— A fortaleza deve ter um tamanho considerável, então.

Finn inclinou a cabeça e assentiu.

— Sim, o castelo é muito grande e bem fortificado — Finn respondeu, enquanto Conor diminuía o passo de seu cavalo para se posicionar entre Laurel e seu comandante.

Finn estivera cavalgando ao lado de Laurel durante a última hora, e Conor não aguentava mais se controlar para saber sobre o que os dois estavam conversando.

— O que tem a fortaleza?

Quando Conor se juntou a eles, o coração de Laurel começou a bater tão forte que ela tinha certeza que todos podiam ouvir.

— Eu estava perguntando quem vive lá. Deve ser muito grande para abrigar seus irmãos, você e outras pessoas.

Ele deu de ombros.

— Grande o bastante.

Mais tarde, ela culparia seus nervos pela conversa sem objetivo.

— Acho que precisa de uma fortaleza bem grande, com sua importância e seu clã considerável.

— Parece que Finn andou falando demais — Conor olhou para seu comandante com uma expressão cuidadosamente neutra. — Se nos dá licença, Laurel, preciso que Finn se reúna aos guardas em seus deveres.

Laurel deu um impulso em Borrail, posicionando-se ao lado de Conor.

— Ah, você não vai fazer isso, Conor McTiernay.

— Como é? — Conor perguntou chocado.

Laurel esperou até que Finn não pudesse ouvi-los.

— Não pense em ir até lá e acusar Finn de não cumprir com seus deveres. Eu vi você pedindo para ele me fazer companhia.

Ele diminuiu o passo de sua montaria, sentindo sua calma começar a falhar.

— Pedi para ele se assegurar de que você estava bem e capaz de cavalgar.

Não para ter uma longa conversa sobre o tamanho do clã e da fortaleza McTiernay!

Laurel ergueu o queixo, ousada.

— Aí vai você de novo, distorcendo as coisas ao seu redor. Mas não comigo, eu não permitirei. Não sou uma mulher fútil, atraída apenas pelo que você tem. Eu estava interessada sinceramente em onde estamos indo e como é lá.

Ele estava completamente perplexo em como esta simples conversa ganhara vida. Queria acabar com a discussão com alguma explicação simples, tranquila, mas sabia que era impossível.

Laurel não tinha certeza do motivo pelo qual criara tamanho tumulto com um incidente tão pequeno. Mas o grito dele com ela na frente dos outros era indesculpável.

— Você não queria discutir esses assuntos comigo e então mandou Finn fazer o trabalho sujo. Por isso, se quer ficar bravo com alguém, sugiro que fique bravo consigo mesmo. Pois foi você, não eu, quem impediu que Finn se concentrasse em seus deveres.

Conor afastou os olhos da inglesa briguenta e enlouquecedora para dizer a Finn que se adiantasse quando descobriu que seu comandante já se fora. Laurel e ele estavam sozinhos, depois que o grupo passou por eles enquanto ela criticava seu comportamento.

Parte dele estava feliz com a coragem dela; contudo, esse desejo dela em discutir com ele diante dos outros precisava parar imediatamente. Ele não seria criticado por uma simples mulher — em especial por uma que falava de um jeito tão *inglês*.

Conor fechou os olhos por um instante, na tentativa de recuperar o controle sobre sua calma e sobre a situação.

— Vou dizer isso apenas uma vez. Não discuta comigo na frente dos meus homens. A voz dele era controlada, mas seus olhos diziam tudo.

Ela pensou nas palavras dele e na simplicidade delas. Ele estava certo. Discordar dele desse jeito poderia ferir sua credibilidade e sua posição como líder do clã. Não, ela não faria nada para comprometer ou mesmo diminuir a posição dele entre seu povo. Não quando ele dera tanto a ela.

— Você está certo, não farei isso novamente. Tem minha palavra — Laurel suspirou e se concentrou em acariciar a crina de Borrail, dando às suas mãos algo que fazer. Ela sabia que não importava o quanto tentasse, não seria capaz de manter suas opiniões para si mesma em todas as situações. — Conor, posso discutir com você em particular?

Conor ficou surpreso com a pergunta, quando a resposta parecia óbvia.

— É claro.

Ela suspirou de alívio. Então não era o conceito de debater com uma mulher, era só a aparência. Isso ela podia entender e aceitar. A ideia de discutir com ele em particular era estranhamente estimulante. Discutir e fazer as pazes, como via seus pais fazendo quando eles não sabiam que ela estava por perto, era incrivelmente excitante. Laurel pestanejou várias vezes. Aquelas fantasias estavam ficando mais fortes e mais penetrantes.

Ela começava a se apaixonar pelo homem e não sabia como deter esse rufar maluco de seu coração. Sabia qual era a posição dele sobre casamento, e sabia qual era a sua. Neste instante, não podia e nem se comprometeria em matrimônio.

Conor observava o rosto e os olhos dela enquanto seus pensamentos saltavam de uma emoção para outra. Ele sabia que a ideia de ser capaz de discutir com ele em particular ao mesmo tempo a chocava e a atraía. Mas ele jurava que, por um breve momento, ela sentia a mesma paixão ardente que ele sentia por ela o dia todo. Mas tão rápido quanto apareceu, desapareceu na tristeza e resignação.

A necessidade imperiosa de beijá-la, de reavivar a paixão que invadira os olhos dela, foi tão forte que ele cedeu. Ela deu um arquejo abafado de surpresa quando ele se reclinou, segurou sua cabeça com uma mão e cobriu sua boca com a dele. Imediatamente, o beijo se intensificou, e ela abriu os lábios, acolhendo a língua dele com a dela. Ela gemeu, e ele a arrebatou com uma violência íntima que chamuscou os sentidos dela. Ele deu um gemido baixo e frustrado e tentou puxá-la para seus braços.

Neste instante, o cavalo dela resolveu se agitar, interrompendo abruptamente o beijo breve, mas tórrido. Embora fisicamente separados, eles olhavam um para o outro, cheios de desejos secretos que nenhum deles expressou em voz

alta.

Laurel levou os dedos até os lábios intumescidos. Ainda que o beijo tivesse durado alguns instantes, deixara os dois com a respiração entrecortada. Laurel sabia que não podia continuar a fazer isso. Ela não estava se *apaixonando* por este homem, já estava apaixonada por ele — e de algum modo ocorrera em poucos dias. Mas era um amor sem futuro.

— Conor — ela disse, tentando sem sucesso controlar a voz —, não podemos continuar a fazer isso. Embora eu não negue minha atração por você, não a compreendo, e preciso lutar contra ela.

O desejo fluía do olhar intenso dele.

— Você pode lutar, amor. Mas não vai vencer, acredite em mim, pois eu tentei lutar contra meu desejo por você desde o primeiro instante em que nos vimos.

— Bem, eu devo lutar e vou lutar. Você não quer se casar. Entendo isso. Mas não me sinto do mesmo modo. Acredito no amor e no casamento. Quero ambos. Vi dar certo uma vez, há muito tempo. Meus pais se amavam e foram muito felizes. Quando minha mãe morreu e meu pai se casou novamente, não havia amor, nenhum respeito entre ele e minha madrasta. — Ela inspirou profundamente, em busca de força. — Então não vou enganá-lo nem forçá-lo a se casar se você não quer, Conor. Mas, em contrapartida, você precisa ficar longe de mim. Pois não posso resistir a mim e a você ao mesmo tempo.

Conor não respondeu de início. Suas entranhas se apertaram, e um frio o invadiu, espalhando-se por todo seu corpo. Ele a encarou por vários instantes, os olhos brilhando com feridas e promessas desfeitas. Então, fez seu cavalo avançar, enquanto lhe dizia para se preparar para uma longa cavalgada à tarde. Queria chegar às terras McTiernay na noite seguinte.

Ela sentiu um vazio interior, percebendo que acabara de perder qualquer esperança que pudesse ter com o único homem que já amou. A dor que enchia seu coração fazia seus ferimentos externos parecerem banais. Fechou os olhos com força. Tinha que acreditar que estava certa. Embora o desejasse, ele não a amava. Além disso, teria que partir na primavera para avisar seu avô da ira do chefe do clã Douglass. Esperava que não fosse tarde demais.

...

Naquela noite, Conor decidiu que era hora de saber como Laurel chegara ao acampamento, espancada e assustada. Ele postergara a audiência do relato até agora. Queria estar mais perto de casa, queria estar bem dentro de território aliado, mas principalmente queria tempo. Tempo para tirar suas próprias conclusões sobre a natureza dela. Mais ainda, tempo para permanecer ignorante.

Ela dissera que não era casada, mas ele sabia que Laurel guardava algum segredo. E não tinha certeza se queria saber o que era ou não. Até ontem, ele quase se convencera de que não se importava. Agora, depois das palavras dela sobre compromisso e casamento, ele precisava de algo para manter sua determinação de manter as mãos longe dela. Ele perdia toda a vontade de partir quando ela estava sofrendo tanto.

Independente disso, ele precisava saber o que tinha acontecido a fim de melhor protegê-la. Para isso, não importava se ela queria ou não a proteção. Conor iria garantir a segurança dela de qualquer jeito.

Naquela noite no acampamento, a discussão dos irmãos era similar a das noites anteriores — leve, divertida e animada. Mas Laurel prestava pouca atenção à conversa enquanto eles continuavam a tratar animadamente de clãs, batalhas, aliados e inimigos. Ela esperava que Conor voltasse da patrulha da noite. Atrás dela, Hamish se aproximou e tocou de leve em seu ombro.

— Milady, o chefe do nosso clã deseja falar com você.

Laurel estremeceu com o toque inesperado. Deu um sorriso para o grupo e se virou para sair, segurando a manta xadrez ao se levantar. Ela seguiu Hamish em silêncio enquanto ele a escoltava até onde Conor a aguardava. Talvez fosse pelo fato de Hamish ter sido mandado para buscá-la, mas de algum modo ela sabia por que Conor queria falar com ela. Sabia que devia ser grata por Conor ter esperado tanto tempo para ouvir sua história.

— Suponho que chegou a hora.

— Sim, milady.

Laurel parou e olhou desconfortável para Hamish.

— Você poderia, por favor, me chamar de Laurel quando Conor não estiver

por perto?

— Não, milady.

— Pode explicar o motivo?

Hamish franziu o cenho.

— Somos a guarda do chefe do clã, milady. Não podemos chamá-la pelo primeiro nome sem permissão, e é improvável que nosso chefe nos permita isso agora.

Laurel estava prestes a perguntar qual a razão daquilo tudo, quando viu Conor falando com Finn. Quando ela se aproximou, os dois pausaram a conversa e se separaram.

— Encontre Loman e verifique o perímetro do acampamento — Conor falou, dispensando Hamish, que assentiu e partiu.

Finn saiu da pedra na qual estava recostado e deixou que Laurel tomasse seu lugar. Ela o olhou agradecida. O ar da noite estava gelado, e ela ficou contente de ter trazido a manta de Conor consigo.

— Imagino que queira saber o que aconteceu e por que pedi sua ajuda — ela começou a dizer.

Conor permanecia afastado, com postura aberta, mas intimidadora.

— Sim. Quero saber a história inteira. Mas, para que fique claro, Laurel, quero principalmente saber o nome do homem que espancou você e por quê — A voz dele também era inexpressiva, fazendo-o parecer mais um juiz imparcial do que um amigo solidário.

Ela respirou profundamente.

— Bem, primeiro deixe-me agradecer sua ajuda — ela começou, nervosa. Estava tensa, e pensando que o que acontecera só piorava as coisas.

Finn, vendo a luta interna dela e o comportamento abrupto e frio de Conor, decidiu ser compassivo.

— Está tudo bem, moça. Ninguém a machucará agora. Estamos bem distantes das terras dos Douglass e bem dentro de fronteiras aliadas. Ninguém das terras baixas se aventuraria tão longe nas terras altas.

Laurel sorriu para ele.

— Meu nome completo é Laurel Rose Cordell e, como já presumiram, morei na Inglaterra minha vida inteira. Meu irmão é um barão, e as terras dele

são próximas da fronteira com a Escócia, nos montes Cheviot, em Northumberland — Ela abaixou o olhar. Queria contar a história inteira, mas não podia colocar o avô em perigo. Não, seria melhor se pensassem que era uma donzela inglesa, sequestrada das terras do irmão.

— Eu fui sequestrada por Keith Douglass e alguns de seus homens enquanto cavalgava pelas terras do meu irmão — Fez uma pausa, odiando mentir para ele, mas então se preparou mentalmente e prosseguiu.

— Eu não sabia quem ele era no início. Ele e seus homens apareceram muito rápido e massacraram a escolta que cavalgava comigo. De uma dúzia de homens, apenas dois sobreviveram. O líder dos Douglass era cruel. Gostava da matança, do sangue. Ainda não sei por que ele atacou, ou por que me levou com ele.

Finn olhou para Conor. A moça podia ser tão inconsciente assim de sua beleza? Conor balançou a cabeça para Finn, fazendo sinal para que ficasse quieto, e esperou que ela continuasse.

— Primeiro eles riram do pesadelo que causaram. Dois deles começaram a provocar um ao outro sobre quem me teria primeiro. Então, o líder deles, um homem chamado Keith, ficou louco. Deu um soco em um e pegou a espada do outro — Ela ergueu os olhos para Conor. — Ele matou um homem de seu próprio clã. Que tipo de maldade vive em um homem para obrigá-lo a fazer uma coisa dessas?

Ela abaixou os olhos, para suas mãos cerradas, e continuou.

— Achei no início que eu estivesse em choque. Mas depois que ele matou o próprio guarda, comecei a revidar. A maior parte dos meus ferimentos foi causada durante a cavalgada até a fortaleza dele. Sei que o arranhei várias vezes com as unhas no rosto e no pescoço. Quanto mais eu lutava, mais ele me espancava. Mesmo assim, eu não conseguia parar de atacá-lo sempre que tinha chance. Depois de um tempo, ele me amarrou e me jogou sobre a traseira de seu cavalo. Quando chegamos na casa dele, eu sabia que ia morrer. Então, um pouco antes de chegarmos aos porões, o demônio me desamarrou e me obrigou a cavalgar com ele. Ele me disse que se eu soltasse um som, fizesse um único movimento, ele me mataria sem misericórdia — Laurel estremeceu.

— A fortaleza dele era grande, mas sombria. O frio e a crueldade enchiam

suas paredes. Eu nunca havia sentido algo assim antes. Achei que tinha visto a maldade em Keith, mas o pai dele... nunca vi um homem tão cheio de ódio. Até em relação ao próprio filho. Era algo que o consumia — Ela suspirou, inquieta, e levantou-se, envolvendo os braços ao redor do corpo, deixando a manta na rocha.

— O que aconteceu na sequência foi chocante. E, naquele ponto, eu estava atordoada — Ela se virou, olhou direto nos olhos de Conor e falou, quase sem forças. — Parecia que Keith queria se casar comigo. Não sei por quê. Ele realmente achava que eu fosse me casar com ele depois dele ter matado todos aqueles homens e ter me espancado — Ela afastou o olhar e encarou as montanhas iluminadas pela lua.

— O pai dele disse que não. Disse para Keith que podia se deitar comigo, mas que não nos casaríamos. Parecia que o chefe Douglass prometera que o filho se casaria com a filha do chefe de outro clã. Ele não achava que a aliança duraria sem um seguro confiável. Parece que o clã Douglass fez muitos inimigos e precisava garantir aliados com mais do que a palavra de honra.

Em especial porque a honra de Douglass não podia ser levada a sério e porque esse fato estava se tornando amplamente conhecido, Conor pensou.

— Ele sugeriu que o filho me estuprasse rapidamente — Laurel sussurrou. — E então o pai disse que ele mesmo também poderia me usar na sequência.

Laurel também se lembrava do resto da conversa. Mas não queria arriscar a vida do avô e partilhá-la com Conor. O chefe do clã Douglass disse que ela devia cooperar, pois se retornasse ao clã do avô, ele mataria todos os MacInnes.

Laurel, sem saber nada do avô, de seu povo ou do tamanho do seu exército, não podia correr o risco de não acreditar nele. Ela faria qualquer coisa para proteger o avô que dava grandes abraços de urso, rodopiava com ela nos braços e contava histórias da Escócia.

— É o bastante. Você já contou o suficiente esta noite — Conor disse. Ele mal conseguia conter a raiva. Fortes emoções o atingiam conforme a história dela progredia. Ele não queria ouvir mais. Não queria saber o que Keith fizera com ela. Saber que outro homem a tocara, a *espancara*, o levava ao limite. Ele queria acabar com aquilo agora.

Laurel estendeu a mão e segurou o braço dele.

— Não, por favor. Deixe-me terminar. Preciso contar para você e depois... depois nunca mais quero falar sobre isso — Laurel suplicou enquanto lágrimas enchiam seus olhos. Ele podia ver o quão difícil aquilo era para ela, e percebeu que fazê-la reviver tudo de novo só prolongaria sua agonia. Mas se ela queria contar a história e depois esquecer, ele se recordaria. E a vingaria.

Laurel voltou a se recostar na pedra. Olhou para Finn. Ele parecia completamente abalado, e ela sentiu uma necessidade inconsciente de tranquilizá-lo.

— Finn, estou bem agora. Lembre-se, foram Hamish e você que me encontraram — ela disse, sorrindo para ele. Aquilo o deixou completamente sem palavras. Embora fosse casado e feliz, e não sentisse desejos por ela, Finn de repente entendeu como Conor, Hamish e os outros se sentiam tão fortemente atraídos. Se Conor não a reivindicasse quando chegassem, no dia seguinte, alguém logo se aproximaria dele para pedir sua mão. Seria interessante ver se a posição contrária ao casamento do chefe do seu clã permaneceria firme quando isso acontecesse.

Laurel recomeçou.

— Keith ficou furioso com a recusa do pai. Na verdade, foi a sugestão de também participar do estupro que provavelmente levou Keith a perder a cabeça... e me deu uma chance de fugir. Keith estava agora mais determinado do que nunca a se casar comigo. Eu honestamente não acho que ele quisesse isso, só queria se vingar do pai. Casar-se com uma inglesa seria um desafio ao propósito que o pai tinha para ele. Acho que isso o fez me arrastar até diante do altar com um sacerdote. O sacerdote estava tão chocado quanto eu. Minha aparência era horrível, e Keith estava com um ar sério e maníaco. O sacerdote perguntou se eu concordava com os votos, e embora eu soubesse o que aconteceria, eu recusei. Keith jurou que me mataria, mesmo assim eu recusei. Honestamente, eu não achava que sobreviveria àquela noite. Mas não morreria como esposa de Keith Douglass.

Laurel parou para respirar. Estava prestes a contar para eles que era uma assassina. Será que entenderiam? Ela olhou para Conor, mas ele parecia desprovido de emoção. Ela sabia que ele estava ouvindo, mas não tinha certeza

do que ele estava sentindo. Ele acreditava nela? Achava que ela devia ter concordado? Não, ele não acharia isso. *Termine a história*, Laurel pensou. *Termine e veja o que ele diz*.

— Keith ficou louco. O sacerdote tentou impedi-lo, mas Keith bateu nele e mandou que ele saísse das terras dos Douglass. Me arrastou pelo cabelo até seus aposentos e tentou me bater também, mas evitei a maior parte dos golpes. Foi quando eu vi uma adaga em uma mesa perto da janela. Eu a peguei bem quando ele me agarrou. Por favor, acredite que eu só pretendia que ele me deixasse em paz, mas do jeito que eu caí na cama e do jeito que ele veio atrás de mim... eu... eu não pretendia matá-lo. Eu só queria que ele parasse. Mas quando ele veio sobre mim, eu ergui a mão e o apunhalei no peito — Ela olhou para Conor. Ainda sem reação. Ela se moveu de modo a não ter que olhar para nenhum deles, falando com eles e, ao mesmo tempo, com ninguém.

— Eu escapuli da mesma maneira que ele me levou para seus aposentos, por algumas passagens vazias. Segui até a capela e depois para fora das muralhas da fortaleza e comecei a correr. É como se tivesse corrido uma eternidade. Corri direto para seus homens naquela noite. Não sei o que eu teria feito se vocês não estivessem ali para me ajudar.

As emoções de Conor estavam um caos. Não demonstrar sua fúria brutal foi uma das coisas mais difíceis que ele já exigira de si mesmo. Ele sabia que se ela soubesse apenas um fragmento do que ele sentia, ela não terminaria seu relato.

Conor queria abraçá-la e dizer que ninguém jamais, nunca mais, a machucaria ou a alguém que ela amava. Queria fazer juras de proteção e receber tranquilidade em troca. Queria que ela prometesse se apoiar nele. Só precisar dele, só querê-lo, Conor McTiernay.

Em vez disso, permaneceu distante, observando Laurel olhar para as montanhas. O lar dos highlanders. Ela se embalava como se quisesse afastar os males do mundo. O relato deveria ter aliviado Laurel, mas parecia que só aumentara seus fardos.

— Laurel? — Ele perguntou de maneira gentil, sem raiva ou rancor.

Não havia ódio na voz dele por ela — uma inglesa — ter matado um conterrâneo seu. A raiva da tarde se fora. Só a compaixão tomava conta da voz

de Conor.

Ela se virou e ele viu lágrimas nos olhos dela. Ela olhou para ele, deixou escapar um lamento e ele a apertou em seus braços. Conor a segurou com força, tentando pegar para si toda preocupação dela, todos os seus problemas.

Laurel se segurou em Conor como se sua vida dependesse da capacidade do chefe do clã de entender e aliviar seu espírito culpado. Por um instante, nos braços dele, ela se sentiu protegida do passado, do presente e do futuro. Ali os Douglass não existiam. Conor cuidaria dela, e seu avô ficaria em segurança.

Finn observava Laurel receber calor e alívio do chefe, conhecido pela frieza e pela falta de coração. Ele podia ver que ela não queria o chefe, mas o homem. Naquele momento, Finn soube que daria a vida por ela. Embora Laurel não percebesse, trouxera amor de volta ao mundo do chefe do clã, e Finn seria eternamente grato por isso.

...

Estava bastante escuro quando voltaram ao acampamento. Todos os irmãos McTiernay estavam dormindo em suas mantas. Conor esticou a sua em um espaço vazio perto da fogueira, e fez sinal para que ela a usasse. Depois ele se afastou e se recostou em uma árvore próxima. Era claro que Conor não dormiria ao lado dela naquela noite.

Era porque ela pedira distância naquela tarde? Ou seria por causa do relato do que acontecera com Keith Douglass? De qualquer forma, Conor enviava uma mensagem clara de que aquela noite ela dormiria sozinha.

Laurel teve pesadelos novamente e acordou tremendo nos braços de Conor. Ela caiu no sono rapidamente, mas da próxima vez que despertou, ele se fora.

Laurel acordou cedo, mas não antes de Conor e sua guarda. Eles já deviam ter saído para preparar a cavalgada do dia. Ainda estava bem escuro, mas ela podia ver que o sol logo nasceria. Ela se levantou e foi lavar o rosto e cuidar de suas necessidades.

As árvores próximas ao rio eram mais densas e muito mais sombrias do que ela se lembrava da noite anterior. Devia ter pego o caminho errado até o rio, quando ouviu vozes.

Finn e Conor estavam discutindo em gaélico, e a discussão era sobre ela.

Laurel tentou controlar sua reação às palavras acaloradas deles. Ela conversava em gaélico com o avô e era bem fluente no idioma.

Finn queria atacar as terras dos Douglass imediatamente. Mas parecia que, embora os McTiernays não tivessem nenhum amor pelos Douglass, não estavam atualmente em guerra. Conor não estava pronto para abrir seu clã a tais perdas. Muitos de seus aliados exigiram seus soldados em outros assuntos depois de ajudar Robert de Bruce a lutar por castelo após castelo para reconquistar a Escócia e expulsar os ingleses.

Logo ele daria um jeito em Douglass e em seu filho, mas seria do seu jeito e no seu tempo. Com isso, Conor encerrou a conversa. Laurel esperou até que partissem e então encontrou o caminho para o rio e se lavou antes de voltar para Conor e seus irmãos.

Laurel estava sentada na margem do rio, revendo mentalmente as palavras de Conor, quando ouviu alguém se aproximar. Sabia que era Conor.

— Quanto você ouviu?

Laurel deu de ombro com elegância.

— O suficiente.

Então Laurel finalmente entendera o que ele e Finn estavam dizendo. *Uma inglesa fluente em gaélico*, Conor pensou. Ela era um mistério contínuo e crescente. Ele esperara que na noite anterior ela falasse sobre sua família e explicasse voluntariamente seu passado escocês. O conhecimento dela sobre os costumes e os modos das terras altas, seu entendimento do gaélico, e a história sobre como o avô gostava de vencer soldados ingleses eram todas peças de um quebra-cabeça que dizia que sangue escocês corria nas veias dela.

— Não permitirei que arrisque sua vida por mim, Conor.

Conor se reclinou gentilmente e segurou o rosto dela entre as mãos.

— Sou senhor de mim mesmo, Laurel, e as decisões a que se refere já foram tomadas e não podem ser mudadas — ele falou baixinho.

Lágrimas se formaram nos olhos dela. Lágrimas por ele.

— Mas não quero isso. Por favor.

— Não se preocupe, amor — Conor trouxe Laurel para mais perto, abraçando-a de modo protetor, deixando que as lágrimas dela caíssem até secarem. Mas ele não proporcionou nada além de conforto. — Vou cavalgar na

frente esta tarde, para me encontrar com os homens do meu clã e acertar algumas coisas que ficaram pendentes desde minha partida. Meus irmãos e a guarda cavalgarão com você. Você não ficará sozinha. Entendeu?

Conor era tão confuso. Estava tendo a consideração de contar seus planos, mas estava deixando-a. Ela sabia que ele aguardava uma resposta.

— Entendo, Conor. — Ela se levantou e limpou a terra da roupa, em busca de alguma coisa para fazer. — Verei você à noite, então?

— Talvez — ele disse indiferente. — Mais uma pergunta e então a deixarei ir — Ele fez uma pausa como se não soubesse como prosseguir. — Seu irmão vai procurar por você?

Laurel franziu o cenho, sem entender, e negou com a cabeça:

— Não. Logo ele vai se casar, e a noiva dele não me queria na mansão. Meu irmão é novo no título e na riqueza e, portanto, relutante em ceder um dote para um contrato de casamento. Ele está bastante feliz por se ver livre de mim.

Conor assentiu e foi embora. O alívio tomou conta dele. Ele sabia como lidar com Douglass, mas ficava inseguro sobre como se dirigir à família de Laurel. Ele falava sério quando disse que não a deixaria partir. Não tinha certeza do motivo de sentir isso com tanta força, mas Conor sabia que seu futuro estava enredado ao dela.

Depois que ele partiu, Laurel voltou a se refrescar no riacho. Havia uma poça de água nas proximidades e ela foi lavar o rosto. Ao olhar seu reflexo na água parada, viu que estava realmente um horror. Não era de estranhar que Conor achasse tão fácil deixá-la. Ele era apenas um homem gentil e compassivo. Era incrível que tivesse sentido qualquer atração por ela nos últimos dias. Agora que estava voltando para casa aquilo provavelmente mudaria, ela disse para si mesma. Era importante que ela se distanciasse emocionalmente, e logo.

Quando ela voltou ao acampamento, Conor se preparava para partir. Sob a luz da manhã, ela pode ver que os olhos dele estavam levemente avermelhados, como se ele não tivesse dormido a noite toda.

— Todos para seus cavalos. Quero estar em casa ao cair da noite. — Com isso, os homens reuniram os cavalos e se prepararam rapidamente para partir.

Durante toda manhã, ela sentiu como se tivesse perdido algo muito precioso

na tarde anterior e não era possível recuperar. Era o fim das brincadeiras, dos olhares furtivos, e das trocas de olhares durante o dia. Conor não olhara para trás nenhuma vez para ver como ela estava indo. Mas o que ela esperava depois do monólogo “fique longe de mim”? Uma confissão de amor eterno e compromisso?

Ela sabia que não podia ter as duas coisas. Ela lhe pedira para se afastar, e ele o fizera. Em vez de lamentar o fim da amizade deles, ela devia estar aliviada. Não queria mais complicações, e se apaixonar por Conor McTiernay era exatamente isso. Uma complicação tamanho família.

Conor podia sentir Laurel analisando-o com os olhos. O que ela queria dele? Ela queria que ele a deixasse em paz, e foi exatamente isso o que ele fizera.

As palavras dela no dia anterior giravam sem parar em sua mente. A mãe e o pai dela, como os dele, foram felizes e apaixonados. Antigamente, ele também fora como ela, desejava um relacionamento como o dos pais. Mas, encontrou falsas promessas e desejos apenas por riqueza e poder.

Agora, Laurel procurava a mesma coisa. Só que era ele quem a fazia perder as esperanças. A história dela e a ideia de que ele a fizera duvidar do amor o mantiveram acordado durante a maior parte da noite. Ela o queria e o aceitava. Mas não estava disposta a abrir mão de seus ideais e de sua autoestima pela paixão que compartilhavam. Ele não tinha certeza se aquilo o deixava grato ou cheio de arrependimento.

Ele fez um sinal para Finn indicando que seguiria na frente e então avançou na direção dos arbustos.

5

Mais tarde naquele dia, um pouco antes do pôr-do-sol, Craig segurou o passo para cavalgar ao lado dela pela primeira vez. Laurel gostava da visão de mundo otimista do irmão gêmeo gregário. E desde que Conor partiu como prometera, ela precisava de um pouco de alegria e tranquilidade. Fora difícil ver Conor deixar o grupo e cavalgar na frente depois que cruzaram a fronteira McTiernay.

Enquanto viajavam, Laurel percebia por que todos eles mencionavam com frequência a beleza das terras altas, em especial das terras McTiernay. Eram magníficas. As terras ficavam aninhadas nas montanhas mais altas, cercadas por grandes penhascos, rios maravilhosos e imensos braços de mar que se estendiam até as montanhas, como se desejassem tocar sua glória.

À distância, Laurel podia ver o castelo McTiernay no cume de um grande penhasco. Situado nas margens de um rio que escoava para um lago imenso e dramático, era o objeto mais notável a quilômetros de distância. Ao redor do castelo, havia cabanas de vários tamanhos, construídas em madeira e pedra. Pareciam fortes, aconchegantes e feitas para manter as famílias em segurança durante os frios meses do inverno.

Ela apontou para as moradias.

— Craig, quem são os donos dessas cabanas?

— Em geral fazendeiros e suas famílias. Aquela ali — ele apontou para a cabana que ficava mais próxima das muralhas do castelo — pertencia ao velho Gowan.

— Pertencia?

— Sim, ele morreu há alguns meses. Eu achava de verdade que o velho esquisitão iria me enterrar.

Craig tinha dezessete anos, e a ideia de que alguém de uma geração anterior pudesse enterrá-lo era cômica.

Laurel riu da capacidade dele de levar bom humor até aos acontecimentos mais tristes.

— Você devia gostar dele de verdade.

O sorriso dele aumentou.

— Ele era um grande soldado do meu pai. Ainda que eu não me lembre, Gowan foi comandante da guarda McTiernay por vários anos e era muito respeitado por nosso povo.

— Por que ele resolveu viver fora das muralhas do castelo?

— Você está certa, ele escolheu viver naquela cabana. Durante anos, ele morou conosco, quando minha mãe e meu pai ainda estavam vivos. Mas depois que eles morreram, ele decidiu que preferia morar na própria casa do que na fortaleza, cercado de lembranças.

Estavam muito mais perto do castelo agora. Laurel esperava ver Conor indo ao encontro deles, mas não viu cavaleiros seguindo por aquele caminho. Os únicos soldados à vista eram os que entravam e saíam das muralhas do castelo. A colina estava mais plana agora, e a terra avançava em ondas verdes. *Finn estava certo*, ela pensou consigo mesma, *isso lembra os Trossachs*. Ainda estava muito verde, com um tipo de relva baixa que balançava na brisa suave, mas logo as noites frias deixariam a vegetação marrom até a primavera.

As muralhas do castelo formavam um "D" na parte de trás, erguendo-se sobre uma ravina. Na base dela estava um rio caudaloso que se originava no alto das montanhas e fluía até o grande lago localizado no vale pelo qual passaram naquela manhã. Estavam realmente nas terras altas agora, com as montanhas abaixo, acima e ao redor deles.

A paisagem de cada lado do castelo era similar ao resto do campo. Árvores margeavam os dois lados do rio, mas deixavam terras abertas disponíveis para agricultura, animais ou, como ela podia ver na distância, treinamento de guerreiros.

Apesar do tamanho e do número de habitantes, os McTiernays tinham forjado seu lar nesta área da montanha. Ela podia ver nos rostos das mulheres e das crianças pelas quais passavam. Era uma vida de trabalho árduo, mas eles pareciam felizes, satisfeitos e em segurança. Todos os elementos que ela sentia que faltavam na propriedade de seu irmão. Esperava que a noiva dele trouxesse

a alegria que não tiveram na infância.

Inesperadamente, os irmãos McTiernay a cercaram com seus cavalos. Ela não tinha certeza se estavam protegendo-a ou se aquilo indicava que ela estava ali por vontade dos McTiernay.

Por causa do tamanho, o castelo parecia estar perto há algum tempo. Mas a tarde já avançava quando o grupo finalmente se aproximou das muralhas externas. Cruzaram uma grande ponte de madeira que levava até uma entrada larga guardada por uma barbacã fortificada. O portão da guarda era o único ponto de entrada atrás das muralhas do castelo. A entrada era fortificada dos dois lados por torres que proporcionavam pontos de acesso para as muralhas.

— Cole — Laurel chamou.

Ele mantinha os olhos adiante, naqueles dos quais se aproximava.

— Sim?

— Por que há tantas aberturas nas muralhas na entrada do castelo? Elas não parecem ter um propósito.

— A combinação das passagens de cima e dos lados com os espaços abertos entre elas proporciona uma medida a mais de segurança. Em épocas de batalhas, se um inimigo invade o primeiro portão da ponte e força a entrada, água fervente ou pedras podem ser jogadas neles.

— Ah — ela exclamou, olhando para cima enquanto cavalgavam. — Já foi necessário usá-las?

— Não há muitos anos. Esta terra é ocupada pelos McTiernays há séculos. O forte original, que minha mãe chamava de Torre da Estrela, foi construído há centenas de anos. As terras eram altamente desejáveis, e os ataques eram comuns até meu bisavô começar a construir as muralhas do castelo e erguer uma das estruturas mais seguras e fortificadas das terras altas. Esta é só uma de muitas defesas. Até onde sei, as passagens só foram usadas uma vez, antes da barbacã ficar pronta.

Enquanto atravessava as muralhas do castelo e entrava no pátio interno, ela foi recordada mais uma vez de como a estrutura do castelo McTiernay era grande. Era muito imponente. As muralhas pareciam ainda maiores do lado de dentro, cercando um pátio imenso no qual cabiam aproximadamente cinquenta cavalos enfileirados. Havia seis torres ao redor — duas nas extremidades da

muralha reta da ravina, duas nas áreas curvas, e uma em cada lado do portão da guarda.

As quatro torres principais eram construídas sobre pedestais, levemente mais largos nas bases, enquanto as torres do portão eram situadas em bases circulares batidas em vez de um pedestal de pedras contínuas.

Ao redor do pátio externo estavam os edifícios auxiliares. Os estábulos e o arsenal ficavam no lado oeste da fortaleza, enquanto a padaria, a cervejaria e outras estruturas similares ficavam no lado leste. O salão secundário, o salão nobre e a capela eram construídos ao longo da muralha reta, na face norte. A altura das construções era impressionante, com a torre no canto noroeste alçando-se mais alto ainda, na direção do céu.

— Santo Deus, aquela torre deve ter pelo menos seis andares! — Laurel exclamou, olhando a estrutura enquanto descia do cavalo. A maioria das torres tinham três andares, talvez quatro. Mas ela nunca vira uma torre tão grande e tão alta.

— Sete andares, Lady Laurel — Craig respondeu, dando-lhe o título que não era usado desde que sua mãe falecera. — Minha mãe costumava subir até as ameias nas noites claras para ver o céu noturno. Ela dizia que podia estender a mão e tocar as luzes do paraíso. Ela a chamava de Torre da Estrela.

Alguém veio por trás dela e pegou as rédeas de Borrail. Ela se virou e viu um homem de idade, que pesava quase o mesmo que ela. Tinha pouco cabelo e uma pequena corcunda dos anos de curvar-se e trabalhar com cavalos. O primeiro instinto dela foi o de advertir o idoso sobre a natureza arisca de Borrail, mas ela imediatamente mudou de ideia quando viu que ele lidava com o garanhão de um jeito firme, mas gentil. Embora em uma primeira impressão o homem parecesse frágil e fraco, claramente não era nada daquilo.

— Desculpe, qual é seu nome?

— Neal, milady — ele disse, bastante assustado. A mulher era inglesa, pelo sotaque, e completamente desgrenhada, mas quando ela se virou, parecia que ele estava encarando um anjo ferido. Era como se ela não estivesse ciente do vestido rasgado e do cabelo desarrumado e emaranhado. — Posso ajudá-la, moça?

O trato informal chamou a atenção de todos.

— Neal, esta é a mulher de Conor — Cole o advertiu.

— Cole, isso não é verdade — Laurel o corrigiu e se voltou para Neal. — Na verdade, sou apenas uma hóspede temporária do chefe do seu clã. Mas ele me deu esse cavalo, e eu apreciaria se pudesse cuidar dele para mim. Fiquei muito apegada a Borrail.

— Borrail?

— Ah, sim, ele pode não ser o cavalo mais bonito, mas é definitivamente orgulhoso. Tem um coração bravo, e não me deixou cair nenhuma vez durante a jornada. Ele me trouxe até o alto das suas montanhas. Borrail significa muito para mim.

A dama devia ser um pouco maluca, Neal pensou. Aquele não era o propósito de um cavalo? Quem se importava se ele era bonito ou não? Mas se a dama gostava do cavalo, Neal trataria dele como se fosse do próprio chefe do clã.

Cole entregou as rédeas para o mestre dos estábulos e se virou para o irmão mais jovem.

— Clyde, por favor, leve Laurel até a Torre da Estrela e peça para Glynis providenciar um quarto para ela. Dê-lhe o antigo quarto da mamãe.

Laurel arquejou.

— De sua mãe? Cole, eu não devo. Não devíamos esperar por Conor? Tenho certeza que ele não aprovaria.

— Ele aprovaria — ele respondeu bruscamente.

Laurel levantou os ombros.

— Bem, isso não importa. Na verdade, decidi que não quero ficar na fortaleza. Que tal a cabana do velho Gowan? — Laurel sabia que não fazia muito sentido, mas de repente ela tinha razão em dizer a Conor que não ficaria no castelo. Um desejo forte de fugir invadiu seus ossos. Como ela poderia ficar tão perto e ainda manter distância? — Sim, acho que ficarei na cabana. Além disso, sei que Conor não gostaria que eu ficasse no quarto da mãe de vocês.

Cole juntou as sobrancelhas.

— Foi Conor quem deu a ordem.

Só então, uma senhora mais velha, com expressão verdadeiramente gentil,

se aproximou de Laurel. Era baixa e gorducha, e sua voz era agradável e tranquilizadora.

— Um bom dia, milady. Meu nome é Glynis. O chefe do clã me pediu para atender suas necessidades e levá-la aos seus aposentos. — Ainda um tanto chocada, Laurel não discutiu quando Glynis a levou pelo pátio até o salão da fortaleza. Era um aposento amplo e surpreendentemente iluminado, com grandes janelas em forma de arco ao longo da parede norte. Fogueiras ardendo em braseiros tornavam o ambiente quente e acolhedor contra a brisa fria da tarde. O barulho era incrível. A maioria dos soldados já se reunira para a refeição da noite.

— Desculpe pela bagunça, pelo barulho e pelo cheiro ruim, milady. — Glynis acenou com a mão pequena e rechonchuda em desaprovação. — O clã McTiernay é um grupo feroz e forte, mas desde que Lady McTiernay faleceu há muitos anos, a fortaleza ficou em desordem. Só os aposentos do chefe do clã são arrumados com regularidade.

Laurel já notara o estado da fortaleza e o mau cheiro. Os juncos do chão estavam esmagados e em decomposição. Em muitos pontos, o chão de madeira era aparente e deixado ao frio. A mesa principal ficava na extremidade do salão, mas Conor não estava presente, nem nenhum dos outros convidados principais sentavam-se em seus locais de honra. Mas havia vários soldados sentados nas mesas localizadas ao longo das paredes laterais. Estavam todos tão absortos e felizes com a comida e as conversas que nem as notaram.

Laurel viu os criados entrarem e desaparecerem por biombos de madeira que separavam o salão da área de serviço. Acima dos biombos ficava a galeria dos menestréis. Ao ver a cerveja e o vinho que levavam, ela presumiu que a área atrás dos biombos era ligada às adegas e despensas localizadas no andar de baixo.

Glynis e ela entraram no salão por uma porta separada e dirigiram-se para outra porta, que ela presumiu levar até a Torre da Estrela, onde ficavam os dormitórios principais. A porta era grande e imitava a forma em arco das janelas do salão.

Quando cruzaram o pórtico, Laurel viu uma câmara pequena e vazia à direita da porta. Imaginou que, se necessário, o pequeno posto de sentinela

seria usado para proteger o acesso à escada em espiral que levava aos aposentos privativos da família.

Ela seguiu Glynis pela escada em espiral até os andares superiores. No quarto andar, Glynis parou, deu a volta em um corrimão e abriu uma porta que levava a um quarto espaçoso e elegante. Era a antiga sala de estar de Lady McTiernay. Laurel admirou a beleza do local. A decoração em verde e ouro velho parecia capturar a luz cada vez mais fraca que entrava por três janelas arqueadas menores na alcova. O gosto da mãe de Conor em assuntos de decoração era muito parecido com o dela.

Glynis devia ter preparado o quarto antes da chegada dela. A lareira já estava acesa, proporcionando uma fonte eficiente de calor. Até as pedras grossas e pesadas que formavam as paredes do castelo já haviam acumulado o calor das chamas e estavam mornas ao toque.

— Aqui estão, milady — Glynis indicou as roupas sobre a cama. — O chefe do clã mencionou que você precisava de coisas novas para vestir. — Alguém obviamente fora instruída a dividir suas roupas. A ideia deixou Laurel sentindo-se ainda mais desconfortável e inoportuna.

— Glynis, quem providenciou as roupas?

— Ah, eram da minha filha, e ela ficou feliz em dá-las para você. Posso assegurar, milady. Faríamos qualquer coisa pelo chefe do nosso clã. Eu tiraria a roupa do corpo para você se ele pedisse.

As palavras gentis não trouxeram conforto para Laurel.

— Mas, Glynis, eu não quero tirar os vestidos de sua filha. São lindos e devem ser os melhores que ela tem. Asseguro para você que tudo o que preciso é de um pedaço de linha para consertar meu vestido, e de um lugar para lavá-lo. Até eu ter meios de fazer mais, o que tenho será suficiente.

Glynis estava prestes a argumentar com Laurel, quando viu o olhar de teimosia nos olhos da dama. Glynis sorriu internamente. A moça era orgulhosa, teimosa e seu coração era generoso até demais. E como Laurel falou com ela no idioma gaélico, Glynis começou a se perguntar se a garota era parte escocesa. Ela definitivamente tinha a aparência de uma bela escocesa. Sim, se os rumores fossem verdadeiros, que o chefe McTiernay por fim encontrara uma noiva, essa moça poderia trazer muita alegria ao clã. Mas seria

ela forte o bastante? Teria medo do chefe do clã? Seria capaz de enfrentar os frios invernos?

Glynis deu de ombros e cedeu.

— Vou buscar linha e agulha. Também mandarei água para banho e alguma comida. A maioria dos homens já comeu. — Respondeu antes que Laurel pudesse discordar. — Mas, nada de discutir sobre isso, milady. Você realmente precisa de um banho, e me deixaria magoada se não me permitisse ajudá-la nisso.

Laurel não podia negar essa única coisa à gentil mulher. Concordaria com o banho e com a linha. Mas, assim que estivesse limpa, voltaria para a cabana vazia fora da fortaleza. Não ficaria aqui na grande mansão. E certamente não ficaria nos aposentos da mãe de Conor.

Quando a mulher voltou com a linha, Laurel perguntou:

— Glynis, você saberia me dizer onde se encontra o chefe McTiernay? Eu não o vi depois que chegamos.

— Ah, não, você não o veria, milady. O chefe recebe os convidados no salão principal. O salão pelo qual passamos é usado para reunir todos os soldados.

Laurel tentou esconder a surpresa.

— Ele tem convidados?

— Sim. O chefe do clã Schellden e sua guarda chegaram esta manhã, quando ouvimos sobre o iminente retorno do nosso chefe. Imagino que o chefe McTiernay ficará lá grande parte da noite. É realmente necessário que eu vá buscá-lo?

— Ah, não. Absolutamente, não. Por favor, não interrompa o chefe McTiernay em seus deveres. Já o incomodei o suficiente nos últimos dias. Eu estava apenas curiosa.

Glynis sorriu e saiu para buscar a água do banho e sabão de lilás. Ah, a dama estava definitivamente interessada no chefe do clã. Glynis sabia que muitas mulheres de McTiernay tentaram chamar a atenção de Conor ao longo dos anos, mas nenhuma o interessara. Porém, mais cedo naquele dia, o chefe dera instruções tão detalhadas para preparar a chegada da dama, que ela quase pensou que era a rainha da Escócia que os visitaria. Agora que Lady Laurel

estava ali, embora um tanto desarrumada, Glynis podia ver que ela era bem bonita e que tinha um coração generoso. *Sim*, Glynis sussurrou consigo mesma, *se fosse forte o bastante, Lady Laurel poderia ser a escolhida*.

...

Mais tarde, depois que se lavou, Laurel sentou-se vestida apenas com a camisa de baixo para consertar seu vestido. Sentia-se bem refrescada. Glynis a ajudava a pentear os nós dos cabelos. Fora uma tarefa árdua remover a sujeira e limpar o mau cheiro que parecia ter se impregnado para sempre em sua pele.

— Ah, milady. Você realmente é a moça mais bonita que meus olhos já viram — Glynis comentou enquanto ajudava a amarrar os cabelos compridos e ondulados de Laurel após escová-los.

— Você é muito gentil. Mas asseguro que não há motivo para esperar por mim. Percebo que seus deveres devem ser numerosos e muito importantes aqui.

— Ah, não. Só o pessoal da cozinha tem muitos deveres de verdade aqui, e a cada dia um grupo de mulheres do clã assume as responsabilidades.

— Não há pessoal definido para a manutenção da fortaleza? — Laurel perguntou incrédula.

— Bem, com exceção do ferreiro, do armeiro e do mestre dos estábulos, não, não há. Há algum tempo, o chefe do clã sentiu que seus irmãos estavam ficando acomodados e exigindo ajuda para tudo. Então, ele mandou os ajudantes para seus lares e, com exceção da comida, os jovens McTiernay devem cuidar de si mesmos — Glynis se reclinou como se fosse contar um grande segredo e sussurrou: — E eles não são muito bons nisso, milady. Os quartos deles são uma desordem. Os salões são bagunçados e fedidos a maior parte do tempo.

— Mas, e quanto aos convidados? Eles são recebidos dessa maneira?

— Ah, nessas épocas, o salão principal é usado, e os aposentos dos convidados são limpos durante o tempo em que permanecem aqui. Fora isso, não há arrumação alguma. Vou lhe dizer, milady, é uma vergonha. A fortaleza precisa de alguém — *E não só a fortaleza: o chefe do clã precisa de uma dama*, Glynis murmurou para si.

Laurel não deixou de notar a sugestão.

— Querida Glynis, como você é acolhedora. Antes de mais nada, insisto que me chame de Laurel. Em segundo lugar, preciso esclarecer esse equívoco imediatamente. Não sou a mulher do chefe do clã. Ele me resgatou... é só isso. Ele sabe que eu partirei na primavera.

— Mas você vai ficar no quarto da mãe dele — Glynis protestou.

— Glynis, entendo como o pedido de Conor passou uma impressão errada. — *Ela o chamou de Conor*, Glynis pensou enquanto Laurel prosseguia. — Mas era só uma medida temporária para que eu pudesse descansar e me limpar. Não ficarei aqui esta noite. Craig me falou de uma cabana vazia. Ficarei lá até a primavera, quando partirei. Mas aprecio sua hospitalidade e generosidade.

Primeiro Glynis pensou em objetar, mas então decidiu que seria mais eficiente se deixasse Laurel fazer o que pretendia.

— Se insiste, Lady Laurel — ela respondeu, sorrindo internamente, perguntando-se o que o chefe McTiernay faria quando descobrisse que ela estava dormindo em uma cabana do lado de fora das muralhas do castelo.

— Pronto — Laurel declarou quando terminou o último ponto. — Se puder me ajudar com mais duas coisas, Glynis, prometo que não pedirei mais nada.

Laurel parecia embaraçada, mas percebeu que seus pedidos eram necessários. Não conseguiria fazê-los sem ajuda.

— Primeiro, bem, estou certa de que viu o estado da lateral do meu corpo. Preciso de ajuda para fazer a atadura nas costelas feridas antes que eu me vista.

— Certamente, milady — Alguns minutos mais tarde, Glynis começou a enrolar as ataduras.

— Glynis, você já fez isso antes? — Era uma pergunta retórica. Laurel podia ver e sentir que estava em mãos experientes.

— Sim, Lady Laurel. Muitas vezes. Quem quer que tenha feito essa atadura em você antes também sabia o que estava fazendo — A mulher mais velha fez uma pausa, divertida, e começou a amarrar as pontas do que sabia terem sido parte de uma camisa de homem. — Estou surpresa que tenha deixado um dos guardas ajudá-la nesta tarefa — Glynis sondou.

— Ah, não, foi o próprio Conor quem insistiu. Eu não queria, mas ele se recusou a aceitar um não como resposta. Devo admitir, no entanto, que ele

estava certo. Minhas costelas e minha respiração ficaram muito melhores depois das bandagens.

— Entendo. Eu sugeriria manter as ataduras por mais alguns dias, ou até por mais tempo se sua respiração ainda estiver difícil — *Então,* Glynis pensou, *foi o próprio chefe do clã quem cuidou dos ferimentos dela. Espere até que os outros saibam disso.* — E qual seria o seu segundo pedido, Lady Laurel?

— Por favor, apenas Laurel.

— Mas você é uma lady, não é?

— Antigamente talvez, mas já não mais. Só quero uma vida normal, contribuir com o clã durante os meses do inverno e partir quando a primavera chegar. Para fazer isso, não posso morar aqui, o que me leva ao meu segundo pedido. Pode me dizer como sair dos muros do castelo e chegar à cabana do velho Gowan?

O pedido assustou a mulher mais velha. Uma coisa era não impedir que a senhora do chefe do clã partisse, outra era ajudá-la a escapar. Glynis respirou fundo e disse a si mesma que era por amor ao chefe que estava fazendo isso.

— A cabana do velho Gowan? Bem, sim. Suponho que possa. Há só uma entrada para a fortaleza, e apenas um único sentinela de plantão. Quando eu terminar aqui, vou voltar para minha casa. Passo pela cabana de Gowan no caminho. Sugiro irmos juntas.

— Ah, obrigada! — Laurel não pôde evitar as lágrimas que começaram a se formar. — Você tem sido tão gentil. Todos os highlanders são como você?

— Ah, milady. Todos os ingleses são como você?

Laurel secou as lágrimas e deu uma risadinha.

— Vamos embora, então.

...

— Onde ela está? — Conor gritou do salão principal. Pedira que alguém fosse buscar Laurel em seus aposentos. Estava ansioso para saber se o quarto a agradara. Laurel era a primeira a ter permissão para dormir lá desde a morte de sua mãe. Quando o soldado voltou para dizer que não havia ninguém lá, a frustração que Conor estava sentindo desde a separação deles explodiu.

— Sei que ela chegou. Vi o cavalo dela nos estábulos — Ele olhou para

Finn. — Faça uma busca na fortaleza, até encontrá-la. Quero saber quem a viu e quando. E, principalmente, quero saber onde diabos ela está.

Finn relevou a raiva do chefe do clã. Sabia que o medo o guiava agora. Medo de que tivesse perdido Laurel de algum modo.

Conor começou a caminhar pelo salão principal, perguntando-se onde Laurel poderia estar. Ela não o teria deixado. Os vestidos que mandara para ela ainda estavam sobre a cama. As únicas evidências que mostravam que ela chegara eram o cavalo e a água de banho usada que ainda estava nos aposentos da mãe dele.

Ela jurara que não ficaria na fortaleza sem estar casada. Teria realmente falado sério? O temor pela segurança dela o mordia. Seu passo acelerava conforme pessoa após pessoa voltava com más notícias.

— Ela não estava no rio, chefe. E ninguém foi visto indo ou voltando de lá desde que ela chegou — informou um soldado.

— Neal aqui, chefe — o mestre dos estábulos disse sem fôlego. — Sinto muito, mas só vi a moça quando ela chegou. Devo dizer que é uma criatura encantadora, apesar de um pouco confusa. Espero que seja encontrada ilesa. Seria uma pena perder uma lady tão incomum.

Conor se virou rapidamente e disse em um tom de voz mordaz.

— Ela será encontrada. E Deus ajude qualquer um que tocar em um único fio de cabelo dela.

Normalmente Neal ficaria surpreso com a resposta áspera do chefe do clã. Em geral, Conor reservava sua ira para o campo de batalha. Mas como já conhecera a moça intrigante, Neal entendeu a reação do chefe.

— Neal, tem mais algo a oferecer? Ela disse onde poderia estar? — Conor perguntou bruscamente.

— Não, chefe. Ela me deu Borrail e então...

Conor se virou e exclamou.

— Borrail? Quem diabos é Borrail?

— O cavalo dela, chefe. Ela disse que o senhor dera para ela e me pediu para cuidar especialmente bem dele. Isso não era verdade?

Conor sufocou um suspiro.

— Sim. Continue. E então...

— Bem, então, Cole veio trazê-la para a fortaleza. Ela estava irritada com alguma coisa, de ficar nos aposentos de sua mãe, talvez. Disse que não queria. Então mencionou alguma coisa sobre a cabana do velho Gowan...

Conor não ouviu o resto do relato de Neal. Virou-se abruptamente e correu para fora do salão e através do pátio.

— Abram o portão!

Quando se aproximou da cabana do velho Gowan, Conor pôde ver Laurel atiçando o fogo pela janela. Seu cabelo estava solto e ela ainda usava o vestido rasgado, mas ele conseguia ver que a manga fora consertada.

Todo o medo que experimentara nas últimas duas horas se converteu em raiva. Ela recusou o abrigo dele, sua oferta de roupas, e desobedeceu suas ordens de ficar na fortaleza. Ela não recusaria as ofertas dele novamente.

Ele bateu na porta.

Laurel estivera se preparando para a chegada de Conor. Ela sabia que, assim que descobrisse sua desobediência, ele viria procurá-la. Ela disse para si mesma que ele não se importaria se ela iria ficar ou não na fortaleza. Era só o orgulho que o trazia ali. Se ela pudesse achar um jeito de salvar a autoestima dele, certamente ele a deixaria ficar na cabana.

De repente a porta cedeu e ele estava parado diante dela no pequeno aposento. Era imenso e irradiava uma vitalidade masculina primitiva. Ele se banhara e trocara de roupa, e a manta xadrez estava presa ao redor da cintura. Estava sem a espada, mas a camisa cor de açafrão de mangas soltas não escondia nada de sua força. A longa túnica e a jaqueta ornamentada que ele usava de manhã tinham sumido.

Vê-lo parado na porta, arrogante e poderoso, foi quase a ruína dela. Tinha que permanecer firme, disse para si mesma. Tinha que ficar forte diante dele. Se ela se rendesse agora, não seria capaz de manter distância no futuro. Tinha que fazê-lo partir antes de se jogar em seus braços, condenando as regras de propriedade e jogando fora todos os seus sonhos de amor e matrimônio.

Ela limpou a garganta.

— Ora, Conor, o que o traz aqui tão tarde da noite? Eu estava me preparando para dormir — ela comentou, tentando parecer indiferente, como se estivessem tendo uma conversa normal.

Conor se aproximou um passo.

— Estava, Laurel? Mas está tão longe de seus aposentos — ele replicou, sua expressão ameaçadora.

Ela recuava conforme ele avançava.

— Você se refere aos aposentos que preparou na sua fortaleza?

— Esses mesmos.

— Bem, Conor. Aprecio a oferta. Realmente aprecio, mas não posso aceitar. Eu me sentirei mais confortável nesta cabana. Minha estada aqui vai ajudar a parar de alimentar a imaginação fértil de que sou algo além de uma donzela que você resgatou no retorno para casa.

— Você sabe que é muito mais do que isso.

Laurel estremeceu com a suavidade perigosa da voz dele.

— Sou? Conor, temo que não seja. Discutimos isso, e você sabe como me sinto.

— Nada mudou, mas dei minha palavra que protegeria você. Não posso fazer isso com você dormindo fora das muralhas do castelo.

Ela endireitou os ombros, os lábios apertados de raiva.

— E onde se encontram os outros membros do seu clã? Eles estão fora das muralhas do castelo.

— Eles são highlanders — respondeu, como se aquilo explicasse tudo. Então a pegou no colo e começou a carregá-la de volta ao castelo.

— Conor McTiernay! Coloque-me no chão agora mesmo. Você não tem o direito! Só porque é maior e mais forte, não quer dizer que pode ter tudo do seu jeito.

— Parece que posso, Laurel — Conor replicou, sentindo-se um pouco aliviado pela sensação dela em seus braços.

Quando ele abriu a porta da cabana e a viu perto da lareira, mal podia respirar. Seu cabelo, limpo e solto, caía além da cintura em ondas. Não está mais escondida pela sujeira e pelo sangue seco, a pele dela era linda e impecável.

Enquanto ela se debatia sem jeito nos braços dele, Conor se lembrava do quanto ela era suave. O cheiro dela o inebriava, e ele sentia seu desejo crescer. Ele não tinha ideia de como manteria a promessa de ficar longe dela. O poder

de atração dela sobre ele era incrível, e não apenas físico.

Assim que chegaram ao pátio, ele a soltou e colocou algum espaço entre eles. Aquilo não ajudou.

— Laurel, você ficará dentro das muralhas desse castelo.

— Não ficarei. Você pode me arrastar para cá, Conor, mas eu irei embora de novo. Prometo que você não vencerá essa guerra de vontades. Você pode ser um highlander, mas eu asseguro que sou páreo para sua teimosia escocesa! — Ela gritou com ele, sem conseguir conter a frustração.

A comoção no pátio chamou a atenção de muitos na fortaleza, e as pessoas vieram investigar o barulho. A surpresa de encontrar o chefe do clã discutindo com uma dama desconhecida era intrigante.

— Amor, se eu tiver que arrastá-la para cá mais uma vez, será você, não eu, quem vai lamentar.

— Ah, guarde suas ameaças para seus soldados. Você não atacaria uma senhora, criança ou cavalo, até onde sei. E não se incomode em negar.

Conor fechou os olhos em uma breve e selvagem irritação.

— Não me provoque, Laurel. Falei sério, não deixe a fortaleza de novo ou vai se arrepender.

— Está dizendo que sou uma prisioneira? Não posso cavalgar nas campinas? Não posso me banhar no rio?

— Sozinha, não. Pelo menos não enquanto eu estiver fora do castelo. Só posso garantir sua segurança se estiver atrás dessas muralhas.

Vendo a seriedade nos olhos dele, Laurel buscou um modo de fuga.

— Mas e seu povo? Eles estão seguros, não estão? A maior parte deles não vive aqui, mas lá fora! — Ela apontou para o portão pelo qual entraram.

— Você é nova nessa região, Laurel, e não posso garantir sua segurança a menos que permaneça aqui. Dentro dessas muralhas, alguém sempre estará por perto para ajudar e atender suas necessidades. Você ficará aqui, dormirá nos aposentos da minha mãe e não sairá de novo.

Laurel viu a raiva gélida nos olhos dele e soube que havia sido derrotada. Também percebeu que uma multidão bem grande estava reunindo-se para ver a discussão deles. Ela nunca se sentira tão envergonhada. Seu orgulho vinha sendo colocado à prova nos últimos dias, sempre que tinha uma discussão com

esse homem arrogante. Quer continuasse com seu comportamento indigno de uma lady, quer cedesse às exigências dele, seu orgulho levaria sempre outro golpe. Certamente não importava se ela ficava aqui ou não. Ninguém acreditaria que ela era uma lady depois de toda essa demonstração.

— Tudo bem — ela murmurou com a voz baixa de frustração —, mas, Conor, eu já prometi para você, e agora prometerei novamente, você vai se arrepender disso.

Conor soltou uma gargalhada. A mulher tinha espírito e coragem. Ninguém negaria isso. E enquanto ela ficava parada ali sob a luz da lua, com os olhos escuros como uma tempestade no Mar do Norte, ele não podia imaginar nada mais adorável.

— Imagino que sim, amor. Mas terá que ser quando eu voltar. Partirei amanhã com Cole e o chefe do clã Schellden.

A notícia surpreendeu Laurel e sua raiva foi instantaneamente esquecida — ainda que por algum tempo.

— Cole? Por que ele vai com você?

— Ele vai treinar com a guarda de Schellden — Conor ficou surpreso com sua resposta. Ele raramente se explicava para alguém. Estava se sentindo culpado por deixá-la em tão pouco tempo e não facilitar sua permanência na fortaleza. Então se pegou tentando acalmar Laurel e defender sua partida imediata. Se não tivesse sido pego tão de surpresa, ele provavelmente teria questionado a mudança de atitude de Laurel e o brilho malicioso nos olhos dela.

— Conor — Laurel disse em um tom de voz completamente diferente, quase doce. — A fortaleza não está habitável nas condições atuais. Não concorda? — Ela não esperou uma resposta. — Se eu ficar aqui, certamente não seria pedir muito se eu puder tornar esse lugar habitável. Só algumas mudanças. Garanto para você: elas só melhorariam as condições de vida aqui — Então ela sorriu suplicante para ele. *Vamos ver se meu avô estava correto,* Laurel pensou. *Pegarei mais abelhas com mel?*

— Não faça mudanças que não possam ser desfeitas.

— É claro, meu chefe. E quanto tempo ficará fora?

— Cerca de uma quinzena, espero. E, Laurel, não me chame de chefe.

— Espero que tenha uma boa viagem, Conor — ela disse com um olhar obediente, quase submisso. Ele perceberia tarde demais que o comportamento dela era mais do que um aviso.

6

Na manhã seguinte, Laurel estava ansiosa para começar a fazer mudanças na fortaleza. Teria uma quinzena para fazer o que levaria meses. Se Conor pensava em colocá-la como senhora da fortaleza, logo se arrependeria da ideia. Ela assumiria o papel e todas as responsabilidades e decisões que vinham com ele. Se Conor não gostasse das mudanças quando voltasse, bem, ela o avisara para deixá-la ficar na cabana. Se estava sendo obrigada a viver em outro lugar, este lugar seria habitável.

— Milady? — Veio uma voz baixa do lado de fora da porta.

— Entre, por favor — Ela sorriu para a jovem que entrava. Tinha grandes olhos castanhos que combinavam com o cabelo escuro que explodia em cachos volumosos. De algum modo, parecia insegura de si mesma e do que fazer na sequência enquanto apertava as mãos sem parar.

— Eu... eu posso ajudá-la esta manhã, milady. O chefe do clã disse para eu assisti-la e ser sua camareira.

— Hmm, qual é seu nome?

A garota de cabelos escuros apertou ainda mais as mãos.

— Brighid, milady.

Em um esforço para acalmá-la, Laurel se aproximou e pegou as mãos de Brighid.

— A mãe de Conor tinha uma camareira?

— Eu não me lembro, milady. Ela tinha criadas de quarto que a ajudavam em coisas como se banhar e se limpar.

Laurel sorriu e por fim conseguiu fazer contato visual com a mulher nervosa. Ela deu um último aperto nas mãos de Brighid e então parou.

— Bem, eu também nunca tive uma camareira pessoal, e realmente não gosto da ideia de começar esta prática agora. Mas adoraria que fôssemos amigas, Brighid, e, para isso, você primeiro precisa me chamar de Laurel.

— Sim, milady... Laurel. — Brighid, mais calma agora, começou a pensar na fofoca sobre a nova senhora da mansão. A notícia que se espalhara a manhã toda era sobre como a convidada inglesa desafiara o grande chefe McTiernay e vivera para contar a história. As pessoas diziam que ela até o persuadira a deixá-la fazer mudanças enquanto ele estivesse fora. Todo mundo estava curioso para saber o que ela queria dizer com aquilo.

Quando o chefe McTiernay disse para Brighid que seria responsabilidade dela atender à convidada dele, ela quase recusou. Nunca assistira uma dama antes, e achava que auxiliar uma inglesa seria especialmente desagradável. Depois, quando toda conversa da manhã se centrava em como a inglesa tentara desafiar o chefe deles, Brighid presumira com mais certeza ainda que a mulher era tola e ingrata. Contudo, a mulher que estava parada diante dela não correspondia a nenhuma de suas expectativas. Era simpática, gentil e graciosa. Brighid ficou completamente desarmada e se pegou sorrindo de volta.

— Maravilha! — Laurel exclamou. — Assim é muito melhor. Tenho tantos planos e tão pouco tempo para realizá-los. Espero conseguir sua ajuda e, com sorte, a de Glynis. Pode encontrá-la para mim? Conhece alguém que esteja procurando trabalho na mansão?

— Trabalhar aqui? Na fortaleza? Ora, sim, milady... Laurel. Muitos gostariam de trabalhar aqui, mas o chefe do clã proibiu.

Laurel assentiu como se não estivesse surpresa.

— Sim, mas tudo isso mudou. O chefe McTiernay concordou com minha solicitação de fazer algumas mudanças por aqui, e não posso pensar em momento melhor para começar do que agora. É fácil acreditar, quando você se aproxima do castelo, que está prestes a entrar no paraíso, só que essa impressão é destroçada no momento em que se sente o mau cheiro que atravessa as paredes. Não tenho ideia de como alguém consegue viver aqui, mas certamente eu não consigo, não assim.

Laurel fez uma pausa, e pareceu levemente arrependida.

— Peço desculpas pelo meu discurso. Minha língua algumas vezes não sabe quando parar. Mas você tem que concordar que limpar a fortaleza é uma boa ideia. Poderia me ajudar?

Brighid confirmou com a cabeça. A ideia de melhorar o castelo seria

acolhida por membros do clã que achavam as condições atuais vergonhosas.

Laurel sorriu entusiasmada.

— Maravilha! Por favor, vá buscar Glynis e reúna quem mais você souber que quer trabalho. Qualquer idade serve, desde que você ou Glynis sintam que é apropriado. Assegurem-se de que sejam acostumados com trabalho duro, e me encontrem no salão principal.

— Sim, milady — Brighid respondeu, sorrindo enquanto desaparecia escada abaixo. Por fim entendera tudo o que ouvira pela manhã. O chefe realmente encontrara uma senhora para o Castelo McTiernay, quer o chefe ou Lady Laurel percebessem ou não.

Laurel foi até a janela e respirou fundo algumas vezes. Conseguir ajuda era o primeiro passo em seu percurso arriscado. Estava comprometida. Agora não era hora para mudar de ideia, era hora de se organizar, disse para si mesma quando deixou seus aposentos alguns minutos mais tarde.

Quando chegou ao salão secundário, Laurel percebeu que estava completamente perdida. Teria que pedir que alguém lhe explicasse como chegar ao salão principal.

Laurel viu alguns soldados conversando do outro lado da sala, sentados em bancos e comendo restos da noite anterior. Este costume nojento em particular teria que acabar naquele dia, ela pensou. A comida devia ser preparada, comida e depois descartada. Nenhuma sobra ficaria apodrecendo para a próxima rodada. Ela se perguntou como aqueles highlanders mantinham a saúde.

— Com licença, cavalheiros?

Os homens ficaram surpresos. Era a moça da noite passada, aquela que desafiara o chefe e vivera para contar a história. Ao vê-la agora, sob a luz do dia, eles começaram a entender o motivo. Era a mulher mais linda que já tinham visto. Seu cabelo era ouro líquido que brilhava sob a luz que entrava pelas janelas.

— Podem me dizer como chegar ao salão principal?

Todos os homens se levantaram ao mesmo tempo, gritando para chamar sua atenção.

— Eu mostrarei, milady — um soldado alto e ansioso ofereceu enquanto dava uma cotovelada nas costelas de outro.

— Ela olhou para mim, não foi, milady? Eu mostrarei como chegar.

— É claro que pelo caminho mais longo, não é, Arlen?

— Eu mostrarei à dama. Sou o soldado mais graduado aqui — um homem de ombros largos pontuou, acabando de vez com o debate. Mas, pela expressão dos outros soldados, Laurel achava que voltariam a discutir assim que ela saísse.

— Milady — disse o maior soldado, indicando uma curva à esquerda quando deixaram o salão.

— Obrigada por sua ajuda. Qual é seu nome?

— Me chamam de Buzz, milady.

— Buzz, bem, é um nome interessante. Meu nome é Laurel, e eu realmente gostaria que você se acostumasse a me chamar pelo nome em vez de por um título.

— Não seria adequado se dirigir à mulher do chefe do clã pelo nome.

Aquele comentário a fez responder de maneira precipitada:

— Posso garantir, Buzz, que não sou a mulher do chefe do clã. Nem ele quer que eu seja. Por isso, continuar me chamando de milady não seria apropriado. Você entende?

Buzz olhou-a diretamente nos olhos e respondeu com um intencional:

— Sim, milady.

Laurel tentou fazer cara feia, mas era impossível com ele sorrindo para ela. *Esses highlanders eram muito teimosos depois que colocavam uma ideia na cabeça,* ela pensou enquanto seguia as instruções dele até uma construção de tamanho considerável na outra extremidade da muralha norte.

Buzz abriu uma porta larga que dava para um salão imenso. O teto era abobadado e tinha uma aparência elaborada, com a adição de largas vigas de madeira. Contra a parede leste havia uma lareira com dossel. A mesa principal ficava no fundo do salão, iluminada por uma grande janela na parede norte. Uma porta atrás da mesa principal levava a uma série de pequenos cômodos, um deles provavelmente uma latrina. Um biombo de madeira, como o que havia no salão secundário, separava o salão da área de serviço.

— Aqui é o salão principal, milady.

— Eu achava que seria maior do que o salão secundário, mas, de algum

modo, parece menor. Embora mais grandioso.

— Sim, parece assim, milady, mas ele abriga uma multidão muito maior do que a do salão secundário, dependendo de como as mesas são colocadas. Agora mesmo está arrumado para que o chefe do clã jante com a guarda de elite. Se chegarem convidados, eles também jantarão neste salão. Anos atrás, aqui era a sala privada onde a família McTiernay se reunia e fazia suas celebrações.

Laurel podia ver o motivo. Era uma grande sala aberta, bem decorada, mas também era acolhedora. Com exceção de juncos novos no chão e uma limpeza, este aposento era o último a precisar de ajuda.

Atrás dela, outra lareira estava posicionada para proporcionar calor para os dois lados do salão quando dividido. Ela olhou ao redor e se perguntou como seria entreter amigos e família ali.

Ela imaginou Conor sentado na plataforma elevada de madeira no final do salão, oposta à entrada, e se permitiu sonhar com Conor e ela ocupando os tronos, desfrutando da companhia de amigos e convidados.

A realidade se impôs. Ela notou que só duas mesas permanentes estavam posicionadas. A maioria devia estar no salão secundário ou era desmontada quando não estava em uso.

— Obrigada. E, Buzz — ele parou e se virou para ele —, posso precisar de ajuda em alguns projetos nos próximos dias. Para quem devo pedir?

— Eu enviarei uma dúzia de homens para seu serviço. Acha que será suficiente, milady?

Laurel caminhou até uma das janelas que dava vista para o desfiladeiro. Mais ao longe estavam as montanhas com os cumes brancos intercalados com campos verdes e bosques. Era possível passar o tempo só olhando para essas terras altas.

— Sim, será suficiente por enquanto. Obrigada, Buzz.

Buzz saiu e seguiu pelo pátio respirando profundamente o ar frio. Devia ser crime ser tão bonita e tão inalcançável. O sorriso dela poderia induzir exércitos a fazer qualquer coisa. Mas era mais do que beleza, ele refletiu. Era o jeito como ela se comportava.

Ele percebeu que ela era, à sua maneira, muito parecida com o chefe do clã.

O jeito como ficava naturalmente no controle, exigindo respeito e concordância. Qualquer um se pegava seguindo sua liderança de boa vontade. A única vez que ele vira o chefe do clã perder a compostura fora na noite passada, no pátio, gritando com aquela dama que acabara de chegar. Ele agora entendia o que Glynis estivera dizendo a manhã toda. Ela era realmente a mulher do chefe do clã.

Um grande sorriso se formou no rosto de Buzz quando foi escolher os soldados que ajudariam a futura Lady McTiernay. Tinha que escolher com cuidado. Garotos inexperientes, facilmente impressionáveis, poderiam se matar se desafiassem o chefe do clã pela mão dela. Não. Precisava encontrar soldados casados e felizes. Ele falaria com Finn, e juntos escolheriam a dedo cada soldado que trabalharia com ela até o retorno do chefe.

...

Glynis e Brighid reuniram várias mulheres e alguns homens para se encontrarem com Laurel no salão principal. Para alguns, era a primeira vez que entravam na grande área de recepção, e todos pareciam muito impressionados com a grandiosidade do lugar. Demorou um tempo para que Laurel conseguisse a atenção de todos, e um pouco mais ainda para convencê-los de que falava a sério cada palavra.

— Milady, está dizendo que vamos consertar a fortaleza inteira? — Perguntou um homem mais velho, que parecia bastante esperto e ativo apesar da idade.

— Bem, não sei se eu colocaria dessa forma, hmm... ah...

— Pode me chamar de Dooly, milady. — Dooly fora fazendeiro a maior parte da vida. Agora que os filhos assumiram o trabalho na terra, estava ansioso para conseguir um bom trabalho diário na fortaleza, mas não estava disposto a contrariar os desejos do chefe do clã.

— Dudley, então.

— Hmm, Dooly.

— Você disse “Dooly”? — Laurel perguntou, e quando ele assentiu, ela continuou: — Então, onde eu estava?

— Você estava explicando como vai conseguir consertar a fortaleza — disse

um dos garotos mais jovens.

— Ah, sim, obrigada. Torrance, certo?

— Sim, madame. Mas a maioria das pessoas costumam me chamar de Torrey.

— São muitos nomes, mas agradeço a ajuda de todos. Voltando ao comentário de Dooly sobre a fortaleza, eu não quero consertar o castelo. Acredito que a estrutura seja muito sólida

— Se é sólido, por que consertá-lo? — Perguntou um amigo de Torrey.

— Excelente pergunta. Eu estou me referindo à limpeza da fortaleza. Incluindo a manutenção, conservação e questões gerais sobre como as pessoas comem, dormem, se banham etc. Todas essas funções estão terrivelmente desorganizadas.

— Tem certeza disso, moça? — Perguntou um homem mais velho chamado Fallon. Corpulento, Fallon tinha a constituição de um boi, mas não era tão alto quanto os soldados highlanders que ela vira. Tinha cabelo encaracolado ruivo e uma barba vermelho-escura que começava a ficar grisalha. Apesar da aparência, portava-se com segurança e parecia compreender as ideias de mudança que ela tinha.

— Asseguro a todos vocês que conversei com o chefe do clã e recebi a bênção dele para fazer as mudanças na fortaleza.

— Mas, moça, tem certeza de que ele entendeu exatamente o que você vai mudar? — A voz de Fallon tinha um elemento de comando, como se a desafiasse.

Laurel perdeu a paciência.

— Direi isso mais uma vez. *Vou fazer mudanças.* O chefe McTiernay me proibiu de morar em outro lugar, e eu *não* viverei no monte de sujeira que esse lugar se tornou desde que a mãe dele faleceu. Não conheci Lady McTiernay, mas posso ver pelos seus aposentos privados que ela não ficaria feliz com o estado da fortaleza. Este lugar é inaceitável para receber visitantes. Se vou viver aqui, e parece que vou, farei mudanças. Pelo menos até a primavera, este lugar vai funcionar como um castelo bem organizado. Será limpo, ficará em ordem e será adequado para convidados! — Só neste momento parou de bater o pé.

Ao olhar o grupo ao seu redor depois de sua pequena revolta, ela repentinamente se sentiu envergonhada. Mais uma vez perdera o controle e, mais uma vez, era culpa de Conor. Se ele a tivesse deixado na cabana, ela teria desaparecido na paisagem. Agora, aqui estava, parecendo uma megera diante do clã dele.

— Agora eu entendo, milady — Fallon destacou, assentindo.

— Sim, está claro agora que explicou — Dooly acrescentou.

— Ah, sim — concordou uma das garotas do fundo. Laurel não se lembrava do nome dela. — Você é agora a senhora da Fortaleza.

— Senhora da...? Não, não. Não sou a senhora da... do... — ela balbuciou. — Sou apenas uma convidada que se recusa a viver como um... um... homem... McTiernay! — Aparentemente a exasperação dela com aqueles highlanders não se limitava aos soldados.

O grupo sorria novamente, dando a impressão de que conheciam algum segredo que ela ignorava. Como se a raiva dela aumentasse a cooperação. Ela respirou fundo várias vezes e tentou recuperar a compostura. Antes que conseguisse, o eclético grupo de highlanders a deixou sem palavras mais uma vez.

— Bem. Sinto muito por meu comportamento. Foi imperdoável.

— Calma, moça. Seu temperamento forte é bom. Nós gostamos disso.

— Desculpe, Dooly. Você disse que meu temperamento forte, minha tendência horrível em dizer as coisas mais inapropriadas, agrada vocês?

— Ah, sim, milady — Glynis respondeu. — Soubemos que era uma moça forte e corajosa quando enfrentou o chefe do clã no pátio.

Ah, Senhor, todo mundo sabia daquilo? Laurel se encolhia conforme Glynis falava:

— Mas agora sabemos que pretende ser honrada. Sabemos que faz o que diz e tem determinação para ver as coisas feitas.

— Bem, é claro, eu não quero fazer nada desonroso. Vocês realmente achavam o contrário? — Ela perguntou para a multidão e recebeu vários acenos de cabeça e sorrisos em resposta. — O que, em toda Escócia, dariam essa ideia para vocês?

— Você desafiou o chefe do clã.

— Sim, desafiou e não se arrependeu.

— Sim, eu vi com meus próprios olhos — disse um rapaz mais velho. Era mentira, é claro. O pai dele testemunhara a troca de palavras e relatara a história concluindo que o chefe logo teria uma esposa inglesa, ou os ingleses tinham ficado ainda mais estúpidos em desrespeitar um chefe de clã escocês poderoso como McTiernay. O pai dele suspeitava que a primeira opção era a verdadeira, já que o chefe do clã exigira que ela o chamasse pelo primeiro nome.

Morrendo de curiosidade, Laurel perguntou:

— Então meu desprezo pelas instruções do chefe do clã de que devo ficar na fortaleza me torna honrada?

— Ah, não. Isso só a torna corajosa.

— Sim... isso ou estúpida — o jovem Torrey disse baixinho.

Seu amigo imediatamente defendeu Laurel.

— A senhora do chefe do clã não é estúpida!

Glynis ignorou a briga e tentou explicar.

— É sua defesa da mãe do chefe do clã e dos desejos dela que a tornam uma pessoa honrada.

Laurel estava ficando tonta com toda aquela conversa sem sentido. Aquelas pessoas eram muito amistosas, mas formavam um grupo que podia confundir rapidamente uma pessoa. Ela tinha que assumir o controle da conversa, e tinha que ser agora.

— Obrigada pelo esclarecimento... acho. Mas eu gostaria de discutir meus planos para a fortaleza. Primeiro o salão secundário e a cozinha.

Imediatamente, todos começaram a resistir à ideia.

— A cozinha, milady? Tem certeza que quer...

Laurel interrompeu as perguntas e as dúvidas. Odiava fazer isso, mas se os deixassem debater todas as suas reservas sobre cada decisão dela, nada seria feito antes do retorno de Conor.

Embora ela tivesse sido honesta sobre ter recebido permissão de Conor para fazer algumas mudanças, tinha quase certeza que ele não percebera que transformação ela tinha em mente. Mas assim que estivesse feito, ele ficaria satisfeito, ela disse para si mesma. Sim, pois quem queria viver daquele jeito?

— Sim, tenho certeza que são necessárias mudanças na cozinha — ela afirmou. — Mas primeiro temos que cuidar do salão secundário. Torrey?

— Sim, milady?

— Por favor, encontre Finn e pergunte se ele pode me encontrar mais tarde. Preciso falar com ele sobre algumas regras novas e importantes para o pátio e o salão.

Torrey não conseguiu esconder a surpresa.

— Vá agora, Torrey — Laurel disse na voz mais autoritária possível e o viu sair em disparada pela porta. Então ela pediu para o grupo acompanhá-la até o salão.

No dia anterior, ela vira o salão secundário e se surpreendera com as condições do aposento. Era claro que os juncos no chão estavam velhos. Em alguns lugares, simplesmente desapareceram, reunindo restos de cerveja, gordura, ossos, excremento, saliva e várias outras coisas nojentas deixadas para apodrecer, crescer ou feder.

Quando entraram no ambiente malcheiroso, Laurel começou a dar instruções. Não percebera que começara a falar em gaélico, explicando rapidamente como todos os juncos do salão deveriam ser arrancados e substituídos por novos.

Ela queria arrumar a posição das mesas, a fim de facilitar a entrada e a saída dos criados. O salão todo devia ser esfregado, e as janelas precisavam ser lavadas. As lareiras tinham que ser limpas, e toras de madeira seca empilhadas em cada lado.

— Bem, já é um bom começo. Acho que devolver o salão a uma condição decente será a tarefa mais difícil. Então vou deixar a maior parte de vocês trabalhando neste aposento por enquanto. Nos próximos dias, provavelmente vou espalhá-los em áreas diferentes da fortaleza — E sorriu.

Os corações que Laurel não conquistara com sua confiança foram ganhos pelas ordens dadas no idioma deles. E os poucos homens das gerações mais antigas que ainda tinham dúvidas se a aceitavam ou não foram imediatamente enredados por seu sorriso.

— Fallon. Eu gostaria de colocá-lo como responsável pelo salão secundário, se estiver disposto.

— Sim, moça, eu estou disposto. Mas como vamos limpar o salão com os soldados comendo e socializando ao mesmo tempo?

— Nenhum soldado entra no salão até que tudo esteja pronto.

— Mas isso pode levar vários dias — Fallon respondeu, tentando ter certeza que a entendera corretamente.

— Verdade, e eles terão que encontrar outro lugar para conversar e comer. Já comi, dormi e conversei ao ar livre e garanto que é melhor do que este salão — Laurel afirmou enquanto acenava com a mão, indicando a bagunça do chão. — Glynis? Brighid? Por favor, me levem até a cozinha. Fallon, estaremos lá se você precisar de mim — E virou-se para partir, ouvindo Fallon gritar instruções para o restante do grupo.

Lá fora, ela se voltou para Glynis.

— Glynis, quero fazer uma pergunta e quero que seja inteiramente honesta comigo.

— É claro.

— Você consideraria assumir uma posição mais importante, permanente, aqui no castelo? Para ser mais específica, falo em tornar você a governanta dos McTiernay. Percebo que essas posições são pouco usuais, no entanto...

— Milady, essa é a sua posição.

— Mas... como não sou a senhora da fortaleza, o tamanho do castelo exige uma supervisão. Sei que é inesperado, mas você pensaria nisso? Pelo menos por um tempo? Ou seu marido...

— Ah, não, Dudley ficaria orgulhoso, e minhas garotas podem assumir o trabalho de casa. Mas é muita responsabilidade. Eu costumava ajudar Lady McTiernay, Deus tenha sua alma, com pequenas tarefas, mas governanta?! Só os lugares mais grandiosos têm uma e, bem, isso é muito importante. Eu não quero desapontá-la, moça.

Laurel podia ver que Glynis estava um pouco abalada com a ideia. Ela voltara a chamá-la de moça, em vez de milady.

— Não se preocupe, Glynis. Tenho experiência em gerenciar fortalezas grandes, ainda que tenha que admitir que nunca nessas condições. O que precisamos, realmente, é de um mordomo para a fortaleza, mas não sei como encontrar um — Ela fez uma pausa, pensando em como e a quem a tarefa

podia ser atribuída. — Vai dar um trabalho considerável deixar o castelo do jeito que ele deve ser e treinar uma equipe para mantê-lo. Mas confio em você e sei que será honesta comigo. Preciso de alguém que me fale sobre os costumes das terras altas e responda minhas perguntas. Você fará isso? Não, não responda. Por favor, fale com seu marido primeiro e me dê sua resposta pela manhã.

Então ela se virou para Brighid.

— Se puder me mostrar o caminho até a cozinha, Brighid. Glynis, quem é a cozinheira?

— Hmm, hoje é vez de Fiona, então a comida deve estar boa. Ela gosta da cozinha.

— Quer dizer que a cozinha é compartilhada entre várias mulheres? E algumas delas não gostam de fazer isso?

— Ah, a maioria odeia a tarefa, moça. Elas têm famílias para cuidar, e a carga extra de cozinhar para os guerreiros do clã é difícil para algumas.

— Ora, presumo que sim. E quem é a melhor cozinheira?

— Fiona, sem dúvida, milady. Devia experimentar o bolo negro dela. Derrete na boca. Nada parecido ao da Melinda. Você comeu noite passada.

Laurel se lembrava da refeição da noite passada. Era um dos motivos pelo qual colocara a cozinha no topo da lista de itens que precisavam de atenção imediata. A comida era intragável. O pão estava duro e seco, e a carne malpassada e sem gosto. Ficara surpresa em ver um clã daquele tamanho comendo tão mal.

Chegaram à cozinha e entraram. Construída entre os dois salões do castelo, com portas que davam acesso a ambos, era, na verdade, um conjunto de cozinhas menores fundidas em uma sala maior. Havia vários fogareiros para aquecer e preparar as refeições, além de uma grande lareira na área central.

A lareira era impressionante e surpreendentemente ornamentada por ser localizada na cozinha. Era uma estrutura de pedra quadrada construída de modo a levar a fumaça para fora do ambiente. Atrás da cozinha, ela podia ver partes da copa onde os utensílios eram lavados e a galinha era preparada para ser cozida.

Laurel estivera em várias cozinhas quando criança, visitando seu avô e os

amigos de sua mãe. Pela lembrança dela, a cozinha McTiernay era muito bonita, limpa e com bastante espaço para trabalhar.

— Olá, Fiona? — Laurel perguntou, dirigindo a pergunta para a pessoa que sovava massa em uma mesa de madeira. A mulher de constituição forte e cabelos grisalhos não levantou os olhos e continuou seu trabalho. — Meu nome é Laurel, e estou aqui como convidada do chefe McTiernay durante o inverno — Ainda sem resposta. — Para que eu ficasse, ele consentiu que eu fizesse algumas melhorias na fortaleza — Fiona não estava facilitando para ela. Os outros, no salão, não viam a hora de falar com ela. Parecia que Fiona não via a hora que ela se calasse e fosse embora. *Bem, Fiona teria que esperar até a primavera para realizar seu desejo,* Laurel pensou.

— Fiona, continue sovando. Mas escute-me com cuidado. Você é agora a cozinheira da fortaleza. Não vai mais revezar esses deveres com outras mulheres do clã. A cozinha e seus assistentes serão sua responsabilidade. A qualidade da comida vai refletir sobre você. Se não estiver adequada para comer, você será substituída. Me entendeu?

A velha mulher só continuou sovando a massa, só que com menos força. Laurel sabia que era um teste de vontade e não seria a primeira a recuar. De repente, o cenho de Fiona se franziu.

— Posso escolher meus ajudantes? — Ela perguntou.

— Sim, mas precisa dizer para Glynis quem são. Os deveres deles incluirão ajudar você a preparar e servir as refeições.

— Posso escolher o cardápio?

— Hmm. A escolha do cardápio deve ser minha ou da governanta. Mas certamente ouviremos suas ideias — Enquanto observava Fiona ponderar sobre sua mudança de posição na fortaleza, Laurel adivinhou o verdadeiro obstáculo à aceitação da mulher.

Fiona amava cozinhar. Era boa nisso, e sabia que o chefe do clã apreciava sua contribuição. Isso a deixava orgulhosa. Mas também era um trabalho insano, em especial com os homens gritando por comida o tempo todo, dia e noite.

— Fiona, só mais uma coisa. As refeições agora serão servidas três vezes ao dia. Os soldados que gritam o tempo todo por comida são desagradáveis e

rudes, sem mencionar o desastre que isso causa na cozinha. Por favor, coordene com Finn quais devem ser os horários. Podemos ser complacentes, mas só até certo ponto. Pense nisso, Fiona, e, por favor, me diga o que decidiu.

— Ouvi meu nome? — Finn perguntou surgindo na porta da cozinha.

— Ouviu, Finn. Poderia andar um pouco comigo? Glynis, por favor, veja com Fiona o cardápio de hoje. Depois que Finn e eu conversarmos, eu gostaria de dar uma volta pelo castelo.

— O castelo todo? Não só a fortaleza?

— Sim, o castelo todo — Laurel respondeu. Então se virou, sorriu para Finn e saiu na direção do pátio com um comportamento régio de quem apenas exigia obediência. Finn se perguntou se ela percebia aquilo ou se vinha naturalmente dela.

— Então, milady, ouvi você dizer que vai fazer mudanças no salão secundário e que nenhum dos meus homens pode entrar lá agora — ele comentou bruscamente.

Ela estava prestes a defender suas ordens quando o viu sorrir. Algum dia entenderia esses highlanders? Era provável que não, mas gostava deles. Sim, gostava muito deles.

— Finn, entendo que, como comandante da guarda, você fica a cargo dos soldados e do treinamento deles enquanto Conor está fora?

— Mesmo quando ele está aqui, milady.

— Ah, é mesmo? Bem, eu gostaria de pedir sua ajuda em várias coisas.

Finn lhe deu um olhar especulativo.

— Se eu puder lhe servir.

— Bem, primeiro, como você sabe, eu gostaria que os homens ficassem fora do salão secundário até que ele esteja limpo e arejado. Presumo que não será um problema ou você já teria dito alguma coisa.

Ele ergueu a sobrancelha, apreciando a astúcia dela.

— Milady me conhece bem.

— Não, só estou começando a reconhecer que, quando os highlanders não gostam de algo, eles são bem rápidos em berrar ou brigar.

Finn deu uma gargalhada, mas não negou a verdade na afirmação sincera dela.

Laurel riu com ele.

— É só um pequeno pedido, para que o salão tenha uma manutenção melhor e adequada.

— Os homens apreciarão isso — ele declarou enquanto seguiam até a padaria.

— Concordo. Mas como são a causa primária da acumulação de sujeira e comida no chão, espero que seus soldados sejam a solução primária. — Finn entendeu o ponto dela, mas não sabia o que ela esperava dele e pediu explicações. — É seu trabalho como comandante garantir o comportamento deles tanto dentro quanto fora do campo, certo?

— É claro.

— Então, Finn, espero que seus soldados ajam como os homens que as mães deles criaram. Tenho certeza que elas não os deixavam ser desleixados e sem modos enquanto cresciam. Por favor, assegure-se de que eles se comportem adequadamente de agora em diante — Sem lhe dar uma chance de argumentar, ela prosseguiu. — Além disso, precisamos falar sobre os horários das refeições. A comida será muito melhor no futuro, mas a fim de manter a boa vontade da cozinheira, vocês precisam tratá-la com respeito e apreço. Fiona vai coordenar a cozinha, e você precisa ver com ela quando as refeições serão servidas.

Finn a interrompeu.

— Fiona vai fazer toda a comida de agora em diante? — Quando ela assentiu, ele perguntou: — Como conseguiu isso?

Laurel lhe deu um sorriso maroto.

— Isso importa?

— Sim, Fiona é a melhor cozinheira do clã. Com essa única manobra, espero que consiga fazer todas as mudanças que deseja, agora. Eu estava me perguntando como o chefe do clã reagiria às suas mudanças, mas com Fiona cozinhando... bem, sugiro que use isso como trunfo, e ele vai ceder a todas as suas exigências — Ele sorriu maliciosamente.

— Como eu disse — ela tentou imponente, mas falhou miseravelmente —, fale com Fiona sobre os horários em que seus homens serão alimentados. Apenas três refeições, veja bem. Sugiro que lembre de suas próprias palavras

quando tratar algo com ela. Se quer que ela os alimente, precisa se comprometer com as instruções dela.

— Sim, milady. Algo mais?

— Hmm, só mais uma coisa. O treinamento no pátio.

— Não pode me pedir para parar com o treinamento. Nem Conor nem eu faríamos isso, ainda que tenha conseguido que Fiona faça a comida.

— Ah, bobagem. Vocês, highlanders, adoram sair pela tangente e presumir coisas que são simplesmente absurdas — Ela suspirou. — O que quero pedir para você é sobre o horário do treinamento. Quantas horas os seus homens treinam a cada dia?

— Várias horas, milady.

— Eu estava me perguntando se não poderíamos programar horários de treinamento no pátio. Notei esta manhã que o pessoal da fortaleza interfere com frequência em seus treinamentos quando tentam passar para outras áreas do castelo.

Era verdade. Os membros do clã que trabalhavam dentro do castelo interrompiam o treinamento sempre que tentavam passar para fazer seus deveres. Há vários meses, um homem se machucara durante um exercício de espada. Era incrível que tivesse sobrevivido.

— O que sugere, milady?

— Há várias opções, Finn. Talvez eles pudessem parar uma vez a cada hora, para que as pessoas pudessem passar. Ou talvez o treino pudesse parar por uma hora durante a manhã, e novamente à tarde.

Finn não pareceu gostar daquelas ideias.

— É difícil começar e parar um treinamento, milady. Não se pode simplesmente parar no meio da prática. Seria contraproducente.

Laurel entendeu o ponto de vista dele.

— Talvez o treino da manhã pudesse acontecer no pátio, mas depois do almoço eles poderiam retomar do lado de fora das muralhas.

Finn viu sentido naquela sugestão. Nos meses mais quentes, o treino do lado de fora do castelo não seria um problema. Era só nos meses mais frios, quando tempestades de inverno inesperadas surgiam que ele gostaria de treinar mais perto — se não dentro — das muralhas. Mas tinha certeza de que

conseguiria encontrar uma área de treinamento adequada.

Laurel parou e tocou na manga de Finn para demonstrar seu apreço.

— Entendo que nenhuma das opções são ideais para o treinamento de um guerreiro, mas ajudaria os trabalhadores do castelo a cumprir seus deveres e ainda ficar longe dos soldados.

— Todos vamos tentar ajudar. Eu prometo.

Laurel apertou as mãos, envergonhada pelo excesso de pedidos.

— Mais uma coisa, Finn. Falei com Buzz mais cedo, um homem muito doce, sobre conseguir ajuda para algumas tarefas mais físicas. Ele disse que conversaria com você sobre isso.

Finn riu consigo mesmo sua referência a Buzz, o Briguento, como "um homem doce".

— Buzz e eu conversamos. Mandaremos pelo menos meia dúzia de homens para ajudá-la a cada dia. Precisam ser sempre os mesmos ou podemos alternálos?

— Como for melhor para você, Finn. Eu aprecio sua ajuda — Laurel suspirou. — Bem, suponho que seja isso por enquanto. Obrigada novamente. E, por favor, fale com Fiona sobre a comida para os homens enquanto o salão estiver fechado e acerte um horário permanente para as refeições diárias.

— Sim, milady — Finn respondeu e voltou aos seus deveres um pouco atordoado com a conversa. Ele não achava que Laurel fosse cumprir a promessa feita ao chefe do clã sobre "lamentar o dia". Mas ali estava ela, bem no caminho de fazer exatamente isso.

Laurel Cordell certamente sabia como lidar com as pessoas. Ele viu como Fiona respondeu para ela. Laurel podia não perceber, mas Fiona, embora fosse a melhor cozinheira do clã, era também a mais excêntrica, sempre procurando um jeito de contrariar. Finn achava que a natureza pouco cooperativa de Fiona era o real motivo pelo qual o chefe do clã não a apontara como cozinheira logo no início. Ele não queria ouvir reclamações dela. Mas de algum modo, Laurel conseguira um jeito de lidar com a velha mal-humorada.

Finn se perguntou se Laurel percebia que, com cada mudança que fazia, com cada coração que conquistava, estava solidificando seu futuro — ela estava aqui para ficar.

...

Laurel estava animada com o progresso do dia. Glynis e ela estavam avaliando a fortaleza e, embora tivesse muita coisa para ser feita, tudo parecia possível agora. Ela dizia para quem quisesse ouvir que estava fazendo aquilo para seu próprio benefício, que não podia viver em um lugar tão desmantelado. Mas, na verdade, pensava em Conor. Tornar o castelo confortável para ele, para sua família e seus convidados era um dos poucos presentes que ela podia lhe dar como retribuição à sua ajuda.

— Posso fazer uma pergunta? — Glynis perguntou, enquanto atravessavam o pátio. Laurel deu um salto, assustada. Estava sonhando acordada de novo.

Glynis estivera se perguntando se Laurel percebia que mudava do inglês para o gaélico com frequência enquanto dava instruções ou sugestões para as pessoas. Queria perguntar sobre aquilo a manhã inteira.

— Claro, Glynis. Qual é sua pergunta?

— Como é capaz de falar nossa língua tão bem?

Ah, não, Laurel pensou enquanto mordia o lábio inferior. Como ia sair dessa? Odiava mentir e sabia que não fazia isso muito bem.

— Eu, ah, aprendi com meu avô. Ele aprendeu com o avô dele, e assim por diante. Todas as pessoas do lado da minha mãe sabiam o idioma desde que podiam se lembrar.

— Seu avô era escocês? — Glynis forçou.

A mente de Laurel rodopiava. Como ia desviar dessa pergunta? E se simplesmente se recusasse a responder?

— Meu lar era nos montes Cheviot, em Northumberland. Fica bem perto da fronteira entre a Inglaterra e a Escócia.

Glynis se perguntou se Lady Laurel estava tentando se esquivar de suas perguntas.

— Sente falta da sua casa, milady?

— Sinto falta de caminhar ao longo da costa e pelas pedras. Há praias arenosas e portos de pesca bonitos para explorar e se divertir — Então passaram pelo portão da guarda e Laurel viu os campos ondulantes de relva e as montanhas cobertas de neve. Acrescentou de modo impulsivo. — Mas agora

que vi suas terras altas, sempre serei capaz de lembrar a verdadeira beleza da natureza.

Por duas vezes Laurel evitou responder às perguntas de Glynis, mas a nova governanta não foi enganada pelas evasivas da lady. Na verdade, a relutância de Laurel em tocar em certos assuntos só confirmava a conclusão da governanta de que sua senhora era de fato parte escocesa. Glynis ponderou sobre outros estranhos comentários de Laurel. Ela se referia ao seu lar no passado, como se nunca fosse voltar. Para onde a lady iria na primavera, então? Glynis imaginava que era para algum parente escocês. Como amante de toda boa fofoca, Glynis não podia esperar para espalhar as notícias depois que terminassem a volta pelo castelo.

— Agora estamos nos aproximando dos estábulos. Neal é o mestre dos estábulos e responsável pelos cavalos do chefe do clã. Trabalha nos estábulos do castelo desde que nosso chefe era um rapaz pequenino.

Laurel parou para ver Borrail e cumprimentar Neal. Neal não a via desde que ela chegara à fortaleza com o vestido rasgado e o rosto todo sujo. Pôde ver na ocasião que Laurel era uma moça bonita, mas não estava preparado para o que via agora. A notícia de que a senhora do chefe do clã era excepcionalmente bonita se espalhara rapidamente, mas ele pensava que os rumores exageravam a respeito do chefe estar caído por ela. Mas os rumores não eram exagerados. A lady que sorria para ele e perguntava sobre Borrail era uma criatura etérea vinda do paraíso.

— Seu cavalo está feliz em vê-la, moça. Ele quer correr e está ficando inquieto no estábulo — ele disse, enquanto se aproximava dela e acariciava as costas de Borrail. Laurel acariciava o pescoço e a cabeça do cavalo e coçava suas orelhas.

— Ah, Borrail, não se preocupe. Não me esqueci de você. Mas tenho muito o que fazer. Prometo que assim que puder, daremos uma volta. Vamos cavalgar bem rápido. Isso o fará feliz? — Ela murmurou baixinho.

Neal se aproximou de Glynis e falou baixinho.

— A moça está falando em gaélico com o cavalo!

— Sim, com frequência ela fala na língua dela e na nossa. Algumas vezes até na mesma frase. Acho que ela não percebe — Glynis então se inclinou

como se tivesse um grande segredo. — Ela é parte escocesa, Neal. Aposto minha vida. Tem um temperamento elegante, e nenhuma moça inglesa pode ser assim tão bonita. Isso é sangue escocês — Ela fez uma pausa, gostando de ver que Neal era receptivo à ideia. — E o idioma. As ordens que ela dá na nossa língua só comprovam minha opinião.

— Sim, o chefe do clã escolheu bem — Neal confirmou.

— Sim, escolheu. Mas você não acreditaria nisso se a ouvisse. Ela acha que vai partir na primavera.

Neal negou com a cabeça. A moça devia acreditar que iria partir. Até o chefe do clã ainda podia acreditar que a deixaria ir. Mas Neal sabia que não seria assim.

— Está pronta para ir, milady? — Glynis perguntou.

— Sim, mas só mais um instante. Neal, você é responsável por quantos cavalos?

— O do chefe do clã e os da guarda principal.

— Isso é muito trabalho. Alguém o ajuda quando todos estão em casa? — Laurel pôde ver pela sua postura e pela cara feia que a resposta era não. O trabalho no estábulo era duro. Neal devia ter apoio para que seu conhecimento fosse passado para a geração seguinte.

— Não preciso de ajuda — ele respondeu sombrio, sem saber se devia ou não se sentir insultado. Laurel o acharia incapaz? Fraco?

Ao ver que o orgulho dele estava ferido, ela intercedeu rapidamente.

— Há vários homens jovens no castelo que precisam aprender como cuidar de cavalos. Seria útil para Finn, durante o treinamento, se os garotos já dominassem as habilidades de cuidar de seus cavalos. Acha que poderia fazer isso? Apenas um ou dois garotos por vez? Eles precisam entender o que significa cuidar de um cavalo. Não é um trabalho simples, que pode ser feito quando for conveniente.

Ele ficou olhando para ela. Desde que o chefe do clã dispensara a ajuda no castelo, Neal via o conhecimento dos mais velhos desaparecer. Só lutas e estratégias de batalha eram passadas adiante agora. Parecia que o castelo McTiernay passava por mudanças, e Neal faria o que fosse necessário para apoiá-las.

— Sim, milady. Seria um verdadeiro prazer — ele respondeu com os olhos brilhando.

— Adiante, Glynis. Precisamos deixar que este homem continue seu trabalho — Laurel sorriu e pegou o braço da mulher que rapidamente se tornava uma amiga próxima.

O lugar seguinte que Laurel inspecionou foi a capela. Era um aposento simples, retangular, com dois andares, situado perto da Torre da Estrela. A nave dividia o lugar horizontalmente, separando a área do chefe do clã na parte superior do restante do clã na metade inferior. A majestade da construção vinha do teto abobadado, maravilhosamente embelezado por um artista viajante que visitara o castelo há várias gerações.

O teto ornamentado era balanceado pela decoração simples abaixo. Os corredores tinham fileiras de pilares de pedra que apoiavam o telhado de madeira, e o aposento era cheio de bancos que pareciam robustos, mas empoeirados. Os bancos reservados para o chefe do clã e sua família eram estofados e precisavam desesperadamente de reparos. O altar parecia que não era usado há um bom tempo.

— Glynis, vocês não têm sacerdote?

— Sim, temos. Ele só não aparece há um tempo.

— Eu me pergunto o porquê — Laurel murmurou para si mesmo, de forma sarcástica. — Assim que os homens terminarem o salão secundário, faça-os limpar esta capela.

— Sim, milady.

— Vocês têm algum material aqui? As cortinas, os assentos estofados e as coberturas do altar precisam ser refeitos.

Glynis guiou Laurel habilmente para fora da capela e mudou o assunto da conversa.

— Há muito material na Torre Norte. Se posso sugerir, você devia usar alguns daqueles tecidos para seus vestidos.

A primeira reação de Laurel foi recusar a sugestão, mas então percebeu que seria tolice.

— Suponho que você esteja certa. Não posso continuar usando a mesma roupa todo dia, não é? — Ela começou a olhar para o próprio vestido. Apesar

dos reparos, ainda estava muito estragado. — Tem certeza de que ninguém vai usar mesmo este tecido? Não vai ser usado em nenhum outro propósito?

— E eu daria uma sugestão dessas se fosse proibido usar aquilo? — Depois de passar a manhã com sua senhora, Glynis estava mais confortável em falar o que lhe vinha à mente. Parecia que a senhora respondia melhor à conversa franca. Laurel era aberta a sugestões, mas tomava decisões com facilidade. O castelo McTiernay floresceria novamente com ela a cargo dos assuntos domésticos.

Glynis observou Laurel por alguns instantes e mudou de direção enquanto declarava:

— Agora é hora de voltar para seu quarto, antes do jantar. Pedirei para Brighid preparar um banho e levar alguns tecidos para seus aposentos. — Foi só então que Laurel percebeu que estava no pé da escada em caracol da Torre da Estrela. Glynis estava encerrando o tour do dia.

— Não ainda, eu gostaria de ver...

— Não, acho que agora chega. O chefe McTiernay torceria meu pescoço se descobrisse como milady trabalhou duro. Lembre-se, sei de suas costelas, e vi com quanta dificuldade respirou depois de subir as escadas da capela.

Laurel não podia discutir sobre sua respiração. Estava pesada. Sentia-se como uma inválida, mas sabia que se forçasse muito, se fosse longe demais, poderia ficar de cama.

— Tudo bem. Apenas essa noite — Laurel aquiesceu e subiu as escadas até seu quarto.

Estava sentada no sofá perto da janela, relaxando ao olhar a vista, quando alguém bateu.

— Entre — ela disse esperando que Brighid respondesse. Em vez disso, os dois McTiernays mais jovens entraram no quarto.

— Ora, olá! — Laurel exclamou. — Achei que tinham acompanhado Conor até a propriedade do chefe Schellden.

— Não, ele não nos permitiria ir — Clyde respondeu, subindo na cama de sua mãe como costumava fazer quando era mais jovem. Conan pulou do lado dele e se esparramou de barriga para cima, olhando o teto.

— Adoro este quarto. Mamãe nos deixava brincar aqui o tempo todo —

Conan comentou.

— Devem ser boas lembranças. Quando foi a última vez que estiveram aqui? — Laurel perguntou.

— Ah, quando mamãe morreu, Conor trancou o quarto e proibiu qualquer um de usá-lo. Ele só abriu novamente quando você chegou. — Conan explicou.

— Conor deve realmente gostar de você. Você vai se casar com ele? — Clyde perguntou com inocência. — Espero que sim. Você é bonita e gentil. Como mamãe.

— Ora, obrigada, Clyde. Gosto de vocês também. Mas não acho que vou casar com seu irmão. Ele é um homem importante e precisa de alguém digna de seu clã.

— Você é importante! Melhor ainda, você é inteligente! — Conan defendeu, crente que inteligência e esperteza eram os atributos mais importantes que alguém podia ter. — A maioria das pessoas acha maravilhoso você estar limpando o castelo. Que já era hora de alguém convencer nosso irmão a fazer mudanças. Só algumas pessoas não conseguem acreditar que você desafiou Conor e têm medo do que acontecerá.

Clyde deu uma risadinha e caiu de costas na cama.

— Espere até que vejam você atirar uma faca!

Laurel ignorou a risada do garoto.

— Conan, por que limpar o castelo seria desafiar Conor? — A ideia não fazia sentido. Conan devia ter entendido errado as intenções do irmão.

— Conor disse que nós éramos... nós éramos... inatos — Clyde contou, franzindo o cenho ao tentar se lembrar das palavras exatas de Conor. O comentário fora feito há vários anos, quando Clyde tinha pouco mais de seis anos.

— Ingratos — Conan começou a zombar, exigindo mais de seu intelecto e seu vocabulário.

Laurel franziu as sobrancelhas.

— Hmm, e ele se referia ao clã ou aos seus irmãos?

— A nós, eu acho. Embora não a Clyde e a mim em particular. Eram os gêmeos e Cole que eram os piores. Ele ficou louco uma noite, mandou todo mundo para casa e disse que até que aprendêssemos a apreciar a ajuda dos

demais, não teríamos nenhuma. — Conan deu de ombros. — Acho que ainda não aprendemos.

Laurel sorriu, compreendendo. Pobre Conor. Esforçara-se tanto para fazer a coisa certa, mas o resultado não fora o esperado. Ela se sentou na cama entre Clyde e Conor e pegou as mãos de ambos.

— Bem, a ajuda vai voltar, juntamente com os bons modos e a gratidão. Isso posso assegurar para vocês, pois seu irmão está certo. Se não conseguem apreciar o auxílio de seu clã, não devem usufruir dela. No entanto, ao contrário de Conor, não pretendo privar todo mundo de uma fortaleza bem estabelecida e limpa só por causa de alguns garotos indisciplinados e *ingratos.*

— Laurel? O que quer dizer com *ingrato*? — Clyde perguntou ainda intrigado com o significado da palavra.

Uma voz profunda entrou pela porta.

— Quer dizer que se vocês não são gratos ou não reconhecem o trabalho que alguém faz por você, não merece essa ajuda — Finn assustou todo mundo quando entrou no quarto. — Estou supervisionando a água do banho que estão trazendo.

— Finn! Isso não devia ser sua responsabilidade! — Laurel exclamou.

— Garantir seu bem-estar é parte dos meus deveres enquanto o chefe do clã está fora. — Ele não acrescentou a ordem enfática de Conor de que era responsabilidade de Finn gerenciar todas as tarefas associadas a ela. Seu chefe não queria que ninguém ajudasse ou trabalhasse com Laurel em assuntos pessoais, como preparar um banho.

— Isso é ridículo. Eu posso descer até a cozinha para me banhar. Ninguém vai querer trazer água aqui para cima por aquelas escadas por minha causa.

Ela se levantou e seguiu na direção da escada. Finn parou na frente dela. O homem era imenso. Ela achava que ele era quase da altura de Conor, embora não tivesse a estrutura musculosa do chefe. Conor era o equilíbrio perfeito entre a altura e a força. Ela gostaria que ele estivesse ali, mesmo que fosse só para discutir com ele.

Neste instante, Brighid deu a volta no corrimão com tecidos, fitas e rendas. Seus olhos se arregalaram com o número de pessoas nos aposentos de sua senhora. Conan e Clyde ainda estavam na cama, sorrindo e vendo o

comandante da guarda e a senhora discutindo sobre alguma coisa.

Brighid assumiu uma postura de timidez.

— Ah, sinto muito. Devo voltar depois, milady? Glynis me disse que eu devia trazer isso, mas se está no meio de alguma coisa... — Ela parou de falar, claramente perplexa.

Feliz pela interrupção, Laurel exclamou:

— Maravilhoso! Brighid, presumo que esses são os tecidos sobre os quais Glynis me falou? — A jovem donzela assentiu. Laurel foi examinar os tecidos e começou a balançar a cabeça.

— Ah, não. Esses não servem. Eu queria tecidos resistentes para cadeiras e cortinas. Só o xadrez parece adequado, mas não tem o suficiente para isso.

Brighid respondeu, sem jeito.

— Eu ia dizer, milady, que os outros tecidos não serão encontrados até que tenhamos feito cinco belos vestidos novos para a senhora — Ela olhou para sua senhora com os olhos arregalados. Brighid estivera nervosa o caminho todo por ter que dar o recado. Mas Glynis fora clara que não importava o quanto Laurel argumentasse, adulasse ou exigisse, Brighid não poderia ceder. Os desejos do chefe do clã se sobrepunham aos de qualquer outro, e a nova governanta tinha certeza que aquela era a vontade de Conor.

Laurel pensou em argumentar, mas não queria colocar Brighid na posição de escolher entre ela e Glynis na frente de Finn.

— Tudo bem. Não estou concordando, veja bem. Só sei que terei que levar meus argumentos para Glynis amanhã.

Brighid pareceu aliviada.

— Sim, milady. Posso colocar esses tecidos ali? — Ela perguntou, indicando o sofá com o queixo. Laurel não queria ceder seu lugar favorito no quarto. Olhou ao redor e encontrou um divã vazio em um canto. Começou a arrastá-lo para frente da lareira quando Conan levantou-se de um salto e veio ajudá-la.

— Obrigada, Conan. Você foi de grande ajuda. — Ela destacou, lembrando de sua promessa para Neal. — Brighid, por favor, deixe-os aqui. Finn, antes que você vá embora, posso fazer outro pedido?

Ele arqueou as sobrancelhas em resposta, curioso em saber que outras

mudanças ela tinha em mente.

— Sim.

— Eu gostaria que Neal tivesse um ou dois aprendizes para ajudá-lo. Ele está ficando mais velho e o cuidado com toda aquela tropa é difícil para alguém da idade dele — Ela ergueu a mão para evitar o comentário dele antes que fosse proferido. — Não, ele não reclamou. É claro que não faria isso. Mas isso não significa que ele não precise de ajuda. Mas, principalmente, ele é uma fonte de sabedoria na qual ninguém está bebendo.

— Sobre o que está falando, moça? Conor está certo. Você fala em círculos. — Finn ficou parado com as mãos nos quadris.

Laurel estava exasperada.

— Eu não falo em círculos.

— Sim, moça, você fala. Poderia rivalizar com minha esposa na arte de bagunçar a cabeça de um homem. Aileen fala exatamente como você. Ou é uma charada ou algum exemplo oculto para chegar à conclusão oposta. E com o bebê chegando só está piorando. Ela nunca diz o que está em sua mente — Ele inspirou fundo e soltou um suspiro. — Então, o que quer dizer, moça, com Neal ser uma fonte sem água?

Laurel balançou a cabeça, perguntando-se como algo tão simples podia ser incompreendido com tanta facilidade.

— Quero dizer que Neal sabe muita coisa sobre cavalos. Tem um estoque imenso de conhecimentos. Ele sabe o que os cavalos precisam em todos os tipos de clima, pode curá-los quando estão doentes, e pode treiná-los para montaria. Este conhecimento será perdido se não tiver ninguém que ele possa ensinar.

Desta vez Finn consentiu e prometeu procurar dois rapazes para começar o treinamento nos estábulos. Também concordou que a tarefa devia ser alternada entre os meninos, melhorando a preparação deles antes de chegarem ao treinamento com os soldados. O único resultado inesperado da decisão foi Clyde implorando para ser o primeiro a ser treinado.

...

Laurel não conseguia dormir. O dia fora muito satisfatório. Era uma sensação

que não tinha há muito tempo. Ser apreciada, necessária e, por mais estranho que fosse, querida, eram coisas que ela não percebera que sentia falta.

Sua mente continuava voltando para Conor. Onde ele estava? O que estava fazendo? Onde dormia? Não tinha ideia de quantas vezes disse a si mesma para começar a ser sensata. Conor provavelmente parou de pensar nela no segundo em que saiu pelas muralhas do castelo. Queria que fosse fácil assim esquecê-lo também.

Ela se levantou, foi vestir a túnica e sorriu quando se lembrou que estava úmida da lavagem. Teria que adicionar um roupão à lista de roupas que Brighid e ela começaram a fazer um pouco mais cedo. Caminhou de um lado para o outro algumas vezes e decidiu que a camisa feminina que usava serviria.

Abriu a porta e espiou para fora. Não via ninguém na torre. Isso não a surpreendia. Glynis lhe dissera que a Torre da Estrela só tinha os aposentos do chefe do clã e de sua senhora. O restante da família dormia na outra ala do castelo, na Torre Norte. Todos os criados e soldados dormiam nas Torres Leste ou Oeste.

Ela saiu na ponta dos pés, depois de calçar um par de sapatilhas que encontrou no quarto. Sentia-se um pouco culpada em usá-las, mas depois de tudo o que ouvira sobre a mãe de Conor, tinha certeza que a falecida Lady McTiernay teria insistido que ela as usasse. Em especial para o que estava prestes a fazer.

Quando lhe contaram como a Torre da Estrela recebera esse nome, Laurel sabia que seria inevitável subir até o topo. A torre tinha sete andares de altura. E um dos quartos pelos quais passou era o aposento de Conor.

Quando chegou no alto da torre, saiu por uma porta que dava nas ameias. A longa subida pelas escadas valia a pena. Ela nunca vira estrelas com tanta clareza. Laurel sentia como se pudesse ver anjos do céu ali. Sentia-se leve, livre de preocupações ou fardos. Só o que faltava era Conor.

Não achava mais que o recanto arborizado perto do Castelo Stirling era o lugar ideal para ser beijada. Não, esta torre imensa era o lugar mais romântico no mundo. Ela se abraçou por causa do frio da noite e começou a rodopiar perto do parapeito, cantarolando.

A maioria dos soldados dormia nos alojamentos da torre designada para a guarnição permanente. Mas nem todos. Em geral, os soldados destacados para a guarda noturna do castelo dormiam perto de seus postos, muitos dos quais sobre parapeitos. A tarefa deles era ver pelas ameias se alguém se aproximava das muralhas do castelo.

— Acorde, Gil — Fergus chutou seu amigo e camarada. — Acho que vi a garota dos meus sonhos. Sim, eu devo estar sonhando.

— Ah? — Gil virou de lado e continuou a roncar.

Fergus, entretanto, não desistiria com tanta facilidade. Ele chutou Gil novamente:

— Olhe, vou dizer para você. Um anjo está aqui no meio de nós.

Gilroy, um soldado alto e magro, mas forte e rápido, sentou-se, prestes a dar em seu amigo muito mais baixo um tapa bem merecido na cabeça. Foi quando viu a que Fergus se referia. O mais belo dos anjos dançava na Torre da Estrela.

Estava vestida de branco e seu cabelo cacheado dourado descia até a cintura, além do que ele podia ver. Era alta e perfeita, brilhando sob a luz da lua. Estava prestes a sugerir que fossem verificar se a visão era real, quando ela desapareceu, sumindo no ar do mesmo modo que chegara. Depois disso, Gilroy jurou nunca mais reclamar sobre suas obrigações no turno da noite novamente.

7

Conor teve outra noite inquieta. Estava preocupado desde que deixara Laurel sozinha. Convencera a si mesmo de que era apenas seu juramento que arrastava seus pensamentos de volta para ela. Estava dividido entre seus deveres para com seu clã, para com seus irmãos e para com ela. Jurou protegê-la, e deixara a tarefa com Finn.

Deus ajudasse Finn se alguma coisa acontecesse com ela durante sua ausência. Conor passara quase uma hora com seu comandante, detalhando o que os outros homens podiam ou não fazer em relação a Laurel, concentrando-se principalmente no que não podiam fazer.

Ele confiava em seu comandante para mantê-la a salvo tanto de danos quanto de homens atenciosos demais. Se não fosse assim, teria feito Laurel acompanhá-lo na viagem até o clã Schellden. Só Finn, com seu casamento feliz e um bebê a caminho, parecia capaz de resistir aos encantos naturais de Laurel. Confiava em todos os seus homens em termos de batalha e lealdade, mas não reivindicara Laurel para si e não tinha intenções de fazer isso. E estava ciente de que esta decisão a tornava muito vulnerável.

Conor gostaria de ser como Finn. Admirador dela, mas não afetado. Nunca desejara uma mulher como desejava Laurel. Ele a queria mais do que jamais pensou ser possível querer qualquer mulher. Mais cedo, naquela noite, lembrara-se do jeito como ela o desafiara, recusando-se a ser intimidada. As mulheres do clã Schellden respondiam a ele como todas as outras — encolhendo-se ao mínimo olhar. Não só eram fracas como não podiam ser comparadas aos olhos azuis-esverdeados misteriosos e aos cabelos dourados de Laurel. Ele fechava os olhos e se lembrava da sensação dos lábios suaves dela contra os dele. Tão pouco experientes, mas tão responsivos às suas instruções.

Desejava abraçá-la de novo, moldar sua carne contra a dele como se fossem

destinados apenas um para o outro. Iria enlouquecer de tanto querê-la. E saber que conseguia fazê-la desejá-lo do mesmo jeito obrigava-o a ir nadar todas as noites no lago gelado mais próximo.

Ele tinha pouco menos de duas semanas para encontrar um jeito de tirá-la de sua mente. Se não conseguisse, Conor sabia que a levaria para a cama apesar de tudo o que aconteceria depois que o fizesse.

...

— Milady? — Glynis perguntou, do lado de fora do quarto.

— Entre, Glynis — Laurel respondeu, vestindo sua nova túnica. Suas costelas melhoraram muito nos últimos dias. Não doía mais respirar quando subia ou descia de escadas, e logo poderia se vestir sozinha.

— Ah, milady, você parece ótima. Eu disse que Brighid era uma costureira excelente. O chefe ficará muito satisfeito quando voltar e vê-la com o padrão xadrez do clã — Ou isso ou muito infeliz, Glynis pensou. O chefe do clã sempre tivera uma alma possessiva, mesmo quando criança. Quando visse sua senhora tão bonita, poderia querer que ela voltasse ao estado desgrenhado que estava quando chegou.

Laurel deu de ombros.

— Hmm, talvez. Ainda estou insegura com o xadrez. Não acha muito presunçoso? — Ela abaixou o olhar e limpou uma sujeira imaginária das pregas dos ombros. Amava o xadrez e gostava de usá-lo. — Mas é quente, e as noites estão muito mais frias do que quando cheguei — ela comentou, procurando um motivo racional para usar algo do clã de Conor.

— Sim. Estamos tendo um verão curto nas terras altas. Algumas vezes acontece nessa época do ano, mas não sempre. Assim como começa a esfriar, de repente uma onda de calor aparece e fica durante várias semanas antes de desaparecer. Muitos acreditam que isso é indício de um inverno duro — Glynis ajudou com as pregas. Laurel estava pegando o jeito, mas era difícil dobrar a manta xadrez tão bem.

Deixaram o quarto e seguiram até o salão secundário. As melhorias estavam demorando mais do que o esperado, mas Laurel esperava que o salão fosse reaberto para os soldados no pôr-do-sol daquele dia. Passara tanto tempo nos

salões e na capela que ainda não tivera a oportunidade de terminar o *tour* e visitar as outras partes do castelo, como a forja e as outras torres. Tinha medo de que, se visse o estado em que estavam, não fosse capaz de impedir-se de começar a trabalhar imediatamente naquelas áreas também. *Uma coisa por vez*, lembrava a si mesma, quando Glynis interrompeu seus pensamentos.

— Quero falar com a senhora sobre seu pedido de um mordomo para o castelo — Glynis abordou o assunto quando entraram no salão.

O lugar agora era convidativo para os homens se reunirem, comerem e conversarem sobre as façanhas do dia. As lareiras foram limpas e agora eram fontes eficientes de calor para aquecer o aposento. Lavadas, as janelas proporcionavam uma fonte de luz muito mais resplandecente e acolhedora durante o dia. As mesas foram montadas em cavaletes temporários para que pudessem ser facilmente desmontadas entre as refeições. As melhorias no salão e na capela eram assombrosas. E tudo sob a maravilhosa liderança de Fallon, comentou Laurel, enquanto discutiam a agenda do dia.

— É sobre ele que quero falar — Glynis anunciou.

— Fallon?

— Sim. Ele devia ser seu mordomo — Laurel concordava por vários motivos, mas não conseguia se imaginar pedindo para aquele homem tão difícil fazer o trabalho. Tinha medo que o fazendeiro se sentisse ofendido ou insultado. Por algum motivo, impressionar Fallon era muito importante para ela. Ganhar o respeito dele era difícil e ela ainda não tinha certeza se tinha conseguido.

Ele parecia disposto a elogiar — com moderação — mas era mais propenso a apontar erros de julgamento. Ele fizera isso quando ela começou os múltiplos projetos de limpeza simultaneamente, resultando em um atraso na reabertura do salão secundário. Laurel se sentia muito culpada por esse engano. Os dias estavam ficando mais frios, então a refeição já estava fria quando era servida aos homens.

— Não acho que Fallon queira ser o mordomo, e eu odiaria insultá-lo depois de toda a ajuda que ele tem dado.

— Milady, acho que não entendeu. Fallon é o administrador do Castelo McTiernay.

— Você disse que ele é o mordomo?! — Laurel exclamou, chamando a atenção de alguns criados do outro lado da sala. Ela abaixou a voz imediatamente, mas não impediu que a raiva modulasse suas palavras. — Então ele é muito ruim, não é? Todo esse trabalho porque ele não cumpriu sua função. E pensar que eu achava Fallon o mais esforçado e mais capaz dos trabalhadores!

— Não, não. Você ainda não entendeu. Achei que Conan tivesse contado sobre a ordem de Conor em relação ao castelo.

— Você não quer dizer... quero dizer... ah, meu Deus. Pobre Fallon. Ele deve ter ficado arrasado em ver o castelo ficar em tal estado de desarranjo. Não é de admirar que ele parecia saber exatamente como e quanto tempo cada coisa levaria — A raiva de Laurel aflorou mais uma vez, enquanto se lembrava das vezes em que duvidara de si mesma, pensando que um simples fazendeiro sabia mais sobre a manutenção de uma fortaleza do que ela. Velho astuto. Ele seria o mordomo novamente, é claro. Era de fato a melhor pessoa para o cargo. Mas ela marcaria um pequeno ponto com ele antes.

Encontrou Fallon no pátio falando com Hamish e Loman. Sorriu para os dois guardas. Era a primeira vez que os via desde a chegada deles e sentia falta de sua companhia. Felizmente, com a reabertura do salão, eles poderiam se ver com mais frequência.

Hamish e Loman observaram Laurel se aproximar. Ela parecia irritada com alguma coisa no início, mas então sua expressão mudou quando os viu. Loman podia sentir Hamish derreter ao seu lado e percebeu que Finn estava certo em dizer para Hamish, Seamus e para ele manterem o restante da guarda longe dela. Além disso, eles também deviam manter distância.

Finn tornara as coisas mais fáceis aumentando o tempo de treinamento, de modo que eles praticamente despencavam na cama quando a noite chegava. Mas agora, vendo Laurel com o cabelo caindo em ondas suaves para baixo da cintura e usando um vestido novo que parecia acentuar a cor de seus olhos, Finn percebeu que nenhum dos homens dormiria à noite, não importava o quão cansado estivessem. Era melhor o chefe do clã voltar para casa e se casar com ela, ou alguém — mais rápido do que Conor pudesse imaginar — pediria a mão dela.

— Desculpem-me, cavalheiros — Laurel assentiu cumprimentando-os e se voltou para Fallon. — Fallon, posso conversar com você, por favor? — E então começou a falar embora soubesse que os guardas ainda estavam ali para ouvir. — Você tem sido de grande ajuda nos últimos dias, na restauração das áreas da fortaleza. Andei pensando no cargo de administrador do castelo. Sabe o que um mordomo de castelo faz? — Ela perguntou com a maior inocência possível.

— Sim, milady. Estou ciente da posição e de suas responsabilidades.

— Ah, ótimo. Espero que possa me ajudar a treinar Scully como o administrador do castelo.

Loman e Hamish trocaram olhares. Lady Laurel obviamente não sabia quem Fallon era ou como era seu temperamento. Fallon já havia mandado várias donzelas da cozinha correndo para casa, aos prantos, após uma reprimenda.

— Scully? Quer que *eu* treine *Scully*? — ele perguntou, incrédulo, erguendo a voz.

— Sim. Acho que ele seria um excelente mordomo — Na verdade, ele seria péssimo. Era bem-intencionado, mas era esquecido e, de certo modo, desajeitado, incapaz de controlar seu corpo grande em ambientes pequenos. Tiveram que restringi-lo ao salão secundário, para que não danificasse alguns dos itens da capela e do salão principal enquanto limpava. — Ele tem um coração imenso, e quer agradar. Você não acha que essas duas características são as mais importantes para um mordomo de castelo?

— Você ficou louca, moça, se acha que Scully serviria para ser um péssimo mordomo, quem dirá um bom! — Fallon gritou, completamente abalado. — Intenção não tem nada a ver com ser um mordomo. A pessoa tem que ser organizada, capaz de dar ordens, tomar decisões, ver o que precisa ser feito e fazer. Um mordomo tem que antecipar as necessidades do chefe do clã e garantir que sejam feitas antes que o chefe saiba que precisa delas. Ele precisa conhecer o castelo inteiro, como cada parte é gerida e por quem, de modo que possa coordenar requisições ou se preparar para convidados inesperados. Scully não tem ideia de metade das funções dessa fortaleza, muito menos tem a capacidade de coordená-las!

Ela suspirou, nem um pouco afetada pelo breve discurso. Loman e Hamish

estavam prestes a saltar em defesa dela, quando ela ergueu uma mão, pedindo que não interferissem.

— Suponho que esteja certo. Também suponho que da próxima vez não vai manter em segredo quem você é e do que é capaz, senhor mordomo. Ainda que não tenha negado ser o mordomo do castelo, você não revelou também. Você me manteve intencionalmente no escuro. Isso o deu bastante vantagem ao trabalhar comigo. Entre todas as habilidades e traços que mencionou, esqueceu-se da honestidade. Ou por acaso acredita que isso não é importante?

Fallon ficou mudo. Hamish e Loman não se lembravam de uma vez que Fallon tivesse ficado tão preso em sua própria armadilha. Seria uma história para ser recontada várias vezes no inverno e nos anos vindouros.

Ao vê-lo parado ali, mudo, Laurel ficou com pena de Fallon e resolveu devolver parte de seu orgulho.

— Bem, Fallon? Sabe que preciso de ajuda e só você tem competência para tanto. Pretendo ver os problemas na padaria e na forja hoje, e eu preferiria ter você ao meu lado quando fizer isso.

O anúncio dela foi o suficiente para fazer com que o fazendeiro voltasse ao seu humor normal.

— Sim, milady. Você faria bem em me ouvir nesses assuntos.

Os guardas observaram enquanto ela e o administrador do castelo voltaram para o salão secundário discutindo os próximos passos, questões de pessoal e outros assuntos. Ela não precisou da ajuda deles no final das contas. Nunca precisava da ajuda deles. O mistério sobre ela crescia em suas mentes enquanto olhavam a senhora que enfrentara o chefe do clã, convencera Fiona a ser cozinheira e depois intimidara Fallon.

Mais tarde, naquela manhã, Laurel, Glynis e Fallon foram investigar os problemas na padaria. Fiona ficara muito irritada nas duas noites anteriores com a qualidade do pão. O padeiro insistia que eram os fogareiros. Quando conseguiu deixar a cerâmica quente o bastante para assar o pão, já estava quente demais, queimando o lado de fora da fornada e deixando os pães tão duros que eram impossíveis de comer.

Para surpresa de Laurel, a padaria era construída no penhasco situado abaixo da maioria dos edifícios, nas muralhas norte e oeste. Os salões e a

cozinha só pareciam estar no primeiro andar, quando na verdade eram construídos sobre aposentos esculpidos no penhasco. Era um jeito de aumentar o espaço ao mesmo tempo em que se garantia a segurança.

Ela devia ter se perguntado e questionado isso quando viu que o piso do salão principal era feito de madeira, em vez de terra batida. O piso inferior se estendia por debaixo do salão secundário e da cozinha, fazia uma curva sob a Torre Norte e terminava na Torre do Guardião.

Em geral, o piso térreo parecia ser usado para estocar suprimentos e materiais para o castelo. Ela viu salas de armazenamento contendo grande parte dos armamentos e outras com comida. Laurel se perguntava se o material para a cortina também estaria ali. Glynis e Brighid ainda se recusavam a encontrar o material para a capela, afirmando que o armário dela ainda não estava completo. Ela tinha argumentado e implorado para elas, até que por fim desistiu, percebendo que a única maneira de conseguir as cortinas era terminando os vestidos.

A padaria era muito menor do que ela imaginava, considerando que a maior parte dos aposentos e construções eram grandes, se comparados a outras fortalezas. Não tinha o teto em arco e, do outro lado da sala, havia uma porta robusta, fortemente segura.

— Leva até as masmorras — Glynis explicou. — Não que tenhamos prisioneiros agora, mas os que trabalhavam aqui queriam se proteger dos detentos com uma porta sólida.

Laurel continuou a examinar o local. Havia um dreno para o exterior, uma lareira e um dreno de comunicação com o edifício principal. Fallon apontou para a chaminé da lareira, e Laurel viu que o padeiro estava certo. Elas estavam em péssimo estado.

— Isso vai exigir mais homens — ela suspirou.

— Teremos que reconstruir algumas das pedras ao redor da lareira para ajudar a tirar a fumaça do ambiente — Fallon acrescentou.

Laurel concordou, afirmando que ele deveria buscar a ajuda que fosse necessária, e fazer daquela obra a prioridade depois que os salões estivessem prontos. A capela poderia esperar já que não havia sacerdote. Eles precisavam comer.

...

Naquela noite, o salão secundário foi aberto, e os soldados correram para se preparar para comer sem as restrições às quais estavam acostumados no passado. No entanto, quando a noite acabou, os soldados entenderam que se queriam comer as maravilhosas refeições de Fiona — e queriam —, teriam que aprender a se levantar quando uma lady entrava ou saía da sala, impedir que a comida caísse nos juncos novos, e abster-se de arrotar na presença de Laurel.

Era a primeira vez que muitos dos soldados tinham a chance de conhecer a dama escocesa da Inglaterra. Os rumores sobre seu comportamento e seu semblante tinham se espalhado rapidamente pela maior parte do clã.

Primeiro, os soldados ficaram perdidos por sua beleza. Depois se apaixonaram por seu espírito. Quando ela deixou o salão para que eles pudessem terminar a refeição, cada soldado teria feito qualquer coisa, incluindo vender a alma, para fazê-la feliz. Se isso significava se levantar quando ela saía, que assim fosse.

Sem erguer a voz, ela comandava a maior parte do salão, assim como o chefe do clã. Sua senhoria garantia respeito. Ela podia negar, mas todos os soldados acreditavam que ela seria a próxima Lady McTiernay. Era em grande parte essa crença que impedia que qualquer um dos homens se aproximasse de Laurel ou pensasse em pedir sua mão... pelo menos por enquanto. Mas se Conor continuasse a recusar a ideia de matrimônio, logo haveria várias disputas por ela.

Mais tarde, depois que as histórias sobre Laurel e Fallon acabaram, o burburinho no salão era sobre o anjo branco que visitava o castelo McTiernay à noite. Alguns a ouviam cantar, mas a maioria só enxergava uma visão vestida de branco. Em todas as noites claras, a guarda noturna do castelo reunia mais gente para ver o anjo McTiernay dançando sob a luz da lua.

8

Conor forçava a montaria ao máximo. Deixara Craig e Crevan para trás com vários de seus guardas assim que cruzaram a fronteira McTiernay. Ele sabia que não fazia sentido cavalgar naquela velocidade, mas já havia se passado duas semanas e um dia desde que vira Laurel. Ele se perguntava como ela teria se saído sem ele. Teria sido bem tratada? Finn fora capaz de manter os homens distantes? Ele incentivava o cavalo a correr ainda mais.

Finn seguiria suas ordens, ele assegurou para si mesmo. O mais provável era que Laurel estivesse ficando louca na fortaleza sem nada para fazer. Ele sabia que ela podia ter agido de modo complacente e condescendente, mas aquela não era a natureza real dela.

Os highlanders eram um povo tipicamente intolerante. Tinha esquecido disso quando decidira repentinamente partir com Colin para as terras de Schellden. Naquela época, só conseguia pensar que tinha que sair da presença de Laurel antes de se render aos anseios primitivos que tinha desde que a conhecera.

Agora, tudo o que queria era voltar e garantir pessoalmente a proteção e o bem-estar dela. Nunca mais deixaria essa responsabilidade para outra pessoa. Só ele podia protegê-la efetivamente das desconfianças naturais e da natureza hostil de seu clã. Com uma forasteira, e em especial como inglesa, Laurel provavelmente fora vítima de várias palavras desagradáveis desde que ele partira.

Chegou ao topo de outro pico e cruzou uma planície galopando em velocidade máxima. Normalmente, ele teria parado em várias cabanas de membros do seu clã para ver como estavam e ouvir as novidades. Membros do clã que viviam perto da fronteira raramente se aventuravam perto do castelo — em especial nos meses de inverno. Mas desta vez Conor não parou para cumprimentá-los. Os poucos que viram sua aproximação mal viram seu aceno

antes que ele desaparecesse.

Quando Conor entrou no pátio do castelo, saltou do cavalo e olhou ao redor. Estava difícil controlar seu impulso de gritar por Laurel. Onde estava todo mundo? Em geral, seus soldados estavam treinando ali naquele horário, mas o espaço estava estranhamente vazio.

Ele então percebeu Neal e um rapaz que reconheceu como sendo filho de Angus, o fazendeiro, estendendo a mão e esperando as rédeas de seu cavalo. Neal deu instruções:

— Leve o cavalo do chefe do clã e caminhe um pouco com ele antes de escová-lo como eu mostrei. Logo estarei com você.

Neal se virou para falar com seu chefe.

— Sim, é bom tê-lo de volta, chefe, embora não o esperássemos antes de várias horas. A notícia de seu regresso acabou de chegar. Lady Laurel certamente ficará muito feliz com sua volta — *Assim que ela se recuperar do susto,* Neal pensou.

Conor começou a relaxar. Só de ouvir que Laurel pensara nele e que estava esperando seu retorno era o bastante para diminuir a tensão que só aumentara nas últimas semanas. Ele não estava ciente até agora do quanto precisava ouvir que Laurel sentira sua falta.

Ele não estava sozinho, então.

Laurel pensara nele assim como ele nela. E o suficiente para dizer a Neal que sentia falta dele. Conor sorriu para si mesmo. O que esperava? Era claro que ela sentiria sua falta. Com exceção de seus irmãos e de alguns guardas, ela não conhecia ninguém. Provavelmente estava agora em seu quarto desejando com ardor que ele voltasse.

— Peça para Lady Laurel me encontrar no salão principal — ele disse, sorrindo de maneira extravagante.

Ao se virar para partir, Conor ouviu o bater de cascos na terra e viu um satisfeito Finn desmontar e avançar em sua direção.

— Espero que a viagem tenha sido boa, chefe. Se está procurando Lady Laurel, talvez tenha que esperar bastante, pois ela não está dentro das muralhas do castelo.

Finn não esperava a reação rápida e violenta do chefe do clã e, quando

percebeu, estava no chão olhando o céu e um rosto furioso.

— Explique-se... agora — Conor rosnou tão feroz que todos que se aproximavam para cumprimentar o chefe e contar sobre as melhorias na fortaleza imediatamente desapareceram.

— Ela está bem, Conor. Posso jurar — Conor soltou Finn, e ele conseguiu se sentar. Arrumou a túnica e esfregou o pescoço e o ombro, alvos primários do ataque de Conor. — Você sabe que eu a protegeria com minha vida. Assim como todos os outros homens, mulheres e crianças do clã McTiernay.

— Por que ela está fora das muralhas do castelo? Você estava a cargo da proteção dela enquanto eu estivesse fora — Conor acusou-o, usando a raiva para esconder o medo que sentia.

— Meu Deus, homem, você me disse para protegê-la, não para aprisioná-la, o que, mesmo se você tivesse pedido, seria algo imensamente difícil de conseguir. Tente impedir ou dar qualquer ordem para sua senhora. Acho que nem sua posição de chefe do clã serviria para algo — Finn comentou, levantando-se com cuidado para não causar mais raiva em seu chefe.

— Finn, não me faça perguntar de novo: *onde está Laurel?*

— Ela está dando uma volta com Borrail, provavelmente caçando o jantar — Ele sabia que Conor não responderia bem às novidades e essa era apenas a primeira de muitas surpresas que ele ainda teria que enfrentar.

— Neal! Meu cavalo. Agora! — Conor gritou. *Caçando?* Por que diabos Laurel estava caçando? Ele tinha homens para isso, ou eles se recusavam a caçar somente porque ela era inglesa? Se esse fosse o caso, vários membros do clã desejariam ter agido diferente antes que essa hora chegasse ao fim.

— Conor. Ela está bem. Ela adora caçar e é boa nisso. Apesar dos argumentos dela, há sempre um destacamento de soldados cavalgando com ela — Finn tentou esclarecer enquanto montava em seu cavalo.

— Por que os homens não estão garantindo a carne? São tão fracos que precisam que uma mulher cace por eles? Ou se recusam a alimentar uma inglesa?

Finn nunca vira Conor tão zangado e pouco disposto a ouvir explicações. Era uma postura muito incomum para o chefe do clã. Lady Laurel era mais importante para Conor do que qualquer um — incluindo ele — percebera,

Finn pensou.

Finn precisava que Conor se acalmasse e pensasse antes de causar mais danos do que apenas um ombro dolorido. Se continuasse a agir assim, todos os planos e preparativos que Laurel fizera seriam estragados. E se Laurel ficasse irritada, Aileen também ficaria infeliz. Finn faria qualquer coisa para manter sua esposa feliz, inclusive assumir o risco com o que estava prestes a fazer.

— Está agindo de modo muito incomum, chefe, tão preocupado com o bem-estar de uma mulher.

Aquelas palavras tiveram reação instantânea. Conor não acreditava que alguém de seu exército pudesse desafiá-lo. Mas as palavras que Finn acabara de pronunciar eram um insulto, e seu comandante sabia. Ele paralisou, olhando para o futuro ex-comandante de sua guarda de elite.

Finn viu a oportunidade e rapidamente tomou vantagem.

— Laurel ouviu falar de seu retorno iminente e esteve trabalhando com Fiona em um cardápio para seu banquete de boas-vindas. Algumas das carnes são difíceis de caçar. São necessárias várias horas para perseguir e capturar a presa. Na primeira vez que ela me falou de suas habilidades para caçar o jantar, eu também não acreditei. Mas, Conor, ela é altamente habilidosa com armamento highlander. Sua pontaria, mesmo enquanto cavalga, é incrível. Você viu o que ela pode fazer com uma adaga. Vou lhe dizer que todos os homens se apaixonaram por ela.

Assim que as últimas palavras escaparam de seus lábios, Finn percebeu sua loucura mais uma vez. Não haveria escapatória para a raiva de Conor agora. Ele tentara, mas Lady Laurel estava por conta própria.

Enquanto cavalgavam na direção do campo de treinamento, Conor pôde vê-la montada de lado em Borrail, entre dois guardas, Loman e Hamish. Estavam concentrados, olhando alguns guerreiros em treinamento, completamente inconscientes da aproximação deles.

Finn se aproximou de Conor para tentar mais uma vez.

— Antes que direcione sua raiva para algum de seus homens, eu pedi especificamente para Loman e Hamish garantirem o bem-estar dela enquanto eu ia ao seu encontro. Foi a primeira e a única vez que ficaram sozinhos com

ela sem minha presença.

Conor avançou a montaria e ouviu parte da conversa de Laurel. Parou por um instante, ouvindo e olhando-a sem que ela percebesse. Seu cabelo longo e claro estava limpo e brilhante sob o sol da tarde. Ela o tinha preso nas costas, mas não trançado, dando oportunidade para que algumas mechas dançassem por seus ombros com a brisa. Estava com as costas retas, e sua postura — mesmo deste ponto de vista — mostrava elegância e mérito. Ele se lembrou mais uma vez o quão única ela era.

— Sim, moça, a escolha da arma, da roupa e do cavalo de um soldado é muito determinada pela velocidade que ele precisa ter em batalha — Loman aparentemente respondia uma questão prévia.

— Mas eu nunca vi nenhum homem usar armadura durante o treinamento. Isso não afeta sua habilidade de lutar depois?

— Ah, milady, você está pensando como uma inglesa. A armadura deixa o homem mais lento e atrapalha a velocidade e a pontaria. É um obstáculo e um fardo na batalha. Alguns highlanders gostam de usar cachecóis ao redor do pescoço para proteção. Mas o chefe do nosso clã acredita que isso é desperdício de tecido. Nenhum cachecol vai impedir que minha espada corte o pescoço de um homem.

Laurel estremeceu com o quadro que ele pintou.

— Além disso, se treinar certo, não vai precisar disso — Hamish interveio. Nas duas últimas semanas, seu ardor pela lady não deu sinais de que havia diminuído. Mas a realidade de que ela não era nem jamais seria dele por fim se enraizou.

— As armaduras devem ser utilizadas sempre para proteger os nossos cavalos. É responsabilidade de cada soldado proteger a própria carne — Loman acrescentou.

— Armadura para cavalos? Isso não faz sentido.

— Dependendo do tipo de batalha, o chefe McTiernay pode ordenar que correntes sejam enroladas quatro ou cinco vezes nas coxas dos cavalos para ajudar a desviar golpes de lanças — um sorridente Hamish explicou.

— Mas quando você usa espadas contra arcos?

— Você se esqueceu de lanças, dardos e adagas.

Loman aproximou seu cavalo do dela e chamou sua atenção para um grupo de homens ao longe que praticavam com lanças longas que variavam de dois, três e cinco metros de comprimento.

— Para que serve aquele bastão de metal? — Laurel perguntou, apontando para uma vara de aço de cerca de um metro de comprimento.

Conor se aproximou e respondeu.

— Ele é feito de antigas lâminas de espadas. A borda fina proporciona um gume de corte longo com um espigão na ponta para furar. Uma arma mortal. Mas seu conhecimento e intenção devem permanecer com soldados, não com senhoras. — Ele dirigiu o último comentário mais para os acompanhantes do que para ela.

— Conor! — Laurel virou para olhá-lo. — Você voltou! — A alegria no rosto dela era inquestionável. Ela era uma visão para sua alma sedenta. Os olhos dele a vasculharam da ponta da cabeça até a barra do vestido cor de vinho.

Ele a queria. Muito.

— O que está fazendo aqui fora, meu amor? Finn me disse que você estava caçando.

— Eu estava. Mandei alguém na frente com nossas capturas para Fiona. Ah, Conor, estou tão feliz que tenha voltado. Fizemos tanta coisa e eu... — ela fez uma pausa, os olhos se arregalando, tornando seu rosto pequeno e frágil.

— O que foi, Laurel? Qual é o problema? Alguma coisa aconteceu? — Conor a questionou ao ver que ela empalidecera. Obviamente se lembrara de algo horrível.

— O que você está fazendo aqui? — Ela exclamou e então se virou para Finn. — Você disse que levariam horas, talvez dias, até que ele estivesse aqui! Não estou pronta. Eu queria tudo arrumado no salão. Há tanta coisa para fazer! — Ela deu meia volta no cavalo, preparando-se para cavalgar de volta para a fortaleza. — Finn, mantenha-o longe até que seja a hora. Eu falo sério, Finn! — Ela gritou e fez Borrail sair em disparada.

Conor alcançou-a com facilidade e segurou suas rédeas para diminuir a velocidade do cavalo. Ela tentou recuperar o controle e fazer Borrail correr novamente.

— Se não parar de brigar pelas rédeas, pararei os dois cavalos imediatamente — ele avisou.

Ela recuou imediatamente, e Conor se apaziguou no mesmo instante. Parecia que finalmente ela estava começando a entender o quanto podia forçar a situação.

— Agora, me diga o que precisa ficar pronto para meu retorno — Conor começou. — Você está aqui, e Finn me diz que meus irmãos mais jovens estão bem. O que provocaria essa sua corrida tola?

— Conor McTiernay, se acha que pode voltar para casa e me chamar de tola depois de todo o trabalho duro que tive, é melhor pensar de novo.

— Voltar para casa! É meu castelo!

Ela se virou um pouco em sua direção, tentando discretamente recuperar as rédeas de Borrail. Como um homem podia ser tão exasperante e tão lindo ao mesmo tempo, ela se perguntou. Ele não estava usando túnica, apenas o kilt, espada, cinto e uma camisa tingida com açafrão. Era o mesmo tipo de camisa volumosa que todos os homens dele usavam quando faziam suas batalhas simuladas. Alguns a usavam solta, mas Conor tinha a sua bem pregueada para proporcionar melhor proteção. Laurel achava que as pregas enfatizavam a força e o tamanho dele.

Então ela olhou em seus olhos prateados. Estavam brilhando de prazer, uma completa contradição ao restante de seu corpo, que estava rígido e tenso. *Ele quer que eu pense que ele está bravo, para que eu desista*, ela pensou. Laurel se lembrou de como os homens pareciam apreciar sua força de caráter — com moderação. Bem, ele teria uma surpresa.

— Seu castelo não estava apto para se morar quando você partiu — ela criticou, tentando parecer forte e no comando. — Você colocou sua fortaleza em minhas mãos capazes, e os resultados dos esforços dos membros do seu clã devem sem aplaudidos — Então ela se virou para olhá-lo novamente, para que ele soubesse que falava sério. — Quero comemorar os resultados deles com você, sem que você entre casualmente na fortaleza, agindo sem perceber o trabalho deles.

— O que a faz pensar que eu não apreciaria o trabalho do meu clã?

— Clyde.

Ele esperou que ela explicasse, mas ela se recusou a dizer mais alguma coisa. O que seu irmão dissera para convencê-la que ele não apreciaria o que quer que ela tivesse feito?

Cavalgaram em silêncio. Um pouco antes de cruzarem a barbacã e entrarem nas muralhas do castelo, Laurel parou e lhe suplicou por vários segundos com os olhos. O que quer que ela fosse pedir, ele diria sim. Quando os olhos dela ganhavam aquele tom azul mar, ele não conseguia pensar em mais nada. Ele queria tanto fazê-la feliz.

— Conor — ela começou a dizer. Ao se aproximarem da fortaleza, a resolução dela se dissipou rapidamente. — Eu... eu só... — Ela tentou de novo. — Por favor, não fique irritado. Percebo que posso ter ultrapassado minha autoridade, mas todo mundo foi tão colaborativo. Seu castelo é tão grandioso, e ele simplesmente não refletia sua posição como um poderoso chefe de clã.

O coração dele começou a bater mais forte. Ela retorcia as mãos, claramente preocupada com sua reação a alguma coisa que ela fizera em seu lar.

— Diga-me exatamente o que esperar — ele exigiu saber.

Os olhos de Laurel estavam bastante arregalados enquanto ela observava seu rosto.

— Ah, eu não poderia. Eu não poderia estragar a surpresa.

Ele começou a questioná-la, mas então notou seus lábios. Queria tanto beijá-la; não conseguia pensar direito.

Antes que se tornasse racional, ele agarrou-a pela cintura e a puxou para cima de seu cavalo, sem se preocupar com o que sua reação pareceria para os outros. Ele afagou os cabelos dela e os prendeu atrás das orelhas. Seus cílios emolduravam seus olhos e seguravam as lágrimas que se formavam.

Ele acariciou seu rosto para acalmar seus temores.

— Laurel, me diga o que fez. Prometo que não ficarei zangado, amor. Por acaso você derrubou uma construção e mandou erguer uma nova?

Ela amava a sensação de estar nos braços dele novamente. Ele era forte e confiante, caloroso e seguro. Ela sabia que devia responder à pergunta dele, mas naquele momento não podia pensar em nada mais além da última vez que ele a beijara. Como ela queria beijá-lo novamente. O desejo era quase

insuportável. Só as arraigadas regras de propriedade a impediam de envolvê-lo em seus braços e atrair os lábios dele até os dela.

Conor, no entanto, não tinha tais regras para impedi-lo. A boca dela estava levemente entreaberta, e sua respiração estava mais rápida. Ele podia sentir o coração dela batendo de encontro ao seu peito. O tempo e a distância não fizeram nada para diminuir a atração que ele sentia por ela. Era quase tangível, um sentimento forte e poderoso. O desejo que ele trabalhara tanto para reprimir nas duas últimas semanas fervia seu sangue.

Ele cedeu aos seus desejos e abaixou a cabeça até que seus lábios encontraram os dela. Ela respondeu instantaneamente, inclinando a cabeça para lhe dar melhor acesso. Ele a beijou com gentileza, exibindo grande autocontrole. Os lábios dela se abriram sob sua boca cuidadosamente persuasiva. A língua dele provava seu calor, girando, entrando e saindo.

Tímida no início, Laurel começou a imitar os movimentos dele. As mãos dela agarraram os ombros de Conor, puxando-o cada vez mais para perto. Ela não conseguia se satisfazer. O beijo acendeu um fogo dentro dela, provocando algo primitivo e completamente feminino dentro de si. Um gemido saiu de algum lugar, e só vários segundos mais tarde Laurel percebeu que era dela. Ela não entendia sua reação primitiva, mas só queria mais do que ele fazia com ela.

Conor estava prestes a explodir de desejo com as respostas inocentes, mas apaixonadas de Laurel. Ela derretia em seus braços. Seus gemidos baixos e suspiros colocavam ainda mais fogo nele. Ele queria mais — precisava de mais. Estendeu a mão e segurou seus seios, passando os polegares pelos mamilos cobertos de tecido que enrijeceram em resposta. Ele podia sentir a submissão dela a ele e já se preparava para sentir o que havia por baixo de sua saia quando ouviu cavalos se aproximando.

Conor interrompeu o beijo abruptamente e sacudiu Laurel gentilmente para que ela voltasse a si. Deus, ela era linda. Ele ficou olhando para ela, enquanto Laurel tentava recuperar o autocontrole e sair do estado de completa paixão. Então ele percebeu o quão perto esteve de perder todo o controle. Não podia fazer isso. O casamento não era para ele. Laurel não era para ele. Conor reconhecia o desejo, mas não para onde isso o levava. Ele não se

comprometeria com mulher alguma.

— Ei! Conor! Lady Laurel está bem? — Craig perguntou, aproximando-se por trás. Ele pôde ver seu irmão escudando Laurel por um instante antes de colocá-la novamente em seu cavalo cinzento.

Mais uma vez Laurel estava mortificada. Envergonhada com a falta de autocontrole, por seus desejos primitivos e, principalmente, com seu comportamento, depois de todas as promessas que fizera a si mesma. O plano era ser educada, mas indiferente, amigável enquanto permanecia a uma distância física segura. Como, então, terminara nos braços dele novamente menos de uma hora após seu retorno?

Ainda vermelha como um pimentão por suas indiscrições, ela respondeu para Craig por sobre o ombro enquanto fazia Borrail seguir na direção do portão do castelo.

— Estou perfeitamente bem, Craig. É bom vê-lo novamente, Seamus. Você também, Crevan — Ela acenou com mão sem olhar na direção deles. Precisava de alguns minutos para recuperar a compostura.

Entrando na fortaleza, Laurel fez um grande esforço para que voltasse à normalidade.

— Eu estava prestes a pedir um favor ao seu chefe — Ela disse para Craig enquanto desmontava.

— No colo dele, milady?

— Ela estava caindo do cavalo — Conor inventou, tentando desviar as suposições dele. Era claro que ele tampouco estava inclinado a anunciar o que ocorrera. De fato, ele parecia desejar que aquilo não tivesse acontecido mesmo. Estaria ela entendendo corretamente? Conor lamentava o beijo deles?

Os dois estavam no pátio agora. Ela desceu de Borrail e o levou para os estábulos. Clyde veio correndo para pegar o cavalo dela e prepará-lo para a noite.

— Clyde? O que está fazendo nos estábulos? — Conor perguntou incrédulo. Há anos ele tentava que seus irmãos mais jovens assumissem algumas responsabilidades na fortaleza.

— Foi ideia de Laurel. Ela queria que Neal tivesse alguém que o ajudasse e para que ele pudesse... transpassar?

— Transmitir — Laurel o corrigiu.

— Sim, transmitir. Para Neal transmitir seu conhecimento para a geração mais jovem — Clyde sorriu para sua habilidade de lembrar das palavras difíceis que Laurel usara quando convenceu Neal a aceitar Clyde como um de seus primeiros ajudantes. — Isso quer dizer que vou aprender tudo sobre cavalos. Tenho que andar com eles, escová-los, e estar com eles o dia todo. É meu trabalho! Neal diz que é muito importante e que, se eu aprender bem, serei um soldado e um guarda melhor um dia.

Conor olhou para seu irmão mais novo, que claramente desejava seu encorajamento e apoio.

— Neal, ensine-o bem. Se ele se esquivar de seus deveres, me avise.

— Sim, ele é um bom rapaz, chefe. Rápido e ansioso para aprender. Tem trabalhado bem com a montaria da sua senhora. Ele não se esquivaria de seus deveres e, se fizesse isso, bem, Fallon e eu teríamos corrigido — Neal estava testando o terreno. Será que o chefe permitiria que administrassem a fortaleza como antes?

— Clyde? — Conor olhou intensamente para seu irmão caçula.

— Sim, Con... quero dizer, chefe? — Ele se corrigiu ao ver o olhar de desaprovação de Neal.

Neal conversara com ele sobre respeito e lealdade. Era verdade que Conor era irmão de Clyde, mas o mais importante — em especial quando estava a serviço — era que ele era o chefe do clã de Clyde. Isso exigia deferência e reconhecimento apropriado.

— Sugiro que ouça o que Neal diz. Pois parece que se não fizer isso, terá preocupações maiores do que as minhas. Você terá que se explicar e acalmar Fallon.

O velho mestre dos estábulos sorriu e ajudou a levar os cavalos de volta para seus abrigos.

— Neal? — Laurel o chamou. — Não vai esquecer de hoje à noite?

— Não, milady, não vou esquecer. E, depois dessa noite, duvido que meu chefe esqueça tampouco — ele respondeu por sobre o ombro tentando sem sucesso impedir que seu divertimento fosse tão óbvio.

Aquilo estava ficando ridículo, Laurel murmurou para si mesma. Referir-se

a ela como se ela fosse mulher de Conor e agora isso. Precisava deixar claro para Conor e para todo mundo que não era a senhora do chefe do clã.

Laurel se voltou para Conor, esquecendo que Crevan e Craig estavam parados logo atrás dele, com Seamus. Ela abaixou a voz e disse:

— Conor McTiernay, jamais me beije daquela maneira de novo. Você disse para os homens que íamos nos casar? Pois eles têm essa impressão, e sempre se referem a mim como a esposa do chefe do clã.

Conor foi pego de surpresa. Ela estaria tentando obrigá-lo a fazer uma proposta de casamento? Ele aprendera vários truques há muitos anos e estava a par dessas tramas.

— Não, Laurel. Eu já disse para você que nunca vou me casar — ele disse entredentes.

Ela se sobressaltou e ficou boquiaberta. A resposta de indignação dela só alimentou o temperamento forte dele.

— Não vou pedir você nem ninguém em casamento. Não importa os joguinhos que faça! — Ele gritou para que todos pudessem ouvir.

Laurel ergueu o queixo, zangada; seus olhos turquesa estavam cintilando de raiva.

— Acho que você não entendeu, chefe McTiernay — ela gritou em resposta. — Sou eu, não você, que está decidindo que não há nada entre nós. Você pode nunca pedir, mas eu prometo que, se pedisse, eu diria NÃO! Eu nunca me casaria com você! E digo mais, seu homem imenso e bruto, *quando* eu me casar, vai ser com alguém cortês, elegante e inteligente. Certamente não será com um gigante que só sabe gritar e que deixa sua mansão virar uma imundície desorganizada. Ele terá tamanho e peso normais e agirá como um cavalheiro!

— Então você vai se casar com um INGLÊS patético, baixinho e fracote — ele urrou de volta. Não importava que ele não quisesse se casar com Laurel. No entanto, a ideia de que ela pudesse se casar com alguém no futuro era intolerável.

— Não me casarei com um inglês! Vou me casar com um escocês e... — Ela estava prestes a terminar sua réplica quando viu que uma grande multidão se reunia fora dos edifícios e nas muralhas que cercavam o pátio.

Ah, Deus, ele fizera aquilo com ela de novo. Ela nunca aprenderia a controlar sua conduta perto dele? Aquelas pessoas deviam pensar que ela era louca em acusá-lo de ser menos do que um cavalheiro depois que ele a resgatara e lhe dera abrigo. Imediatamente sua compostura voltou, como se a última discussão nunca tivesse acontecido.

Com doçura, ela disse em voz alta.

— Preciso ir agora e deixar tudo pronto. Mas prometa que não mudará nada até que tenhamos conversado — Fez uma pausa e sussurrou para que só ele pudesse ouvir. — E não deixe que ninguém perceba se ficar desgostoso com os resultados — Ela estava agindo de forma tão doce, que ninguém poderia imaginar que possuía o temperamento feroz que acabara de mostrar. — Lembre-se, eles fizeram tudo isso por você. Eles o amam, Conor, por favor, se lembre disso.

E então foi embora, desaparecendo na Torre da Estrela, sem ficar para ouvir se ele concordava ou não com a promessa. Ele ainda estava atordoado com a discussão deles e com a mudança completa na disposição dela. Em um instante ela estava cheia de fúria e, no seguinte, estava agradável e sincera. Só os grandes olhos não escondiam a dor que ela sentia.

Ele ainda não tinha certeza do que ela queria dizer com mudanças na fortaleza. Mas ele entendera o fato de que Fallon estava de volta ao trabalho, muito provavelmente retornando aos seus antigos deveres. Ele encontraria o velho urubu e descobriria o que estava acontecendo na fortaleza. Só então decidiria se as “coisas mudariam” ou não.

...

Conor estava sentado no salão principal, observando os soldados e membros do clã conversando sobre os acontecimentos do dia. Laurel ainda não chegara, mas nas poucas horas que passaram desde que ela partira, ele descobrira muita coisa.

Fallon manobrara habilmente para que ele tomasse um banho e se vestisse para uma elaborada celebração noturna. Enquanto se banhava, Conor conseguiu que seu administrador “reintegrado” contasse algumas das transformações que haviam ocorrido desde a partida dele.

Parecia que Laurel havia operado um milagre, em desafio aberto aos desejos dele. Há vários anos ele tentara ensinar o apreço e o valor da ajuda dos membros do clã para seus irmãos removendo todo apoio de suas vidas diárias. Infelizmente, isso resultara em uma fortaleza não apta para se viver. Em vez de admitir seu erro ou desfazer a ordem, Conor permitira que apenas o trabalho necessário à manutenção da integridade estrutural do castelo fosse realizado.

Quando Fallon lhe disse que Laurel tinha *intencionalmente* revertido seu comando de longa data e restabelecido a ordem na fortaleza, ele imediatamente percebeu por que ela estava nervosa. E estava certa em se sentir assim. Quem ela pensava que era? Queria confrontá-la imediatamente, mas sua irritação era tão grande que ele decidiu se acalmar primeiro.

Mais tarde, depois que se encontrou com Finn, ele percebeu sua própria tolice. Finn o lembrou do aviso de Laurel. Mas quando Conor começou a berrar que ela não tinha permissão dele para fazer mudanças e questionar que direito ela tinha de contratar pessoal e limpar sua mansão, Finn não aguentou mais:

— Eu o respeito, chefe, mais do que qualquer pessoa que conheça. E eu o seguiria em batalha e defenderia os seus e qualquer McTiernay sob qualquer circunstância. Mas não posso continuar a ouvir você rejeitar suas próprias promessas.

— Essas não são meras palavras, Finn, e seria bom você se lembrar que eu mataria um homem por dizer que não mantenho minha palavra — Uma calma silenciosa tomou conta de Conor naquele instante. Sua frustração e raiva em relação a Laurel e suas decisões tinham sido barulhentas e alarmantes. Mas a compostura tranquila que demonstrava agora era assustadora.

— Então eu acho que não foi você quem disse que ela podia tornar esse lugar habitável. Então todos nós entendemos errado naquela noite no pátio antes de você partir, quando você concordou que a fortaleza não estava habitável em suas condições atuais — Finn se reclinou contra a parede de pedra, esperando que Conor entendesse a armadilha que ela criara para ele.

Conor lutava para não aceitar, insistindo que ela estava sendo apenas invasiva e dissimulada para atingir seu objetivo.

— E que objetivo seria esse, chefe? — Finn replicou, ficando um pouco

irritado com a recusa de Conor de ver o que estava à sua volta.

— Vingança, pura e simples. Ela disse que eu lamentaria e eu lamento. Mas asseguro que minha vingança será duas vezes mais doce.

— Nunca vi você reagir de maneira tão imprudente, chefe. Mas acho que sempre há uma mulher que faz um homem agir dessa forma uma vez ou outra em nossas vidas.

Conor lhe deu um olhar que faria a maioria dos homens caírem de joelho, tremendo de medo.

— Dê uma olhada ao redor! — Finn insistiu. — Não é vingança, é amor. Sim, amor! Sabe quanto ela trabalhou e preparou tudo para seu retorno? Olhe as mãos dela, e verá que a pele está áspera. Ela não esta dando ordens alegremente por aí, Conor, mas ajudando. Você não se perguntou por que seu povo a aceitou, uma inglesa, tão rapidamente e com segurança sob suas asas? Todo dia ela vinha trabalhar, ajudando, organizando, limpando e consertando esse lugar que ela chamava de *sua* casa. É isso mesmo: sua casa. Ela tomou decisões dos quais muitos se afastariam. Começou a fazer reparos nas cabanas para o inverno; deu emprego para quem queria. Sua senhora gastou tempo para conhecer os membros do seu clã e os problemas deles, para que pudesse balancear melhor as exigências do castelo e as necessidades do seu povo. Não foi só segurança, mas ela deu algo a eles que ninguém percebeu que estava faltando. O orgulho deles. Vou dizer uma coisa, Conor. Você pode gritar, protestar e ser contrário a todas as mudanças que Laurel fez, mas eu não faria isso na frente de ninguém além de Fallon e de mim. Os membros do clã são leais a você, mas agora são muito leais à sua senhora também.

Conor se recostou no assento, absorvendo tudo o que Finn lhe dissera. Só depois que ele se lembrou de como seu povo agiu em relação a ela que sua raiva desapareceu o suficiente para permiti-lo apreciar as mudanças feitas. Ele realmente ficara preocupado que ela não fosse aceita. Em vez disso, era amada e respeitada.

— Mas ela é inglesa — Conor pontuou, dando voz à sua confusão.

— Sim, ela é. Mas no dia que você partiu, Glynis descobriu que Laurel é meio escocesa, e espalhou a notícia. Seus homens e mulheres não veem Laurel como uma inglesa, mas como uma deles. As ordens que ela dá na língua deles

certamente os conquistou.

Conor se esquecera da habilidade dela em falar gaélico. Ele pretendia perguntar onde ela aprendera a falar a língua celta, mas se esquecera. Ela era realmente escocesa?

— Laurel disse que é escocesa?

— Acho que não. Acredito que foi uma das conclusões que Glynis gosta de espalhar. Na época, pareceu um rumor que ajudaria Laurel a se misturar aqui, então não fiz nada para contrariar a observação. Mas, neste caso, acho que Glynis pode estar certa.

As peças se encaixavam, Conor concordou internamente. Ela admitira que pretendia se casar com um escocês. E ele sabia que, embora Laurel tivesse contado a verdade sobre o que realmente acontecera, ela não tinha revelado a história toda.

Conor continuava a refletir sobre as possibilidades da ancestralidade dela naquela noite, quando a celebração começou. Ele viu e aprovou mentalmente as muitas mudanças que Laurel fizera nos salões. As mudanças no salão secundário eram surpreendentes. Antes, ele se recusava a entrar no aposento imundo, tão mal utilizado por seus homens e seus irmãos. Agora estava limpo, com estofamento novo e cortinas.

O salão principal também fora limpo, e os móveis foram rearranjados, de modo que as pessoas podiam entrar e sair com facilidade. A sala tinha uma fragrância agradável dos juncos novos alinhados no chão. As lareiras irradiavam calor sem esfumaçar o ambiente.

Um banquete incrível estava espalhado nas mesas. Eram os típicos veado, ganso, coelho e lebre. Mesmo assim, a cozinha provavelmente foi ocupada o dia todo, pois também havia javali e pavão assado, servido com todas as penas como decoração. Várias outras aves também adornavam as mesas, incluindo pombos, cotovias, tordos e chapins-azuis. Finn observou que várias carnes preparadas foram caçadas por Laurel naquele dia.

Muitas vezes ele se encontrara com líderes aliados ali, desejando ter mais para lhes oferecer. Agora, ele tinha uma fortaleza que deixaria qualquer chefe orgulhoso. Os homens pareciam mais felizes e bem-comportados. Até seus irmãos estavam se divertindo, tomando o cuidado de não parecerem

desleixados ou indisciplinados.

Conor notou que, quando ele ordenou que a refeição fosse servida, isso foi feito com relutância. Quando perguntou sobre o fato, a esposa de Finn, Aileen, respondeu sem rodeios.

— O que esperava, chefe? — Ela perguntou, o cabelo loiro-avermelhado balançando suavemente enquanto balançava a cabeça. Não era uma mulher pequena, mas suas feições delicadas e femininas a tornavam assim, apesar do estágio avançado da gravidez. Seus olhos castanho-claros em geral brilhavam de alegria, mas esta noite aparentavam sinais de advertência. — Foi sua Lady Laurel que tornou isso possível. Foi por causa da vontade dela que você está tendo esse banquete maravilhoso. Quantas pessoas você acha que podem persuadir Fiona a fazer qualquer coisa? Pois Lady Laurel a convenceu de cozinhar permanentemente para você.

Fallon não contara aquilo para ele, e Conor se perguntou o que mais o esperto mordomo deixara de fora. A culinária de Fiona era lendária. Assim como seu temperamento, mas Laurel conseguira encontrar um jeito de persuadir. Seus pensamentos foram imediatamente interrompidos por seu irmão caçula, Clyde. Algumas vezes era o inocente quem tornava as coisas claras.

— Sim, todo mundo faria *qualquer coisa* por Lady Laurel. Ela até enganou Fallon, e bem enganado. Agora os dois são os melhores amigos. Eu até ouvi Fallon e vários soldados dizerem que a protegeriam até mesmo de você — Clyde mordeu um pedaço de carne e começou a mastigar. — Por que diriam isso, Conor? Eles não sabem que você jamais a machucaria? Que você a tirou de pessoas más e a trouxe aqui para ser protegida? — Ele perguntou com sinceridade.

Conor foi poupado de ter que responder quando um brinde barulhento no outro lado do salão chamou a atenção de seu irmão. A compreensão das palavras de Clyde o atingiu com força. Todo mundo falava maravilhas dela. Eles a defendiam e trabalhavam duro para garantir que ela se sentisse bem-vinda.

Essa revelação o afetou profundamente. Ele queria que seu povo gostasse dela. Queria que ela se sentisse confortável e contente na fortaleza. Então por

que se sentia perturbado com a quantidade de amor e lealdade que ela conseguira de seu povo em tão pouco tempo? A questão tinha traços de possessividade, e ele não gostava disso, mas tampouco gostava da ideia de outro homem receber as palavras gentis de adoração e gratidão de Laurel. Essas pertenciam a ele.

Vários sobressaltos pelo salão chamaram a atenção de Conor. Clyde encarava alguma coisa abertamente com a boca escancarada. Ele olhou ao redor para ver o que capturara o interesse de seu irmão caçula. Quando a viu, Conor se obrigou a respirar compassado. O céu mandara um anjo para o meio deles, e seu nome era Laurel Cordell.

Mais cedo, Laurel pensara em não comparecer ao evento da noite. Seus aposentos ficavam apenas um andar embaixo dos de Conor, e ela ouvira vários de seus gritos sobre sua traição e vingança.

Ela esperara que ele não visse as mudanças dessa maneira. Mas então, algo bem no fundo de Laurel reconheceu que, se tratando de Conor, essa seria a primeira reação mais provável. Com alguma dose de sorte, depois que algum tempo se passasse, ele apreciaria as melhorias e mudaria de ideia, ela rezou silenciosamente.

Ela pensou na reação e nas declarações dele durante toda a tarde, enquanto se banhava, se vestia e arrumava o cabelo para a noite. Brighid entrou no quarto enquanto ela tentava, sem sucesso, amarrar as grossas ondas de cabelo com pentes.

— Lady Laurel? Acho que deveria deixar o cabelo solto. São tão brilhantes e sedosos. Sim, seria um bom jeito de chamar a atenção do chefe do clã nesta noite — Brighid deu uma piscadela para ela enquanto pegava os pentes das mãos de Laurel.

Laurel a advertiu novamente por deixar implícito que havia mais em seu relacionamento com Conor do que realmente existia.

— Sim, milady — foi tudo o que Brighid respondeu. Mas a moça viu a interação entre os dois mais cedo. Ela vira faíscas voarem, assim como a maioria dos outros na fortaleza. Se o chefe e sua senhora queriam fingir que era de outra maneira, não era da conta de ninguém. Mas ela não era tola.

Laurel decidiu deixar o cabelo solto, dizendo a si mesmo que era só para

ajudar a destacar o vestido. O vestido que Brighid fizera para essa noite era incrível. A túnica azul-marinho tinha um corpete de veludo que apertava os seios e descia até a cintura. Além disso, Brighid o bordara com contas elegantes que combinavam com um colar de cristal de quatro voltas, que dava um toque muito feminino ao vestido.

As mangas compridas bufantes eram feitas de uma gaze leve, azul-esverdeada, que combinava com a camada superior da saia. A camada de baixo era de um material leve que refletia a luz das fogueiras. Brighid achava que a única coisa que faltava para deixar o vestido perfeito era a manta xadrez dos McTiernay. Por algum tempo ela tentou mudar a opinião de Laurel, mas quando saiu para se arrumar para as festividades da noite, Laurel ainda se recusava a usá-la.

Quando entrou no salão principal, Laurel ouviu os assombros e os sussurros. Só o orgulho a obrigou a avançar pelo aposento.

Assim que viu Laurel do outro lado da sala, Conor não conseguia tirar os olhos dela. Parecia que tinha sido atingido por um relâmpago. Por alguns segundos, ficou atordoado demais para fazer qualquer outra coisa além de encará-la. Seu cabelo dourado claro estava solto, emoldurando suas feições femininas como uma auréola. A cor do vestido acentuava o tom azul na turquesa de seus olhos, dando-lhes calor e poder.

O vestido revelava o corpo bem desenhado dela, e pendia solto a partir dos quadris. O tecido balançava de maneira agradável quando ela andava. Suas sapatilhas combinavam com o vestido, ao contrário de muitas mulheres highlanders, que preferiam ficar descalças até nos meses mais frios do inverno. O efeito geral era incrível, fazendo uma onda de desejo crescer nele.

Conor observou quando, um após um, seu povo se reuniu para cumprimentá-la por suas realizações. Ele viu e ouviu como ela, graciosamente, devolvia a autoria de todas as melhorias para o povo.

Depois de ver a transferência de amor entre o clã e ela, ele percebeu que, apesar do que Finn, Fallon e até Laurel dissera, as pessoas não fizeram todas as mudanças por ele — fizeram somente por ela. Eles a amavam. Assim como ele.

Ele se levantou e foi recebê-la, juntando-se ao restante de seus admiradores.

Quando ela o viu, seu coração tremulou por um momento. A raiva que ela ouvira ecoar pelos corredores mais cedo se fora. Tudo o que restava nos olhos dele era admiração e afeto.

Ele segurou a mão dela e a guiou até uma cadeira ao seu lado no fundo do salão. Ele a manteve por perto caso ela titubeasse, temendo que ela não quisesse comer com ele. Mas ela o seguiu com tranquilidade até a mesa e se sentou perto de Clyde enquanto Conor reassumiu seu assento.

Laurel tentara suprimir seus sentimentos quando Conor veio ao seu encontro. Ele estava vestido de um jeito magnífico, com uma túnica longa de mangas bufantes e uma jaqueta curta, elaboradamente decorado. Desarmado, ele estava com as pernas de fora e descalço. Era engraçado, ela pensou, como há dois meses, ver um homem descalço teria parecido inapropriado e ofensivo. Agora tudo o que ela conseguia pensar era que aquilo o fazia ficar ainda mais atraente.

Laurel observou Conor secretamente durante a noite. Ela se maravilhava com o modo como a luz brincava em seu cabelo escuro e sua pele bronzeada. Seus olhos prateados resplandeciam de alegria ao ouvir seus irmãos contarem histórias antigas e novas. Ela não podia imaginar homem mais sexualmente atraente.

Ela sorriu e levou a conversa para a viagem até a propriedade do chefe Schellden. Como era de se esperar, Craig falou a maior parte do tempo, acrescentando constantemente histórias bem-humoradas sobre Cole e seus primeiros dias como guarda. A risada dela era como um farol de luz para todos que podiam ouvir, fazendo-os gravitar na direção dela como mariposas em uma vela. Depois de um tempo, Laurel proclamou que era hora de dançar e ordenou que algumas mesas fossem desmontadas para abrir espaço.

Dooly foi o primeiro a lhe pedir uma dança, ao que ela concordou animada. Parecia a Conor que todos os homens da sala observavam Laurel dançar, e ondas de ciúmes começaram a fluir através dele. Sentia-se extremamente possessivo, e sabia que esse sentimento não sumiria tão cedo. Talvez nunca.

A dança terminou e outra começou, e alguém apareceu para pedir a próxima dança. E assim foi pelas quatro horas seguintes. Homens — jovens e velhos, altos e baixos, magros e gordos — continuavam pedindo-a para dançar. Ela

dizia sim para todos eles, sem desistir de uma única alma, sem querer fazendo todos se apaixonarem por ela.

Enquanto via os homens sucumbirem aos encantos naturais de sua nova amiga, a esposa de Finn decidiu bancar a casamenteira. Finn tentara dissuadir Aileen de ir ao banquete naquela noite, pensando que uma mulher prestes a dar à luz ao primeiro filho não tinha o que fazer em uma festa. Mas Aileen se recusara a ouvi-lo. Finn balançou a cabeça para sua bela esposa, mas ela simplesmente o ignorou e sentou-se ao lado de Conor, fingindo inocência.

— Essa noite foi um completo triunfo, não foi? — Aileen não se desencorajou quando Conor não respondeu. — Suspeito que ficará muito ocupado nas próximas semanas — Aileen sorriu para si mesma. — Ouvi pelo menos uma dúzia de homens se perguntando como se aproximar de você para pedir a mão dela. Já pensou em como vai decidir? Entre os pretendentes, quero dizer — Ela brincou com as fitas na manga de seu vestido, ainda olhando inocentemente para a multidão. — Ela é adorável. Primeiro todo mundo pensou que ela estava destinada a ser sua. Mas então, quando vocês dois negaram tão veementemente a ideia... Bem, acho que isso deu esperanças para vários homens que tiveram a chance de conhecê-la. Sei que caí sob seu feitiço quando a conheci. Senti como se a conhecesse a vida toda. Não é de estranhar que nos tornamos amigas de maneira tão rápida. Espero gostar de quem quer que você escolha para marido dela. Eu me pergunto se ela vai preferir esperar até a primavera ou se vai se casar imediatamente.

Aileen sorriu e bateu as mãos.

— Bem, preciso ir. Prometi a Finn que não ficaria até tarde — Conor deu um longo olhar quando ela se levantou e deixou o salão com Finn conversando animadamente sobre alguma coisa.

Ele sabia o que Aileen estava fazendo. Conhecia a esposa de Finn há anos, e as intenções dela ficaram bem óbvias na segunda frase de seu discurso. Ele se perguntava se Laurel a pedira para fazer aquilo, mas sabia que era bem improvável. Muito do que Aileen dissera já passara por sua mente enquanto via os homens se aglomerando ao redor de Laurel. Até agora, ele conseguira manter distância e pretendia continuar longe.

Ele tomou um gole de cerveja. Atrás dele, vários homens perto da lareira

discutiam sobre a criada responsável por manter as canecas cheias.

— Ela sorriu para mim!

— Sim, ela sorriu, mas foi para mim — outro respondeu.

— Eu podia dançar com ela a noite inteira. Ela tem cheiro de flores na primavera. Ah, eu morreria feliz se ela estivesse por perto.

Conor continuou a ouvir enquanto eles listavam os atributos da mulher, ainda acreditando que era da pequena criada bonita que falavam. Conor vira os três dançando com a criada várias vezes. Foi só quando começaram a discutir sobre a cor dos olhos da mulher que ele percebeu quem era o real objeto do afeto deles.

Todos os homens estavam apaixonados por Laurel.

Eles não conseguiam decidir se os olhos eram azuis com traços verdes, como as cores do mar, ou mais verdes do que azuis, como os lagos das terras altas.

Ele foi até uma das janelas que davam vista para o penhasco para olhar a paisagem noturna e tentar conter a semente de ciúmes que crescia rapidamente dentro dele. Conor sabia que estava sendo irracional. Sabia que Laurel não estava flertando ou fazendo aberturas sexuais. Mas quando ele ouviu outro grupo de soldados discutindo sobre o futuro dela, alguma coisa se rompeu.

Eles estavam falando sobre como pedir a mão dela em casamento, visto que o chefe do clã claramente não estava interessado em fazer de Laurel sua senhora. Aileen estava certa. Logo uma fila de homens se aproximaria dele para pedir a mão dela. Como iria lidar com isso?

Todo mundo percebera que Conor não tirara Laurel para dançar nenhuma vez sequer. Alguns concluíam que isso significava que os rumores eram realmente verdadeiros — ele não a queria. Embora, outros ainda não estavam convencidos.

Os soldados debatiam sobre qual deles Laurel gostava mais. Com as declarações de não compromisso de Conor, eles estavam prontos para assumir os papeis de marido e protetor. Conor lutava para se manter calmo e não se deixar afetar, mas quando alguém mencionou como os lábios dela eram cheios e feitos para beijar, Conor perdeu o controle.

Ele não se lembrava do que gritara para esvaziar o salão tão rapidamente.

Em minutos, todos tinham desaparecido. Apenas Laurel ficara, olhando para ele.

— Pare de olhar para mim, Conor. Foi você quem ordenou tão rudemente que todo mundo deixasse o castelo. O que causou isso? E por que eu precisei ficar?

— Precisamos conversar.

Laurel apertou os lábios.

— Sobre o quê? Sua atitude dessa noite, por acaso? Você não dançou com ninguém. Ficou sentado a noite toda, parecendo solene, recusando-se a falar com qualquer um além de Finn ou seus irmãos. Vi como você ignorou a pobre Aileen, fazendo-a ir embora mais cedo.

Conor contorceu a boca, sem nenhum humor.

— Então você me notou essa noite? Achei que isso fosse impossível, com sua multidão de admiradores.

Primeiro o choque, depois o ultraje tomou conta de Laurel.

— Multidão de admiradores...? Conor McTiernay, se tem algo a dizer, fale rápido antes que eu perca a cabeça.

Ele se aproximou dela e a agarrou pelos braços, para impedir que ela se fosse.

— O que está tentando fazer, Laurel? Quantos homens espera que peçam sua mão? Todos eles? Pode fazer outro evento e convidar os sentinelas do castelo para garantir que todos a vejam e fiquem encantados com sua beleza.

Lágrimas quentes e furiosas ardiam nos olhos dela.

— Bem, desde que você não esteja entre eles. Você é o homem mais insuportável que já vi. Não sei nem por que eu queria você aqui.

— Por que, Laurel? Queria que eu visse a lealdade que você comanda? Era importante para você que eu soubesse quantos a amam e como você é amada por todos?

— Amada? Lealdade? Conor, se eles me respeitam é só por causa de você! — Ela engasgou com um soluço. — Por que está tão zangado? Fizemos tudo isso para você! — Ela fungou e sussurrou. — Eu queria fazer isso para você — As lágrimas começaram a correr livremente.

Conor se comoveu e secou as lágrimas com o polegar.

— Por que queria fazer alguma coisa por mim, Laurel? Eu achava que só queria se vingar por fazê-la ficar no castelo em vez de na cabana.

Ela abaixou os olhos e os longos cílios se apoiaram em seu rosto.

— Eu não falava sério. Eu só não queria me sentir mais em dívida com você — Ergueu o olhar. — Então eu vi como podia ajudá-lo. Eu podia devolver seu castelo. Podia transformá-lo em algo que se adequasse à sua posição, torná-lo um lugar onde você teria orgulho de receber seus amigos e aliados.

Ele olhou no fundo dos olhos dela, e todo o ciúmes e ressentimento que tomavam conta dele até agora desapareceram. Os lábios dela estavam cheios e úmidos pelas lágrimas. Seus olhos estavam arregalados e inquisitivos, suas emoções acentuando a cor. A pele dela era suave e agradável. O efeito geral era intoxicante.

— Você ajudou bastante. Eu devia ter feito algo em relação aos salões há muito tempo.

— Então por que está tão zangado?

A voz dele era profunda e emocionada, cheia de desejo.

— Você é minha, Laurel, e é hora de parar de fingir o contrário. Não quero outros homens atrás de você. Descobri essa noite que a ideia de outra pessoa beijando você, tocando você, é inaceitável.

Ela abriu a boca para responder, mas foi impedida pela boca dele. Ele a beijou lentamente, com uma possessividade profunda, tenra. Era um beijo suave, que falava de saudades e afeto. A emoção pura por trás daquilo enfraqueceu as pernas de Laurel, forçando-a a se apoiar na força dele para permanecer em pé. Um gemido escapou de seus lábios, seguido por um gemido de Conor.

As mãos dela subiram pelas costas dele e se entrelaçaram em seus cabelos. Inconscientemente, ela puxava a cabeça dele, aumentando fervor do beijo. Ele brincava com a língua contra os lábios dela, e ela imediatamente abriu a boca e o convidou a entrar. Capturando a língua dele e atraindo-a para sua boca, ela queria mais. Seu baixo-ventre estava contraído com algum tipo de necessidade desconhecida.

O interior da boca de Laurel era quente e acolhedor, assim como sempre fora. Ele soltou um gemido baixo e frustrado antes de soltar seus lábios. Ela

arqueou as costas, e ele começou a fazer uma trilha de beijos por seu rosto e pescoço. Ele inalou profundamente. O cheiro feminino e ardiloso incendiava o interior dele, acendendo uma profunda necessidade em Conor.

Nunca uma mulher o afetara desse jeito. Ele perdia a noção do tempo e o autocontrole quando ela estava em seus braços. Nenhuma outra pessoa, responsabilidade ou cuidado era importante. Tudo o que ele queria era mais dela.

Sem esforço, Conor girou com ela e a apoiou contra a parede de pedra, com as mãos em seus ombros, os quadris pressionando o abdômen dela. Quando seus lábios estavam quase tocando os dela, ele jurou:

— Você é minha, Laurel. Agora e para sempre.

Laurel estremeceu em resposta. A boca de Conor encontrou a dela novamente, enquanto suas mãos, quentes e fortes, acariciavam seus seios. Ela arqueou as costas, facilitando o acesso dele. Quando ele sentiu os mamilos dela ficarem entumecidos sob o tecido do vestido, sua masculinidade endureceu ainda mais de desejo. Ela gemeu seu nome. Ele a pegou, foi até a cadeira perto da fogueira e sentou-se com ela no colo, enquanto continuava o assalto aos sentidos dela.

Ele tirou as sapatilhas dela e passou a mão sob a saia, começando a explorar suas pernas nuas.

— Deixe-me tocá-la, amor. Preciso tocar você... preciso sentir você — E então seus lábios cobriram os dela novamente.

A boca dele estava por todo lado — a língua dentro e ao redor da orelha dela, criando pulsos de desejo entre suas pernas. Ela estava vagamente ciente de que o agarrava, erguendo o corpo, esforçando-se para um toque mais íntimo. Ela estava em outro mundo, um mundo criado por ele, e não queria partir.

Ele queria explorar cada pedaço de seu corpo, tocando cada centímetro de sua carne, conhecendo cada ponto sensível. Uma pele nunca fora tão suave e macia. Ele ansiava em vê-la na agonia do êxtase e sabia que era ele quem a levaria até lá.

Ele abaixou lentamente as mangas do vestido pelos ombros, até que seus seios foram revelados. Em algum lugar no fundo de sua mente, ela sabia que

devia detê-lo. Nunca em sua vida imaginara que as sensações físicas que ele causava existissem. Mesmo assim, não queria pará-lo, não podia pará-lo.

Ele libertara os seios dela, mas não tocara neles. Em vez disso, sua boca devastava a dela, deixando-a sem fôlego e querendo mais ao mesmo tempo. Por fim, depois de uma eternidade, as mãos dele tocaram de leve os montes sedosos, acariciando lentamente os mamilos rosados. Ela arquejou ao seu toque. As mãos dele eram ásperas e a sensação era muito boa. Nada podia ser melhor do que aquilo, ela pensou. E então ele aumentou a intensidade.

A necessidade crescia dentro dele, mas ele se conteve. As respostas inocentes dela eram como combustível para seu fogo crescente. Ele queria muito lhe dar prazer e levá-la ao ápice da paixão. Ela precisava saber que era dele e de ninguém mais. Quando essa noite acabasse, as ideias de deixá-lo ou de se casar com outro acabariam para sempre.

Laurel não achava que alguma coisa no mundo pudesse aumentar seu prazer, e então a boca dele cobriu seus seios. A língua de Conor brincava com o mamilo, até deixá-lo rígido. As mãos dela agarravam e arranhavam suas costas enquanto ondas de prazer a atravessavam. Os dedos dele voltaram para suas pernas e acariciavam a parte interna da coxa, combinando com o ritmo da língua em seu seio.

A mão dele alcançou a junção entre suas pernas, e o corpo de Laurel enrijeceu imediatamente.

— Conor, não.

Mas ela relaxou novamente enquanto ele a beijava com fervor, levando-a a um estado de pura sensação. Então a mão dele começou a acariciá-la, abrindo suas pernas ardilosamente.

— Você é tão suave, tão quente, tão apertada. Nunca senti nada assim. Você é única, Laurel, meu amor.

Ele inalou o cheiro dela, parte perfume, parte excitação feminina, e então soube que ela estava molhada e receptiva. Levou a mão pelas pernas dela até ficar a centímetros de seu centro quente e molhado. Então, com um gemido baixo e rouco, ele a encontrou.

Quando seus dedos a penetraram, Laurel segurou a respiração e congelou. Segundos depois, seus olhos se abriram e ela tentou afastar a mão dele.

— Psiu, amor — Ele moveu lentamente os dedos para dentro e para fora, com o polegar acariciando seu ponto sensível. — Confie em mim. Eu nunca machucaria você, você sabe disso. Confie em mim e deixe-me mostrar como será entre nós.

— Eu confio em você, Conor. Mais do que já confiei em qualquer um. Mas... ah... Senhor...

O resto se perdeu enquanto ele continuava a esfregar e a mover os dedos para dentro e para fora, cada vez mais rápido.

As lágrimas escorriam novamente, mas desta vez eram de prazer. Ele a provocava. Ela estava enlouquecendo, mas implorava por mais.

— Por favor, por favor, não pare. Por favor...

— Não vou, amor. Prometo nunca parar. Relaxe e deixe tomar conta de você. É isso.

Laurel sentiu o mundo começar a girar. O toque dele, sua boca, tudo a levava a um clímax incontrolável. Ela arquejou, arqueando o pescoço para trás, agarrando-se nele, torcendo sua túnica com a mão fechada. Seus músculos se contraíam e relaxavam em pequenos espasmos, todo o corpo tremendo. Ela sabia que estava prestes a explodir, que não aguentaria mais.

E, de repente, os céus se abriram e se esparramaram sobre seu corpo. As sensações que ondulavam nela eram como nenhuma outra. Toda a razão sumiu. A experiência era um presente misterioso e belo, e fora Conor quem dera a ela.

Lentamente, ela recobrou a consciência do ambiente. Estava no salão principal, sentada no colo de Conor, largada sobre ele do jeito mais imodesto possível. Seu rosto estava enterrado no peito dele, seus braços o circundavam, mantendo-o o mais perto possível. Sua respiração ainda era pesada e seu coração batia tão alto que ela podia ouvir o eco no salão. A mão dele ainda estava sob seu vestido, segurando-a, enquanto ela tentava entender o que acabara de acontecer.

O cheiro dela era intoxicante, ele pensou, inalando a mistura de flores e da essência de Laurel. Ele podia sentir o coração dela batendo acelerado, em uníssono com o dele. Não conseguia explicar muita coisa do que tinham acabado de compartilhar. Ele só queria uma coisa — que ela chegasse ao auge

do prazer com ele. Quando ele colocou o prazer de uma mulher acima do dele? Embora não tivesse gozado, tinha chegado perto. Mesmo assim, nada do que experimentara, nem mesmo com mulheres mais experientes nos prazeres sexuais, foi tão bom assim.

Ele nunca imaginou que dar prazer a alguém tão inocente quanto Laurel fosse muito melhor do que receber de qualquer outra. Ele a abraçou apertado, e endireitou suas mangas. Ela ainda se agarrava a ele, como se ele fosse uma linha segura na mais profunda das nevascas. Ela precisava dele, ele pensou, completamente satisfeito.

— Conor, o que aconteceu? Não pude me conter. Não queria me conter. Foi tudo tão estranho. Não sei o que fazer.

Seu apelo suave por entendimento partiu o coração dele. Ele levantou a cabeça dela de seu peito e começou a beijá-la com suavidade, tentando tranquilizar Laurel.

— Você não tem que fazer nada. Você simplesmente foi amada por mim. E não tem que se conter comigo, Laurel. Teremos muitas oportunidades de fazer isso várias e várias vezes — *Especialmente nas noites frias de inverno*, ele pensou. Seu medo de casamento e compromisso tinha desaparecido totalmente, deixando apenas o desejo de possuí-la todas as noites pelo resto de seus dias.

— Vamos? Não entendo, Conor. Isso não seria adequado. Nunca mais faremos isso. Já que não conseguimos nos conter, temos que nos afastar um do outro.

As palavras que ela soltava eram incrivelmente ingênuas, ele pensou, enquanto a pegava no colo e a levava até a Torre da Estrela. Ainda em estado de devaneio, ela apoiou a cabeça no ombro dele e perguntou:

— Por que quando você está por perto eu não consigo pensar ou me comportar adequadamente? Ou viro uma megera delirante ou uma mulher indecente incapaz de manter as mãos longes de você — Até naquele momento, as mãos dela acariciavam suas costas, enquanto ele a carregava pela escada até seus aposentos.

— É porque você é escocesa, Laurel — ele disse baixinho, enquanto entravam no quarto dela e ele a colocava na cama.

Nenhuma outra palavra poderia tirá-la mais rápido de seu devaneio do que

aquelas. Como ele descobrira? Ele conhecia o avô dela? Ela deixara escapar sem perceber?

Ele viu que ela ficou tensa, e ficou intrigado com aquilo.

— Eu... eu... eu não sou escocesa, Conor — ela disse, tentando exibir uma forma mais convincente possível. Saiu da cama e o encarou diretamente nos olhos.

— Sim, você é, Laurel. Ou pelo menos será, assim que o padre Lanaghly chegue — Ele sorriu, tentando deixá-la mais à vontade. Mas os pensamentos de Laurel estavam focados no que ele sabia sobre seu avô e se ela colocara o clã MacInnes em perigo.

— O padre Lanaghly não pode mudar os fatos — ela disse, indo até a janela para olhar o céu da noite. Estava claro e frio. Logo as neves do inverno estariam sobre eles.

Conor viu que Laurel lutava alguma batalha interna.

— Ah, mas ele pode e vai, amor. E não vai ser cedo demais

Ela se virou para ele.

— Mas como? Quero dizer, o que um padre tem a ver com isso?

O olhar dele era quente e possessivo.

— Muito, se ele for nos casar.

— Casar! — Ela exclamou. — Mas eu não posso me casar com você, Conor! Preciso ir embora daqui. Não posso ficar. Não posso. — Ela gritou em desespero.

Reagindo à súplica na voz dela, ele avançou e quis saber:

— Por quê, Laurel? Por que não? Por que não pode se casar comigo?

Ele sentia que o motivo dela estava relacionado à parte que faltava em sua história. Ela tinha medo de alguma coisa, de alguém. Ele queria profundamente ser aquele para quem ela pudesse correr por proteção. Era doloroso vê-la se retrair mentalmente — saber que ela se voltaria para outra pessoa em busca de ajuda.

— Há mais alguém? É isso?

Ela podia sentir o medo na voz dele e tinha que acabar com sua dor. Laurel estendeu a mão e segurou o braço de Conor.

— Não, não! Conor, como pode pensar isso? Nunca haverá ninguém exceto

você... simples assim — Ela estava em pânico agora. Segurou o rosto dele entre as mãos. — Mas, por favor, não me peça para casar com você. Achei que não quisesse casamento, compromisso, ou alguém que o prendesse — Os olhos azuis-esverdeados dela se encontraram com os prateados dele, implorando que ele entendesse e aceitasse.

Ele segurou as mãos dela e começou a massagear seus dedos inconscientemente.

— Laurel, amor, não sei por que está tão desconcertada, mas eu sei disso. Nunca deixarei ninguém machucar você.

As palavras dele lhe trouxeram alívio momentâneo, mas tão rápido quanto chegou, a esperança morreu.

— Se fosse só eu, Conor, eu confiaria em você completamente. Mas não sou só eu, e não posso deixar que machuque, mesmo sem querer, alguém que amo.

Ele franziu o cenhoe apertou as mãos dela.

— Quem seria machucado, Laurel? Outro homem?

— Eu já disse para você. Não há ninguém mais nem nunca haverá — As palavras dela pareciam bálsamo para sua alma calejada.

Saber que ela era dele tornava os problemas do mundo superáveis.

— É seu irmão?

— Não, não é ele — Laurel se virou novamente e ficou parada perto da lareira, tentando absorver o calor. Ela começou a esfregar os braços para aquecê-los. Percebeu que Conor conseguiria a verdade. De um jeito ou de outro, ele descobriria. Talvez, se ela explicasse tudo para ele, ele compreenderia que ela não tinha outra escolha além de partir na primavera e desaparecer para sempre. Ela mudaria o nome, o cabelo, e tudo mais que permitisse que um Douglass a encontrasse.

Conor veio por trás e a abraçou pela cintura, de modo que suas costas e braços foram completamente envolvidos. Beijou o alto da cabeça dela.

— Conte-me, Laurel. Deixe-me ajudar você. Não posso proteger você ou quem quer que você esteja mantendo em segredo se eu não souber. Você pode confiar em mim.

Ela inspirou profundamente e soltou o ar, percebendo que chegara a hora de confiar em alguém e, se não fosse em Conor, em quem mais seria?

Lentamente, ela começou a lhe contar a parte que faltava daquela noite de horror.

— Quando Keith Douglass me sequestrou, eu não estava em solo inglês. Ia visitar meu avô, que vive na fronteira escocesa.

Então sua noiva era escocesa. O coração dele disparou.

— Me fale sobre ele.

— Ele era o pai da minha mãe. Quando ela era jovem, ela fugiu para se casar com meu pai, que era um barão inglês. Ele já fora casado antes, e tinha um filho… meu meio-irmão, Ainsley. É triste dizer, mas não acho que meu pai amava a mãe de Ainsley, pelo menos não como amava a minha — Laurel suspirou novamente, engoliu em seco e prosseguiu. — De qualquer modo, embora meu pai e minha mãe se amassem muito, meu avô não aceitou o marido que ela escolheu. Depois de vários anos, minha mãe finalmente me teve e, com o nascimento da primeira neta, a ruptura entre ela e meu avô foi consertada. Mas meu pai nunca se esqueceu daqueles primeiros anos. Ele se recusava a entrar na Escócia por causa da rejeição inicial do meu avô por ele. Mas ele permitia que minha mãe e eu visitássemos meu avô várias vezes durante o ano.

— Foi como aprendeu gaélico tão bem — Conor comentou, ainda a abraçando, querendo protegê-la fisicamente das lembranças.

— Sim, meu avô era um homem grande, ou pelo menos parecia assim quando eu era criança. Mas eu o amava muito. Era tão diferente do meu pai. Era carinhoso e afetuoso. Gostava de me girar e me contava todo tipo de histórias. Ele e eu temos um laço especial. Minha mãe dizia com frequência que puxei para ele. Dizem que tenho seus olhos claros e a cor do seu cabelo.

Ela fez uma pausa e se virou nos braços de Conor para olhar para ele, esperando que ele entendesse.

— Faz muitos anos desde que vi meu avô. Quando minha mãe morreu, meu pai se recusou a me deixar viajar para a Escócia ou deixar que soldados escoceses me acompanhassem.

Ela viu o brilho rápido de ressentimento nos olhos de Conor.

— Não, não olhe assim. Meu pai me amava, mas sempre foi um homem duro, e só se tornou mais duro depois que minha mãe morreu. Acho que eu o

desapontava. Com meu temperamento e minha aparência, ele nunca se esquecia de onde eu vinha. Foi só quando meu irmão se tornou barão que vi minha chance de voltar para casa, para minha casa escocesa. Meu irmão, Ainsley, odiava a ideia de pagar um dote para que alguém se casasse comigo. A noiva dele também queria me ver longe, fora da fortaleza dele. Por fim, eu persuadi Ainsley a me deixar partir para a Escócia, prometendo nunca mais voltar, não importavam as circunstâncias.

Laurel estremeceu levemente com a lembrança e se soltou do abraço de Conor. Ele tentou fazê-la se sentar e deixá-lo abraçá-la, mas ela balançou a cabeça, determinada a contar essa parte da história sem apoio. Olhou para o fogo e continuou.

— Estávamos a poucos dias na Escócia quando Keith Douglass me capturou e me levou para a fortaleza do pai dele. Keith era mau e cruel fisicamente, mas não se comparava ao seu pai. Quando o chefe Douglass me ofereceu para seu filho, também falou em me ter.

De repente, Laurel sentiu como se tivesse sido transportada de volta no tempo e no espaço. Podia ver os olhos escuros, pequenos, embotados, profundos, brilhando como besouros. A visão do cabelo negro, comprido e encaracolado dele, emoldurando o rosto pontudo e distorcido pelo ódio ardia em sua mente. Ela começou a tremer e a esfregar os braços instintivamente. Conor estava feliz por ela estar de costas para não poder ver a fúria que crescia em seus olhos.

— Acho que o chefe Douglass podia ver meu desprezo, ou talvez fosse insubordinação, então ele começou a me ameaçar. De algum modo ele me conhecia e conhecia meu avô. Jurou que se eu revidasse, que se não o obedecesse, que ele atacaria o povo da minha mãe... ele os mataria. Mataria todos eles.

O silêncio caiu entre eles por vários minutos. Laurel ficou parada, tentando se recuperar do medo e das lembranças. Conor caminhou até a janela, usando o movimento físico para controlar sua raiva.

— Diga-me quem são, e eu os protegerei.

Ela se virou e olhou para ele. Os nós dos dedos dele estavam brancos com a pressão que ele exercia sobre a beirada da janela.

— Não posso. Não posso contar para você. Por favor, não me peça isso. Sinto muito. Mas agora você entende? Entende por que não posso me casar com você? Por que tenho que partir? Na primavera, Douglass terá reunido seus homens e estará pronto para cumprir sua palavra.

Ele virou e a olhou com incredulidade.

— O que planeja fazer? O que planeja fazer na primavera?

— Vou partir e nunca mais voltar. Mudar meu nome, minha aparência, cortar o cabelo. Alguma coisa para que Douglass não me reconheça. E então, vou descobrir um jeito de avisar meu avô sobre Douglass e sua ameaça.

As lágrimas dela começaram a escorrer e ele não resistiu mais. Com muito cuidado, ciente da raiva fortemente contida e do desejo feroz de vingá-la, ele a puxou para seus braços.

— Nunca deixarei que corte o cabelo, amor — ele disse com gentileza, enquanto colocava uma mecha dourada atrás da orelha dela. — Vamos lá. Onde vai viver? Como vai se sustentar?

— Não sei. França, talvez? Talvez eu possa ser dama de companhia ou algo assim... eu realmente não sei. Não pensei tão longe. Neste inverno, estarei bem. Ninguém viaja muito nesta estação, não é? Desde que eu desapareça na primavera, antes que a notícia se espalhe de que estou nas terras altas, as coisas vão ficar bem. Douglass nunca atacaria você se eu não estiver aqui. Não posso ficar. Não importa o quanto eu o ame, não posso me casar com você — O tom de voz dela era baixo e lamentoso.

Ela acabara de dizer que o amava. Não havia possibilidade de ela partir e não se casar com ele agora. Ela era sua, tanto na mente quanto no espírito. Agora ele só precisava que ela se apoiasse nesse amor um pouco e confiasse nele para lidar com todas as suas preocupações.

Ele ergueu o queixo dela e segurou seu rosto com as mãos.

— Entendo o que me disse. Mas agora você precisa entender algo. Vamos nos casar, e logo. Você confiou em mim para trazê-la até aqui em segurança. Confie em mim para encontrar um jeito de manter sua família a salvo. Quem é seu avô?

— Por favor, Conor, não me pergunte isso. Por favor. Não quero colocar você ou ninguém mais em perigo.

Ela realmente pensava tão pouco dele e de sua capacidade em mantê-la em segurança? Ele suspirou e decidiu não pressionar mais.

De qualquer forma, tinha quase certeza de quem era o avô dela. Devia ter percebido assim que a encontraram na floresta. O cabelo era uma pista, mas os olhos — só um clã na Escócia tinha aqueles olhos. Ele mandaria notícias de que ela estava em segurança e do seu paradeiro depois que se casassem. Infelizmente, não saberia como as notícias seriam recebidas até a primavera.

E se ele estava certo sobre a identidade do avô dela, a ameaça do chefe Douglass era tão vazia quanto sua honra. Era só um meio de assustar e controlar alguém que ele queria possuir. Fora um grande erro da parte de Douglass, e um que ele ou o chefe MacInnes logo consertariam.

— Amor? — Ele a trouxe para mais perto. — Case-se comigo. Confie em mim para resolver seus problemas na primavera. Se a primavera chegar, e a única maneira de manter sua família em segurança for com a sua partida, então você pode ir. Mas não deixe de dar uma chance para nós. Vai confiar em nós o suficiente para fazer isso? — Ela nunca o deixaria, independente do que acontecesse na primavera, mas ele estava disposto a fazer qualquer coisa para ganhar algum tempo para convencê-la.

Laurel queria tanto acreditar que ele poderia salvar seu avô. Também sabia que, após essa noite, ficar longe de Conor seria impossível.

— Sim, Conor McTiernay. Vou me casar com você. Mesmo que dure apenas até a primavera. Você é o único homem que eu já quis, e meu coração sempre será seu, independente do que aconteça.

— É assim que tem que ser. E você, meu amor, sempre será minha. Você sempre foi, você sempre será — *E nosso casamento vai durar bem mais do que até a primavera*, ele pensou enquanto sucumbia e a beijava.

Foi um beijo longo, cheio de necessidade e amor infinitos. Eles exploravam a boca um do outro. Ela imitava os movimentos dele, e tentava aprofundar o beijo. Ele se obrigou a se afastar. Soltou-a de seus braços e beijou sua testa, esfregando os lábios com muita suavidade em sua pele.

— Devíamos esperar até nos casarmos, Laurel. Você não vai querer ficar diante do padre sem ser donzela.

Ela começou a esfregar o nariz no pescoço dele, passando os dedos por seu

cabelo. Ele tremeu sob os beijos ternos e convincentes dela.

— Não acho que isso importe mais. Ou esqueceu o salão principal... — Ela falou, abaixando a cabeça dele, para mordiscar sua orelha. — Você tem um gosto tão bom — ela disse, arrastando a última palavra.

Conor estava prestes a deitá-la e fazer o amor apaixonado com o qual sonhava desde que a vira pela primeira vez. E agora ali estava ela, fazendo propostas lúdicas, românticas e indubitavelmente sexuais. Nem a sereia mais experiente poderia ser mais inebriante. Com determinação incrível, ele reuniu cada fibra de seu ser e obrigou Laurel a deter seus avanços.

— Não, querida. Você ainda é virtuosa, mas não continuará assim se prosseguir — Ele tinha que ir embora logo. Os olhos cheios de paixão dela rapidamente o fariam desconsiderar todas as suas boas intenções.

— Mas eu achei que nós... quero dizer, nós fizemos... você fez... não fez...? — Ela não podia expressar um pensamento coerente completo.

— Não, amor. O que partilhamos no salão foi só um aperitivo das futuras delícias que encontraremos juntos. Na noite em que nos casarmos, você se tornará minha... corpo, mente e alma.

Ela estremeceu com as palavras dele. Não podia imaginar nada mais maravilhoso do que o que fizeram mais cedo. Ele se inclinou, esfregou a boca levemente sobre a dela e foi para a porta do quarto.

— Laurel. A partir de amanhã você vai usar o xadrez McTiernay — E então ele partiu, deixando-a com seus pensamentos.

— Eu serei Lady McTiernay — ela murmurou. Começou a rodopiar pelo quarto. — Serei esposa de Conor. Ele quer se casar comigo!

E então ela se jogou na cama. Nas horas seguintes, ficou olhando o teto e se perguntando como seria ser casada com o chefe McTiernay. Quando Brighid a encontrou na manhã seguinte, ela ainda estava dormindo de vestido, enrolada na coberta e com um sorriso no rosto.

9

Laurel acordou com Brighid entrando na ponta dos pés no quarto, carregando um pacote escuro.

— Brighid? É você? — Ela perguntou com voz sonolenta.

— Sim, milady — Brighid sussurrou, sentindo-se constrangida por ter perturbado a próxima Lady McTiernay. Mas os rumores corriam pelo castelo a manhã toda, e Brighid estava ansiosa para descobrir se eram verdadeiros. — O chefe do clã me deu isso para que você usasse hoje.

Laurel pulou rapidamente da cama e correu para olhar o belo tecido xadrez que Brighid trouxe.

— Pode me ajudar com isso? — Laurel pediu animada.

Sem conseguir se conter, Laurel cantarolava enquanto se banhava e se vestia com o xadrez dos McTiernay. Estava feliz que só os homens usavam a versão mais grossa do tecido de lã. As mulheres das terras altas usavam uma versão muito mais fina e mais comprida do material, que chegava até o chão.

— Acho que esse tecido em particular pertenceu à mãe dele — Brighid confidenciou, ajudando Laurel a prendê-lo à sua túnica, para que o tecido pendesse de forma apropriada. O xadrez escuro, com tons verdes e azuis, fazia um contraste marcante com as belas feições de Laurel.

— Ah, Brighid, tenho certeza de que nunca aprenderei a fazer isso. Você consegue, de algum modo, transformar o conjunto volumoso em algo feminino e muito confortável.

Brighid pregueara o tecido e o prendera na cintura de Laurel, enrolando a parte que sobrava em seus ombros antes de prendê-la na frente do corpo com um broche. Laurel percebeu que um pedaço extra do material foi deixado para formar um capuz, que podia ser puxado sobre a cabeça em caso de mau tempo.

— Brighid, onde você conseguiu esse broche? — Era uma bela peça de ouro e prata que lembrava os botões das camisas cor de açafrão que Conor

usava.

— Também era de Lady McTiernay. Em geral, broches elegantes como o que você está usando são passados de mãe para filha.

— Mas não há filhas McTiernay — Laurel disse com suavidade enquanto passava os dedos de leve na relíquia de família.

— Sim. E foi por isso que Lady McTiernay o deu a Conor, fazendo-o prometer que o daria para a próxima Lady McTiernay. Já que o chefe me disse especificamente para dá-lo a você, e você está usando a herança da família, é verdade? Você será a próxima Lady McTiernay?

O suspiro de Laurel estava carregado de felicidade. Nunca imaginara que pudesse ficar tão feliz com a perspectiva de se casar, em especial com um highlander grande e rude.

— Sim. Sim, eu sou. Assim que o padre Lanaghly chegar para fazer a cerimônia.

— Espero que queira terminar a capela agora.

Fallon dera grandes passos para melhorar a fortaleza, mas havia muito ainda a ser feito. Os bancos da capela estavam apodrecidos e precisavam ser substituídos. Os assentos e as coberturas do altar tinham que ser refeitos e, com tantas manchas nos vidros, as janelas necessitariam de muitas horas de trabalho antes de ficarem limpas novamente.

— Hmm, sim. Sabe onde Fallon e Glynis estão agora?

— Na capela, milady. A notícia das núpcias em breve já se espalhou, e os dois foram imediatamente para lá, discutir a restauração.

Laurel franziu o cenho. Concordava que a capela precisava de trabalho, mas havia coisas mais essenciais a serem feitas antes que as fortes tempestades de inverno chegassem.

— Por favor, venha comigo. Preciso parar e vê-los por um instante antes de visitarmos as cabanas.

— As cabanas? — Brighid estava perplexa. Os primeiros pensamentos de sua senhora não eram para o casamento próximo, mas para as cabanas de todo o clã.

— Sim, há várias que não estão prontas para o inverno. Percebi quando estava caminhando nas muralhas do castelo, outro dia, que muitos telhados

precisam desesperadamente de reparos — Laurel se virou e foi para a escada da torre.

Encontrou Fallon e Glynis na capela, exatamente como Brighid dissera. O que Brighid deixara de mencionar foi o teor da discussão deles.

— As janelas precisam ser limpas antes — Fallon teimava. — Não tem luz suficiente entrando... em especial para um casamento ao pôr-do-sol. Se vamos ter uma cerimônia à tarde, devemos começar com as janelas.

— É claro que será um casamento ao pôr-do-sol — a governanta afirmava. Todo mundo sabia que todos os casamentos McTiernay eram feitos ao pôr-do-sol. A manhã era dedicada à noiva e ao noivo, e suas preparações individuais. Depois do casamento, havia um grande banquete e celebração que continuavam por horas noite adentro, até muito depois que o feliz casal partisse para seus aposentos. — E concordo que as janelas devem ser limpas — ela concedeu. — Mas não dá para colocar todo mundo nesse único esforço! Lady Laurel disse que as cadeiras e as coberturas deviam ser substituídas e consertadas. Precisarei da maioria das mulheres para completar a tarefa a tempo.

— A maioria das mulheres?! — Fallon exclamou. Foi nesse momento que Laurel intercedeu. Sorrindo, ela se aproximou deles.

— Vocês dois identificaram áreas que precisam de atenção. Mas eu gostaria que os bancos fossem consertados ou que novos fossem feitos antes de qualquer coisa. Fallon, por favor, designe cinco ou seis homens para fazer isso. Vou precisar do restante dos homens em outro lugar para prepará-lo para o inverno. — Os dois se remexeram desconfortáveis, percebendo que a senhora do chefe os pegara gritando um com o outro. Glynis foi a primeira a recuperar a compostura.

— Milady, você está realmente linda com o nosso xadrez. Deixará nosso chefe orgulhoso. Você nos devolveu algo que tínhamos perdido há muito tempo. Desde que podemos nos lembrar, havia amor no castelo. Foi esse amor que permitiu que os McTiernay governassem com força e sabedoria por tantos anos. Tínhamos nos esquecido disso até sua chegada.

— Sim, milady. Você foi realmente uma bênção que os céus nos enviaram — As palavras de Fallon foram ditas com suavidade, cheias de emoção. Laurel

ficou comovida com a gentileza daquele homem que gostava tanto de se fazer de difícil.

— Obrigada, Glynis. Obrigada, Fallon. Eu quem me sinto abençoada por estar aqui — Então, para surpresa de todos, ela se inclinou e beijou o velho administrador no rosto. Ele ficou tão atordoado depois disso que se esqueceu de perguntar quais eram os planos dela para aquele dia.

Laurel acabava de deixar outra casa que precisava de reparos imediatos, antes que o inverno chegasse. Com essa já eram três entre as últimas sete cabanas, e ainda havia várias para inspecionar.

Em geral, Conor supervisionava os reparos, mas, neste ano, com o casamento de Colin e a viagem até as terras do chefe Schellden, muitas tarefas de inverno tinham ficado seriamente atrasadas. Na Inglaterra, Laurel tinha a responsabilidade pela manutenção da aldeia, juntamente com o cuidado e o sustento de seus habitantes. Ainsley achava a tarefa onerosa e pouco importante para alguém em sua posição. Continuar o trabalho aqui e ajudar no que pudesse, parecia natural.

— Eles parecem ser uma família adorável — Laurel comentou com Brighid. — É uma pena que minha única oportunidade de visitá-los até agora tenha sido quando a maioria dos homens está caçando ou se preparando para o inverno. Você percebeu como a garotinha era esperta? Temo dizer que terão uma aventureira nas mãos.

— Sim, a pequena Maegan parece tomar conta dos irmãos mais velhos. Todos travessos — Brighid concordou. Estava animada em vir nesta última excursão com sua senhora. A maior parte das mulheres nunca interferia nas responsabilidades do chefe do clã, mesmo que ele não fosse capaz de cumpri-las. Mas não Lady Laurel. Ela seguia em frente, tomando decisões importantes e ousando ir onde todas as outras mulheres teriam medo de se arriscar.

Várias mulheres do clã ficavam relutantes em falar sobre os reparos nas cabanas e o que era necessário para a manutenção da casa. Mas depois que passava alguns minutos discutindo as necessidades com as famílias e o que mais fosse, de algum modo Laurel ganhava a confiança delas.

Laurel conseguira entrar em suas casas por estar verdadeiramente interessada em suas famílias. Ganhou aceitação depois de sugerir que as

mulheres passavam a maior parte do tempo nas cabanas e por isso tinham tanto conhecimento do que precisava ser feito quanto os homens. O respeito veio depois de discutir a ordem dos reparos, quem faria o que e quando.

No início, Brighid não achava que Laurel pudesse se lembrar de tudo o que fora dito, mas depois, quando conversavam com outra família, ela descobriu que se enganara. Era claro que Laurel já lidara com esses assuntos antes, e que tinha uma excelente memória para detalhes. Também sabia como estruturar as frases e as perguntas, para que todos entendessem e apoiassem a ordem na qual as cabanas seriam reparadas. Quando o chefe do clã dava uma ordem, ela era obedecida sem questionamento ou comentários. O conceito de conseguir a participação e a aceitação do grupo sobre tais assuntos era novo para Brighid.

Enquanto decidiam qual seria a próxima cabana a ser visitada, um garoto com não mais do que quatro ou cinco anos veio correndo até elas, falando rapidamente em gaélico. A esposa de Finn, Aileen, estava em trabalho de parto e precisava de ajuda. Elas o seguiram, caminhando rapidamente por entre carroças, animais e cabanas pelo que pareceu um longo tempo antes de chegarem na casa de Aileen.

Laurel começou a bater na porta repetidas vezes.

— Aileen? Você está aí?

— Lady Laurel, por favor, me ajude! — gritou de dentro do quarto uma voz cheia de pânico.

Laurel entrou e viu Aileen pálida e com dor, segurando com força a coberta da cama.

— Onde está Finn? — Laurel se sobressaltou.

— Ele saiu com Conor. Queriam visitar algumas das vilas distantes pelas quais o chefe do clã não passou em seu retorno das terras do clã Schellden — Então fez uma careta e se dobrou de dor novamente.

— Aileen, há quanto tempo está com contrações? — Laurel se aproximou para dar o apoio que pudesse para sua amiga.

— Não muito — Aileen gemeu e então se acomodou em uma cadeira perto da lareira depois que a dor aguda passou. — Mas estão rápidas. Muito mais próximas do que aquelas que vi em outras mulheres. Todo mundo diz que o primeiro bebê leva muito tempo para chegar, mas não acho que isso seja

verdade para mim.

Laurel conseguiu detectar a preocupação na voz dela.

— Não se preocupe. Você chamou a parteira? — Quando Aileen negou com a cabeça, Laurel se virou para Brighid. — Vá atrás dela. E se ela não estiver em casa, encontre-a. Não volte sem ela.

Laurel não queria fazer aquilo sem a parteira. Nunca fizera um parto e não sabia exatamente como fazer. Não queria que Aileen soubesse, mas estava aterrorizada com o processo todo. Sua mãe morrera dando à luz ao seu irmão, Daniel, que chegara natimorto ao mundo.

Enquanto via Brighid partir em busca da parteira, Laurel fez uma prece rápida, em busca de orientação e paciência. Começou a abanar o rosto. O quarto estava insuportavelmente quente.

— Aileen, o calor ajuda você?

— Para ser honesta, acho quase intolerável. Mas não quero que meu bebê sinta frio.

Laurel foi até a lareira e retirou várias toras, reduzindo significativamente o calor que saía de lá.

— Pronto, ainda estará quente, mas sem sufocar você no processo.

Virou-se a tempo de ver outra contração atingindo Aileen. O rosto dela se contorceu, e suas mãos ficaram pálidas de tanto apertar a cadeira. O tempo pareceu parar, até que a dor passou.

Laurel pegou um pedaço de pano e começou a secar o rosto de Aileen. Sussurrava para ela:

— Não sei, Aileen. Talvez seja melhor eu buscar ajuda. Outra das mulheres, talvez. Alguém. Qualquer uma. De todas as pessoas para estar aqui ajudando você, certamente não sou a mais adequada.

Aileen agarrou sua mão e apertou com força.

— Não. Eu pedi para o pequeno Alec encontrar *você*. A parteira e eu discutimos ontem, e ela foi para casa, no norte do país. Se Brighid encontrá-la a tempo e convencê-la a voltar, será um milagre. Além disso, quero você. Por favor.

— Eu? Mas, Aileen, não sei nada sobre ajudar você a parir!

— Você é uma curandeira, Laurel. Eu já vi. E Finn também — Aileen se

levantou e foi até o fogão pegar algo para Laurel beber.

Laurel ficou olhando, atônita. Ninguém diria que a mulher servindo água estava em agonia total há dois minutos.

Aileen prosseguiu:

— Finn e eu vimos você dando pontos, fazendo ataduras e limpando os ferimentos dos homens durante o treinamento.

De repente, Laurel se lembrou.

— Pare imediatamente! — Ela se aproximou e pegou a jarra da amiga. — Aileen, aqueles eram homens. Os ferimentos deles eram só cortes simples. Eu não poderia causar mais danos neles. Mas você, seu bebê... — ela engasgou, sem terminar o pensamento horrível.

— Não, escute-me você — Aileen disse com mais força ainda. — Você não estava só limpando ferimentos. Você sabe que unguentos aplicar, as ervas para beber. Sabia o que precisava de atadura e o que devia ser deixado aberto. Você consegue fazer isso, Laurel. Sei que consegue — Então outra contração veio e Aileen estendeu a mão tentando agarrar algo de apoio. Só encontrou o braço de Laurel. — Por favor, não me deixe — gemeu através da agonia.

Laurel se decidiu. O pouco que sabia sobre ervas e curas eram apenas lembranças do que a mãe a ensinou quando ela era uma garotinha. Teria que depositar sua confiança naquilo.

— Você vai perder alguns lençóis — Laurel observou enquanto seguia para o baú que guardava tais itens. Aileen apenas assentiu, grata pela amiga resolver ficar e ajudar. Nas últimas semanas, Aileen e Laurel se tornaram tão próximas quanto irmãs. Ambas haviam perdido a mãe quando criança. As duas tinham irmãos, mas nenhuma tinha um relacionamento próximo com eles. Depois de muitos anos, cada uma por fim encontrou uma companhia feminina na qual se apoiar, com quem era possível conversar e fazer confidências.

— Você se sente melhor em pé, sentada ou deitada? — Laurel perguntou a Aileen.

— Acho que sentada. Mas então fico agitada e prefiro andar.

— Hmm, então ande. Vou colocar cadeiras espalhadas pelo quarto, para que você possa se sentar quando a dor vier. — E Laurel começou a rasgar tiras do lençol para amarrá-las nos cantos da cama. Depois, usou água fervente para

limpar os itens que iria precisar, como fazia quando costurava ferimentos.

Nas várias horas seguintes, ela continuou a banhar e a ajudar Aileen o máximo possível. Para alguém que parecia tão perto de dar à luz, estava demorando demais.

Quando as contrações começaram a vir em rápidas sucessões, Laurel deu as tiras do lençol presas na cama para que a amiga puxasse e se agarrasse quando precisasse.

— É para isso que servem essas coisas! — Aileen exclamou quando o breve interlúdio de dor desapareceu. — Onde está Finn? Por que ele não está aqui? — Ela gritou. — Por que ele fez isso comigo?

Laurel pegou a tesoura. Do jeito que Aileen se dobrava e fazia força para baixo, poderia ser a qualquer momento. Como ela faria aquilo? Onde estava a parteira? Laurel suprimiu o medo e pensou na força de Conor. Prometeu a si mesma que, quando tudo aquilo acabasse, cairia nos braços de seu amado.

...

Enquanto isso, Conor vasculhava a fortaleza de ponta a ponta. Ninguém sabia onde Laurel estava. Da última vez que fora vista, ela estava se aventurando para fora da fortaleza, em alguma missão com Brighid. Nenhuma delas fora encontrada. Onde ela fora? Por quê?

Acabara de voltar da margem do rio, onde cavalgara de um lado para o outro procurando por ela. Fallon e Glynis tinham desaparecido em buscas separadas, tentando aplacar a culpa. Tudo o que se lembravam era que Laurel dissera algo sobre precisar de homens para uma tarefa mais importante e imediata do que consertar a capela.

Finn saíra a cavalo. Fora ver se Laurel estava nas cercanias do campo de treino dos soldados.

— Nenhuma notícia.

Conor gelava de medo. Se algo acontecesse com ela, ele jamais se recuperaria. Precisava dela. Acabara de descobrir como era ser total e verdadeiramente amado. Por fim, conseguira alguém que ansiava o mesmo que ele de um casamento — uma união construída no apoio, no desejo e na confiança.

Os músculos dele estavam tensos de medo, seu abdômen contraído. Iria encontrá-la, decidiu. E ela estaria ilesa. Uma vez que estivesse em segurança, ele nunca mais a deixaria sair desprotegida. Nunca mais experimentaria o terror que crescia dentro dele.

— Traga minha montaria! — Ele gritou para Neal. Alguns minutos depois, seu irmão Clyde trouxe Borrail.

— É a única montaria descansada, Conor. Todas as outras precisam de um descanso — Ele ergueu os olhos, preocupado. — Ela vai ficar bem? Laurel é tão boa e todo mundo a ama. Se ela estivesse com problemas, alguém a teria ajudado, não é?

— Sim, teriam. — Ele tentou ser convincente.

— Mas e se aqueles homens que a machucaram vieram e a levaram? E se ela estiver em encrenca?

Ele ouviu do irmão caçula o eco dos seus medos mais profundos e jurou novamente nunca mais deixá-la sair de vista depois que a encontrasse. Se Douglass ousasse entrar em suas terras, iria pagar caro.

Ele olhou para Finn.

— Vou olhar na floresta novamente, caso ela tenha ido caçar e tenha se perdido. Vá para casa, ver sua esposa.

Clyde e Finn ficaram vendo o chefe visivelmente perturbado sair cavalgando noite afora.

Quando Finn se aproximou de sua cabana, notou que havia várias pessoas ao redor. Alguém abriu a porta e disse alguma coisa para os homens e voltou para dentro. O medo atingiu seu coração. Alguma coisa acontecera com Aileen ou com o bebê?

Começou a correr e não parou até entrar pela porta da frente. Lá dentro, viu sua esposa deitada na cama, e Laurel embalando um recém-nascido em sua manta xadrez.

— Finn — Laurel disse, erguendo os olhos. — Venha conhecer seu filho — Ele ficou parado, atônito, incapaz de se mexer.

— Aileen? — Sua voz vacilou de medo ao olhar para a esposa imóvel.

— Ela está bem. Foi maravilhosa, na verdade. Foi forte e se saiu muito bem. Está apenas cansada. — Ela olhou para o bebê em seus braços e falou

baixinho: — Você deixou sua mãe esgotada. Agora, vamos ficar quietinhos e deixá-la descansar, não é? Finn, você gostaria de segurá-lo?

Laurel estendeu os braços e ajudou o atônito comandante a segurar o bebê no colo. Lágrimas se formavam em seus olhos.

Da cama, Aileen despertou.

— Ele não é lindo?

Finn se aproximou e se sentou ao lado da esposa, segurando o filho.

— Sim, ele é, querida.

— E você devia ter visto Laurel. Ficou aqui comigo o dia todo e fez o parto dele. Acho que em alguns momentos ela estava mais assustada do que eu — Estendeu a mão para segurar a mão da amiga. — Obrigada. Obrigada por vir e ficar comigo.

Foi quando Finn se lembrou de Conor. Deu o filho para a esposa.

— Conor! — Ele exclamou.

O resultado foi duas mulheres descontentes e um bebê chorando. Ele deu meia volta, segurou Laurel pelo braço, e disse em voz alta.

— Precisamos voltar para a fortaleza imediatamente. Conor está louco procurando você. Fizemos buscas na fortaleza, no rio, em toda parte! Agora mesmo ele está indo para a floresta, procurar você.

— Ah, não! Preciso ir. Eu não estava pensando. Ele deve estar furioso.

— Não, mas ficará assim que a vir — Finn advertiu.

Aquilo chamou a atenção de Laurel.

— Por quê?

— O medo de um homem se transforma em fúria assim que a causa do medo é removida. Estou avisando você, quanto maior o medo, maior a raiva — Finn aconselhou.

— Obrigada. Partirei agora mesmo — Ela abraçou a amiga, beijou o bebê e saiu correndo pela noite, sem esperar um acompanhante.

Retornando de sua busca, Conor a viu correndo. Cavalgou ao lado dela e a pegou com um só gesto. Percebeu imediatamente que ela estava ilesa. O medo gelado que envolvia seu coração derreteu rapidamente em um inferno de raiva.

Ignorando sua fúria sombria, Laurel o abraçou.

— Conor! Estou feliz em vê-lo. Não vai acreditar no que aconteceu!

Ele não retribuiu o abraço, e Laurel se sentou para olhá-lo. A expressão dele era sombria e dura como pedra.

— Quieta, Laurel. Não diga mais uma palavra.

Laurel se encolheu com a frieza na voz dele. Decidiu aceitar o conselho do amigo e não deixar que a raiva dele acendesse a dela. Cavalgou em silêncio, sentindo a tensão irradiar do corpo dele.

Conor cavalgou rápido, direto para a fortaleza. Desmontou de Borrail, ajudou Laurel a descer e entregou as rédeas para Neal, que correu ao ver seu retorno. Neal quase disse algo sobre como estava feliz em vê-la em segurança, mas apenas um olhar para seu chefe bastou para que mudasse de ideia. O chefe McTiernay estava furioso. Realmente furioso.

Neal pegou as rédeas e levou Borrail para os estábulos, gritando para que um dos garotos cuidasse dele. Então foi procurar Fallon.

— Fallon, estou preocupado com Lady Laurel — Neal caminhava de um lado para o outro no salão secundário vazio.

— Ele nunca a machucaria — Fallon parecia calmo, mas seu pulso estava acelerado, e ele estava apreensivo por sua senhora. O temperamento do chefe podia ser frio e deixar uma impressão duradoura.

— Não, fisicamente, não — Neal respondeu. — Mas ele poderia quebrar o espírito dela. Ela é como uma potranca selvagem, uma coisa de beleza. Espíritos como o dela, uma vez quebrados, nunca se recuperam. O que vamos fazer?

— Nós? Nada. Eu irei até lá para observar se alguma interferência será necessária.

— Hmm. Vou com você — Neal respondeu.

— Eu também! — Clyde e os outros ajudantes dos estábulos gritaram, saindo de um esconderijo atrás de algumas mesas desmontadas.

— Acho que eu deveria ir também, caso milady precise de alguma assistência feminina — Glynis acrescentou, saindo de trás do biombo de madeira que separava o salão da área de serviço.

...

Conor segurou a mão dela com firmeza e foi direto para a Torre da Estrela.

Marchou com ela bruscamente pela escada, e a fez segui-lo até seus aposentos. Uma vez lá dentro, fechou a porta de um jeito muito controlado. Apenas aquela atitude já demonstrava para Laurel o quão zangado ele estava.

Ele parou ao lado da lareira. Segurando a cornija, encarou as chamas por vários instantes.

— Você nunca mais deixará a fortaleza, a menos que eu esteja com você — ele declarou sem se virar.

Laurel ficou completamente imóvel, insegura sobre como reagir ou o que dizer.

— Você não quer saber o que aconteceu? — Ela sussurrou.

— Não, não quero.

— Mas, Conor, se me deixar explicar, acho que entenderia porque levei tanto tempo para voltar.

— Não quero ouvir, Laurel — Os nós dos dedos dele estavam brancos, contra a pedra escura da cornija. — Tudo o que quero ouvir é que você não sairá novamente sem um acompanhante.

— Nunca sair sem um acompanhante? — Ela não conseguiu evitar. Seu temperamento forte tomou conta dela. — Então sou uma prisioneira? Você não quer uma esposa, Conor, quer um animal de estimação para segui-lo por aí, ir e vir ao seu comando, e que espere em seus aposentos até que você volte.

— Não me desafie, Laurel. Não depois de tudo que me fez passar essa noite!

Ela se aproximou.

— O que você passou?! E quanto ao que *eu* passei? Não o ocorreu ser curioso?

Os olhos dele se estreitaram.

— Sim, e acho melhor não saber. Não posso imaginar nada que possa dizer que não torne as coisas piores agora.

— Ah, e no que estava pensando, então? Que eu estava com algum homem, Conor?

Até ela dizer aquilo, o pensamento não havia lhe ocorrido. Mas a ideia dela com outro homem rasgou sua alma.

Ele se moveu tão rápido que Laurel nem viu. Conor segurou seu pulso com força e puxou-a em sua direção. Seus olhos brilhavam.

— Deus ajude se você estava, Laurel. Eu mataria os dois.

Ela libertou o braço e lutou para manter a compostura. A adrenalina bombeava seu corpo, fazendo-a tremer violentamente.

— Não lido bem com ameaças, Conor.

— E não lido bem em ouvir que minha futura esposa estava com outro homem!

— Você é insuportável! — Ela deu alguns passos para trás.

— Você já me disse isso antes!

— Não ficarei aqui com você. Não ficarei! E nenhuma quantidade de soldados pode me manter aqui! Encontrarei um jeito de fugir desta fortaleza. Prometo para você!

— Jogarei você nas masmorras, se precisar, mas você vai ficar!

Ela deu meia volta e tentou ir embora, mas ele foi mais rápido. A mão dele bateu com força na porta. Ele se inclinou para frente.

— Estava com outro homem, Laurel? Passou o dia nos braços de outro? — O sussurro mortal nos ouvidos de Laurel causava arrepios.

— Importa se eu tivesse passado?

— Sim, importa. Ninguém pega o que é meu. Nunca.

— Então acalme-se, chefe. Eu não estava com nenhum homem, só com Aileen enquanto ela estava dando à luz.

O desprezo que ele sentia pelo próprio comportamento e por suas presunções era inegável.

Conor sentiu que o ar escapava de seu corpo, ao ouvir as palavras dela.

— O bebê? A esposa de Finn? — Ele perguntou, soltando a porta que mantinha fechada.

— Os dois estão bem — veio a resposta irritada.

Ela mal teve tempo de dizer as palavras antes que ele pegasse seu rosto em suas mãos e começasse a beijá-la. Toda a raiva que começara como medo explodiu como uma irresistível necessidade primitiva, resultando em uma torrente de beijos ásperos e obstinados.

Ele precisava saber se ela ainda o queria. Precisava que ela soubesse que a desejava tanto que chegava a doer. Apesar das brigas e das palavras duras, da fúria e do medo, ele sempre seria dela e ela sempre seria dele.

Conor sentiu que a resistência inicial dela começava a derreter. Quando Laurel começou a responder ao seu toque, os dedos dela se fecharam em seus ombros. Ele gemeu alto. Não importava o que ele fizesse, não importava o quão zangada ela ficava, ela ainda reagia com paixão quando ele a pegava em seus braços.

Sem a pressão da mão dele, a porta se abriu e várias pessoas entraram, prontas para defender sua senhora se fosse necessário. Mas o que viram foi um homem amando sua mulher. Nenhum dos dois percebeu a entrada deles. Fallon fez sinal para que o grupo ficasse em silêncio e seguisse para as escadas, e fechou a porta atrás deles.

O alívio era claro em seus rostos. Clyde foi o único que falou.

— Eu sabia que Laurel conseguiria — sorriu. — De agora em diante, quando Conor ficar louco de raiva, temos que levá-la até ele, para que ele mude de ideia.

Fallon deu um empurrão carinhoso no rapaz e indicou para os outros que voltassem para suas casas e suas camas. Estava tudo bem ali.

No quarto, Conor acariciou o rosto dela com as mãos e ficou embevecido, olhando-a. O sorriso dela era suave e convidativo, dizendo-lhe de todas as maneiras que ela era dele.

Conor tocou seu rosto com tanta ternura, que Laurel mal podia respirar. Inclinou a cabeça para trás e deixou o cabelo cair por sobre o ombro. Ele segurou-a pela nuca e trouxe sua boca até a dele. Beijou-a lentamente, sem se apressar, deixando-a sentir a necessidade infinita e o amor dentro dele.

Com aquele beijo, tudo o que acontecera foi esquecido. A raiva que se ergueu entre eles era passado. Tudo o que restava era o toque dele, seu beijo, e o jeito como ele a fazia se sentir. Laurel não queria que a sensação desaparecesse. Estremeceu com um desejo desconhecido.

Sentindo a reação dela, Conor foi inundado pelo desejo. Aprofundou o beijo, incentivando-a silenciosamente a retribuir.

— Conor... — O nome dele era um gemido suave, o que fez seu desejo crescente sair do controle.

Ela passava as mãos pelo corpo dele, soltando a camisa do cinto, para que pudesse sentir a pele por baixo. Adorava senti-lo. Ele a deixava intensamente

louca. Algum desejo profundo crescia dentro dela, e ela não sabia como satisfazê-lo.

As unhas dela arranharam suas costas e o mandaram além da razão. O desejo o consumia. Sem se ousar interromper o beijo nem por um segundo, ele começou a despi-la.

Soltou o broche de sua mãe, irradiando alegria por dentro por ela ter usado a peça para ele. Depois, tirou a túnica e começou a deslizar a camisa feminina por seus ombros.

Laurel flutuava. Conor a beijava com tanta ternura, tanta paixão, que ela estava sem fôlego. Ela gemia o nome dele sem parar. Só quando ele pegou o seio dela com a boca que ela percebeu que seu vestido fora completamente removido, e que sua camisa estava pendurada na cintura.

Conor ergueu Laurel em seus braços e a levou para a cama. Os lábios dele nunca deixaram os dela enquanto ele a colocava na cama macia, a boca quente e febril na pele dela. Imediatamente Laurel respondeu à sensação deliciosa do peso dele sobre ela.

Ele voltou a explorar seus seios, passando por cada mamilo, capturando-o e provocando com a boca até ela gritar por mais. Ela arquejava, tremia e fechava os olhos. Conor sentia como se fosse sair do corpo com o desejo que sentia.

Laurel queria explorar o corpo dele como ele explorava o dela. Entrelaçou os dedos nos cabelos dele, deleitando-se com as sensações que Conor provocava. Quando ele deitou sobre ela, ela pôde sentir seu membro crescer e endurecer de excitação.

Algo profundo e misterioso dentro de Laurel derramou-se sob o impacto do olhar de Conor. A urgência de tocá-lo era esmagadora.

As mãos dele acariciavam a parte interna de suas coxas, deixando-a louca de desejo. Laurel se mexeu sob a carícia, querendo mais, querendo dar mais. Conor sentiu as mãos inexperientes dela acariciando seu estômago, mas quando elas foram para baixo de seu kilt e seguraram sua masculinidade, ele congelou. Nunca imaginara que Laurel tentaria lhe dar prazer dessa forma. Estava perdido.

Ele segurou a mão dela, prevenindo mais torturas. Os olhos dele

encontraram os dela. O cabelo de Laurel se espalhava ao redor de sua cabeça como uma auréola dourada, os olhos turquesa repentinamente assustados e confusos.

— Conor, fiz algo errado? — Ela imediatamente tirou a mão e começou a se retrair.

— Não, amor — Ele beijou a testa dela, depois a ponta de se nariz. — Nada que fazemos aqui é errado. Você pode me tocar onde quiser — Então segurou as mãos dela entre as dele, levantou-as por sobre a cabeça e retomou sua investida nos sentidos dela. Explorou sua boca, reacendendo as chamas da paixão, e arrancou a própria roupa, impaciente.

Uma vez nu, ele se abaixou até cobrir o corpo dela com o seu. Conor nunca se sentira assim antes. A certeza de estar com ela, o prazer intensificado de seu corpo totalmente nu tocando o dela. Ela era tão suave, doce e vulnerável.

Ele segurou os seios dela, passando os polegares pelos picos rosados. Inclinou a cabeça e beijou cada mamilo, capturando e provocando cada um deles com os lábios.

Laurel não podia respirar. Gemia e tremia de desejo.

Quando Conor sentiu os quadris dela se movendo contra suas coxas, seu corpo já excitado endureceu ainda mais e ele só conseguia pensar em uma coisa — tornar Laurel dele.

Conor desceu a boca dos seios para o estômago dela, a língua girando ao redor de seu umbigo, fazendo-a arquear as costas em resposta. Cada beijo era dado com paixão requintada, e cada toque era gentil, mas decidido e insistente.

Ele removeu a camisa dela completamente e continuou a trilha de beijos até o calor perfumado entre suas pernas.

Laurel respondeu imediatamente, tentando se sentar.

— Conor, não! — Ela o segurou pelos ombros, tentando fazê-lo parar. Mas Conor nem levantou a cabeça. De repente, ela sentiu a língua dele provando lentamente seu lugar mais íntimo. Ele encontrou sua carne feminina e a sugou gentilmente. Ela caiu de costas no colchão e mergulhou no esquecimento.

Ela rodopiava cada vez mais rápido, indo ao fundo de algo que não podia nomear. Ele segurou os quadris dela, e sua língua começou a entrar e sair, levando-a à loucura. Ela se contorcia embaixo dele, prestes a entrar em

combustão. Ele a levou mais alto e com mais força em direção à sua boca, recusando-se a deixar o clímax dela desaparecer apesar de seus gritos e do jeito fraco como se debatia.

Então, de repente, ela explodiu.

Ver a satisfação sexual de Laurel foi o encontro mais intenso que Conor teve. Ela era sua alma gêmea. Só estar com ela era o suficiente para torná-lo completo.

Ele mergulhara em seus grandes olhos turquesa quando seu próprio desejo se libertou de suas últimas defesas. Um grande tremor de excitação tomou conta dele, e ele não tinha mais como resistir.

Ele abriu ainda mais as pernas dela, abaixando-se até cobrir o corpo dela com o dele novamente.

Quando Conor pressionou os quadris contra os dela, Laurel pode sentir a longa e dura extensão de sua ereção. Ela arquejou e, instintivamente, ergueu o corpo contra o dele. Ela mordeu os ombros dele, incentivando-o silenciosamente a continuar. Sabia que havia algo mais e queria aquilo — precisava daquilo.

Lentamente, Conor tocou Laurel de leve, até que seus dedos se fecharam ao redor do precioso monte de vênus dela. Quando os dedos dele deslizaram para dentro dela e começaram a esfregar seu centro de prazer, a respiração dela ficou presa na garganta. Laurel se contorcia contra sua mão. Sentia-o provocando-a com os dedos e ficou enlouquecida.

— Conor! Por favor!... Ah!... Por favor! — Ela suplicava, estremecendo ao toque dele.

Conor sabia que ela estava pronta. Ele estava tão duro que doía. Ele a beijou e se abaixou com cuidado para abri-la para sua primeira investida. Sentiu a resistência inicial que provava que ele era seu primeiro e único amante, e então, em um golpe ousado, sentiu-a se fechar ao redor dele.

Ela gritou mais uma vez, mas agora era de dor.

Conor parou bem dentro dela e segurou seu rosto entre as mãos. Ela estava tão tensa e quente. Era quase impossível controlar sua excitação naquele momento.

— Calma, amor. Vai passar — ele murmurou enquanto acariciava seu rosto.

As lágrimas dela partiram o coração dele como nada o fizera antes. Ele beijou seu rosto.

A dor a assustara no início, mas a voz dele e seu toque logo a acalmaram e a dor retrocedeu. Ela se mexeu para poder acariciar as costas dele, levemente desapontada por ter acabado.

Para Conor, cada movimento que ela fazia era incrivelmente doloroso. Ela era maravilhosamente apertada e se encaixava perfeitamente nele. Nunca nada parecera tão incrível e perfeito. Essa mulher que aparecera em sua vida era dele agora e para sempre.

— A dor se foi? — Ele perguntou.

— Sim, a maior parte. Acabamos? — O sorriso dela era inocente e, mesmo assim, muito intoxicante.

— Ah, não, amor. Nós só começamos.

Assim que disse essas palavras, Conor começou a se mover dentro dela e, de repente, Laurel entendeu o que ele quis dizer.

Ele era tão grande. No início, ela pensara que ele era grande demais, que não daria certo. Mas quando ele se posicionou e entrou lentamente, abrindo-a, esticando-a, ele descobriu um lugar para si bem no âmago dela.

O ritmo se intensificou. As sensações que a atravessavam a cada investida dele a levavam para outro mundo.

Conor começou a massagear seus seios com língua, combinando o ritmo de suas investidas. As sensações eram quase dolorosas. Ela arqueou as costas e gritou uma vez e mais outra. Os gritos suaves de satisfação sexual de Laurel eram os sons mais excitantes que Conor já ouvira.

— Conor — Laurel gritou, com desejo crescente.

— Eu sei, amor, eu sei. — A voz dele estava tensa com sua própria liberação explosiva.

Laurel tremia enquanto se segurava nele, como se ele fosse a única coisa sólida em sua vida. Ela o sentiu recuar e investir com movimentos mais rápidos e mais profundos.

— Ah, Deus... Conor, eu não... não posso... ah... Conor!

Os olhos turquesa se arregalaram, e eram do mais intenso azul que ele já vira.

Ela sentia a deliciosa sensação de rodopio crescer mais uma vez rapidamente dentro dela, desta vez com mais força do que antes. Ele estendeu a mão e encontrou o ponto onde seus corpos se juntavam, tocando a sensível carne feminina. Ela gritou e se desfez em um milhão de pedaços.

Conor estremeceu e investiu em direção a ela uma última vez. Ela finalmente era dele, ele pensou possessivamente. Agora e para sempre, ela pertencia a ele, assim como ele pertencia a ela.

Enquanto retornavam lentamente à terra, saboreando o que acabaram de compartilhar, as mãos de Laurel vagavam sem rumo no peito de Conor, e ela suspirava maravilhada. Nunca em sua vida se sentira tão viva, tão protegida ou tão amada.

Por um momento, Conor estava atônito demais para fazer qualquer coisa. Nada em sua vida parecera tão certo, tão perfeito. Ele não teria outra mulher enquanto vivesse. Só queria ela. Só queria ela em sua cama, ao seu lado, como sua esposa e mãe de seus filhos.

Ele se moveu e se deitou de lado, acariciando o braço dela. Seu olhar era possessivo, ainda ardendo de desejo sexual. Ele queria esperar até estarem casados antes que ela tivesse sua primeira experiência, mas aquilo se tornara impossível depois que ela retribuiu seu beijo.

Ele estava ansioso para terminar mais discussões do mesmo jeito.

— Amor? — Ele a chamou.

— Hmm? — Laurel esfregou o queixo no peito dele, perfeitamente relaxada e feliz.

— Sinto muito se machuquei você.

Ela se virou para ele, o sorriso resplandecente de amor.

— Eu amo você.

Ela dissera que o amava. Desta vez não com medo, não pela paixão, mas porque o amava.

— E eu amo você, mais do que achava ser possível.

— Ah, Conor, não vamos brigar mais.

— Eu concordaria, mas acho uma proposta um pouco irreal com o seu temperamento.

Ela o cutucou, brincalhona.

— Meu temperamento? E quanto ao seu? Percebo que não devia ter reagido ao seu medo, Conor. Eu devia saber que estaria ansioso, e eu não devia ter respondido com raiva.

Conor se apoiou no cotovelo, olhando-a por cima, ganhando vantagem física.

— Eu não acho que você entendeu. Eu não estava *ansioso*. Estava zangado, isso, sim.

Ela enrolou o dedo no pelo do peito dele, sem se perturbar com a posição dominante dele.

— Hmm. Você ficou com medo quando não conseguiu me encontrar, e todas essas emoções se transformaram em raiva quando percebeu que eu estava bem — Ela disse despreocupada, como se a ideia dele sentindo medo de alguma coisa fosse um acontecimento cotidiano. Ele rolou o corpo, ficando inteiramente sobre ela e olhou diretamente em seus olhos, para ter sua atenção total.

— Agora você tem que me ouvir. Sou um chefe de um grande clã. Sou um highlander, e sou um McTiernay. Nunca sinto medo, Laurel.

Sem reconhecer inicialmente a seriedade no tom de voz dele, ela respondeu provocativa:

— Está me dizendo que, por ser um chefe de clã, você é incapaz de sentir medo?

— Sim.

Laurel então detectou a mudança no comportamento dele. Os olhos de Conor estavam distantes e sérios. O desejo e a paixão que compartilharam desapareceram.

Ela se afastou dele e se sentou, balançando as pernas na lateral da cama e segurando a coberta no peito.

O conceito de nunca admitir medo parecia ridículo para ela. Conor era um homem cheio de grandes paixões, incluindo medo, raiva e amor. Também era um homem muito complexo, sensível em aparentar o mínimo de necessidade ou fraqueza.

Laurel respirou fundo e se virou para encará-lo.

— Ah, bem, obrigada por me explicar. Por favor, relaxe, Conor. Não quero

discutir. Não agora. Não depois do que nós dois acabamos de compartilhar juntos.

A expressão dela estava cheia de esperança e satisfação. Seus olhos eram grandes piscinas de desejo esverdeadas. Conor não queria brigar com essa mulher, queria amá-la. Ele estendeu a mão, puxou a cabeça dela e deu um beijo longo, satisfeito e profundo que transmitia tudo o que ele sentia por ela.

Quando terminou, ele se virou de costas e a acolheu em seu abraço. Mais uma vez satisfeito, ele pensou nos acontecimentos do dia, brincando com o cabelo dela e acariciando seu rosto. Algo que ela dissera há alguns minutos o fez se lembrar do comentário que Fallon fizera mais cedo.

— Entendo que agora você está trabalhando nos reparos da capela para nosso casamento.

— Fallon e Glynis estavam discutindo hoje de manhã sobre a ordem que as coisas deviam ser feitas. Acho que highlanders gostam de discutir.

— Vai ficar pronta a tempo? O padre Lanaghly deve estar aqui em poucos dias.

Laurel suspirou.

— É provável que não, com todo o trabalho que ainda precisa ser feito nas cabanas. Não temos homens suficientes para completar o trabalho na capela.

A mão dele ficou imóvel.

— Que trabalho nas cabanas?

— Ah, reparos nos telhados, portas, janelas e lareiras dos membros do clã. Reparos típicos para o inverno.

— O que você sabe sobre reparos de inverno? Laurel, não me diga que esteve conversando com meus homens sobre esses assuntos.

Laurel sentiu o corpo de Conor imóvel e ficou rígida.

— Ora, não fique todo irritado, Conor. Na maior parte das vezes eu falei com as mulheres. De qualquer forma, pela minha experiência, são elas quem sabem mais sobre o que precisa ser feito. Além disso, eu só comecei a visitá-las essa manhã, quando...

Sem aviso, Conor se levantou da cama e Laurel foi jogada abruptamente de lado.

— Esta manhã! — Conor gritou. — Pensei que tivesse dito que estava com

Aileen.

Os olhos de Conor penetraram nos dela. Laurel ficou abalada.

— Eu disse. Mas eu não disse que fiquei lá o dia todo. De fato, você não me deu muita chance para explicar coisa alguma — ela falou, ficando subitamente nervosa.

— Bem, estou dando agora.

Laurel não gostou do tom de voz dele e se sentou, vestindo sua camisa antes de continuar. A ação a ajudou a recuperar o controle sobre seu temperamento. Ela se lembrou que ele ainda estava sensível de algum modo por causa da discussão anterior deles.

— Você tem estado muito ocupado com os muitos deveres do clã, e eu só queria ajudar. Eu ajudava na manutenção da vila quando morava com meu irmão, e sabia que poderia fazer o mesmo aqui. Brighid e eu fomos ver os membros do seu clã e descobrir quem precisava de ajuda para se preparar para as tempestades de inverno. Só tivemos tempo de ver um punhado de cabanas, antes que nos chamassem para ajudar Aileen.

— Você não tinha o direito, Laurel — A voz dele estava com aquele tom baixo e sinistro mais uma vez, mostrando sua ira crescente.

— Não tinha o direito? O que quer dizer? Eu serei a senhora desse clã. É certo que ainda não sou, mas certamente terei essas responsabilidades depois dos nossos votos.

— Você é mulher, e nenhuma esposa minha vai fazer qualquer trabalho de homem.

Ela ficou boquiaberta por um momento.

— Você quer dizer que *Finn* ou *Fallon* podem se responsabilizar dessas coisas, mas eu não?

— Sim. Eles são homens.

Ela saíra da cama agora, fumegando.

— Então o que sou para você? O que a senhora do castelo deveria fazer? Tecer?

— Você vai fazer o que todas as damas fazem. Costurar, limpar e preparar as refeições. Vai me ver partir e me receber quando eu voltar. Quando os convidados chegarem, vai se assegurar do conforto deles. Você sabe o que

uma lady faz e o que não faz, Laurel. Não finja que não sabe.

— Eu *nunca* fingi ser quem sou, Conor. E eu não pretendo começar a fingir que gosto de ser confinada apenas às responsabilidades domésticas. Gosto de cavalgar, de caçar e de ajudar a administrar a vila ou as propriedades do clã. Sou boa nisso, e você sabe disso! — Ela estava gritando agora. Em algum lugar bem lá no fundo, ela sabia que ele nunca entenderia o ponto de vista dela enquanto ela usasse essa tática.

— Agora não mais! — Ele urrou de volta.

Ela jogou um travesseiro nele.

— Não vou me casar com um homem cabeça dura que não vê vantagem em ter ajuda quando ela é justificada e necessária.

— Sua ajuda não é justificada e nem necessária.

— Só porque sou mulher.

— Minha mulher.

— Ah, não, não sou. Não ainda. E, depois dessa conversa, penso em não ser nunca! — Ela agarrou o restante de suas roupas e seguiu em direção à porta. Ele não fez nenhum gesto para detê-la.

— Você vai se casar comigo, Laurel Cordell. E será assim que o padre chegar. Não percebe o que aconteceu essa noite? Você perdeu a virgindade. Comigo. Você é minha por todos os direitos, exceto os de Deus, e eu terei a aprovação dele antes que a semana acabe.

Ela o encarou, a raiva fria ganhando vida. Que homem arrogante. Ele realmente achava que ela se casaria com ele agora. Abriu a porta e o olhou antes de partir:

— Ouça-me agora, Conor McTiernay. Eu não planejo mudar nunca. Nem por você nem por qualquer homem. Se quer todas as responsabilidades do clã, pode ficar com elas. Eu amo você, mas se você não pode aceitar a mim e o pouco que eu trago de experiência, habilidade e ordenação, então eu não me casarei com você. Independente se eu perdi ou não minha virgindade, *eu não vou me casar com você*. — E saiu.

10

No dia seguinte, Laurel acordou cedo e saiu para se banhar no rio. Mas foi detida pelo sentinela do portão.

— Sinto muito, milady. O chefe do clã pediu que permanecesse dentro da fortaleza — O sentinela se sentia muito culpado por repetir a ordem, em especial quando viu os olhos dela mudarem para um azul-esverdeado sombrio. Ele esperava nunca mais ser o portador de más notícias para ela novamente.

Sem querer punir o jovem simplesmente por ser um mensageiro azarado, Laurel deu bom dia a ele e caminhou na direção da Torre da Estrela, como se estivesse voltando para seu quarto. Em vez disso, entrou nos estábulos e levou Borrail para fora em silêncio, passando pelo ajudante de Neal que dormia. Montou no cavalo sem selas, e saiu em disparada pela torre dos guardas antes que percebessem a intenção dela e reagissem.

Rá! Manter-me prisioneira! Vou mostrar para você, Conor McTiernay. Se você pensa que pode me controlar... pense de novo, ela pensou, enquanto seguia para o rio. Estava bem frio para o que ela estava prestes a fazer.

O tempo estava mais frio a cada dia, e logo começaria a nevar. O rio congelaria em muitos lugares em breve. Tirou as meias, expondo os dedos dos pés ao frio penetrante das rochas.

Laurel sabia que era insano, mas também sabia que precisava de um tempo longe das pessoas e do castelo. E precisava de um banho. Bastava pensar na ordem de Conor para que permanecesse dentro da fortaleza e ela ficava cheia de raiva de novo. Laurel tirou rapidamente o resto de suas roupas e correu para a água gelada, esperando que isso diminuísse sua contrariedade com Conor. Ela esfregou o cabelo e o corpo com o sabão de lilases que trouxera, e estava se levantando para voltar para a margem quando Conor apareceu.

Ele não parou na beira do rio, mas entrou com o cavalo direto na água gelada, erguendo-a em seu colo. Voltando para a margem, Conor enrolou uma

manta xadrez ao redor de Laurel e disse que se vestisse.

Laurel sabia que ele estava zangado com ela. Ao partir do castelo de modo tão óbvio e desafiador, ela com certeza esperava chamar a atenção dele. Somente não de maneira tão rápida. Mas o que Conor ainda não entendia era que ela estava tão furiosa quanto ele com sua decisão autocrática daquela manhã.

Depois da refeição matinal, Conor ficou sentado perto da lareira, revendo mentalmente a noite anterior. Mais uma vez, ele tinha uma ereção só de pensar naquilo. Fora uma experiência incrível — diferente de qualquer coisa que ele conhecia. Ela o fizera se sentir tão vivo.

Conor blasfemou baixinho. Ela o fizera se sentir necessário, importante, amado de um jeito que ele nunca fora antes. Até vir com aquela surpresa avassaladora. Depois que trocaram aquelas palavras duras na despedida, ela ficara na mente dele a noite toda — pairando, provocando. E, na beira de cada sonho, ele a perdia para um vazio escuro e perigoso. Cada vez que acordava, estava sozinho e cheio de medo que Laurel tivesse ido embora para sempre. Depois de um desses vários sonhos, ele se levantou e ordenou para os sentinelas da entrada que não a deixassem sair da fortaleza sem ele.

Quando disseram que ela escapou, Conor ficou chocado. Ninguém jamais desobedecera uma ordem direta sua antes. Ainda estava tentando descobrir por que ela o desafiara assim, tão publicamente, quando a descobriu banhando-se na água congelante do rio.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — Ele quis saber enquanto ela colocava o vestido. O corpo dele estava rígido e tenso, com uma mistura de fúria e desejo primitivo ao vê-la nua e molhada.

Ela colocou a túnica e o olhou de modo desafiador. Não podia acreditar que ele pudesse ficar parado ali com aquela indignação condescendente.

— Seja mais específico, chefe. Quer que eu explique as fases do banho ou estava se referindo à minha cavalgada fora da fortaleza com Borrail? — Apesar de tentar se conter, ela tremia, ficando difícil argumentar e, ao mesmo tempo, colocar a meia com os dedos entorpecidos.

Conor viu Borrail amarrado a um galho de árvore a poucos metros de distância e se moveu para ficar entre ela e o cavalo.

— Você cavalgou naquele animal imenso sem uma sela? Por acaso está tentando se matar?

— Ah, por favor. Você e sua atitude superior. Não são só homens que podem cavalgar sem sela — Agora estava vestida e se sentia um pouco mais confiante. Ergueu o queixo, os olhos brilhando com raiva, e prosseguiu: — Quero que saiba que vi seus homens cavalgarem e caçarem e posso superar a maioria deles. Então, guarde suas ideias ridículas e me deixe passar — Ela endireitou os ombros e levantou a saia do vestido para dar a volta por ele.

Quando Laurel tentou andar, ele a pegou pelo braço e a girou para que ela o olhasse.

— Você não vai se banhar no rio, Laurel. Está muito frio para seu sangue. Você ainda tem que se acostumar com o clima das terras altas.

— Eu estava bem até você aparecer cavalgando como um louco — Ela tentou escapar das mãos dele, mas ele as manteve firmes.

— Eu estava protegendo você.

Ela segurou as mãos dele e o fez soltar seu braço.

— Bobagem. Estava furioso por eu ter saído da fortaleza. Não tem nada a ver com onde escolhi me banhar. Só que eu escolhi fazer isso, apesar dos seus desejos.

Conor passou os dedos pelos cabelos, tentando manter seu temperamento sob controle. Ele não pretendia começar o dia com ela daquele jeito. A última noite fora um prazer requintado, seguido pela dor aguda da partida dela. Ele se convencera de que a recusa dela em se casar era só um blefe para salvar seu orgulho. Mesmo assim, ele queria que a noite passada não tivesse terminado com tanta raiva entre eles.

Eles ficaram olhando um para o outro por vários instantes, antes que ele decidisse que não podia mais ficar parado ali vendo-a tremer. O cabelo molhado dela pingava e deixava o vestido encharcado nos ombros. Sem avisar, ele a ergueu em seus braços e montou em seu cavalo. Os dentes dela batiam demais para que Laurel pudesse argumentar, e deixou Conor espremer os fios molhados e enrolá-la com sua manta xadrez. Então ele pegou as rédeas de Borrail e levou os cavalos colina acima até a estrada de terra que levava às muralhas do castelo.

— Apesar do que acha, eu não quero que se machuque. Os rios são traiçoeiros nessa época do ano. São as correntes fortes que impedem que congelem. Mais de uma pessoa que entrou aí, ficou gelada demais para voltar para a margem. É por isso que você deve se banhar na fortaleza.

A resposta era lógica, o que não ajudava.

— Mas eu gosto de me banhar do rio de vez em quando. Ajuda a libertar meus pensamentos — *e a me acalmar,* ela acrescentou para si mesma.

— Então, quando quiser se banhar no rio, eu venho com você — ele respondeu, pensando que aquele seria um excelente compromisso. Podia pensar em muitas maneiras de mantê-los aquecidos apesar da temperatura gélida da água.

— Não, obrigada. Se é só a ideia de me banhar sozinha, talvez uma das mulheres possa vir comigo — Mais aquecida agora, ela sentia sua natureza intrépida voltar.

— Elas não poderiam tirá-la para fora da água se você precisasse de ajuda. E nenhum outro homem ousaria acompanhá-la.

Ela não queria outro homem, mas não admitiria isso para ele.

— Sou uma prisioneira, chefe?

Ele não gostou do jeito como, de repente, ela se referia a ele como “chefe”. Era como se ela tentasse intencionalmente deixar implícito, com aquela simples palavra, que não havia nada entre eles.

— Não. Por que pensaria uma coisa dessas? Quem disse que você era uma prisioneira?

— Um sentinela me disse que eu não tinha *permissão* para deixar as muralhas. É verdade? Não tenho *permissão* para ficar fora do castelo? Sou uma prisioneira ou uma criança para você?

Conor blasfemou baixinho.

— Pare, Laurel! Você não é nenhuma das duas coisas e sabe disso. Não posso acompanhar você o tempo todo, e preciso saber que está em segurança — Mais uma vez, os pesadelos dela desaparecendo em um vácuo sem nome tomaram sua mente, fazendo-o segurá-la com mais força.

Sentindo a restrição, Laurel presumiu o pior.

— Quer dizer que precisa controlar cada movimento que faço. Não viverei

assim, e se me forçar, encontrarei um jeito de ir embora.

— E eu a trarei de volta — ele rosnou, sem gostar da direção que a discussão tomava.

— E eu tentarei novamente até conseguir. Você pode ser o chefe do clã, e controlar todas as suas atividades, mas você não me controla.

Conor sentiu que estava perdendo a paciência de novo.

— Não quero controlar você! Quero mantê-la em segurança! Não saber onde você estava noite passada parou o castelo inteiro. Ficamos vulneráveis quando isso acontece, Laurel. Você entende? Quando não a encontrei, mandei todos os homens vasculharem nosso território para ver se achavam seu corpo. O castelo ficou aberto a ataques. Não posso passar por isso, e se isso significa que você precisa ficar atrás das muralhas do castelo, então vou garantir que isso aconteça.

Laurel não percebera quanto esforço fora feito para encontrá-la. Quantos homens e mulheres buscando por ela. Conor realmente temera por seu bem-estar, e era isso que o guiava agora. Ela se sentiu imediatamente aliviada e com remorso.

— Eu não tinha percebido isso, mas, mesmo assim, você não pode esperar que eu nunca saia do castelo! Por favor, Conor, não peça isso de mim. E se eu prometer sempre avisar alguém para onde vou todas as vezes em que sair?

— Se desejar ir para algum lugar, eu levarei você — ele disse, acreditando que era a solução mais adequada.

Laurel não achava que fosse. Não queria estar perto dele. A postura inflexível dele sobre a contribuição dela nos assuntos do clã era intolerável. Não havia como se casar com ele, se ele esperava que ela fosse uma esposa submissa e sem envolvimento. A ideia de ficar perto dele e não tê-lo partia seu coração ao meio.

— E quando eu quiser passear com Aileen para ajudá-la com o bebê?

Conor não pensara naquilo. Certamente não queria passar muito tempo com duas mulheres fofocando e um bebê.

— Você pode ser acompanhada por outra pessoa. Mas deve informar alguém onde está indo todas as vezes.

Ninguém que conhecesse Conor bem acreditaria que ele seria capaz de um

acordo. Mas desde que ele conhecera esta mulher, descobrira que era capaz de ceder, até mudando alguns de seus velhos princípios. Quando ele era a fonte do sorriso envolvente dela, e do brilho em seus estonteantes olhos azuis-esverdeados, tudo valia a pena.

— Obrigada, Conor. Prometo sempre ter um acompanhante e avisar alguém onde estou indo.

A voz dela estava animada. Ela estava feliz de novo. E o chamara de "Conor". Por fim, ele pensou, as coisas retornariam ao normal.

...

Se Conor achava que a trégua sobre as idas e vindas dela pelo castelo tinha resolvido outras questões, estava enganado. Ele ter cedido à ideia dela ter um acompanhante não abordava a questão do papel dela — ou da falta de papel — nos assuntos do clã, como ele descobriu com Fallon naquela tarde.

— O que quer dizer com ela pediu para falar comigo?! — Ele gritou com Fallon na capela.

— Precisamente o que eu disse, chefe. Lady Laurel disse que, de agora em diante, todos os assuntos do clã devem ser discutidos e supervisionados por você.

— Exatamente! Mas o que isso tem a ver com qual janela tem que ser limpa ou qual material deve ser usado nos bancos? — Ele estava totalmente perplexo, sem entender por que fora chamado para um assunto doméstico desses. Esses eram exatamente os tipos de assuntos que ele via como responsabilidade dela.

— Quando eu pedi explicações, ela me disse que você ordenara que todo o trabalho seria determinado e conduzido sob seu critério. Já que serão necessários homens adicionais...

— Ela o quê? Se ela espera que eu me submeta às suas demandas desta forma, terá que pensar de novo! — Ele gritou, pisando duro para fora da capela.

— Mas, chefe? Janelas ou bancos? — Fallon gritou para ele.

— Inferno, não sei. Janelas! — Ele estaria perdido se cedesse aos desejos dela novamente. Ela não iria manipulá-lo como se ele fosse um chefe inexperiente, novo na posição. Ele estava a cargo e, por Deus, ela teria que

aceitar isso!

— Glynis! — Ele gritou do outro lado do pátio quando a viu saindo da cozinha e seguindo na direção da Torre da Estrela. Ela veio correndo ao encontro dele imediatamente.

— Sim, chefe?

— Diga a Laurel que ela vai jantar comigo essa noite, no salão principal. — *Esta noite, meu amor, vamos acertar isso,* ele disse para si mesmo. Virou-se para sair.

— Chefe? Minha senhora me disse para falar para você, caso perguntasse, que jantaria na casa do comandante, visitando o bebê.

Maldição, Conor pensou. Mas se ela achava que o evitaria para sempre, estava enganada.

Na verdade, era ele quem estava enganado. Laurel conseguiu escapar dele por vários dias. Estava sempre visitando um doente ou jantando com Finn e sua esposa. Mas manteve sua promessa. Sempre levava Brighid consigo, e alguém na fortaleza estava sempre informado de seu paradeiro.

Infelizmente, ela também cumprira a ameaça de abandonar todas as responsabilidades da fortaleza para ele. Além disso, ele nunca conseguia confrontá-la porque ela nunca estava dentro do castelo. Agora que o castelo estava funcionando de novo, havia várias coisas que precisavam ser tratadas todos os dias. Ele não queria que a fortaleza voltasse ao estado anterior, mas o tempo exigido para cuidar da manutenção era mais do que exasperante. Ele sabia que Laurel o testava, para obrigá-lo a se render. Mas ele também podia aguentar firme. E, ao contrário da ameaça dela de nunca se casar com ele, quando ele dizia nunca, ele falava sério. E ele nunca cederia no que se referia ao papel dela nos assuntos do clã.

Toda noite, ele esperava até que ela voltasse da casa de Finn para confrontá-la. Mas toda vez ela conseguia passar por ele e já estava dormindo quando ele por fim se retirava para seus aposentos.

— Você não pode continuar com isso, Laurel — Aileen disse na quinta noite que Laurel apareceu. Brighid embalava o bebê adormecido.

— Eu sei. Só não consigo encará-lo.

— O que vai fazer quando o sacerdote chegar? Finn diz que o chefe ainda

está convencido que você e ele vão se casar. — Aileen pegou a criança de Brighid. Era um menino pequenino e de natureza muito doce.

Laurel inspirou profundamente e soltou um suspiro desolado.

— Bem, ele terá que ser convencido do contrário, não é? Não vou me casar com um homem que quer me transformar em algo que não sou.

Aileen colocou o menino adormecido no meio da cama e se juntou à sua amiga perto da lareira.

— Concordo que ele não deve mudar você, mas acho que você tem que casar com ele — Aileen inclinou-se para sussurrar. — Você está vivendo com ele, Laurel. Não tem escolha.

— Normalmente, eu concordaria. De verdade. Mas o fato de Conor e eu termos dormido juntos não tem nada a ver com nós nos casarmos. Ele se recusa a me deixar fazer coisas que me deixam feliz. Ele quer que eu me torne uma versão opaca e chata de mim mesma. Se ele me amasse, não me pediria isso. Ficaria feliz com minha ajuda e com o que posso fazer. Não envergonhado.

Aileen ouviu novamente as críticas que sua amiga fazia sobre o chefe do clã e ouviu o tormento em sua voz.

— Ele não está envergonhado, e acho injusto você dizer isso. E ele a ama muito, pelo que vi — Ela disse, estendendo a mão para tentar confortar a amiga. — Leva muito tempo para as pessoas mudarem de ideia, especialmente homens. Seja paciente.

— Ela está certa, milady — Brighid acrescentou do outro lado do aposento. — Os homens em geral são teimosos sobre coisas como tradição e o que consideram ser responsabilidade deles — A tristeza na voz dela era inconfundível.

— Ora, Brighid, parece que você também está com problemas com seu homem! — Tanto Aileen quanto Laurel se viraram para a mulher mais jovem, que estava à beira das lágrimas.

— Sim. Meu homem, Donald, acha que ele está em uma posição inferior à minha depois que eu me tornei sua dama de companhia. Ele diz que eu deveria encontrar alguém mais de acordo com meu status. Significa pouco para ele que eu não me importo, que eu quero ser esposa de soldado. Mesmo assim, ele

se recusa a ouvir.

— Ah, Brighid, eu não tinha ideia. Que noção mais ridícula! O que devemos fazer com homens como os nossos? — Laurel estendeu as mãos, exasperada com a situação.

— Não sei, Lady Laurel. Mas espero que encontre rápido a resposta — Brighid comentou, desesperada.

Com as mãos nos quadris, Laurel começou a condenar quem quer que estivesse negando a felicidade à sua amiga.

— Quem é esse homem, Brighid? Ele devia perceber quão afortunado é em ter seu amor e aceitá-lo rapidamente, enquanto tem chance. Seu status versus o dele é tão sem importância no panorama geral das coisas.

Aileen se mexeu no assento, desconfortável. Estava sarando bem, mas tinha se machucado um pouco durante o parto. Ainda era difícil para ela se mexer.

— O mesmo pode ser dito para você — ela repreendeu Laurel. — Devia aceitar o amor que lhe é dado. Embora seus problemas pareçam grandes, eles vão diminuir com o tempo. Você verá. Case-se com Conor e seja feliz.

Laurel pensou naquelas palavras o resto da noite. Quando chegou a hora de partir, Laurel e Brighid voltaram para o castelo do mesmo jeito que fizeram nas noites anteriores. Usaram a porta do lado leste do castelo, que levava direto para a Torre do Guardião. De lá, Laurel tinha acesso ao caminho no topo das muralhas e ia diretamente para a Torre da Estrela, subindo para as ameias. Então ela descia as escadas até seus aposentos.

Ela sabia que Conor aguardava seu retorno todas as noites. Antes de se retirar, ele sempre abria a porta do quarto dela e observava seu sono fingido. Depois de um tempo, ele ia embora, fechando a porta atrás de si. Depois que ele saía, ela chorava até dormir.

Esta noite não foi diferente. Conor olhou sua amada por um longo tempo e então disse:

— Boa noite, amor. Amanhã o padre Lanaghly chega. Nossos jogos terão terminado e você e eu vamos nos casar.

Depois que ele partiu, as lágrimas dela começaram a cair. Aileen estava errada, disse para si mesma. Eles se amavam, mas isso não mudaria nada.

...

Bem cedo, na manhã seguinte, Laurel se levantou e desceu até a cozinha para encontrar Brighid.

— Olá, Fiona. Brighid já chegou?

— Sim. Está lá nos fundos limpando uma panela que preciso usar. Uma das minhas garotas não está se sentindo bem. Você não pode esperar que eu alimente um exército inteiro sem ajuda. — Fiona estava tão grosseira como sempre em seus domínios, mas ainda continuava sendo uma cozinheira excelente.

— Sinto ouvir isso. Por favor, peça para Glynis encontrar alguém para ajudá-la hoje. Percebo que cozinhar se torna muito mais difícil sem a ajuda adequada.

— Brighid? — Laurel chamou alto.

— Estou indo, milady! Aqui está, Fiona — Brighid disse, entregando a panela limpa para a cozinheira.

— Fiona, por favor, diga a quem perguntar que vamos voltar tarde. Vamos visitar a parteira e ver se ela tem um tratamento para Aileen. Ela não está se recuperando tão rápido quanto eu esperava, e rezo para que a parteira tenha algo para diminuir a dor.

Fiona assentiu com a cabeça em concordância, mantendo a atenção nas batatas que descascava.

— Assegure-se de conseguir a ajuda que me prometeu.

Depois de mandar Glynis para sua cozinheira favorita, Laurel e Brighid foram até os estábulos. Enquanto Clyde preparava a montaria delas, Laurel pegou o arco e a adaga e repetiu os planos de visitar a parteira para Neal.

Cavalgaram várias horas até as terras mais altas. Era muito mais frio e rochoso, fazendo com que a subida dos cavalos fosse lenta. Brighid se saía bem em um cavalo, mas não era nem de perto tão habilidosa quanto Laurel, e a viagem demorou muito mais do que Laurel previra.

— Ali está — Brighid apontou para uma casa de pedra cercada de pinheiros no alto de um cume.

Quando se aproximaram, uma mulher grande e robusta abriu a porta e saiu

da casa. Tinha um cabelo ruivo rebelde que se recusava a permanecer preso. Usava uma camisa carmesim e, em cima um tecido com o xadrez dos McTiernay que ia do pescoço aos tornozelos. O tecido era pregueado ao redor do corpo, preso na cintura por um cinto de couro largo similar ao que Conor usava.

— Quem é você? — Ela se dirigiu a Laurel com a voz áspera.

— Sou Laurel Cordell — ela disse, descendo do cavalo. — Você é a parteira dos McTiernay?

— Sim — a mulher mal-humorada respondeu, recusando-se a oferecer mais.

A hostilidade da parteira deixou Laurel com a sensação que ela não só não gostava de visitantes, mas principalmente não gostava de visitantes não-highlanders.

— Acho que já ouviu falar de mim — Laurel disse, sem muita paciência com a mulher depois da longa e fria cavalgada.

— Você é a inglesa que vai se casar com o chefe do clã.

— Hmm. Bem, isso ainda será visto — Laurel replicou, amarrando Borrail em uma árvore próxima.

— Você não vai se casar com ele? — As sobrancelhas vermelhas se arquearam visivelmente.

Ah, parece que a parteira que sabe de tudo não sabia da última briga entre ela e Conor.

— Não desejo fazer isso, não.

— Você é boa demais para nosso chefe? — A parteira perguntou, tentado avaliar a orgulhosa e régia beleza da qual ouvira tanto falar.

— Nem um pouco. Só não vou mudar por ele, ou por qualquer homem. Amo seu chefe, mas me recuso a fingir que sou inábil nas coisas que ele acha que eu deveria ser. E usarei meu conhecimento quando puder. Até ele aceitar isso, não vamos nos casar.

A mulher mais velha assentiu como se aprovasse. Parecia que ela havia passado em algum tipo de teste.

— Entre, então. Você também, Brighid. Vejo você parada aí. Venham para dentro, que deve estar mais quente — A grande mulher deu meia-volta e entrou

novamente na cabana, deixando que as duas visitantes se virassem sozinhas.

Brighid e Laurel entraram na cabana de pedra e se aproximaram do fogo para se aquecerem. Laurel podia sentir os olhos da parteira, observando-a atentamente. Talvez ela tivesse passado apenas pelo primeiro de muitos testes.

— Então, eu soube que você ajudou no parto de Aileen.

Não era uma pergunta. Era a declaração de um fato. A velha ruiva podia viver longe, mas seu conhecimento das atividades do clã aparentemente estava atualizado.

— Sim, eu esperava que você pudesse chegar a tempo de ajudar. Eu não tinha ideia do que estava fazendo — Ela esfregou as mãos para trazê-las de volta à vida e olhou ao redor. A cabana era basicamente um quarto grande com uma lareira no meio.

— Você se saiu bem.

— Você não estava lá — Laurel contrabalançou. — Receio que tenha sido pura sorte que tudo correu bem. Sou muito melhor com arranhões e cortes. São muito mais simples.

— Eu estava lá. Você se saiu bem.

A notícia a surpreendeu. Ela enviara Brighid para buscar a parteira, mas quando ela não chegou, Laurel presumira que Brighid não conseguira encontrá-la. Por que a parteira não foi ajudá-la?

— Sinto muito, milady. Hagatha me fez prometer que não contaria — suplicou Brighid, parecendo querer se dissolver no nada.

— Você estava lá? — Laurel perguntou, ainda sem compreender.

— Sim. Eu queria ver do que você era feita. Achei que Aileen era uma tola em confiar em uma inglesa, mas parece que ela compreendeu mais do que eu.

— Bem, hm, Hagatha, Aileen precisa da sua ajuda novamente.

— Parteira — a ruiva a corrigiu.

— Desculpe?

— Você pode me chamar de parteira, inglesa. — O apelido não era exatamente depreciativo, mas tampouco era um elogio. Era mais uma declaração, de fato. Mas a leal Brighid não estava tão tranquila.

— Hagatha, você deve se referir a ela como minha senhora, Lady Laurel ou, em breve, como Lady McTiernay.

— Somente sobre meu cadáver vou chamá-la por outro termo que não “inglesa”.

Laurel tentou acalmar a situação.

— Está tudo bem, Brighid. Na verdade, é bom ouvir alguém me chamar de alguma coisa sem um título.

Brighid sabia que sua senhora não se importava muito com títulos e com o respeito que convinha. Mas Brighid honrava e amava Laurel, e a devida deferência era necessária.

— Mas, Lady Laurel, você é tão escocesa quanto é inglesa.

— Isso é verdade? — Hagatha perguntou surpresa. — Bem, nesse caso não vou chamá-la de inglesa. Insultaria sua metade escocesa. Dependendo do meu humor, vou chamá-la de Laurel.

Laurel começava a gostar de verdade de Hagatha. Ela tinha um caráter que mantinha seu próprio código de ética.

— Então, parteira, vim aqui por causa de Aileen. Ela se machucou no parto, e ainda está com muita dor.

— Deve ter se machucado um bocado, então.

— Sim. Eu pensei em costurá-la, mas ela não estava particularmente aberta a essa sugestão.

— Hm. Provavelmente teria sido melhor. Da próxima vez, costure. Esses machucados não são incomuns com bebês grandes. Bem, agora é tarde demais para costurar — Ela foi até um armário e abriu as portas. As prateleiras estavam repletas de unguentos e ervas.

— Você tem uma coleção excelente — Laurel exprimiu seus pensamentos em voz alta quando se aproximou para dar uma olhada.

— Você conhece alguma dessas coisas?

— Só as que são usadas para febre e para ferimentos. Algumas vezes eu tinha permissão para ajudar minha mãe a cuidar dos soldados, mas eu era muito jovem — Ela olhou para as prateleiras, apontando os recipientes com amieiro, centáurea, arruda e erva-de-são-joão.

— Ouvi dizer que você andou fazendo o mesmo pelos guerreiros, depois do treino.

— Por um tempo, mas agora as ervas acabaram. Na primavera, vou coletar

mais e secá-las.

Hagatha estendeu a mão e pegou um recipiente com unguento.

— Tome. Faça-a usar duas vezes por dia e faça um chá com isso aqui — ela falou, entregando-lhe um saquinho de ervas secas.

— O que são?

— Isso vai ajudar a curá-la — Ela explicou, apontando para o recipiente. — Esses trevos vão ajudá-la com a dor. É seguro para o bebê também — Hagatha caminhou até a porta, indicando que a visita terminara.

— Hagatha? Você vive aqui sozinha?

— Desde que meu homem morreu. Não gosto da companhia de ninguém, nem de socializar no castelo. Mas o chefe do clã é uma pessoa boa. É muito parecido com o pai dele.

No momento em que pegaram os cavalos para partir, Hagatha pegou a mão de Laurel.

— Estou feliz que tenha vindo, Laurel. O chefe é um homem de sorte, ou será assim que perceber que a perderá se não a deixar ser como é. Meu homem tentou me mudar uma vez. Não deu muito certo. Eu também tentei mudá-lo. No fim, combinamos que cada um seria como é. Fomos felizes desde então. Tente com o chefe. Você verá. Será feliz também. É o único jeito, isso eu garanto a você. Deixar o outro ser como é — Ela se virou e desapareceu dentro da cabana.

Laurel ansiava a próxima visita a essa mulher astuta e especial.

A volta ao castelo levou muito mais tempo, pois Brighid não estava acostumada a cavalgar grandes distâncias. Embora tivessem saído cedo e não tivessem ficado muito tempo na casa de Hagatha, a escuridão chegou muito antes que elas estivessem perto das muralhas do castelo.

Laurel podia ver bastante bem com a luz do luar, e tentava guiar Brighid, mantendo-se atenta a qualquer perigo. Felizmente, nada aconteceu até chegarem ao platô de colinas suaves e cabanas. Era possível ver as muralhas do castelo. Desenhados contra a noite, havia dezenas de guardas alinhados nas muralhas, obviamente procurando por alguém.

Por mim, Laurel pensou. *Ah, Senhor, ele vai me trancar para sempre.* Ela parou os cavalos antes de serem vistas pelos soldados. Entregou o unguento e

as ervas para Brighid.

— Dê isso para Aileen pela manhã, com as instruções de Hagatha.

Brighid tentou persuadir Laurel a deixá-la acompanhá-la e explicar o motivo do atraso delas, mas Laurel não foi convencida.

— Olhe ali, Brighid. Aqueles homens estão procurando por nós. Não tenho ideia de como o chefe McTiernay vai responder a isso, mas tenho quase certeza de que ele deve estar com um humor briguento. Não quero que você fique no meio de uma discussão. Então quero que vá diretamente para casa. Farei sozinha o resto do caminho. Será melhor encarar a fúria dele sozinha.

— Mas você disse onde estávamos indo. Todo mundo sabe a distância da casa da parteira — Brighid disse com inocência.

— Sim, bem, não acho que isso importe e, se pensar bem, nem você.

— O que vai acontecer com você?

Laurel tentou dar um abraço despreocupado na garota.

— Ele não vai me machucar, se essa é sua preocupação. Eu só duvido que ele me deixe sair da fortaleza por um bom tempo, e até visitar Aileen ou o bebê.

— Ah, milady! Mas você fez isso para ajudar. Certamente, isso fará toda a diferença.

— Infelizmente, creio que a ideia de eu estar ajudando alguém só vai tornar as coisas piores.

Ela apertou os calcanhares em Borrail, fazendo com que ele cavalgasse em direção aos portões do castelo. Como imaginara, foi imediatamente localizada por vários sentinelas no alto da muralha. Ficou surpresa quando entrou na fortaleza e Conor não foi recebê-la. Entregou as rédeas para o garoto do estábulo e se dirigiu para seus aposentos.

— Você deve ser Lady Laurel — uma voz veio das portas da capela. Laurel se virou para ver o sacerdote de aparência mais gentil que já vira. Ele tinha uma barba branca que combinava com o cabelo. Seus olhos eram castanho escuros e cercados de rugas de anos de sorrisos.

— Eu sou... padre Lanaghly?

— Presumiu corretamente. Conor ficará feliz por ter voltado.

— Hmm, sim, tenho certeza que sim. Ele está aqui?

— Não. Acho que você chegou antes que ele e os homens voltassem.

— Voltassem? Mas Neal ou Fiona não falaram para ele onde eu fui?

— Acredito que sim. Ele parecia pensar que você não sobreviveria a uma viagem tão longa sem guardas para ajudá-la. Parece que ele errou.

— Ah, Senhor, ele vai ficar furioso. Eu não tinha a mínima ideia que fosse demorar tanto. E, Deus é minha testemunha, Brighid é a *mais lenta* das amazonas — Ela disse sem perceber, os olhos se arregalando de repente quando percebeu que acabara de falar aquilo na frente do sacerdote.

O padre Lanaghly estava encantado. Quando a viu cavalgar com as costas eretas e o cabelo dourado solto ao seu redor, ele pensou que sabia por que o chefe do clã finalmente quebrara seu juramento de nunca se casar. Mas agora, vendo seus olhos e sua expressão adorável, ele tinha certeza de ter entendido.

— Silêncio, agora. Suspeito que esteja certa sobre nosso chefe. Mas como todos os temperamentos fortes, ele voltará atrás. Acho que é hora de ir para cama. Suspeito que verá o chefe assim que ele chegar.

— Obrigada, padre — Ela subiu as escadas da fortaleza, incapaz de impedir que as lágrimas se formassem. Não tivera a intenção de fazer os homens procurarem-na novamente. Só queria ajudar sua amiga.

Ela se preparou para ir para a cama, trocou de roupa e começou a escovar o cabelo na poltrona perto da lareira. Quando Conor e ela conseguiriam lidar um com o outro? Parecia que, a menos que ela estivesse em seus braços, eles estavam discutindo sobre alguma coisa — sobre tudo.

Conor foi avisado do retorno em segurança dela por soldados enviados para interceptá-lo. O alívio tomou seu corpo. A neve começava a cair, e o chão estaria coberto de branco antes do amanhecer. E, assim como da última vez, o medo dele foi rapidamente substituído por níveis similares de fúria. Dormindo ou não, ela teria que se explicar.

Ele entrou no quarto, procurando-a na cama vazia. Quando não a viu, gritou seu nome tão alto que as janelas sacudiram.

— Laurel!

Ela estava adormecida quando ele entrou, enrolada na poltrona perto da lareira, esperando o retorno de Conor. O grito que ele deu a fez saltar de susto.

De repente, Laurel apareceu por trás, na poltrona da lareira.

— Estou aqui, Conor.

A maior parte dele queria cruzar o quarto e pegá-la nos braços. Em vez disso, ele explodiu:

— O que acha que foi fazer na casa de Hagatha? Está nevando lá fora! Não percebeu como estava o tempo? Você sempre sai por aí sozinha, sem ninguém para acompanhá-la? Você obrigou mais uma vez meus homens a procurá-la. Nunca mais, Laurel. Nunca mais! Você me ouviu?

Ela estava cansada, com frio e queria chorar. Só o orgulho impedia as lágrimas de caírem.

— Eu estava pensando em Aileen quando fui até a casa de Hagatha. Eu não sabia que demoraria tanto. Sinto que tenha achado que tinha que mandar seus homens atrás de mim, mas asseguro que posso cuidar de mim mesma.

— Bem, é melhor poder mesmo! Outra façanha dessas, e você será problema de outra pessoa. Na semana passada, tive que sair duas vezes atrás de você. Nunca vi ninguém mais egoísta. Você usou seu charme e sua beleza para me convencer a ceder aos seus desejos, mas não vai mais fazer isso. Você me ouviu? Não mais. Então pegue esses olhos azuis que fazem os homens ficarem loucos e aponte-os para outro lado.

Toda a fúria, temperamento difícil e orgulho de Laurel desapareceram com as palavras dele. Nunca ninguém a machucara tão fundo quanto ele. Ela achava que ele a amava, mas ninguém poderia dizer essas coisas para alguém com quem se importava. Ela abaixou os olhos e olhou para as tábuas de madeira no chão.

— Eu entendo. Da próxima vez que eu sair, será para sempre.

— Não haverá uma próxima vez.

Sim, haveria. Assim que a primavera chegasse, ela partiria para nunca mais voltar. Talvez tivesse uma chance na Irlanda, se escondesse sua ascendência, pensou consigo mesma. Ela ficou de costas para ele, e secou as lágrimas do rosto.

Conor sabia que estava sendo injusto. Sentia-se tão impotente ao lado dela e tão inútil quando ela se colocava em perigo. No passado, as mulheres usaram estratagemas diversos para convencê-lo a fazer o que elas queriam. Quando ele era jovem, funcionava. Depois ele percebeu o jeito egoísta e conveniente

delas. Achava que estava imune aos truques de tais mulheres. Mas, hoje, descobrira que Laurel abusara de sua boa vontade. Ah, ela deixara avisado para onde estava indo. E tinha uma acompanhante, mas ela sabia, ela sabia, que ele não aprovaria a viagem até a casa de Hagatha. A trapaça flagrante era indesculpável.

— Não deixe esta torre, Laurel. Não me teste novamente — ele declarou em um tom de voz inexpressivo. Ela o ouviu fechar a porta do quarto e os passos dele descendo as escadas.

Ela caiu de joelhos e chorou por vários minutos. Como ele podia pensar tão mal dela? Quando ele pediria uma explicação antes de atacar seus motivos? Ela secou as lágrimas e abraçou o próprio corpo. Precisava pensar. Então, começou a subir as escadas até as ameias. Estava frio, mas ela não se importava. Já estava entorpecida.

— Ei, olhe! — Fergus exclamou. Gilroy olhou para cima. — É ela! É nosso anjo que veio aquecer essa noite fria.

Gilroy e Fergus olharam para o céu noturno nevado e viram uma visão branca caminhando pelas ameias da Torre da Estrela. No início, vários homens zombaram deles quando mencionaram o anjo que aparecia e desaparecia como um espírito sob a luz do luar. Depois, vários outros também a viram, e o posto deles começou a ficar bem lotado por um tempo. Já fazia vários dias que o anjo aparecia, mas então — mais uma vez — voltou bem quando eles estavam na escala da guarda noturna.

Gilroy e Fergus se sentaram e ficaram observando o anjo se mover nas ameias por vários minutos, em silêncio. Havia pouca luz, uma vez que uma tempestade de neve se formava, e era difícil enxergá-la. Os braços dela se moviam mais animadamente que o normal.

— Ela está dançando? — Gilroy perguntou.

— Não sei. É difícil dizer — Fergus respondeu, apertando os olhos.

Eles continuaram observando-a por um longo tempo antes que o sono tomasse conta dos dois.

Enquanto isso, no salão principal, o padre Lanaghly fazia um belo trabalho colocando o grande chefe McTiernay em seu lugar.

— Onde isso vai levar você? Por que vocês, McTiernays, deixam o

temperamento forte controlar vocês quando se trata de seus amados? Primeiro, você praticamente destrói sua fortaleza para ensinar uma lição para seus irmãos. Agora, você acusa uma mulher amada por todos, inclusive por você, de ser conspiradora, egoísta e maldosa. Ela é um lindo milagre. Olhe ao seu redor! Ouve os risos? Olhe para você mesmo! Vai precisar de outro milagre para admitir que está errado?

O padre Lanaghly esperava que Conor ficasse zangado com Laurel. Todo mundo esperava isso. Mas ninguém imaginava que o chefe do clã seria tão duro. Muitos ouviram seus comentários. Todo mundo que estava perto da Torre da Estrela espalhou a notícia. Quando chegou, Brighid tentou defender sua senhora, com explicações sobre a viagem, afirmando que elas teriam chegado mais cedo se ela fosse uma amazona melhor.

O clã já começava a se separar em grupos distintos, que apoiava ou a lady ou o chefe.

Conor se sentia miserável. Ele descera dos aposentos de Laurel e começara a beber cerveja da despensa. Quando o padre Lanaghly se aproximou, ele ainda achava que estava corretamente zangado com o engodo de Laurel. Só depois que o padre o obrigou a ouvir, que ele percebeu como fora cruel.

Ele se lembrava das últimas palavras dela: “Da próxima vez que eu sair, será para sempre.”

Ele colocou a cabeça entre as mãos. O vazio sombrio de seus pesadelos chegara, mas agora ele sabia o que era. Ele não ia perder Laurel, mas seu amor. O que ele fizera? Um novo temor o invadiu.

Conor sabia que abusara da confiança de Laurel e de seu amor, mas tinha todo o inverno para compensá-la. Ele a convenceria a ficar e a perdoá-lo, assim como a persuadira a se casar com ele. Se necessário, ele usaria a desculpa de proteger seu avô para obrigá-la a ceder. Qualquer coisa, ele prometeu a si mesmo, qualquer coisa para que ela lhe desse tempo para que ele pudesse compensá-la.

...

Loman subiu as escadas da Torre da Guarda, seguindo pelo alto da muralha até os guardas da noite. Fora uma noite estressante e, do jeito que as coisas iam, só

ficaria pior pela manhã. Ele sabia que seu chefe nunca estivera tão emocionalmente abalado antes. Por causa disso, Loman percebia que tudo o que o chefe dissera, fora dito com medo. O medo de Conor por ela, o medo dela — que ela fosse como as outras — e o medo de si mesmo. Loman balançou a cabeça quando viu os dois guardas dormindo.

Chutou Gilroy e Fergus para despertá-los.

— O que os dois idiotas estão fazendo? Vão congelar até a morte. Vou trocar a guarda a cada hora até que a tempestade de neve passe.

— Ei! — Gilroy gritou, cutucando Fergus ao seu lado. — Nosso anjo ainda está conosco!

— Sobre o que vocês dois estão choramingando? — Loman perguntou.

— Nosso anjo — Fergus sorriu. — Vem nos visitar à noite. Ela vem quando as estrelas estão brilhantes, mas esta noite ela veio com a neve.

— Vocês dois são imbecis. Venham, vamos descer.

— Olhe você mesmo — Fergus apontou para a Torre da Estrela.

Loman deu uma olhada de relance para a torre, esperando não ver nada além de neve. Mas viu movimento lá em cima. Parecia alguém tentando bater em alguma coisa. Era difícil de ver. Quem estaria lá em cima com esse tempo? Então ele viu o longo cabelo dourado e percebeu imediatamente quem era.

— Aquilo não é um anjo, seus tolos! — E começou a correr.

11

Loman não parou quando viu o padre Lanaghly e Conor saindo do salão. Empurrou os dois com violência, para que saíssem do caminho, e começou a subir os degraus da torre, de dois em dois, três em três. Quando chegou na porta que dava para as ameias, viu que o tempo ruim expandira a madeira. A porta estava congelada. Só depois de vários golpes fortes, ele conseguiu abri-la.

Laurel estava encolhida no chão de pedra, congelada. Seus cabelos pareciam pingentes de gelo em sua pele. Loman a pegou no colo e estava descendo as escadas até os aposentos dela quando colidiu com Conor.

Conor olhou a garota congelada nos braços de Loman. Seu maior medo se tornava realidade. Iria perdê-la. Loman entregou Laurel para seu chefe, assustado por ela não estar se mexendo. Conor correu, carregando-a o resto do caminho até seu quarto, e a colocou na cama. Atrás de si, ouvia Loman e outros correndo e gritando.

Logo havia baldes de água quente e cobertores por todos os lados. As pessoas cercavam Laurel, tentando esfregar seus membros para trazê-los de volta à vida, mas ela não estava respondendo. Conor só conseguia ficar parado, segurando a cabeça dela, implorando mentalmente para que ela não o deixasse. Ele não conseguia encontrar a própria voz.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela piscou os olhos. Seus lábios ainda tinham um assustador tom azul, e seus olhos pareciam vazios.

— Amor, você está bem agora. Loman a encontrou — Ele beijou suas bochechas, seus lábios, suas mãos. Tudo estava muito gelado.

— Eu sei que você não queria dizer aquilo — A voz dela era um sussurro rouco, que mal se podia ouvir.

— Psiu, amor. Não fale agora — As lágrimas escorriam pelo rosto dele. Ele sentia como se ela o estivesse deixando. As palavras dela o fizeram se lembrar

de frases similares que eram ditas em leitos de morte.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos.

— Não me deixe, Laurel. Por favor, não me deixe. Vou buscar você, não importa onde for, para trazê-la de volta. Você me ouve? Você é minha, e sem você sou incompleto — Ele a abraçou apertado, embalando-a com gentileza, murmurando palavras de amor em seu ouvido.

Os homens e as mulheres que esfregaram os membros de Laurel, tentando trazer a circulação de volta para seus braços, pernas e pés, estavam todos em silêncio, rezando. Quando Conor viu o padre Lanaghly, ele imediatamente presumiu o pior. Ninguém daria os últimos sacramentos para seu coração e alma. Ela não ia morrer.

— Saia daqui, padre. Seus serviços não serão necessários essa noite. Deixe-nos a sós.

— Não estou aqui por ela, filho, mas por você. Estou rezando com tanta fé quanto os outros para que essa alma generosa permaneça conosco.

Conor passou as horas seguintes supervisionando os cuidados a Laurel. Seus membros começaram a ganhar cor, mas ela ainda estava muito fria. Com frequência, seu corpo tremia descontroladamente, não importava quantas camadas de cobertores eram colocadas sobre ela. Depois de um tempo, ele mandou todo mundo embora. Tirou a roupa dela e a sua, e deitou-se o mais perto dela que pode. Por fim, ela pareceu responder. Seus lábios agora estavam pálidos, não azuis. Os dedos das mãos e dos pés também ganhavam alguma cor.

Mas quando ele pensou que o pior passara e que ela sobreviveria, veio a febre. Nunca em sua vida ele se sentiu tão perdido e fora do controle.

Nos vários dias seguintes, ela entrava e saía da lucidez, delirando sobre a incapacidade dele de confiar nela ou de se apoiar nela. Ao longo de tudo isso, ele nunca saiu de seu lado.

Uma vez, ela acordou e se sentou, exigindo que ele explicasse por que ela estava conspirando. Depois que ele explicou o quão errado estava, que não tinha querido falar aquilo, ela o contradisse, entrando em um longo discurso sobre sua infância e descreveu vários acontecimentos que provavam que ele estava certo. Quando ela tinha cinco anos, enganara intencionalmente a

cozinheira para ganhar uma sobremesa extra toda noite. Encorajara o mestre dos estábulos a ensiná-la a cavalgar sem sela. Até convencera o irmão que seria melhor se ela partisse da Inglaterra.

— Então, veja só, você está certo em sua avaliação sobre mim, Conor. Você ficará muito melhor sem mim — E, com aquelas palavras, ela voltou para um sono perturbado, a febre subindo a níveis aterrorizantes.

— Ela não pode continuar assim — ele se lamentou para Hagatha, que chegara no dia anterior.

— Sim, ela pode e vai. Você pode e vai. — Ela banhava a testa de Laurel, tentando mantê-la fresca. — É melhor comer alguma coisa, chefe. Assim que ela se recuperar, você vai precisar de toda força para convencê-la que não vai mudar o jeito dela ser.

No dia seguinte, a febre abaixou. Sua garganta estava seca, e ela estava extremamente fraca, mas não mais ardendo ao toque. Conor se animou.

Laurel sentia como se uma tropa de cavalos a tivesse atropelado. Quando tentou massagear as têmporas, gemeu alto. Cada músculo em seu corpo doía, e cada articulação gritava de dor. Sua cabeça latejava. Imediatamente, Conor estava ao seu lado.

— Não se mexa, amor. Só me diga o que precisa.

— Água — Ela o viu buscar uma caneca de água para ela, e percebeu o quão pálido e abatido ele estava. Seu gigante perdera muito peso. — Conor, o que aconteceu com você?

Ele sorriu para ela e se sentou.

— Ele não está comendo, isso que aconteceu — Hagatha disse do outro lado do quarto. — Você está com febre há dias. Este aqui — ela apontou para Conor com o polegar — se recusou a sair daqui. Praticamente não dormiu, e o pouco que comeu foi forçado.

Laurel apertou os olhos, tentando focar.

— Hagatha? O que está fazendo aqui? Você odeia deixar a cabana — ela murmurou, fechando os olhos.

— Fico feliz que aprecie meu sacrifício.

— Preciso de um banho. — Laurel se sentia grudenta e suja, mas completamente incapaz de fazer qualquer coisa a respeito.

— Sim, precisa — a velha parteira respondeu. — Mas não durante alguns dias, e não tem discussão. Agora, vou pedir para a cozinheira preparar um caldo de carne.

No momento seguinte, Conor e Laurel estavam sozinhos.

Laurel virou a cabeça e olhou para o homem que roubara seu coração e depois o estraçalhara. Ele estava parado perto da janela, apenas olhando para ela. O cabelo dele estava emaranhado, e suas roupas estavam amassadas e desalinhadas.

— O que aconteceu? Eu me sinto tão mal quanto sua aparência — ela comentou.

Ele sorriu, aproximou-se dela e acariciou seu cabelo, colocando-o atrás da orelha como gostava tanto de fazer. Ela ficaria bem, ele disse para si mesmo. Ela ainda era Laurel. Ainda era a mesma mulher que aparecera de repente no acampamento deles naquele dia fatídico. O alívio se espalhou por ele como o calor de um dia de verão.

— Você ficou presa do lado de fora, no alto da torre, na neve.

— Eu lembro. Eu queria pensar, e é para lá que vou quando preciso limpar a mente. Eu estava com tanto frio, e a porta não abria. Eu tentei, tentei, mas estava travada, e eu fiquei presa do lado de fora. Eu gritei, mas ninguém me ouviu. Achei que fosse morrer.

— Psiu — Ele fechou os olhos e a embalou em seus braços. — Você nunca vai me deixar. Eu não deixarei você. Eu seguiria você para qualquer lugar para trazê-la de volta ao meu lado. Até agora você não entendeu isso?

Ela adormeceu nos braços dele. Conor a abraçou até que Hagatha o fez ir comer e descansar. Nos dois dias seguintes, Hagatha supervisionou a recuperação de ambos. No terceiro dia, declarou que estava voltando para casa.

— Obrigada, Hagatha.

— Eu disse para você me chamar de parteira.

— Eu sei, mas você é muito mais do que isso. É o bem mais precioso dos McTiernays — E Laurel abraçou a mulher ruiva.

— Agora, você deve ficar na cama até que sua força retorne. Pode se levantar para tomar banho, mas só para atividades limitadas. Esse tipo de clima

traz uma doença que enche os pulmões daqueles que estão fracos.

— Prometo.

— Não se preocupe. Ela não vai fazer nada que coloque sua saúde em risco — Conor prometeu ao se aproximar de Laurel e colocar as mãos em seus ombros.

Laurel virou a cabeça para olhar para ele.

— Você é pior do que ela — Laurel disse, livrando-se das mãos dele, levantando-se inconscientemente para desafiá-lo.

— Sim, eu serei.

— Será, não! Você já é.

Hagatha os deixou enquanto estavam discutindo sobre a recuperação de Laurel. Riu consigo mesma enquanto descia as escadas da torre. Aqueles dois ficariam bem, pensou. Eram como ela com seu homem. Sempre discutindo sobre alguma coisa, mas sempre resolvendo também. Sim, os McTiernay finalmente tinham encontrado uma senhora para ajudar a liderar o clã.

No quarto, o casal não tinham percebido a partida de Hagatha.

— Acho que você devia descansar agora, Laurel — Conor enterrou as mãos nos cabelos dela, enroscando os dedos nas mechas sedosas, puxando-a para ele.

— Vou tomar um banho.

— Talvez amanhã. Você já se esforçou muito hoje.

— Conor, vou me esforçar muito mais jogando você pela janela se continuar com isso. — Ela tentou empurrá-lo, mas ele se recusou a se mover. O esforçou a exauriu.

Ele a pegou nos braços e a levou de volta para a cama.

— Vê? Eu disse, você está muito cansada.

— Eu não estava até você me maltratar — ela resmungou. — Conor, acho que não entende. Eu me sinto péssima, mas principalmente porque me sinto suja. Se eu pudesse tomar um banho e lavar o cabelo, eu me sentiria muito melhor.

— Você vai se comportar e ficar na cama o resto do dia?

Ela odiava a convalescença. Raramente ficava doente e sempre se recuperava rápido nas poucas vezes em que sucumbiu à alguma enfermidade.

Mas, sabendo que devia aproveitar a oportunidade quando Conor parecia estar disposto ao mínimo acordo, ela cedeu.

— Prometo.

— Tudo bem. Vou pedir para trazerem água para banho esta tarde. Enquanto isso, durma.

Ela apertou os olhos. Ele era tão arrogante.

— Você é insuportável.

— Você já falou isso várias vezes antes.

— Não que tenha ajudado em algo.

— Sim. Duvido que vá fazer alguma diferença nos meus hábitos, mas se faz com que se sinta melhor dizer isso, vá em frente — Ele a arrumou na cama. Ela estava cansada, mas não desistiria tão facilmente, sem receber algo em troca.

— Se eu vou dormir, você vai comer.

Ele sorriu diante do estratagema dela. Todas as vezes anteriores em que ela discutira com ele, ele via aquilo como um desafio — algo que ela fazia intencionalmente para deixá-lo zangado. De repente, ocorreu-lhe que não era desafio, mas orgulho que provocava tal reação nela. Laurel era ousada e, como ele, não queria parecer fraca. Ele sorriu para si mesmo, satisfeito por finalmente ter descoberto um dos vários pequenos mistérios de sua noiva.

— Sim. Porque você pediu.

A aparente aquiescência dele a fez se sentir melhor, e ela fechou os olhos e dormiu por várias horas.

...

— Absolutamente não, Conor McTiernay.

— Você quer um banho ou não?

— Você sabe que quero. Mas não com você me banhando.

— Ou é um banho comigo, amor, ou não é banho algum.

— E quanto a Brighid?

— O que tem ela?

Laurel estava ficando um tanto quanto frustrada com ele se fazendo de desentendido de propósito.

— Não é apropriado! Homens não banham mulheres.

— Este homem sim, se a mulher for você.

— Mas você é o chefe do clã.

— E você é minha mulher.

— Primeiro de tudo, não, não sou. Segundo, não sou casada. Pronto! O que todo mundo diria se descobrisse que o chefe do clã está banhando uma mulher não casada?

— Tenho certeza que ficariam felizes por eu supervisionar pessoalmente da saúde e da segurança da futura senhora deles.

Ela não estava vencendo aquela discussão. Ele estava recostado na lareira, totalmente calmo e relaxado. Não havia gritos, nenhuma raiva e, certamente, nenhuma flexibilidade. Ela estava desesperada.

— Conor, isso simplesmente não pode ser. Você não pode exigir isso de mim — ela suplicou com intensidade.

Ele se aproximou dela e a puxou. Manteve-a ali por vários minutos, apenas desfrutando a sensação daquela mulher em seus braços. Fosse apropriado ou não, apenas ele supervisionaria as atividades dela até que ela estivesse completamente recuperada.

— Eu quase perdi você — ele disse e beijou seu cabelo. — Achei que tivesse perdido, quando você foi até a casa de Hagatha, e depois quando Loman a encontrou... toda minha razão de viver desapareceu até você voltar para mim — Ele emoldurou o rosto dela com as mãos e levantou sua cabeça para que pudesse olhá-la nos olhos. — Até eu ter certeza completa da sua recuperação, vou agir de maneira pouco ortodoxa e muito possessiva, amor. Peço que me perdoe — O beijo que se seguiu confirmou as palavras que ele acabara de pronunciar.

Foi um beijo longo e profundo, transmitindo o desejo e a paixão que ele sentia por ela. Laurel respondeu à altura. Os braços dela envolveram as costas dele, e suas mãos começaram a massagear os músculos do pescoço de Conor. Não importava as discussões que tiveram ou que teriam no futuro, ela sempre amaria esse homem com todo seu coração e alma.

— Agora — ele disse sorrindo, levantando a cabeça e encerrando o beijo —, sobre o banho — Ele a pegou no colo e seguiu com ela até a lareira, que

estava acesa.

Ele a despiu lentamente, parando de vez em quando para roçar os lábios na pele exposta. Ela amava o jeito como ele a tocava, com suaves carícias que enchiam suas veias de fogo líquido.

Assim que ela ficou nua, ele a colocou rapidamente na banheira de água quente e começou a esfregar seu corpo com sabão de lilases. De repente, a lista de motivos de Laurel para que ele não fizesse aquilo desapareceu. A sensação tomou conta dela. Não era exatamente uma agitação sexual, embora a paixão e atração estivessem ali sem dúvida alguma. Era amor. Conor a tocava e a banhava como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo inteiro.

Quando ele começou a lavar seu cabelo, Laurel decidiu que queria fazer o mesmo com ele. Ela se virou, agarrou sua camisa e a tirou pela cabeça dele.

Quando ela se ergueu de leve da água, Conor ficou momentaneamente aturdido com a visão da água brilhando em sua pele sob a luz do fogo. Ela era a perfeição para ele. Segundos mais tarde, ele percebeu que ela também tirara seu cinto e que seu kilt caíra no chão, livre daquilo que o segurava.

— É minha vez de lavar você — A voz dela estava rouca de desejo.

Tenso e sentindo a própria rigidez, Conor permitiu que ela o puxasse para dentro da banheira, jogando água para todos os lados. Ela, então, sorriu para ele.

— Acho que você também precisa de um banho — Em algum lugar de sua mente, ele percebeu que ela começava a ensaboá-lo e que ele ficaria cheirando flores, mas não se importou.

— Ah, amor. Você ainda será a minha morte — Ele inclinou a cabeça, pronto para capturar os lábios dela com os seus.

Ela se esquivou dele. Em vez disso, mordiscou a orelha de Conor.

— Hmm. Que tal isso?

— Bem, se eu não morrer essa noite de tanto desejo por você, tenho certeza de que meus homens vão me humilhar até o fim dos tempos quando derem uma cheirada em mim pela manhã — ele disse enquanto se preparava para devolver o favor, cheirando o pescoço dela.

Durante a meia hora seguinte, eles brincaram, se beijaram e se mordiscavam. Com frequência, ele tinha que dissuadir Laurel de aumentar a

paixão entre eles, afirmando que já havia permitido que sua amada sentisse muita excitação.

Quando a água começou a esfriar, ele a tirou da banheira e a deixou na manta xadrez colocada diante do calor da lareira. Ele rapidamente a secou e a ajudou a vestir a roupa. Depois começou a escovar os longos cabelos dourados dela para ajudá-los a secar. Então, ela adormeceu com o ritmo suave dos afagos dele. Antes de dormir, seu último pensamento foi que Conor precisava dar outro banho nela depois que estivesse completamente recuperada.

...

Três dias depois, Laurel cansou de argumentar com Conor e ficar na cama. Ele fora longe demais quando colocou um guarda na porta dela e escondera todos os seus vestidos. Quando ele voltou com a comida, ela estava preparada para a guerra.

— O que está fazendo fora da cama? — Ele perguntou, fechando a porta com a perna.

— Tentando sair.

— Ameaça vazia — ele disse, indicando que ela não estava vestida.

Ele estava certo, é claro. Duelando com seu orgulho, Laurel decidira que era melhor ceder às exigências dele — por enquanto — do que se humilhar andando seminua diante das pessoas.

— Você está sendo completamente irracional.

— Talvez um pouco, mas não diria completamente — Conor deu de ombros.

— Hagatha disse... — ela começou, mas ele a interrompeu, terminando a frase por ela.

— Hagatha disse que você devia ficar na cama até sua força retornar. Não estou convencido de que tenha voltado — ele comentou, tirando calmamente a comida da bandeja e colocando-a em uma mesa improvisada que estavam usando nos últimos dias.

— Conor, você está me obrigando a inventar um jeito de desafiar você. E estou avisando... eu farei isso.

Ele não pareceu impressionado quando pegou um pão amanteigado e começou a comer.

— Você vem e vai ao seu bel prazer. Você passa a maior parte do tempo fora da fortaleza enquanto eu fico como uma prisioneira aqui, ficando louca de tédio — Ela começou a caminhar.

— Você podia fazer seu vestido de noiva — ele sugeriu, observando-a ir de um lado para o outro. — Pelo que Glynis disse, você ainda precisa costurar um.

— Só precisa de um vestido de noiva quem vai se casar — ela disse com doçura, mas através dos lábios apertados.

— Sim. E você se encaixa nessa categoria.

— Eu não.

— Você sim, e você vai.

— Humm. Isso vai ser muito difícil, já que da próxima vez que vier me ver, eu terei partido. Não só do meu quarto, mas também de você, seu tirano insuportável.

Conor começava a ficar um pouco preocupado com a promessa contida na voz dela. Hora de usar uma tática diferente. Quando um redirecionamento tranquilo não funcionava, o que funcionaria? E então ele se lembrou das sábias palavras de Hagatha: "... você vai precisar de toda força para convencê-la de que não vai mudar seu jeito de ser."

Ele deixou o pão de lado e apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando diretamente para ela.

— Não vou mudar, Laurel. Nem agora, nem nunca. Sou chefe de um clã, e é minha responsabilidade cuidar de todos que pertencem a ele. Você me pertence, então minha responsabilidade e determinação são ainda mais fortes quando dizem respeito a você.

— Mas você não me quer! Você mesmo disse isso. Sou enganadora e egoísta.

— Sim, eu sei que disse essas palavras, e percebi que estava errado. Eu só não conseguia entender por que você me deixaria deliberadamente louco de preocupação.

Ele apontou para a cadeira diante de si e fez sinal para que ela se sentasse e

comesse. Laurel hesitou, mas sentou-se como uma rainha que decidira fazer aquilo sozinha, não que alguém tivesse mandado.

— Mas não foi deliberado. Eu não tinha ideia que ficaria fora tanto tempo. Além disso, eu teria feito a viagem em uma fração do tempo se você não tivesse me feito prometer que levaria uma acompanhante — Laurel pegou o pão e arrancou um pedaço.

— Sim. Outro motivo da minha raiva — Conor recostou-se na cadeira. — Quando percebi que Brighid estava com você, fiquei duplamente preocupado, sabendo que era mais provável que você a estivesse acompanhando do que o contrário. Se queria tanto ver Hagatha, por que não disse? Eu teria mandado um dos guardas para garantir sua segurança. Você teria podido cavalgar na velocidade que desejasse.

Laurel balançou a cabeça, fazendo com que mechas de cabelo dourado se soltassem da fita que as prendia.

— Não reescreva a história para mim, chefe.

As sobrancelhas dele se ergueram visivelmente.

— Conor.

— *Chefe.* Você sabe tão bem quanto eu que não teria me deixado ir até a casa de Hagatha, e certamente não com outro acompanhante que não fosse você — Ela mastigou um novo prato de Fiona que, apesar de ter uma aparência repulsiva, era surpreendentemente bom.

Vendo o olhar dela que passou da dúvida para o prazer, ele explicou:

— Esse prato se chama *haggis*.

— Tem uma aparência horrível, mas o gosto é maravilhoso. O que tem nele?

— É difícil fazê-lo bem. Fiona é uma excelente cozinheira. Você estava certa em contratá-la em tempo integral e acabar com o calendário alternado. *Haggis* é uma mistura de coração, pulmões e fígados picados. Pode ser de ovelha ou de bezerro, dependendo do que há disponível. Então você mistura com gordura, cebola, aveia e temperos e cozinha no estômago do animal.

Laurel achou que fosse ficar doente de novo. Aquela informação acabara com sua refeição. De agora em diante, só comeria itens que conhecesse. Recostou-se em sua cadeira e cruzou as mãos no colo. À distância, qualquer

um pensaria que ela era uma senhora recatada e adequada, mas Conor sabia que não era assim. Os olhos azuis-esverdeados dela estavam sombrios como uma tempestade no Mar do Norte.

Controlando seu estômago, Laurel tentou corrigir as visões que ele tinha do futuro.

— Não quero brigar mais, Conor. Só não acho que seremos felizes juntos. Parece que tudo o que fazemos é brigar e discutir sobre qualquer coisa. Entendo sua necessidade de proteger o que é seu, mas parece que você quer que eu seja alguém que não sou. Sou uma lady, mas também quebro as regras da sociedade. Tenho que ser livre para cavalgar e tomar decisões sobre ajudar quem precisa. Se eu não puder fazer isso, a essência do que eu sou terá sumido.

— Então teremos que achar um jeito de atender às necessidades de ambos, sem mudar um ao outro — Ele disse com completa confiança. Inclinou-se e pegou a mão dela, massageando gentilmente a pele macia dela. — É possível, Laurel. Meus pais eram ambos teimosos, mas descobriram um jeito de continuarem com seus temperamentos fortes e casados.

— E o que exatamente você quer conseguir? Eu?

— Não, você já é minha. Quero descobrir um jeito de deixar você viver a liberdade que deseja sem arriscar sua segurança.

— Isso não é razoável. Eu podia escorregar nas escadas e cair — ela disse, levantando-se da mesa e caminhando na direção da janela. Estava nevando novamente, e o mundo estava coberto de branco. — Você não pode me proteger de tudo. Não ocorreu que eu também me preocupo com você? Você é o chefe de um clã poderoso. Tenho certeza de que tem inimigos que procuram o tempo todo oportunidades para feri-lo. Por acaso eu imploro e suplico para que você não saia? Que não vá ver outros chefes quando precisa? — Ela se virou e olhou nos olhos dele. Ele ainda estava sentado. — Não é proteção que você me dá, Conor, mas confinamento. Não quero ser sua cativa... quero ser sua esposa.

Ele balançou a cabeça.

— Você quer mais do que isso, Laurel. Você quer liderar o clã em áreas que são minha responsabilidade. Toma decisões arbitrárias que impactam minha capacidade de liderar meu povo sem me perguntar.

Ela não tinha pensado naquilo antes.

— Essa não é minha intenção. Mas há algumas coisas nas quais eu posso ajudar, em especial no que se refere a cuidados e manutenção do clã. Não afirmo saber como treinar guerreiros, mas sei quando um telhado precisa de reparo... e sei como repará-lo!

— Você não pode dar ordens para os homens fora da fortaleza. Essa é minha responsabilidade. Permitir que faça isso só vai criar confusão e dividir lealdades.

— Qual a diferença entre pedir para os homens limparem o salão ou pedir para consertarem um telhado estragado?

Conor suspirou, levantando-se para juntar-se a ela perto da janela.

— A senhora da fortaleza sempre foi responsável pela manutenção e limpeza do castelo. Você sabe disso, Laurel.

— Sei que na filosofia tradicional, sim. Mas se você é o chefe, por que não pode dizer que eu também posso consertar coisas fora das muralhas do castelo?

Ele levantou o queixo dela com seu polegar, encarando-a.

— Não dividirei minhas responsabilidades com você ou com ninguém. Há apenas um chefe do clã.

— Não quero dividir suas responsabilidades, Conor. Só quero ajudar. Quero poder fazer mudanças e melhorar coisas onde e quando eu achar necessário. Não acredito que esteja fazendo nada que você não fizesse se você estivesse lá.

— Mas esse é exatamente o ponto. Você não pode tomar decisões que devem ser minhas.

Decisões que devem ser minhas, ele disse. Laurel finalmente viu a verdadeira questão por trás do problema. Ela jogou os braços ao redor dele com um sorriso imenso no rosto, como se tivesse descoberto uma pedra preciosa de grande valor.

— Então não são as decisões *em si* que são o problema. É minha tentativa de fazer mudanças que você não aprovou.

— Algo assim — ele murmurou. A sensação suave dos seios dela através da camisa era dispersiva, mas a súbita mudança de sua disposição de antagonista para enérgica o fez guardar sua resposta.

— E se eu prometer submeter tudo a você de agora em diante? — Laurel perguntou, mal contendo a animação que começava a borbulhar dentro de si. O que ela mais queria era ser útil. Se Conor a autorizasse, caso a caso, a fazer o trabalho, já seria o suficiente.

— O que isso quer dizer? — Ele tentou perguntar de maneira imparcial. Ele percebera que ela não estava ciente do que fazia ao abraçá-lo tão de perto, mas isso não mudava o fato de que era perturbadoramente doloroso. Ele prometera a si mesmo que da próxima vez que deitassem juntos, seria como marido e esposa. Mas não havia como ele se afastar agora, não quando ela parecia tão positiva sobre eles e seu futuro juntos.

A esperança de Laurel renasceu. Ele não cortara imediatamente a oportunidade de um acordo, ela disse para si mesma.

— Por exemplo, a questão dos telhados das cabanas. E se eu os inspecionasse e viesse até você para falar sobre minha avaliação e minhas sugestões de melhorias? Se você aprovasse, então eu poderia gerenciar todo o trabalho?

Ele pensou na sugestão. Tinha seu mérito. A autoridade na tomada de decisões dele seria preservada, e ela ainda preencheria sua necessidade de ajudar.

— Eu prefiro ser avisado com antecedência da inspeção.

Ela o soltou e rodopiou no quarto antes de cair na cama. Havia uma solução, ela exclamou mentalmente com alegria. Ele iria deixá-la ajudar com mais do que apenas tecer e limpar a fortaleza!

— E eu quero gerenciar o trabalho — ele acrescentou de maneira rude, notando que a necessidade física que viera com a proximidade deles não sumia depois que ela se afastara. Ele foi se sentar e esconder a evidência de seu desejo. — Mas tenho certeza que podemos ajeitar isso, desde que meus homens saibam que a decisão é minha.

Ela não conseguiu se conter. Levantou de um salto e correu até ele, jogando-se em seu colo. Ela o aturdiu ainda mais ao beijá-lo longa e ardentemente. Laurel buscou os olhos de Conor. Quando se conheceram, eram profundezas prateadas frias e distantes. Agora eram como piscinas líquidas da luz da lua.

— Falarei com antecedência tudo o que estou planejando.

— Você vai me *perguntar*, não me dizer.

Ela enrugou o nariz.

— Tudo bem, eu vou perguntar, mas se você disser não, me reservo o direito de argumentar para que diga sim.

Ele ignorou esse acordo um tanto intransigente e decidiu deixar as regras claras.

— E você ainda será acompanhada quando quiser sair das muralhas do castelo.

Posso estabelecer novos compromissos também, ela pensou.

— Mas eu posso cavalgar em Borrail.

— Sim, você pode cavalgar em seu cavalo.

— Rápido.

— Sim, você pode cavalgar rápido... mas seu acompanhante tem que ter capacidade similar.

— Quero mais uma promessa, Conor.

— Eu também.

— Não quero passar por outra discussão como a que tivemos na última vez. Você disse coisas horríveis, que não eram verdade e que, se tivesse dado tempo para me escutar, você teria visto de outra maneira.

— Tudo bem. Então eu dou minha palavra que quando eu ficar zangado com alguma coisa que você fez ou que não fez, eu darei a você uma oportunidade de se explicar.

O sorriso dela teria iluminado o norte da Escócia.

— Agora, quero uma promessa sua — ele disse. Ela o olhou com cautela: — Não quero que nunca mais me chame de chefe como se fosse apenas outro membro do meu clã. Você é mais do que isso, mesmo quando está irritada, e eu quero que se lembre disso.

Ela acariciou o cabelo dele na altura da têmpora. Era uma promessa tão pequena, mas obviamente significava muito para ele.

— Eu prometo, Conor.

Na semana passada, Laurel não achava possível que ela e Conor pudessem encontrar um jeito de concordar em tantas coisas. Ele estava certo, havia um jeito para duas pessoas teimosas ficarem juntas e viverem felizes. Só tinham

que aprender a ceder.

Ela olhou para ele, os olhos adoráveis brilhando como a água cristalina dos lagos das terras altas.

— Obrigada, Conor.

Naquele momento, ele percebeu que ela venceria quase sempre qualquer discussão futura, só para que ele pudesse ver o ar de alegria e apreço no rosto dela.

...

Nenhum deles achava que todas as discussões futuras seriam evitadas com os acordos que fizeram naquela noite. Mas nenhum deles percebeu quão rápido as diferenças de opinião deles viriam à tona.

Primeiro foi a disputa sobre quando ela teria permissão para retomar seus afazeres. Por fim, chegaram a um acordo, depois de uma discussão acalorada. Ela poderia deixar o quarto a partir da manhã seguinte, mas de maneira limitada. A retomada de qualquer outra atividade só seria feita na semana seguinte, dependendo de como ela estaria se sentindo.

A segunda disputa aconteceu no salão principal, depois do jantar, e aconteceu por causa dos arranjos para dormir. Conor se recusava a dormir em qualquer lugar além do solar, e rejeitava qualquer sugestão sobre Laurel se mudar para outros aposentos agora que ela estava bem.

— O padre Lanaghly está aqui! — Ela enfatizou.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa? — Ele perguntou, tomando um longo gole de cerveja.

— Não somos casados, isso não é adequado.

— Posso consertar isso em poucos minutos, Laurel. Foi você quem quis esperar até que Cole esteja aqui.

— Eu gostaria que Colin estivesse aqui também, mas seria perigoso para ele viajar da fronteira até aqui nessa época do ano.

— Escolha. Você quer dormir comigo depois de casada? Ou quer esperar por Cole?

— Conor, você não está sendo razoável.

— Provavelmente estou sendo insuportável também — ele acrescentou,

sabendo o quanto ela gostava de usar aquela palavra para descrevê-lo. Ele se levantou, foi até ela, ergueu-a e abraçou-a. — Mas vou estar lá se alguma coisa acontecer com você à noite, se você tiver uma recaída ou ficar doente — Ele beijou o alto da cabeça dela.

Instintivamente, ela devolveu o abraço e apoiou a cabeça no ombro de Conor.

— Estou bem, e você sabe disso. Está só tentando fazer a coisa do seu jeito, embora não tenha nada para apoiar seu argumento.

— É uma das melhores coisas de ser o chefe do clã — ele brincou, inclinando-se para trás e olhando para ela com um largo sorriso.

— A-hã — interrompeu o padre da porta. — Desculpem por ouvir a conversa de vocês — *Na verdade, quando esses dois estão discutindo, é difícil não ouvir,* ele pensou consigo mesmo, entrando no salão. — Uma das melhores coisas de ser um sacerdote é minha autoridade sobre quem vai se casar — Aquilo chamou a atenção de ambos. — Lady Laurel, você está correta em se mudar para seus aposentos até depois da cerimônia. Eu me fiz de cego sobre os arranjos de vocês dois para dormir por tempo demais — Ergueu o dedo para deter a erupção iminente de Conor. — Se eu não fizer isso, temo não me sentir confortável em ordenar a união de vocês — Sentia-se um pouco culpado por enganar o chefe de seu clã, mas tinha que fazer o que tinha que ser feito, disse para si mesmo.

Laurel sabia que só a intervenção do sacerdote permitira que ela vencesse essa discussão. Mas tentou não se gabar enquanto se mudava para seus aposentos.

Apesar de saber que Laurel estava recuperada e parecia estar com toda a saúde, Conor ainda despertou várias vezes durante a noite e visitou seu quarto para ver se ela estava bem.

Duas semanas passaram voando. Com os preparos para o inverno, a supervisão do clã e o treinamento dos guerreiros, Conor tinha muito o que fazer. Parecia que alguém sempre precisava de alguma decisão dele. Laurel não sabia que ele podia ser tão tolerante com os membros do clã. Não era de espantar que perdesse tanto a cabeça com ela; já não tinha mais paciência quando acabava o dia!

Enquanto isso, a confecção do vestido e os preparativos da cerimônia de casamento a mantinham mais ocupada do que ela imaginara. Como prometido, ela limitara suas atividades, fazendo pausas frequentes à tarde. Esperava que sua força e energia retornassem logo.

No primeiro dia que teve permissão para deixar a fortaleza, Laurel visitou Aileen e o bebê, que por fim recebera o nome de Gideon. Ele crescera muito nas poucas semanas desde que nascera.

— Quando Cole deve chegar das terras do chefe Schellden? — Aileen perguntou, ansiosa para que o casamento acontecesse. Ela sabia que Conor e Laurel acabariam se casando, mas sabia que uma discussão fora de hora poderia suspender os planos das bodas.

— Ou amanhã ou no dia seguinte — Laurel respondeu, ajudando Aileen a preparar a refeição da tarde.

— A capela está pronta?

— O suficiente. Todos os bancos podem ser usados em segurança. Alguns estavam em condições deploráveis de podre. Os assentos foram estofados novamente, com o xadrez dos McTiernay. As coberturas do altar devem ficar prontas essa noite. Fallon está irritado, pois provavelmente as janelas não serão limpas a tempo, mas Conor não vai mais adiar a cerimônia. Mesmo se Cole não estiver aqui depois de amanhã, a cerimônia vai acontecer.

— E você não está ansiosa com o casamento? — Aileen perguntou, apoiando Gideon no outro quadril enquanto mexia no caldo que cozinhava na lareira.

— Aqui, deixe-me pegá-lo — Laurel ofereceu, pegando a criança. — Ah, eu quero me casar com Conor. Acho que estou só um pouco nervosa com a cerimônia. Tantas pessoas estarão aqui, e eu quero que esteja tudo bem.

— Pelas fofocas que ouvi de Brighid e Glynis, tudo estará maravilhoso. Todo mundo estará aqui, e os que não estiverem gostariam de estar.

— Esse é exatamente o ponto. No que eu pensava ao concordar com um evento tão grande? Conor e eu devíamos simplesmente ir até o padre Lanaghly e dizer nossos votos privada e rapidamente.

— Talvez você esteja adiando inconscientemente sua noite de núpcias — Aileen provocou. Muitos sabiam que o chefe do clã ficara com sua pretendida

todo o tempo em que ela não estivera bem. Alguns especulavam se o casamento era ou não apenas uma formalidade, já que os aposentos de ambos ficavam a poucos andares de distância.

— Imagino que sim — Laurel respondeu. Entendera o que Aileen estava sugerindo. Não lamentava o que Conor e ela tinham compartilhado, mas não sentia necessidade de explicar ou desculpar seus atos. Percebera que Conor também evitara com habilidade responder tais questões vindas do padre Lanaghly.

12

Os dois dias seguintes passaram mais rápido do que Laurel imaginava. Cole chegara e se divertia com os irmãos, que provocavam Conor — o eterno solteirão — por estar se casando.

Laurel ficara tão ocupada preparando o casamento — organizando o banquete, arrumando os quartos na fortaleza e fazendo seu vestido — que mal acreditou quando o dia chegou. A luz do início da manhã entrava pelas cortinas da janela enquanto ela estava deitada na cama, olhando o teto, sorrindo como uma criança na manhã de Natal. Hoje ela se casaria com Conor McTiernay.

Levantou-se e estava colocando o roupão quando a porta de seu quarto se abriu e meia dúzia de mulheres das terras altas entrou. Andando de um lado para o outro nas várias horas seguintes, elas a banharam, a arrumaram e a mimaram. Algumas queriam fazer um penteado alto, e outras queriam o cabelo dela solto. Ocorreram discussões pelas flores, pelo número de ervas que deveria ser carregado, se ela devia ou não comer e por uma variedade de outras coisas.

Depois de um tempo, Laurel se sentiu sobrecarregada e pediu que todos, exceto Aileen, saíssem enquanto ela recuperava o fôlego. Era o dia de seu casamento, e um nervosismo preocupante tomava conta dela.

Há alguns meses, Laurel jamais sonharia que se casaria, em especial com um homem como Conor. Seu único foco era encontrar um porto seguro com seu avô. Muita coisa acontecera desde então e, nas duas últimas semanas, ainda mais coisas se sucederam. A habilidade recém-descoberta de procurar e conseguir acordos que ela e Conor conquistaram estava criando uma vida de felicidade e esperança. Algumas vezes, ela temia que fosse acordar e descobrir que era tudo um sonho.

Aileen estava parada perto da cama, olhando para o vestido de casamento e os acessórios de Laurel. Passou os dedos pelo tecido frágil.

— É o vestido de casamento mais bonito que já vi. Você criou uma obra de arte.

Laurel sorriu, mas não se mexeu, tentando focar na vista da janela.

— Eu não. Brighid.

Aileen decidiu não contradizer Laurel, embora soubesse a verdade. Brighid era muito habilidosa com uma agulha e seu bordado era soberbo, mas fora o trabalho duro e o projeto de Laurel que deixara o conjunto tão requintado.

— Suponho que seja hora de me aprontar — Laurel suspirou nervosa, sem se mover de seu único ponto de alívio. A ideia de se casar com Conor trazia alegria e paz. Entretanto, a ideia de se tornar Lady McTiernay era bem assustadora.

Conor era o chefe de um clã poderoso nas terras altas. Só nos últimos dias ela percebera o quão grande e poderoso era. Toda a semana, um fluxo contínuo de homens viera prestar seus respeitos para Conor, por causa das núpcias próximas. Centenas de guerreiros, dezenas de chefes de clãs aliados menores das proximidades, e incontáveis homens e mulheres das terras altas vieram desejar felicidades para eles. A apreensão crescente de Laurel atingiu o ápice quando Finn explicou que Conor poderia levar facilmente duas vezes aquele número para uma batalha. Seu exército pessoal era de mais de mil guerreiros.

O que a fizera pensar que poderia ser a próxima Lady McTiernay? O que Conor estava pensando quando pediu — não, exigiu — que ela se tornasse sua esposa?

Ela ficara inusitadamente nervosa nos últimos dias, procurando repetidas vezes a reafirmação de que Conor queria se casar com ela. E, todas as vezes, ele havia sido capaz de convencer Laurel que tinha certeza completa e absoluta.

Enquanto Laurel olhava pela janela, suas mãos apertavam as cortinas de veludo dourado que puxara para o lado. Queria só mais uma das garantias dele.

Ela soltou um gemido baixo.

— Laurel?

— Hmm? — Respondeu, ausente.

— Venha aqui e sente-se comigo.

Ainda perdida em pensamentos, Laurel replicou:

— O quê?

— Eu disse, venha aqui comigo. Conheço uma noiva nervosa quando vejo uma, e não há dúvida de que você está assim. Então venha, sente-se e vamos conversar.

Laurel soltou o tecido dourado e sentou-se na poltrona de frente para a lareira. Dobrou os joelhos e sentou-se sobre as pernas.

— Me fale sobre a Inglaterra — Aileen pediu de modo casual. Laurel pestanejou e inclinou a cabeça.

— A Inglaterra?

— Sim, eu nunca estive lá. Você mencionou uma vez, e eu gostaria de ouvir mais.

Laurel ergueu as sobrancelhas, deu de ombros e começou a falar sobre sua terra natal. Laurel falou sobre os montes Cheviot em Northumberland, e como a região era conhecida como a principal barreira entre a Inglaterra e a Escócia.

— É desprovida de árvores, em grande parte, e tem uma eterna brisa solitária que sopra sobre a relva rústica. Eu costumava ficar sentada por horas, me consolando com o som. A muralha de Adriano, construída pelos romanos, supostamente devia manter os escoceses e os ingleses separados, mas isso nunca aconteceu. Ambos os lados sempre escalam a muralha ou a ignoram.

Laurel percebeu que estava relaxando.

— A Inglaterra é linda, mas assim como as pitorescas terras altas são duras e rochosas, a vida nos montes também é difícil. Grande parte de Northumberland é formada por pântanos salgados, lamaçais de turfas e rios largos. Mas também há muita beleza nos vales verdes arborizados e nas praias desertas.

Nas horas seguintes, Laurel continuou a responder as perguntas de Aileen e esqueceu seus medos e sua necessidade de confirmação.

Bem quando Aileen ia sugerir que estava na hora de se vestir, as ajudantes voltaram, dizendo que todos estavam prontos menos ela.

Laurel sorriu, percebendo que, com a ajuda de Aileen, agora estava pronta para o principal evento do dia. Levantou-se e foi até a cama, pegando o vestido

e admirando sua beleza e significado.

Glynis a apressou.

— Agora, milady. Vamos ajudá-la com isso.

— Glynis está certa, milady. Você só precisa ficar parada aqui e nos deixar ajudar com tudo — Brighid acrescentou, tirando o roupão de Laurel. Agora mais calma, Laurel era capaz de resistir à ansiedade que a cercava. Minutos mais tarde, ela já vestira as diáfanas roupas íntimas, seguidas pelo vestido. A túnica era feita de uma luxuosa seda adamascada cor de marfim, com um elaborado bordado de Brighid. A saia era de cetim dourado simples, com um bordado abundante na bainha. A pedraria na cintura, nos punhos, nos braços e na linha do pescoço era engrandecida com cristais. Grande parte do bordado tinha dois centímetros ou mais de diâmetro e continha uma mistura de azul, representando a pureza, e dourado, para combinar com os cabelos de Laurel.

A frente do vestido tinha um formato em V que se fechava nas costas, entre as omoplatas. As amarras que seguravam o vestido nas costas eram feitas do mesmo material dourado da saia. O cinto detalhado pendia na cintura, mais alto nas costas, seguindo delicadamente pela frente para combinar com o corte em V do vestido.

As mangas curtas e bufantes tinham o mesmo padrão de bordado. A manga interna, mais justa no braço, era feita de uma mistura de cetim e seda, enquanto a manga externa era feita de um chiffon fino, com bordados mais estreitos.

Laurel decidiu deixar os cabelos soltos, mostrando os cachos naturais. Usava uma tiara dourada de seis pontas que pertencia à família McTiernay há décadas. Na frente, tinha um desenho celta, adornado com cristais azuis, pérolas e prata. Na parte de trás da tiara, cinco fios de pérolas azuis e douradas caíam elegantemente sobre seu cabelo, acentuando o bordado azul do vestido.

A última coisa que colocou foi um colar que estava na família de Laurel há gerações. Era um dos poucos itens que costurara em suas roupas íntimas para mantê-los a salvo quando partira da Inglaterra. Era um colar simples, mas impressionante, feito de pérolas e com pingente com uma estrela dourada e flores minúsculas.

Uma batida ecoou na porta, e uma mulher do clã vestida com suas melhores roupas abriu a porta.

— Já é hora? — Laurel perguntou, sentindo o nervosismo voltar.

— Sim, milady — a mulher sussurrou.

— Milady, você deixa os McTiernays muito orgulhosos hoje — Glynis comentou, com lágrimas nos olhos. — Deixa, sim, moça.

Todas cercaram Laurel, levantando o vestido para que ele não arrastasse no chão ou nas escadas enquanto ela descia. Quando chegou no térreo e saiu da torre, Laurel notou que o pátio, as ameias, as muralhas — todos os lugares em que uma pessoa podia ficar — estavam lotados de highlanders. A capela não podia acomodar nem de perto a quantidade de homens que haviam chegado nesse dia tão frio. A neve derretera, mas o ar frio continuava.

Ela ficou parada na porta da torre, olhando a multidão, admirada que aqueles homens tivessem se arriscado a deixar seus lares, suas fortalezas e suas famílias durante os meses do inverno para participar daquele evento.

De repente, Finn estava ao seu lado, pronto para acompanhá-la até a capela. O homem imenso lutava contra as lágrimas.

— Você é a pura beleza, milady. Olhando para você agora, não consigo entender como não reconheci isso naquela primeira noite em que apareceu no nosso acampamento. Mas estou feliz que meu chefe não tenha sido tão negligente.

Laurel sorriu com a lembrança e secou as lágrimas do amigo.

— É porque você tinha a maravilhosa Aileen para lhe fazer companhia.

Ele assentiu e sorriu para sua esposa que estava logo atrás de Laurel, ajudando as outras a impedir que o vestido encostasse na neve derretida. Como sempre, o coração dele disparou um pouco quando encontrou os olhos amorosos dela.

Era verdade que Finn encontrara sua própria beldade das terras altas, e que não queria outra. Mas não era cego, assim como nenhum dos homens no pátio. Todos pareciam atingidos por um raio ao admirarem a visão diante deles.

Quando Laurel começou a caminhar até a capela, cada soldado levantou sua espada em saudação. Ali permaneceram, imóveis, exceto os que se afastavam para abrir caminho para ela, até que ela desaparecesse de vista. No início, o gesto de respeito atordoou Laurel, depois a comoveu.

Enquanto se aproximava da entrada da capela, Laurel se lembrava

mentalmente que não podia torcer as ervas e flores que levava. As mulheres tinham se esforçado muito para selecionar as que simbolizavam fidelidade e proteção espiritual.

Conor estava rindo de alguma coisa com seus irmãos quando Laurel entrou na capela. Ambos notaram a presença um do outro imediatamente. Nada tinha preparado Conor para a visão de tirar o fôlego que caminhava em sua direção.

Naquela manhã, ele saíra da cama e fora para os estábulos, pensando em cavalgar por um bom tempo, para que o ar frio o ajudasse a se concentrar e ficar sereno. Era só um casamento — seu casamento —, mesmo assim um casamento, e ele já participara de vários. Mas a corrida solitária só faria sua mente vagar livre. Decidiu procurar companhia.

Há muito tempo Conor não passava um tempo no salão secundário. Em geral, o fedor do ambiente o afastava. Mas, naquela manhã, a ideia da camaradagem e de uma bebida era atraente. Fallon e Finn encontraram o chefe bebendo com os soldados mais jovens, contando histórias de batalhas gloriosas. Cada um segurou Conor por um braço e levaram o noivo para a Torre Norte.

No pé da escada, Conor se libertou deles.

— Para onde acham que estão me levando?

Finn tentou segurá-lo de novo.

— Agora, chefe, seria melhor se você... chefe? — Finn deu dois passos para trás e olhou Conor, que agora estava bem tranquilo, com os braços cruzados sobre o peito. — Você não está bêbado?

Conor olhou para os dois e perguntou novamente.

— Para onde diabos vocês estavam me arrastando?

Fallon imediatamente assumiu o comando.

— Nós íamos para o solar da torre, é claro.

— Eu prefiro meus próprios aposentos, obrigado — Conor respondeu com sarcasmo, e posição firme.

Parecendo tão resoluto quanto o chefe, Finn respondeu:

— Bem, você pode preferi-los, mas não vai chegar nem perto deles. Então é melhor desistir e seguir Fallon.

Vendo a ruga profunda que se formava na testa de Conor, Finn acrescentou

rapidamente:

— Você pode ser o chefe do clã, mas sua noiva está se arrumando naquela torre, e Aileen deixou claro que, se um dedo do seu pé entrasse naquela parte do castelo, eu morreria... de forma dolorosa. Então, a menos que queira enfrentar minha esposa, Glynis, Brighid e uma dúzia de outras mulheres que estão lá neste instante, é melhor desistir da ideia. Pegamos suas roupas, e elas estão lá em cima, juntamente com um banho quente.

Os dois ficaram se encarando pelo que pareceram ser longos minutos, antes que Conor desse meia-volta em silêncio e subisse a escadaria do solar da Torre Norte. A tensão que irradiava dele era palpável.

Depois do banho, ele mandou todo mundo sair do quarto e deitou-se para pensar. Por que estava tão nervoso? Laurel e ele estavam se entendendo muito bem nas últimas semanas.

Conor passou os dedos pelos cabelos e se levantou para vestir-se. A porta se abriu e Finn entrou.

— Chefe?

— Sim.

— Seamus está lá fora. Você pediu a presença dele?

— Sim.

— Há algo que eu precise saber, chefe?

— Não. Apenas mande-o entrar. Depois, assegure-se de que tudo esteja pronto.

Finn se perguntou o motivo daquele estranho comportamento do seu chefe, mas fez o que Conor pediu.

Depois de falar com Seamus e obter o juramento dele, Conor se sentiu aliviado, de certo modo. Sua promessa logo seria cumprida, mas, até lá, ele não se sentiria completamente em paz até que visse Laurel.

Agora, vendo sua noiva caminhando em sua direção, Conor sentiu todas as preocupações, frustrações e responsabilidades sumirem. Seu coração acelerou. Parte dele sentia um orgulho intenso da beldade que vinha em sua direção para se unir para sempre a ele. A outra parte desejava banir cada pessoa da capela e da fortaleza, especialmente os homens. Não havia mulher que se comparasse a ela. Era um anjo enviado do céu para salvá-lo de uma vida de solidão e

isolamento. O único objetivo que ele tinha era fazê-la feliz.

Laurel olhava para o homem que estava prestes a se tornar seu marido. De repente, os medos dela se dissiparam. Ela não via o grande chefe McTiernay, apenas Conor, seu amigo e protetor. Com ele, ela finalmente se permitira confiar total e completamente. Não teria mais que confiar apenas em suas habilidades para sobreviver. Poderia se concentrar em apenas amar seu highlander.

Quando Conor e ela deixaram a grande festa para irem para o solar, Laurel estava bastante ansiosa. Estivera nervosa a noite toda e, com cada dança, cada brinde e cada beijo e boa sorte, sua ansiedade crescia.

Laurel ria internamente quando Aileen sugerira que ela devia estar apreensiva com a noite de núpcias. Achava a ideia ingênua, já que Conor e ela já eram íntimos. Na verdade, saber exatamente o que a esperava não aliviava seus nervos. Em vez disso, excitava-os. Ela se perguntava se fazer amor seria tão intenso, poderoso e incendiário. Afinal, a última vez fora produto da paixão resultante de uma briga.

A noite toda, ela pensou no que estava por vir. Mesmo agora, nos braços de Conor, vendo-o trancar a porta do solar, ela só conseguia se lembrar de partes e pedaços da cerimônia e das festividades que aconteceram depois.

Lembrava-se de Conor com camisa branca e a manta dos McTiernays. A camisa chegava quase até os joelhos, presa por um cinto de couro que também segurava a manta xadrez.

Laurel nunca vira homem mais lindo.

Seus irmãos e a guarda de honra usavam o mesmo traje. Todos levavam espadas — até Clyde — e as usaram para criar um arco sob o qual Conor e ela passaram no começo e no final da cerimônia.

As únicas duas partes da cerimônia das quais Laurel conseguia se lembrar com clareza eram o *quaich* e os anéis. O *quaich*, ou cerimônia de união das taças, simbolizava a união das famílias da noiva e do noivo, assim como dos próprios noivos. Cole colocou água em duas taças de prata com o símbolo dos McTiernay. Então ela e Conor despejaram a água das duas taças em um belo *quaich*. Beberam do *quaich*, brindando ao passado, ao presente e à futura felicidade um com o outro.

Laurel não reconheceu a taça que usaram. Havia muitas delas no grande salão, reservadas para oferecer whisky ou brandy para convidados, ainda que a maioria das pessoas viajasse com seu próprio *quaich*. Como vários *quaichs*, o que eles usaram era largo, raso e feito de madeira, com um par de alças cinzeladas de prata que se projetavam horizontalmente em lados opostos da borda. As alças, embora funcionais, tinham entalhes que davam ao *quaich* grande parte de seu caráter especial. Ao contrário daqueles que eram feitos de madeira comum, esse era feito com madeiras claras e escuras, presas com tiras de metal. Para disfarçar e selar o centro da taça, onde as tiras de metal se encontravam, havia uma moeda com o símbolo dos McTiernay.

A única outra coisa que ela se lembrava da cerimônia era da troca de alianças. Os escoceses, incluindo seu avô, acreditavam que uma veia no terceiro dedo da mão esquerda seguia direto ao coração. Quando colocou a aliança simples de ouro em seu dedo, Conor falou da forte conexão entre eles, de seu amor sincero e do compromisso de um para com o outro.

O resto da cerimônia, incluindo os votos, era um borrão. Quando deixaram a capela, um pedaço fino de pão foi quebrado inesperadamente sobre a cabeça de Laurel. Ela olhou aquilo atônita, vendo as mulheres correrem para pegar as migalhas. Mais tarde, contaram-lhe que o pão simbolizava fertilidade, e as migalhas eram consideradas sinais de boa sorte. *Se todos aqueles sinais e tradições funcionarem, Conor e eu teremos um número incontável de filhos*, ela pensou.

A recepção deve ter sido um sucesso. Ela se lembrava de ter dançado com vários convidados e de rir das brincadeiras de seus novos irmãos.

Fiona se superara. A comida estava soberba e foi saboreada por todos. Parecia que a cada minuto alguém fazia um brinde para ela, para Conor ou para ambos. De repente, enquanto ela participava de outra dança, Conor se aproximou, pegou-a no colo e saiu do salão principal, indicando que a festa acabara para eles — pelo menos a que acontecia no salão.

— Você não vai me colocar no chão? — Laurel perguntou enquanto Conor subia as escadas até o solar da Torre da Estrela.

Ele não respondeu, continuando sua marcha até o quarto. Não conseguia respirar direito desde o segundo em que a vira na capela, parecendo

incrivelmente linda. A mulher de seus sonhos se casara com ele hoje. Por várias vezes, ele se sentira tomado pela emoção. Em tão pouco tempo, ela se tornara a coisa mais importante da vida dele. Aquelas últimas semanas provaram que eles podiam depender, ouvir e apoiar um ao outro pelo resto de suas vidas.

Ele trancou a porta antes de colocá-la no chão. Parado tão perto dela, era impossível não tocar seu rosto e acariciar seu cabelo. Ele achava que ela era a criatura mais linda da Escócia e, pelas expressões que via sem parar, os outros highlander pensavam o mesmo. Ele tentara não reagir ao ciúme que tomara conta dele a noite toda, mas quando o último soldado — da guarda do chefe Schellden — ergueu Laurel no ar e a girou em uma suposta dança, Conor não aguentou mais.

Era tentador declarar uma nova regra para que ninguém chegasse a menos de dois metros dela.

Conor trouxe Laurel mais para perto, segurando-a próximo ao seu coração. Inalou seu cheiro. O perfume do cabelo dela o enlouquecia com um desejo que o afligia desde a primeira vez que fizeram amor. E, agora, o único pensamento dele, a única vontade dele, seu único desejo avassalador era tornar Laurel sua esposa em todos os sentidos.

— Eu amo você, Lady McTiernay — ele falou para ela, a voz rouca de emoção.

— E eu amo você, Conor — ela respondeu, o rosto radiante de alegria. E, com aquelas palavras, todo o nervosismo e as dúvidas dela desapareceram. Ela segurou o pescoço dele enquanto ele inclinava a cabeça para dar o primeiro beijo da noite.

Quando seus lábios se encontraram, Conor perdeu todo o raciocínio enquanto provava e bebia de sua boca suave e macia. Ela se entregou completamente, mesmo no simples beijo que compartilhavam.

Conor segurou o rosto de Laurel com as mãos e continuou o lento, sedutor e atordoante beijo, sufocando o corpo dela com uma necessidade dolorosa por mais.

Ele a sentiu estremecer em seus braços, mas ela não se afastou. Ele já estava completamente excitado. Beijando-a longa, suave e profundamente, brincando

com os lábios ardentes e abertos dela, ele capturou sua língua e a atraiu para a própria boca.

Gemendo, Laurel tentou aprofundar o abraço e aumentar o ritmo. Recusando-se a apressar qualquer coisa que iam partilhar naquela noite, Conor passou o ataque terno, leve e suave de sua boca pelas bochechas e têmporas dela. Alcançou a orelha de Laurel e começou a mordiscá-la.

A garganta dela estava apertada de tanto desejo.

— Acho que nunca deixarei você sozinha — ele murmurou enquanto cobria a boca dela com a sua. Ele mordiscou o lábio inferior dela, de um jeito brincalhão, antes de capturá-la para um beijo mais profundo. Conor deixou que sua língua provasse a boca quente de Laurel, enquanto ele passava lentamente as mãos pela coluna dela.

Ela estava derretendo em seus braços, ainda em pé só por causa da força dele. Tremores atravessavam seu corpo enquanto ele beijava seu pescoço e ombros mais uma vez. As carícias dele eram suaves, muito diferentes da última vez. Diferentes, mas poderosas do mesmo jeito.

— Fique comigo — ela pediu. — Nunca me deixe partir. Prometa-me que nunca vai me deixar partir.

Ele levantou os olhos e acariciou o rosto dela com os nós dos dedos.

— Nunca, meu amor. Nunca — Os olhos de prata líquida dele estavam iluminados de amor, possessão e desejo. — Você é minha para sempre. E eu sou seu para sempre.

Os dedos dele apertaram carinhosamente sua nuca e depois desceram por baixo do vestido. Conor voltou a cobrir os lábios dela com os seus. Os lábios deles se uniram, movendo-se famintos um contra o outro. Suas línguas eram provocativas, provando, experimentando.

Ele levou as mãos até os cabelos dela. Ele parou a incursão gentil, mas persistente, pela pele dela, só para tirar a tiara e o colar de Laurel, deixando-os na mesa perto da janela. Depois ele se ajoelhou e tirou lentamente as sapatilhas dela, acariciando suas panturrilhas. Cada vez que encostava em sua pele, ele só queria mais.

Laurel nunca sonhara que pudesse necessitar tanto do toque de um homem quanto queria o toque do chefe das terras altas que agora estava de pé diante

dela. Quando ele continuou a tirar o vestido dela, sem pressa, ela segurou as mãos dele. Beijou-as e afastou-as. Sorriu enquanto os olhos prateados dele brilharam de curiosidade.

Ela não conseguia acreditar em sua ousadia e começou a morder o lábio inferior. Estendeu a mão e tirou a túnica dele, depois a manta xadrez, deixando apenas a camisa cor de açafrão presa pelo cinturão de couro. Com os dedos ainda tímidos, começou a soltar o cinto. Os dois estavam bem perto um do outro agora, mas ainda só se tocavam por meio da ponta dos dedos dela. Conor irradiava vitalidade masculina primitiva, e ela começou a hesitar.

Os toques suaves, a respiração dela em sua pele e a visão da respiração pesada dela causavam uma dor deliciosa nele. E Conor queria mais.

— Ah, não pare, amor — ele suplicou, vendo-a parar apreensiva.

Ela se recusou a erguer os olhos, sabendo que não seria capaz de continuar se fizesse isso. Só seu orgulho a impedia de parar.

Seus dedos eram como beijos de borboletas contra a pele dele, apesar da camisa que ele ainda vestia. Conor a observava tentando evitar tocá-lo enquanto tirava o cinturão dele. Assim que conseguiu, ele sentiu que ela soltava a respiração. Incapaz de aguentar mais, ele segurou o rosto dela entre as mãos, inclinou a cabeça e a beijou, desta vez revelando todo o desejo e necessidade que explodiram quando ela começara a despi-lo.

A resposta de Laurel foi inacreditável. Ela abriu a boca e o convidou a entrar, retorcendo a língua contra a dele. Ele avançava na boca dela, depois retrocedia, e avançava de novo, acariciando-a de maneira ousada.

Laurel se segurou nele, trêmula. Ela ergueu os braços e mergulhou as mãos nos cachos negros dele. Quando se conheceram, ela não sabia nada sobre beijos, paixão e desejo sexual. Agora, ardia em um inferno de desejo, pronta para irromper em chamas. Era assombroso.

Ela pressionou os seios no peito dele, quando se aproximou, exigindo mais. Ele afastou o cabelo dela para soltar as costas do vestido, liberando as restrições das mangas. Os lábios dele deixaram sua boca e começaram uma trilha de beijos ardentes ao longo de seu rosto.

Enquanto ele descia pelo pescoço dela, Laurel sentiu seu vestido se soltar e cair no chão, deixando apenas a fina roupa íntima de gaze que usava por baixo.

Quando a boca dele circundou seus seios por sobre o tecido fino, ela arquejou e estremeceu em resposta.

— Você é tão bonita — ele murmurou, completamente encantado.

Laurel perdeu o fôlego, os dedos entrando nos ombros de Conor. Como algo tão simples quanto um beijo por cima da gaze podia fazê-la se sentir como se fosse dissolver inteira?

Ele passou a língua pelos mamilos dela, uma vez e mais outra, provocando as pontas entumecidas. O estímulo foi quase demais, e Laurel achou que não aguentaria. Então ela sentiu as mãos dele em suas pernas, acariciando-a lentamente enquanto ele tirava a roupa íntima dela pela cabeça.

De repente, ela estava nua diante dele, mas tão cheia de desejo que qualquer resquício de timidez foi abandonado enquanto ele continuava a atacar seus sentidos.

— Deus, você tem um gosto tão bom.

Ele não conseguia parar de mover as mãos, querendo sentir e acariciar cada parte do corpo dela. Nenhum traço ficaria intocado esta noite, ele jurou em silêncio.

Laurel agora tremia tão violentamente que não conseguia mais ficar em pé. Ele sorriu, faminto, os olhos cheios de amor e de desejo insatisfeito, e a segurou entre seus braços.

Ela fechou os olhos, amando a força de Conor enquanto ele a carregava pelo quarto e a colocava no meio da cama. Rapidamente, ele tirou a peça final de roupa que os separava e se deitou ao lado dela.

— Seus olhos estão com o mais profundo tom de azul que eu já vi — ele sussurrou.

— Pensei que eram verdes — ela respondeu, acariciando de leve o cabelo escuro dele. Há algumas noites, durante o jantar, ele dissera que eram da cor dos mais puros mares verdes que ele já vira.

— Sim, eles são. Mas estão sempre mudando de cor, conforme seu estado de espírito. Neste momento, estou afundando nas cores do oceano. Você é realmente linda, Laurel. Mas sua beleza não é só no seu corpo, mas em seu espírito também. Eu cheguei a acreditar que estava sozinho neste mundo. Eu não achava mais que haveria alguém como você por aí. Alguém que se

importasse com os demais, mas com ardor e determinação necessária para sobreviver nessas terras. Mas aí está você, e você é minha — ele falou, olhando fundo nos olhos dela. — Eu nunca deixarei você partir.

Ela sentiu que lágrimas se formavam com as palavras dele, e logo começaram a cair por seu rosto.

— Eu amo você, Conor. Com todo meu coração. Para sempre.

Ele se inclinou e acariciou os lábios dela com os seus, posicionando-se sobre ela, ainda deixando o peso de seu corpo de lado. Começou a acariciar seus seios, esfregando as palmas das mãos sobre os mamilos rosados até que ficaram rígidos de desejo. O coração dele estava disparado.

Continuando a acariciá-la, Conor começou uma trilha de beijos do pescoço até o vale entre os seios. Então, lentamente, ele abaixou a boca e pegou um mamilo rosado. Agitando a língua sobre a carne sensível, ele apertava e sugava levemente o ponto entumecido entre seus lábios.

O corpo dela começou a se contorcer com desejo feroz.

— Conor! É demais — ela exclamou, agarrando as cobertas na cama.

Conor respondeu usando a perna para afastar os joelhos de Laurel, para que sua mão pudesse acariciar sua pele macia. Seus dedos acariciavam o interior da coxa, mandando ondas de choque pelo corpo dela. Ela sentia o baixo-ventre apertado em resposta, e o calor entre suas pernas aumentava cada vez mais.

Acariciando lentamente as coxas de Laurel, as mãos de Conor foram se aproximando do clitóris dela. Ela se lembrava das sensações que seus dedos produziram da última vez, e ergueu os quadris, querendo mais. Mas cada vez que se aproximava do centro de prazer dela, ele se afastava. Então, em vez de tocá-la ali, amando-a com os dedos como fizera antes, ele começava a massagear seus seios. Ele repetiu isso várias vezes, até deixá-la fora de si, gritando o nome dele.

O controle dele estava quase acabando. Só a necessidade de ver a satisfação dela o mantinha são. Os lábios dele se afastaram dos dela, e ele se posicionou sobre ela, abaixando-se até que sua boca alcançou o vale entre seus seios. Ele provou o sal da transpiração dela que se formara ali. Seus dentes eram leves e provocativos sobre os mamilos entumecidos de Laurel. Ele mexia a língua sem parar sobre a carne sensível, e então começou a sugá-los.

O estímulo era quase demais, e Laurel arqueou-se sob ele. Ainda assim, ele continuava a sugar e a lamber cada mamilo, causando torrentes de tremores pelo corpo dela.

O prazer que ela sentia era quase doloroso, era esmagador. Ela quase não suportava mais a pressão. Poderia explodir se ele não a tocasse lá logo.

— Por favor, Conor. Por favor! — Ela implorou.

De repente, ele envolveu seu monte de vênus gentilmente com a mão e mergulhou os dedos no calor líquido dela. Experimentando-a com um, depois com dois dedos, Conor acariciou-a lentamente, partindo-a, abrindo-a. Laurel enterrou a cabeça no ombro dele, tremendo violentamente em total desejo.

Gradualmente, ele aumentou o ritmo, provocando a carne feminina. Seus dedos se retorciam, movendo-se para dentro e para fora, alimentando as chamas. Ele fez de novo. E de novo.

Ela arqueou as costas e o vórtice de desejo cresceu exponencialmente, até que o mundo explodiu em chamas enquanto espasmos tomavam conta de seu corpo.

Enquanto ela chegava ao clímax, Conor mergulhou fundo, entrando vitoriosamente em seu canal apertado, estreito. Ele quase se esvaziou ao entrar. Ela era apertada, molhada e tão quente.

Quando ele a penetrou, ela foi trazida de volta à terra de repente, ciente dele dentro dela. Ele esperou para que o corpo dela se acostumasse com ele. Então segurou seus quadris e a incentivou a mover-se em um ritmo apaixonado. Como da primeira vez, o corpo dela se moldava ao dele, aceitando, esticando-se, acomodando, como se ela tivesse sido feita só para ele. Só que, desta vez, ele foi capaz de penetrar mais fundo e com mais força.

Enquanto Conor se movia dentro dela, Laurel arqueava as costas, agarrando-se nele, atraindo-o ainda mais. Esforçando-se para encontrar cada avanço dele, ela erguia o corpo, exigindo em silêncio que ele se movesse mais depressa.

De repente, o céu explodiu. Conor paralisou e então caiu em um prazer intenso, sentindo o clímax de Laurel ao mesmo tempo que o dele.

Conor sabia que toda vez que ele e Laurel fizessem amor durante toda a vida seria incrível, mas estava despreparado para aquilo. Sentia como se tivesse

deixado seu corpo para que sua alma se encontrasse com a dela em outro plano. Só muito mais tarde ele sentiu que voltava para seu castelo, para o solar e para sua cama.

Estava deitado de costas, e ela estava aconchegada nele, com a cabeça em seu ombro, os cabelos espalhados no travesseiro e nos lençóis. Uma sensação de afeto profundo, tenro, inefável, cresceu dentro dele.

Laurel suspirou quando ele a beijou novamente, com mais suavidade dessa vez, com tanta ternura que era como se o coração dela inchasse no peito, quase sufocando-a. O amor que Conor sentia por ela nunca fora tão claro, e ela sabia que duraria para sempre.

Com ela, Conor provava uma sensação de singularidade profunda, que só podia ser partilhada com uma alma gêmea. Nenhum dos dois falou, mas cada um deles continuava a dar pequenos sinais de amor através de beijos inesperados e carícias leves.

Durante toda a noite, eles compartilharam seus corações e suas almas, dando prazer um ao outro uma vez e mais outra, e mais outra, até finalmente desabarem de cansaço, envoltos nos braços um do outro.

...

Na manhã seguinte, Laurel acordou com Conor ainda ao seu lado. De certo modo, estava surpresa, sabendo que ele costumava levantar cedo. Ela meio que esperava que ele saísse antes que ela despertasse.

Ele já estava acordado há um tempo quando por fim a sentiu se mexer. Embora soubesse que seus homens aguardavam por ele para começar o torneio, não podia se obrigar a sair do lado dela. Nunca se sentira tão completo em sua vida. Era o fato de que agora ela estava casada com ele, não só pela Igreja, mas em seu coração. Ele reivindicara para si o coração escocês dela.

— Bom dia — Conor sorriu, virou de lado e deu um beijo que a fez ficar arrepiada.

— Bom dia para você — ela respondeu sonolenta, espreguiçando os músculos, sentindo-se um pouco dolorida pelas atividades da noite.

— Como está, esposa?

— Hmm, feliz. Eu me casei ontem.

— Sim, casou.

Ela sorriu brincalhona e apontou para o peito dele com um dedo.

— Eu disse para você que não me casaria com um inglês, mas com um escocês.

— Sim, você disse. Mas você prometeu se casar com mais do que com um simples escocês.

— Você quer dizer que eu jurei que meu marido seria cavalheiro e inteligente. Você de fato é tudo isso.

Ele mordiscou a orelha dela.

— E educado, acho que foi o que você disse.

— Beemm... — ela falou, arrastando a palavra. — Você é educado... de vez em quando. Quando eu me apaixonei por você, percebi que teria que ceder em algumas coisas.

Ele ergueu a cabeça e a encarou.

— Como o quê?

— Você é um gigante.

— Não, sou um cavalheiro de tamanho normal.

— Mas você grita.

— Sim, mas minha fortaleza não é mais bagunçada e suja.

— Vê? Eu cedi. Consegui um homem inteligente com uma fortaleza limpa. Tudo o que tenho que fazer é aprender a viver com um gigante gritão que...

Ele interrompeu-a com outro beijo, rolando o corpo por sobre o dela. Um pouco antes de aquilo se transformar em algo que nenhum dos dois seria capaz de parar, ele se afastou.

— Tenho que ver meus homens — ele falou, sem se mexer.

— Hmmm. Eu também tenho muito o que fazer — ela acrescentou sem nem mesmo afastar o cabelo que fazia cócegas em seu nariz.

— E o que planeja fazer hoje, esposa?

— Hmmm, ver você vencer, eu acho, está na minha lista — ela falou, olhando para ele com malícia.

— Acha que vou vencer?

Sentindo-se uma criança levada, ela respondeu.

— Talvez. Mas Finn é bastante habilidoso também, e parece que há vários outros soldados que parecem muito grandes e extremamente fortes.

De repente, ela estava de costas, e ele estava em cima dela. Os olhos dela refletiam alegria, e os dele estavam repletos do amor infinito que sentia por ela. Sem palavras, ambos perceberam que os planos para o dia seriam levemente postergados. Só quando todas as necessidades deles estavam satisfeitas novamente que Conor foi capaz de sair do lado dela e se vestir.

Enquanto Laurel se vestia, Conor abriu um baú grande e remexeu lá dentro por vários minutos. Por fim pegou algo na mão. Foi até Laurel e ajudou-a a arrumar o tecido xadrez, para que ficasse pregueado depois de preso. Então, ele pegou o broche de ouro e prata que ela estava usando naqueles dias.

— Isso pertenceu à minha mãe — ele disse, passando os dedos pela peça maravilhosa. — Antes dela, era da minha avó, e assim por diante. Sempre foi entregue para a nova Lady McTiernay dias antes do casamento. Sinto que tenha sido Brighid, e não minha mãe, quem o deu para você.

Laurel olhou para o broche em formato de coração na mão dele. Ele o virou. Como Brighid sempre a ajudava a prender o tecido xadrez, ela nunca vira a gravação na parte de trás.

Meu coração é seu, e por você eu anseio.

Ao ler aquelas palavras, ela não conseguiu conter as lágrimas. Os homens McTiernay sempre se casaram por amor, Glynis contou a ela. O amor sempre encheu as muralhas do castelo, e isso aconteceria de novo.

— Obrigada, Conor. Eu cuidarei bem dele até passá-lo para a noiva do nosso filho.

...

Os jogos dos highlanders começaram assim que Conor chegou ao lugar do torneio. Embora em geral fossem disputados no início do outono, os jogos daquele dia não seriam diferentes, apesar do tempo frio. Robert de Bruce era amigo de Conor e um defensor ardente dos jogos, tendo jurado realizá-los de forma regular no futuro.

Já que tantos clãs diferentes das terras altas tinham viajado distâncias tão grandes para congratular Conor em seu casamento, foi organizado um torneio

improvisado. Durante todo o dia, haveria disputas para tentar determinar os melhores clãs guerreiros e, por fim, o melhor soldado. Alguns eventos honravam a força bruta, outros recompensavam a astúcia.

Muitas mulheres se reuniam nas laterais mais altas do campo, sentadas em suas mantas para assistir às disputas. Laurel estava sentada com Aileen, Brighid e Glynis.

— Olhe, lá está Cole! — Uma garota gritou atrás delas. Outras berravam quando viam Craig e Crevan. Embora não fossem o foco de tantas garotas ainda, Laurel viu com orgulho como Conan e Clyde cuidavam dos cavalos dos soldados McTiernay e traziam os itens necessários ao evento. Afinal, aqueles eram seus irmãos também, ela pensou, enquanto acenava e sorria.

Uma disputa consistia em arremessar uma pesada rocha recolhida do leito de um rio das proximidades. Outra envolvia um cajado imenso, com uma ponta de ferro. Laurel assistia enquanto Conor e Finn lideravam os McTiernays por uma série de jogos que incluíam arremesso de pedras, salto com varas, salto em altura, *geal-ruith*, que consistia em três saltos, *gaelbolga*, que comparava a pontaria dos soldados no arremesso de dardos, e *roth-cleas*. Essa última disputa era muito excitante, já que os participantes tinham que girar e arremessar uma carroça inteira, com uma roda presa. Fazer isso exigia não só força, mas coordenação, equilíbrio e um senso de estabilidade que só eram obtidos com a experiência.

Quando o dia terminou, os McTiernays eram claramente os vencedores, e Conor o mais poderoso entre eles. Naquela noite, no salão principal, Laurel riu enquanto um a um os outros chefes de clã diziam a Conor aproveitar as vitórias até o próximo outono, quando o tom da canção seria outro. Que Conor só vencera porque os demais clãs tinham levado apenas um pequeno número de soldados e tiveram que deixar os mais talentosos e mais fortes para proteger suas terras. Por cortesia, Conor concordou rapidamente que teria sido muito diferente se todos aqueles homens pudessem participar.

Laurel se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Bem, eu acho que eles poderiam ter trazido cada homem vivo do clã, e você ainda os teria derrotado, e provavelmente por grande vantagem.

Conor sorriu e, na frente de todos, a beijou de maneira tão possessiva que

ninguém ali teve dúvidas do quanto o chefe do clã amava sua senhora.

Mais tarde, quando as festividades estavam terminando, Laurel se levantou para ir para o quarto.

— Vá na frente, amor — Conor a encorajou. — Eu a seguirei em um instante.

Depois que ela se foi, ele se aproximou de Loman e Finn, que estavam perto de uma das lareiras, tomando cerveja.

— Chefe! — Os dois exclamaram juntos.

— Seamus já partiu? — Conan perguntou. Naquela manhã, ele puxara Finn e Loman de lado e os informara de seus planos. Os dois concordaram que era um passo sábio e necessário para garantir o futuro de Laurel.

— Sim. Assim como ordenou. Ele partiu essa manhã. Ficou muito irritado quando descobriu que não participaria do torneio.

— Teremos outros jogos.

— Sim, mas nenhum como os de hoje. Nossos homens mostraram que os treinos foram um grande sucesso.

— Quando Seamus partiu?

— Acho que um pouco antes da refeição do meio-dia. Com as terras dos MacInnes tão ao sul, duvido que ele consiga retornar antes que primavera derreta as neves do inverno.

— Ele ficará bem. MacInnes cuidará dele.

— É provável que sim. Mas a mensagem que você pediu que ele entregasse era um pouco curta. E ordenar que ele não falasse mais sobre o assunto tornou a tarefa um pouco dura para nosso Seamus.

— Seamus é um guerreiro, não uma mulher, Finn.

— Sim. Mas ele é ferozmente leal à Lady Laurel, e se ouvir uma palavra negativa sobre ela, será uma pressão muito grande não falar.

Discutiram alguns outros detalhes e então Conor foi para o solar se encontrar com Laurel. De seu jeito, ele esperava ter feito a coisa certa, enviando Seamus até MacInnes com uma comunicação tão enigmática. Mas parecia ser o jeito mais direto de garantir que MacInnes fosse até ele. Finn estava certo sobre como o velho highlander reagiria. Ficaria furioso, em especial por Conor ter demorado tanto tempo para mandar notícias.

Mesmo assim, se tivesse que fazer tudo de novo, Conor sabia que não hesitaria em demorar em enviar qualquer informação sobre o paradeiro de Laurel. Só agora, depois que ela estava unida a ele para sempre com as promessas feitas diante de Deus, do sacerdote e da maior parte de seu clã, era seguro ir até MacInnes e contar para ele que sua neta estava viva.

13

Os meses seguintes passaram em uma alegre tranquilidade para Laurel. Conor e ela desenvolveram uma rotina na qual os dias passavam com suavidade e sem complicações. Estavam aprendendo a confiar e a depender um do outro nas coisas do dia-a-dia.

Mais e mais, Conor confiava em Laurel para informá-lo sobre as necessidades e desejos de seu povo. Ela era capaz de diferenciar entre o que os membros do clã realmente precisavam e o que apenas queriam. Em poucas semanas, ela o ajudara a priorizar as necessidades dos moradores, as exigências dos soldados e os reparos do castelo.

Então, em uma manhã, tudo mudou. Começou como o melhor dia de sua vida. Laurel descobriu que estava grávida. Seu ciclo sempre fora irregular, então a falta da menstruação não foi uma surpresa ou um sinal de que ela mudara fisicamente. Seus seios foram o indicador verdadeiro. Estavam ficando maiores e muito mais sensíveis.

Ela pensou que poderia ser resultado de fazer amor com muita frequência. Foi só quando Hagatha a visitou que Laurel descobriu a verdade.

— Você achou que era... — Hagatha não conseguiu continuar, de tanto que gargalhava. As duas estavam no salão principal, que estava atualmente dividido por uma parede temporária que separava o ambiente em duas partes. Dividido, o salão parecia aconchegante e confortável, enquanto as duas se sentavam em cadeiras enormes diante da lareira. Era quente e convidativo, seduzindo quem entrava a se sentar e relaxar com os pés para cima.

— Você, pare com isso! — Laurel respondeu com uma risada. — Como eu iria saber?

— Vocês, ingleses, devem ser as crianças mais distraídas que eu já vi.

Laurel estava animada demais com a grande notícia para fingir estar ofendida com aquilo.

— Um bebê — ela disse com um sorriso. — Quando?

— Ah, pelo que me diz, deve ser abril ou maio. Serei capaz de dizer quando você estiver maior e mais perto da hora de parir.

— Você estará aqui, Hagatha, não estará?

— Para o primeiro filho do chefe McTiernay? É claro. Nem os lobos conseguiriam me manter longe.

Laurel apertou a mão da mulher mais velha.

— Obrigada. Muito obrigada. Sou a mulher mais sortuda do mundo.

— Eu disse que você e o chefe dariam um jeito.

— E você estava certa.

— Bem, só se lembre dessas palavras mais tarde, quando quiser se livrar de mim, como Aileen fez.

As palavras de Hagatha afetaram Laurel como um balde de água gelada sobre sua cabeça. Ficou imediatamente nervosa e arredia. Não conseguia evitar que as lembranças voltassem de roldão, acabando com toda alegria.

Ela parecia com a mãe fisicamente. Mesmo peso, cor de cabelo e pele, mesma estrutura corporal. Se a mãe não conseguira dar à luz, era provável que ela não conseguisse tampouco. Laurel sabia que havia uma grande possibilidade de morrer no parto.

Ela se virou para Hagatha, olhando no fundo dos olhos da parteira.

— Quero que me prometa que, não importa o que aconteça, você não vai me deixar. Prometa, Hagatha. Preciso saber que, independente do que ocorra, você estará lá para garantir que meu bebê sobreviva.

Hagatha reconheceu a preocupação no rosto de Laurel e disse as palavras que a moça precisava ouvir, por algum motivo.

— Sim, filha. Não importa o que aconteça eu estarei lá para você e para o bebê.

Laurel relaxou visivelmente.

— Obrigada. Você não tem ideia de quanto isso significa para mim.

A ruiva mais velha a olhou cuidadosamente.

— O que aconteceu, moça?

Laurel ergueu os olhos.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que você tem medo de pouca coisa. Mesmo assim, a ideia do parto sem mim parece aterrorizá-la. Sei quando uma mulher está com medo do parto. A maioria tem, mas você? Não, tem algo a mais nessa história. Coloque para fora. Tenho que saber para ser capaz de me preparar para ajudá-la.

Laurel não conseguiu conter as lágrimas.

— Minha mãe morreu no parto do meu irmão. Quando ela me teve, foi um parto difícil. Ela nunca mais deveria ter tentado — Fez uma pausa, lembrando-se da infância. — Ela entrou em trabalho de parto antes da hora, e não deu tempo de ajudá-la. Quando a parteira chegou, ela e o bebê estavam mortos. Meu pai nunca se recuperou.

Hagatha assentou. Já ouvira histórias parecidas em seus vários anos como parteira. Eram tragédias, o outro lado de ter um bebê sobre o qual as pessoas nunca discutiam.

— Moça? — Ela disse, tentando trazer Laurel de volta ao presente. — Você não vai morrer. Não permitirei que nada aconteça a você ou ao filho do chefe. Você me escutou? O chefe McTiernay não vai perder você — ela disse enfaticamente, percebendo que naquele momento estava tentando se convencer tanto quanto Laurel.

Elas se abraçaram e se levantaram para deixar o salão e ver se Fiona tinha algumas ervas que Hagatha viera buscar. Assim que as duas mulheres entraram no pátio, Hamish chegou correndo. Ao ver Laurel, correu imediatamente até ela.

— Hamish! É tão bom ver você! Não o vejo há muito tempo! O que foi... — De repente, Laurel reconheceu o medo na expressão dele. — Hamish! Hamish!... o que foi?

De algum modo, Laurel sabia que algo acontecera com Conor.

— Não! — Ela gritou, o medo tomando conta.

Instintivamente, Hagatha segurou Laurel e a impediu de cair.

— O que foi, Hamish? O que aconteceu?

— Minha senhora! Você precisa vir. Rápido! É Conor!

Laurel começou a correr quando ouviu um grito vindo pelas costas.

— NÃO! — Hagatha apareceu ao lado de Laurel de novo, virando-a para ter a atenção da moça. — Você não pode fazer isso. Não pode correr ou cavalgar

como antes. É perigoso demais. Eu vou.

E então Hagatha se foi.

Acontece que Hagatha estava certa, e Conor só tivera um ferimento não letal, ainda que significativo. Um soldado novato perdera o controle da espada em um desafio perto de onde Conor estava conversando com Finn. Era profundo e sério, mas, sob os cuidados de Hagatha e Laurel, ele se recuperaria.

Laurel passou várias noites cuidando do ferimento e verificando se ele tinha febre. Felizmente, isso nunca aconteceu.

Hagatha se aproximou dela.

— Moça, você está exausta. Precisa dormir.

— Eu sei, e eu irei — ela disse, acariciando a testa de Conor, enquanto ele dormia.

Ainda não havia contado a notícia do bebê. Queria encontrar o momento certo, quando eles poderiam apreciar o momento e um ao outro. Mas, quando ela finalmente contou, não foi nem de perto o interlúdio romântico com o qual sonhara.

No início, ele estava fraco demais para discutir sobre as regras e restrições dela. Mas, depois de duas semanas do que ele considerava ser muito mimo e superproteção, ele se rebelou.

— Conor! Volte já para a cama! — Ela gritou com ele quando o viu vestir a camisa e o cinturão. Correu e pegou a manta xadrez dele.— Não vou deixar que saia até estar curado. Você me entendeu? Hagatha falou três semanas, no mínimo, antes que você retorne aos seus afazeres e, mesmo então, deve fazer esforço limitado.

— Eu ouvi o que ela disse, e decidi que estou bem — ele falou, estendendo a mão para pegar a manta.

— Você não está bem! Os pontos ainda não fecharam. Podem se abrir com facilidade, ao menor esforço. Por favor, acredite em mim, eu já vi isso acontecer.

— Não, em mim você não viu — ele replicou, arrancando a manta da mão dela e começando a colocá-la ao redor do corpo. Ela correu e tentou ficar entre ele a porta. No entanto, ele evitou com facilidade as intenções dela.

— Não vou perder você, Conor McTiernay — Lágrimas se formavam em seus olhos, mas ela não tentou afastá-las.

Fingindo paciência, Conor respondeu:

— E eu não vou perder você tampouco, Laurel. Mas sou o chefe do clã e tenho muito trabalho para fazer. Finn já me deixou a par de todos os problemas que surgiram desde que você me prendeu em meus próprios aposentos. Agora — ele parou, inclinou-se para um beijo firme, mas rápido — preciso ir. Prometo não exagerar e ser breve.

Ela o viu saindo do solar, sabendo que seria infrutífero fazer qualquer coisa para convencê-lo a ficar. Mesmo se conseguisse isso, seria apenas por um dia. Ela se sentou na poltrona da lareira e massageou as têmporas.

Estava se sentindo mal desde que levantara naquela manhã, com uma dor de cabeça do tamanho das terras altas latejando na cabeça. Sua discussão com Conor só intensificara o latejar. Ela se levantou para pegar alguma coisa para comer, e o mundo se dissolveu no vazio.

— Milady? — Alguém ao longe dava tapinhas em suas bochechas. — Milady, por favor, acorde. — Ela reconheceu a voz, mas soava longe demais. Queria abrir os olhos, mas pareciam incrivelmente pesados. Continuava ouvindo vozes distantes que a chamavam, como se estivesse dentro de um túnel, mas não conseguia entender o que diziam. Queriam alguma coisa dela, mas ela não conseguia descobrir exatamente o que era.

De repente, estava flutuando, como se tivesse subido bem alto no céu e estivesse sobre uma nuvem suave. A voz que ouviu na sequência era muito mais atraente. Queria muito ajudar a pessoa, mas não sabia como.

— Laurel, acorde, amor. Por favor, acorde para mim. — Conor a embalava nos braços, tão assustado quanto os demais. Ele mandara buscar Hagatha, que felizmente estava visitando uma mulher fora das muralhas.

Pareceu uma eternidade até que ela chegasse.

— O que aconteceu? — A pergunta feita por Hagatha era direta e cheia de autoridade.

Conor levantou a cabeça, a voz rouca de preocupação.

— Não sabemos. Uma das camareiras a encontrou inconsciente no chão. Ela se mexeu um pouco e resmungou alguma coisa, mas fora isso, não responde.

— O pânico o invadiu e emergiu como exigências do chefe do clã. — Faça alguma coisa, Hagatha. O que está errado? Ela estava bem em um momento, discutindo para que eu ficasse na cama, e no momento seguinte ela... ela... — E então ele se perdeu. As lágrimas começaram a cair. O universo de repente se abriu e arrebatou seu coração e alma sob seus pés.

Hagatha a examinou e pediu um copo de água. Começou a despejar um pouco nos lábios ressecados de Laurel, e ela recobrou a consciência.

— O que... o que aconteceu? — Ela perguntou. Franziu o cenho, sem entender o que acontecia, ao perceber onde estava e as pessoas ao seu redor. Conor a segurava no colo, sentado na mesma poltrona em que ela estava momentos atrás.

— Você desmaiou, inglesa — Hagatha comentou, usando o carinho para esconder o medo, mas o sentimento se tornou aparente conforme ela continuou a falar. — Eu disse para você dormir e comer mais. O que pensava? Que minhas ordens só precisavam ser seguidas pelo chefe? Você tem que cuidar de você e do bebê. Quando foi a última vez que comeu, uma refeição de verdade, veja bem, não só pedaços de pão e cerveja? — Perguntou, totalmente concentrada em Laurel e sem perceber a expressão de choque no rosto de Conor.

Estalando os dedos, Hagatha ordenou.

— Tragam comida para ela. Um caldo primeiro, eu acho. Talvez à noite possamos pensar em algo mais contundente. Mas você não pode mais saltar refeições. Tenho sua palavra? Prometa-me, Laurel — ela exigiu, usando as mesmas táticas que Laurel usara com ela há algumas semanas.

— Prometo — veio a resposta suave.

— Ótimo. Eu estava no meio de um parto quando fui arrastada para cá. É provável que o bebê ainda não tenha nascido, mas é melhor eu ir. Conor, cuide para que ela não perca uma única refeição. E não a paparique demais, isso deixa qualquer mulher maluca. Vamos agora. Todos vocês, é hora de deixá-los a sós por um instante.

E então ela partiu, seguida pela multidão de membros do clã surpresos.

Conor continuou sentado onde estava por vários instantes, segurando Laurel em seus braços.

— Você me deu um belo susto, amor.

— Eu realmente sinto muito. Não foi intencional. Eu só me esqueci de comer.

— Sim, e é minha tarefa garantir que não esqueça de novo — ele disse enquanto a pegava no colo e a colocava na cama, ignorando seus protestos.

— Espere aqui até que eu retorne. — Ele se inclinou e passou a boca de leve na dela. Então se levantou e partiu.

Quando ele voltou, estava com uma grande tigela de caldo de carne e várias fatias de pão. Ele só continuou a conversa depois que ela comeu uma quantidade significativa. Ele já tivera tempo para digerir a notícia. Iria ser pai.

— Eu entendi corretamente? Você está grávida?

Conor estava agindo de um jeito estranho. Ela sabia que ele ouvira o que Hagatha dissera e que a notícia sobre o bebê fora, de certo modo, um choque. Ela esperava perguntas, mas também esperava animação. Mas não detectava nada disso. O tom de voz inexpressivo com o qual ele lhe fez as perguntas a encheram de maus pressentimentos.

— Sim.

— E quando o bebê deve chegar?

Laurel falou em um tom de voz incomumente duro.

— Em algum momento de abril ou maio. Hagatha poderá ser mais específica em alguns meses.

Conor tentou se acalmar enquanto assimilava a informação. Passou os dedos pelos cabelos e lutou para impedir que a raiva ganhasse vida. Era a primeira vez que a promessa dele de esperar explicações antes de explodir estava sendo posta à prova. Ela estava praticamente na metade da gravidez. Devia estar escondendo aquilo dele há meses.

Ele falou entredentes, lutando para não levantar a voz.

— Por que só estou descobrindo isso agora? Sou o pai ou não sou? Acho que eu não fosse descobrir? Por que estava escondendo isso de mim? — Não conseguia evitar. Quanto mais falava, mais alta sua voz ficava.

A indignação tomou conta dela.

— Do que você está falando? É claro que eu ia contar para você. Eu só descobri na manhã em que você se machucou. Eu ia esperar até você estar

curado para contar, já que não queria que virasse mesas em mim, tornando-me inválida antes que você estivesse completamente bem!

— Pensei que tivesse dito que o bebê chegará em abril.

— Sim. Isso ou maio.

— Mas como você não sabia...

Já bastava. Que Hagatha risse da ignorância dela era uma coisa, mas Conor? Ela não seria humilhada por ele também.

— Eu não sabia! Você me ouviu? Eu não sabia. Não sou estúpida, e não estou escondendo nada de você. Eu só era totalmente ignorante sobre bebês e sobre o tema. Hagatha teve que me explicar porque eu sentia fome com mais frequência, estava ficando mais flácida e mais gorda.

Ela estava muito zangada, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos como o Mar do Norte soltando faíscas, desafiando-o a continuar. Em vez disso, ele a pegou no colo e rodopiou com ela, olhando-a com tanta emoção nos olhos que Laurel queria chorar, rir e gritar de alegria.

Então ele a beijou longa, profunda e intensamente.

Era um beijo que significava o quanto ele a amava e como estava feliz com o bebê, mas rapidamente se transformou em muito mais. De repente, ambos estavam tomados pelo desejo sexual. Simples beijos e toques não eram suficientes. Já fazia muito tempo desde que estiveram um com o outro. Esqueceram-se da fraqueza dela e do ferimento dele.

A pressa para consumar o que sentiam estava em ambos os lados enquanto arrancavam as roupas um do outro. Só quando ele a penetrou com um golpe rápido e profundo, que a sensação frenética começou a se dissipar, para ser substituída por sensações muito mais poderosas.

Laurel sentia como se estivesse prestes a explodir. Enfiou as unhas nas costas de Conor. Beijou-o freneticamente, os lábios movendo-se por todos os lados — sua boca, sua garganta, seu peito. Ele retrocedeu um pouco e então a penetrou novamente. A sensação intensa, impossivelmente boa, era incrível.

Juntos, eles explodiram no êxtase sensual, caindo de costas, apoiados um no outro, os corpos ainda formigando

— Conor, foi inacreditável.

Conor colocou o braço ao redor dela, de modo protetor, e acariciou o braço

dela.

— Só fica melhor, amor.

— Sim — Laurel respondeu, tentando imitar o jeito dele. — Eu não acreditava que fosse possível, mas você me surpreende toda vez, marido.

Ele se deitou de lado e olhou para ela com os olhos cheios de paixão.

— Você me promete que vai se cuidar, não vai exagerar e vai comer?

— Prometo — ela respondeu com um sorriso. — E você promete que não vai fazer qualquer atividade que force o ferimento até estar completamente curado?

Ele se inclinou e beijou a testa dela.

— Feito — *Se ela soubesse o poder que tem sobre mim, ele refletiu. Eu prometeria o mundo para ela agora mesmo.*

...

Aquele Natal foi o mais feliz que Conor e Laurel já tiveram. As festividades duraram da véspera de Natal até o banquete da Epifania, no sexto dia de janeiro — doze dias após o Natal. Toda noite, o clã se reunia para desfrutar de comida, bebida e música dentro das muralhas do castelo. Nos três dias principais da Epifania — Natal, Ano Novo e Dia de Reis — houve grandes celebrações com danças ao redor das fogueiras tanto no no pátio quanto do lado de fora das muralhas.

Os salões, a capela e as cabanas foram decoradas com plantas, em especial azevinhos, visco e heras, como símbolos de fertilidade e renascimento da nova estação que chegaria. Laurel convenceu Fallon a trazer algumas árvores perenes para a decoração. Convidou várias mulheres da fortaleza para ajudarem a decorar as árvores e os salões com velas e arcos com a padronagem dos McTiernay.

Todos os dias, a música enchia a fortaleza, refletindo o clima natalino, com cânticos tradicionais escoceses e músicas para brindes. À noite, havia várias danças relacionadas com a celebração do nascimento de Cristo ou com os espíritos alegres da época.

Toda noite, havia festividades nos dois salões. Já que Laurel não podia participar das danças mais agitadas, Conor se assegurava de que as músicas

favoritas dela fossem tocadas toda noite na *clarsach*, a harpa celta, antes que ela se retirasse.

Mas o que mais entusiasmava os highlanders eram os banquetes. Por conta da quantidade e da variedade de pratos preparados, havia grupos de mulheres "ajudando" Fiona. A cozinheira concordou que precisava de ajuda, mas várias vezes Laurel teve que ir até a cozinha e lembrar a todos quem estava no comando. Aileen questionou sua tática um dia, depois que saíram da cozinha.

— Percebi que você nunca diz quem é.

— Quem é o quê? — Laurel perguntou, tentando se fazer de inocente diante da afirmação.

— Quem está no comando.

— Hmm. Você está certa. Não acho que eu tenha dito. — Laurel sorriu para sua amiga enquanto cruzavam o pátio.

— Então, você vai me dizer?

Laurel deu uma gargalhada.

— Ora, todas elas estão! Quando faço a pergunta sem dar a resposta, cada resposta é o que cada uma delas quer. Fiona acha que está no comando, então é claro que acha que estou me referindo a ela. Glynis acredita o mesmo. A maioria das outras pessoas acha que estou me referindo a Conor. Você devia ver como Fallon fica quando ele está por perto quando perguntou. Ele sempre estufa o peito, sorri para si mesmo, e parte em silêncio.

— Que mulher diabólica você é! Eu devia ter umas aulas com você.

Laurel cutucou a amiga como cotovelo.

— Rá! Tudo o que eu sei, milady, aprendi vendo você lidar com Finn — Elas continuaram até a padaria, para resolver a última disputa que começara ali.

Havia uma batalha constante entre a cozinha e a padaria sobre quem tinha mais trabalho e contribuía mais para os banquetes esplêndidos. Todas as refeições tinham biscoitos amanteigados escoceses e biscoitos de aveia natalinos, então a padaria estava sempre ocupada. Mas o resto do cardápio variava muito, cada um parecendo mais suntuoso do que o anterior. O clã se beneficiava dos esforços da cozinha e da padaria para suplantarem uma à outra.

Havia sopas e guisados, aves e peixes, pães e pudins. Nos três dias da Epifania, havia também javali, veado, ganso e cisne servidos com purê de batatas e de nabos amassados. Nos dias após os grandes banquetes, a cozinha preparava as tortas mais esplêndidas, recheadas com todo tipo de sobras de carne desfiadas, juntamente com especiarias e frutas.

No Ano Novo, Fiona fez seu famoso bolo escuro com castanhas. Contudo, para espanto de todos, a velha reclamona, que se tornara tão querida de Laurel, preparou o doce da infância de sua senhora — um pudim inglês. O mingau grosso era misturado com groselhas e frutas, além de canela e noz-moscada.

Conor provocava Laurel carinhosamente, enquanto ela devorava o doce, dizendo que era bom que estivesse comendo por dois. Ele estava certo. Ela parecia faminta o tempo todo e, embora ainda estivesse na metade da gravidez, já tinha ganhado bastante peso.

As festividades animaram as pessoas e fortaleceram seus espíritos para os longos meses frios adiante. Embora fosse inverno, havia muito a ser feito antes que o plantio da primavera começasse.

Conor estava sempre treinando seus homens no campo de treino ou ajudando os fazendeiros a consertar ou fazer ferramentas e a reparar cercas. Laurel achou que foi uma excelente ideia quando ele ordenou que os gêmeos, Crevan e Craig, ajudassem a carregar e espalhar esterco e marga no solo para fertilização entre as nevascas.

O resto do inverno passou sem contratempos. Laurel estava engordando bastante, e Conor a achava cada vez mais bela.

— Estou mais gorda a cada minuto! — Ela reclamou consigo mesma uma noite, enquanto se preparava para dormir. Estava indo para a cama mais cedo e fazendo pausas mais frequentes nos últimos dias. Toda manhã e toda noite, Conor insistia em acompanhá-la para descer e subir as escadas quando deixava ou voltava para seus aposentos.

— Na verdade, você está mais gorda, mas só na região da cintura e, mesmo assim, parece perfeita.

Laurel olhou para ele com o canto dos olhos. Ele devia estar delirando. Os tornozelos dela estavam inchados, e ela não conseguia mais caminhar com dignidade, sempre bamboleando de um lado para o outro.

— Hmmm. Você deve admitir que está sendo um pouco parcial.

— Sim, mas tenho certeza que posso encontrar várias pessoas que apoiam minha afirmação — Conor respondeu, vindo por trás de Laurel para aconchegar-se carinhosamente em seu pescoço.

— Eles são leais a você. Duvido que possam te dar um julgamento imparcial — ela comentou, tirando o tecido xadrez. Aproximou-se da cama e se jogou de costas, deixando as pernas penduradas na beirada.

Conor a observava, escondendo a preocupação. Ela estava muito cansada, e estava bem gorda, muito mais gorda do que qualquer mulher grávida que ele já vira. Ele ergueu os pés e tirou os sapatos.

— Quer que eu vá buscar Hagatha novamente?

Ela negou com a cabeça.

— Não. Ela só vai dizer que estou bem e que não devo exagerar.

Conor também se lembrava dos comentários de Hagatha. Da última vez que a parteira examinara Laurel, ela conversara com ele sobre as condições de sua esposa. Laurel tinha engordado muito, tanto que Hagatha achava que o bebê podia chegar antes do previsto.

Conor se sentou e massageou os pés de Laurel.

— Qual o problema, amor? É o bebê? Você não está se sentindo bem?

Ela se apoiou nos cotovelos.

— Não, não é nada disso — Na verdade ela se sentia bem. Cansada, mas muito bem. — Acho que estou entediada.

Conor assentiu. Deitou-se ao lado dela. Sua esposa adorava fazer várias coisas, muitas das quais não podiam ser feitas por algum tempo.

— Quero cavalgar com Borrail.

— Laurel... — ele disse de maneira cautelosa. Não queria discutir com ela, mas faria isso se fosse preciso.

— Não, não. Sei que não posso. Prometo que não farei isso. Eu só *queria* cavalgar. Eu gostaria que fosse primavera e que eu pudesse cavalgar pelas colinas, sentindo o vento em meu cabelo.

Ele se inclinou e a beijou com paixão, cheio de amor e desejo.

— Em breve, meu amor. Em pouco tempo, você poderá fazer todas as coisas doidas que a fazem sorrir — ele sussurrou.

No início, a gravidez não alterara a rotina sexual deles. A paixão que tinham um pelo outro era tão nova que era inesgotável. Quando Laurel foi aumentando de tamanho, eles se adaptaram, encontrando novas maneiras de dar prazer um ao outro. Só durante o último mês que a atividade deles se reduzira a brincadeiras carinhosas e beijos.

Agora ela adormecia assim que se deitava. Mais de uma noite, Conor se viu obrigado a despir sua esposa, que caíra no sono depois de "só sentar por um minutinho".

Laurel apoiou a cabeça nele e encarou o teto.

— Estou com medo, Conor — ela confessou depois de um tempo.

Os dedos dele acariciavam os cabelos loiros dela, enquanto ele pensava naquela declaração.

— Medo de quê?

— Preciso que me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Que você vai cuidar do meu avô e garantir a segurança dele se eu não sobreviver ao parto.

Hagatha lhe contara sobre a mãe de Laurel. Ele se recusava a acreditar que aquilo fosse acontecer com ela.

— Você não vai morrer.

Era hora de ser honesta, ela pensou consigo. Incapaz de encará-lo enquanto dava voz à verdade que temia, Laurel continuou a olhar para o teto do solar.

— Minha mãe morreu no parto. E você sabe que eu estou grande demais. Eu sei, você sabe, e até Hagatha sabe.

Ela sentiu que ele apertava sua mão, como se quisesse mudar os fatos por sua mera vontade.

— Você não vai morrer.

— Eu amo você, Conor — Enquanto dizia aquelas palavras, as mesmas que dissera centenas de vezes, uma lágrima rolou por seu rosto.

Ele se virou e segurou o rosto dela entre suas mãos, para que ela não tivesse outra alternativa que não fosse encará-lo.

— Agora você me escute. Você não vai morrer. Eu não vou permitir. Nada vai tirar você ou nosso filho de mim. Você me entendeu?

Ela assentiu, pestanejando para afastar as lágrimas.

— Sim, eu entendo.

— Ótimo. — E então ele a abraçou com força, moldando o corpo dela ao dele.

Hagatha o advertira dos perigos. Ele não quisera ouvir, e certamente não gostou de ouvir Laurel falar sobre uma vida sem ela. Não naquele momento. Eles ainda teriam décadas juntos para criar seus filhos, e envelhecer juntos. Até o ano passado, ele esperava morrer jovem, no campo de batalha. Agora queria muito mais. E tudo isso por causa de sua esposa, que trouxera um novo sopro de vida para ele, para seus irmãos, seu castelo e seu clã. O conceito de que aquilo fosse acabar simplesmente não era aceitável para ele.

Laurel podia sentir Conor tremendo. O rosto dela estava enterrado no peito dele, mas ela achava que ele estava chorando. Não queria aquilo. Nunca fora sua intenção assustá-lo também. Ela não percebera quanto ele se apoiava na força dela e na crença de que tudo ficaria bem.

— Conor. Acho que ficarei bem. Você só vai ter um filho bem grande, que já está crescendo para ser um chefe de clã das terras altas. Hagatha veio me ver várias vezes, e sempre disse que eu estava em forma e saudável. Eu ficarei bem, como você disse — De agora em diante, ela manteria seus temores para si.

Ele sabia que ela estava tentando se animar por sua causa. Decidiu fazer o mesmo.

— Sim, amor. Tudo ficará bem, e teremos um bebê robusto que nos provará isso — ele disse, beijando o cabelo dela.

14

Brighid ia se casar. Donald, o homem por quem se apaixonara no último outono, por fim, pedira sua mão. A aceitação da moça fora imediata: os dois se casariam na primavera.

Enquanto Laurel ajudava Brighid a se preparar para o evento, em uma manhã clara e ensolarada, o castelo entrou inesperadamente em estado de alerta. Soldados corriam de um lado para o outro na torre de vigia. A torre tinha três andares e era uma das estruturas na muralha usada para batalhas. No térreo ficavam os suprimentos e as armas. Laurel nunca vira a torre de vigia tão ativa antes.

De repente, Conor apareceu com Loman.

— Venham comigo — ele ordenou, indicando que Laurel e Brighid o seguissem.

— Conor? — Laurel perguntou, tentando descobrir o que estava acontecendo. Ela ficara no salão principal quando o alarme de batalha foi acionado, percebendo que precisava ser encontrada com facilidade, mas sem atrapalhar.

Tinha certeza que, embora soasse como uma chamada para as armas, devia ser alguma outra coisa. Nenhum chefe de clã era aguardado, e ainda era inverno. Embora a primavera fosse iminente, e as neves já estivessem derretendo, o ar frio estava sempre presente, e a geada da noite ainda cobria a terra. Estava frio demais para viajar, e nevascas inesperadas ainda eram possíveis.

Conor não disse uma palavra até chegarem à torre do guardião, do lado oposto à torre de vigia. Abriu a porta da torre, e fez Laurel descer até o andar mais baixo, que tinha uma latrina, mas não tinha janela. Essencialmente, era uma prisão. Ela vira Conor usar o aposento durante os meses do inverno quando um bêbado indisciplinado ou mau precisava de um tempo para ficar

sóbrio.

— Conor, você está me assustando. Por que estamos aqui? O que está acontecendo?

Brighid ficou ao lado de Laurel e segurou a mão da amiga, tanto para dar quanto para receber apoio.

— Vocês vão ficar aqui até que eu ou Loman voltemos para buscá-las. Se Loman vier, sigam-no até a poterna. Sinto pelas condições, mas é o lugar mais seguro do castelo que fica próximo ao portão dos fundos.

Agora Laurel entendeu. Ela assentou, para que ele soubesse que não discutiria. Algo perigoso estava acontecendo, e ele tinha que se preparar para batalha. No início do inverno, Conor lhe mostrara o castelo do ponto de vista de sua fortificação. Era uma fortaleza extremamente bem protegida. Mas até o mais forte dos castelos poderia sucumbir com homens e tempo suficiente. Foi quando ele lhe mostrou a passagem que levava até uma câmara de cisterna do lado de fora das muralhas e um meio de fuga escondido ao lado do riacho. No entanto, era preciso sair pelo portão dos fundos para acessar a passagem.

— Conor, eu sei que você precisa ir. Mas, por favor, tome cuidado e volte para mim.

— Eu voltarei. Confie em mim. Não deve chegar à batalha, mas eu não antecipei a reação desse chefe de clã à mensagem que mandei para ele antes do inverno.

— Aquela que Seamus enviou?

— Como você sabe...?

— Conor! Você acha que eu não ia notar a partida de Seamus? — Laurel endireitou os ombros e mascarou o medo com uma tentativa brincalhona de dar uma ordem típica de esposa.

— Agora, apresse-se: acerte esse assunto e venha nos tirar desse quarto frio e úmido.

— Sim, amor — E depois de um beijo rápido, ele se foi.

Depois que ele partiu, Laurel caminhou de um lado para o outro, nervosa, esperando e se perguntando o que causara tal precaução.

— Se eu soubesse o que está acontecendo, poderia relaxar um pouco. Não saber que me faz andar desse jeito, Brighid — ela contou para a amiga, que

encorajava Laurel a se sentar no catre improvisado em um dos cantos.

— Logo o chefe virá nos buscar, milady. E ficará bastante aborrecido se a encontrar cansada ou perturbada — *E vai gritar comigo como seu eu pudesse controlar a senhora dele melhor do que ele*, Brighid grunhiu consigo mesma enquanto tentava convencer a amiga teimosa a ceder e tirar o peso de seus pés.

Laurel não estava interessada em ser acalmada.

— Ele disse algo sobre um chefe de clã que não recebeu bem uma mensagem que ele enviou no outono. Por que um chefe ficaria tão irritado com uma mensagem? O que Conor poderia ter feito ou dito para evocar tamanha ira?

— Não há como saber, milady. Um homem agirá como um homem, a despeito do que quer uma mulher. Pelo menos é o que Donald sempre diz. Em especial quando faz algo que eu não gosto. — Essa declaração fez Laurel parar.

Donald era um homem afável e sempre ansioso em agradar. Quando ela perguntou se ele era ou não bom o bastante para Brighid, Finn lhe disse que ele era um soldado habilidoso. Desde o noivado deles, ela observava Donald de longe. Ele estava sempre tentando imitar Conor em tudo o que fazia.

— Sabe, acho que você chegou no ponto, Brighid. Conor não *esqueceu* de me contar coisa alguma. Ele não me informou *intencionalmente*.

Brighid reconheceu de imediato que a ira de Laurel tomava forma.

— Tenho certeza de que ele só não quis aborrecê-la.

Laurel começou a tamborilar com o pé.

— Hmm. Sim, tenho certeza que ele não quis uma discussão. Também tenho certeza que ele terá uma assim que eu descobrir o que está acontecendo. — Ela voltou a andar, mas desta vez caminhava pelos cantos da sala, com passos longos e rápidos. Ficava mais zangada a cada passo.

Brighid se levantou, torcendo as mãos.

— Milady, por favor, pare! Está me deixando atordoada. Se não por mim ou por você mesma, por favor, pode descansar pelo bem do bebê? — Laurel diminuiu o ritmo, mas se recusou a parar ou a se sentar.

— Seamus partiu logo depois do nosso casamento. Tenho certeza disso. Ele é parte da guarda de honra, mas não me lembro dele ter participado do torneio

depois. Conor deve tê-lo mandado em missão naquele mesmo dia. O que seria tão importante para impedir que Seamus participasse da celebração? — Ela perguntou em voz alta, para si mesma. Estava tentando montar o quebra-cabeça com as peças disponíveis.

— Mais importante... — Ela parou e olhou para a amiga, não porque Brighid tivesse a resposta, mas porque era o único outro ser vivo no aposento. — Nada de interessante aconteceu na semana anterior ao casamento. Então, se era tão importante, por que ele esperou até *depois* da cerimônia? Não faz sentido. A mensagem era importante o bastante para tirar Seamus dos jogos, mas não importante o bastante para mandar Seamus antes dos nossos votos. Como se Conor tivesse que esperar até que estivéssemos casados. Isso não faz nenhum sentido. Mas o que mais poderia ser?

Então, inesperadamente, Brighid tinha a resposta:

— Eu não sei, milady — ela suspirou, decidindo sentar-se novamente no catre. — Eu me pergunto, no entanto, se está relacionado com o que Donald me disse no dia seguinte ao seu casamento com o chefe.

Laurel imediatamente ficou atenta. Por fim parou de andar e se sentou ao lado de Brighid.

— O que Donald disse para você? — Ela implorou, tentando não parecer assertiva demais. Afinal, Brighid era uma garota um pouco tímida. Com o tempo, ela conseguiria se impor, mas até lá Donald ditaria as regras da casa como julgasse adequado.

Por um segundo, Laurel se perguntou se Conor gostaria que ela fosse mais como Brighid, sempre disposta a aceitar suas ordens.

— Nada de importante. Nada de mau — ela tentou tranquilizar sua senhora. — Ele só não podia esperar para ser selecionado para executar uma missão para o chefe do clã.

— Que missão? Ele disse que missão era essa? — Laurel saiba intuitivamente que aquelas eram as peças que faltavam no quebra-cabeça. Também sabia que a imagem formada poderia afetar o futuro dela e de Conor. — É realmente importante. Você consegue se lembrar se ele disse *algo* sobre a missão?

Brighid ficou assustada com a intensidade que irradiava de Laurel e

começou a se encolher.

— Mas é algo trivial, milady. Ele só queria a chance de executar uma missão até o padrinho do chefe do clã. Eu não o conheço, mas Donald o viu uma vez quando era menino.

— Padrinho de Conor? — Laurel perguntou. — Seamus foi mandado para ver o padrinho de Conor? — Ela repetiu, aturdida. Aquilo não fazia sentido algum. — Por que o padrinho de Conor causaria tal agitação e medo? Tem certeza que não foi outra pessoa?

— Ah, não. Era ele mesmo. O avô e o padrinho do chefe eram grandes amigos, e ele costumava nos visitar com frequência. Agora entende por que isso não pode estar relacionado ao que está acontecendo hoje? O chefe MacInnes jamais atacaria nosso chefe. A aliança deles é inquebrável.

Laurel sentiu como se um balde de pedras caísse sobre ela. Seu avô estava ali. Conor sabia exatamente quem era o avô dela. Ela não sabia como ele descobrira, mas tinha certeza de que Conor sabia da herança escocesa dela quando se casaram. Era por isso que ele tinha certeza que podia garantir a segurança da família dela.

Com os lábios apertados, lutando para permanecer calma, Laurel prosseguiu com a conversa.

— Diga-me, Brighid, o que você sabe sobre o chefe MacInnes?

— Só que ele era um highlander antes de conhecer sua esposa escocesa nas terras baixas. Tornou-se chefe do clã dela quando o sogro morreu, e fez muito para unir os clãs da fronteira. Dizem que agora ele é um dos chefes mais importantes. Sei que não é muito, mas é tudo o que consigo lembrar. Mas como isso muda alguma coisa?

Porque eu sou a herdeira do chefe MacInnes, Laurel gritou para si mesma. E Conor sabia. *Ele sabia o tempo todo e não me contou.* E agora o avô dela estava ali e, obviamente, não para gentilezas familiares.

De repente, Laurel entendeu por que o avô estava ali — e preparado para batalha. Tinha que sair dali agora mesmo.

Laurel se levantou um pouco rápido demais, e quase apagou. Estava mais inchada do que qualquer mulher grávida que já vira e ainda faltavam algumas semanas para a chegada do bebê. Algumas vezes ela achava que iria explodir

antes que o dia chegasse.

— Brighid, venha. Eu normalmente não a envolveria em minhas escapadas, mas estou grande demais e preciso da sua ajuda.

— Milady, não pode estar pensando em sair daqui. O chefe! Ele disse para você ficar aqui até ele voltar. Não pode pensar em desafiá-lo assim!

Ela segurou os ombros de Brighid.

— Escute-me. Vou sair por aquela porta agora. Admito que preciso de ajuda, mas vou entender se você não quiser ir comigo. Mas, de um jeito ou de outro, vou sair daqui. Sei o que está acontecendo, e só eu posso impedir isso.

— Só você? — Brighid gritou para sua senhora quando Laurel abriu a porta e saiu do andar de baixo da torre. — Como pode impedir isso? Impedir o quê? — Ela sussurrou enquanto Laurel fez sinal para que ela abaixasse a voz. Chegaram ao portão dos fundos e saíram pela passagem para a câmara da cisterna. Entraram na câmara e pararam diante de uma grande arca de madeira.

— Brighid, por favor, me ajude a mover esta arca. Só precisamos movê-la um pouquinho.

Depois que fizeram isso, Laurel abriu uma porta oculta, escondida na parede.

— Milady! Não pode estar pensando em rastejar por ali!

— Não estou pensando, estou fazendo — Laurel respondeu, e começou a rastejar pela passagem.

Brighid a seguiu, longe de ter certeza da sabedoria das ações de Laurel. O túnel tinha um pouco de lama, mas felizmente era curto. Laurel se levantou assim que saíram e começou a caminhar na direção do campo de treinamento.

Elas saíram do túnel perto do rio, completamente ocultas de qualquer coisa perto ou ao redor do castelo. Mas Brighid logo percebeu que Laurel não pretendia permanecer escondida por muito tempo. Ela correu na direção de Laurel para ajudá-la a subir a colina. Brighid tinha medo do que estava prestes a acontecer, mas não havia como deixar sua senhora encarar a ira de dois chefes de clã sem algum apoio.

Quando Laurel conseguiu ver Conor e um homem que presumiu ser seu avô, estava totalmente sem fôlego. Ficaria feliz quando o bebê nascesse e sua energia voltasse.

Os dois chefes estavam em seus cavalos, encarando um ao outro, as espadas desembainhadas. Laurel não via o avô há vários anos. Seu cabelo estava branco, mas ainda era o homem grande e forte do qual se lembrava de quando era criança. Só que, nas memórias dela, ele era um gigante sorridente e acolhedor, caloroso e generoso, não o indivíduo furioso e irado diante dela. E ele não era o único que estava zangado.

Mesmo à distância, ela podia ver que Conor também estava incendiado. Queria se aproximar para ouvir o que diziam ou para chamar a atenção deles. Atrás de cada homem havia uma dúzia de guerreiros de cada clã a cavalo. Atrás deles e nas laterais, havia ainda mais soldados a pé. A guerra estava se formando.

— Temos que nos apressar, Brighid — ela disse com tanta urgência na voz que fez a amiga acelerar o passo.

— Confie em mim, milady. Chegaremos a tempo. Não sei o que pretende fazer, mas você tem um jeito de ao mesmo tempo acelerar e acalmar a raiva de um homem.

— Bem, vamos esperar que eu consiga acalmá-los.

De repente, Finn estava bloqueando o caminho de Laurel. Ela não o vira se aproximar.

Não havia acordo na voz dele quando ele deu a ordem:

— Retorne agora, milady. Isso não é para você.

— Saia do meu caminho agora mesmo, Finn — Laurel disse com ferocidade, sem deixar dúvidas que não pretendia dar meia volta com um simples comando.

— Não posso deixá-la passar.

— Finn, deixe-me explicar isso para que fique bem claro o que está prestes a acontecer. Se não me deixar passar, e falo de agora, começarei a gritar tão alto que aqueles dois cabeças duras — ela apontou para Conor e seu avô — vão me ouvir e vir correndo. Eu duvido que, no estado de raiva em que estão, algum deles espere por explicações do motivo pelo qual você me fez gritar. Eu, é claro, darei minhas condolências para Aileen, e garantirei que seu filho seja bem cuidado.

Nunca uma mulher o ameaçara. Mas não era uma ameaça. Finn passara

tempo suficiente com Lady McTiernay nos meses anteriores para ver a mudança em seus olhos. Quanto mais agitada ela ficava, mais escuros e sombrios seus olhos ficavam. Ele ouvira Conor mencionar que quando ela estava zangada, eles pareciam uma tempestade se formando no Mar do Norte. Ao olhar para ela agora, os olhos de Laurel estavam quase negros.

— Fique aqui — ele ordenou para Brighid, que estava mais que disposta a obedecer. Então pegou Laurel e a levou o resto do caminho. Ela tentou pedir que ele a deixasse, mas logo percebeu que seria infrutífero. Pelo menos, Finn não estava mais comandando a retirada dela.

Quando se aproximaram, ela pôde ouvir a discussão acalorada. E, bem como temia, ela era a causa da situação toda.

— Se não me trouxer minha neta agora mesmo, teremos guerra!

— Laurel é minha! Minha pela lei e por desejo de Deus. Ela jurou e se entregou para mim.

— Não foi por escolha própria. Ela foi sequestrada a caminho das terras MacInnes.

— Sim, e fui eu, não você, quem garantiu a segurança dela.

— Segurança?! Você ousa mencionar proteção? Ouvi de muitos homens que ela jurou deixar você e ir até meu clã na primavera.

— Só sobre meu cadáver ela deixará as terras McTiernay. Nem na primavera, nem nunca. E se é guerra que quer, então que seja. Meus homens juraram protegê-la. Eles a consideram parte do clã e darão suas vidas antes que ela seja forçada a partir contra a vontade.

— É desejo dela ficar? Por que não posso perguntar pessoalmente?

Por fim, Finn trouxe Laurel perto o bastante e a colocou no chão. Contudo, os dois chefes estavam tão absortos em seu choque de vontades que nenhum deles percebeu a aparição dela.

Laurel endireitou os ombros.

— Ele está certo, avô. Não tenho intenção de deixar as terras McTiernay — ela disse sem chance de acordo, levantando a cabeça para os dois homens que mais amava no mundo. — Mas, Conor, eu adoraria ouvir a resposta para a pergunta que meu avô fez. Por que você me escondeu em vez de me dar a chance de me encontrar com meu avô? — Laurel exigiu saber, olhando intensa

e diretamente para seu marido, com os olhos faiscando.

Os dois homens ficaram em completo silêncio com a chegada dela. Conor não conseguia acreditar que sua esposa em gravidez avançada tivesse feito o impensável. Ela claramente desobedecera suas ordens. Então ela começou a caminhar os três metros mais perigosos de toda a Escócia.

A única coisa que entrou na mente aturdida de Conor era o olhar furioso dela. Ele não se importou — estava furioso também.

— Bem? — Ela exigiu saber, impedindo-se de cruzar os braços e bater o pé para não parecer muito rabugenta.

Conor apertou os olhos.

— Se seu avô estivesse interessado em falar com você, ele já estaria falando com você — ele respondeu diretamente e sem inflexão, redirecionando um pouco de sua raiva para ela.

— Mas ele acaba de dizer...

— Ele teria sequestrado você e a levado para sua fortaleza antes mesmo que tivesse tempo de conversar. Ele não teria aceitado a ideia de que você quisesse realmente ficar. Ele acredita que você está aqui por se sentir obrigada ou culpada.

— Mas isso é ridículo! Estou grávida! Eu não poderia fazer essa viagem... — Ela se virou para o avô. — Você não teria me feito... — Mas o olhar no rosto do avô a convenceu que Conor falava a verdade.

A princípio, o chefe MacInnes ficou embevecido pela visão de sua única neta. Ela deixara de ser uma magrela sardenta, para se transformar em uma mulher linda, deslumbrante. Uma mulher em gravidez avançada, parada em um campo de batalha. Era toda a evidência que ele precisava de que seu afilhado, que sempre jurara não se casar, não era quem supervisionava a proteção dela.

— Essa é toda prova que eu preciso, Conor — ele disse, apontando para Laurel sem olhar na direção dela, mantendo contato visual com seu marido. — O que minha neta está fazendo *no campo de batalha* na condição em que está? — Ele rosnou, finalmente mostrando toda sua emoção. Sua preocupação com a neta era quase insuportável. Desde que recebera a mensagem de Seamus, estava oscilando entre a fúria e o alívio. A mensagem era irritantemente curta. “Estou com Laurel. Ela está bem. Chefe McTiernay”. Sem explicações, nada.

Quando soube que sua neta estava na Escócia a caminho para morar com ele, MacInnes ficou eufórico. Enviou duas dúzias de seus melhores guerreiros para escoltá-la até suas terras. Mas chegaram tarde demais. Seus homens levaram os dois soldados que sobreviveram à emboscada até o chefe do clã, mas os ingleses foram de pouca ajuda. Não sabiam quem estava com a neta dele, apenas que outro chefe escocês a levara contra sua vontade e a espancara para que se submetesse. Sua fúria não tinha limites.

Ele foi em um clã após o outro, inspecionando e interrogando, tentando descobrir o paradeiro de Laurel, mas foi só quando Seamus chegou com a mensagem de Conor que o alívio e depois a raiva tomaram conta dele. Ele sabia que seu afilhado era um homem honrado e que não podia ser o responsável pelo assassinato a sangue frio da escolta dela. Mas também tinha certeza que Laurel não escolhera ser levada para as terras altas e se casar em tão pouco tempo com um homem desconhecido. Na mente de MacInnes, Laurel fora sequestrada duas vezes. Uma por um inimigo desconhecido e mau, e a segunda por seu afilhado que — em vez de devolver sua neta — a roubara para si.

O inverno veio na sequência, impedindo-o de agir até que as condições melhorassem o suficiente para fazer a perigosa viagem para o norte, para recuperar sua neta. Agora que ele estava ali, nada o impediria, mesmo que tivesse que guerrear com seu próprio afilhado.

Conor, incitado pelos gritos do velho sobre Laurel estar no campo de batalha, berrou com a mesma força:

— Você obviamente não sabe como ela é teimosa. É, de longe, a mulher mais frustrante, irritante e desobediente que eu já conheci! Eu a coloquei no lugar mais seguro do castelo. Mas onde ela está? Aqui! Então por que não pergunta para ela por que ela está aqui? É a teimosia MacInnes nela que faz com que ela seja tão difícil.

A raiva de Laurel também aumentou.

— Eu posso ser irritante, Conor McTiernay, mas só você consegue me superar! — Então ela se virou para o avô. — E você, pode esquecer toda essa besteira sobre eu voltar com você. Como pode ver, estou muito bem, e quando não estou zangada com alguma ordem ilógica ou com algum segredo oculto

que acabei de descobrir — ela disse, enfatizando para Conor que tratariam daquele assunto mais tarde —, sou uma esposa muito feliz. Amo esse cabeça dura, e estou prestes a ter o filho dele. Agora, estou cansada e vou retornar aos meus aposentos para descansar. Vocês podem continuar a discutir e a brigar por mais uma semana, se quiserem. Mas, prestem atenção, não quero nenhum homem machucado e nenhuma gota de sangue derramado.

— Geniosa — foi tudo o que o chefe MacInnes conseguiu pensar em dizer enquanto via as costas orgulhosamente eretas de sua neta, que se afastava da multidão.

— Você não tem ideia — Conor respondeu, avançando com seu cavalo. — Vamos para a fortaleza. Finn, garanta que tofdos os homens de MacInnes sejam devidamente acomodados e alimentados. Haverá treinamento amanhã, com o clã deles, então diga para os homens se aprontarem — Com aquelas palavras de despedida, um grito retumbante irrompeu dos dois lados do campo.

Conor cavalgou até sua esposa e, com a mesma facilidade e rapidez de quando ela não estava grávida, ele a colocou no colo. Cavalgou lentamente para reduzir qualquer solavanco. Os dois pretendiam continuar discutindo suas posições — ele sobre obediência, ela sobre segredos —, mas Laurel ficou sonolenta assim que se reclinou no peito forte dele.

Ele entrou no pátio e desmontou com cuidado para não despertá-la. Levou-a escada acima, até o solar, e a colocou na cama. Tirou as sapatilhas dela e depois tirou sua roupa sem que ela se mexesse. Depois se deitou ao seu lado e só desfrutou da visão dela.

Apesar da gravidez avançada, ela ainda era a mulher mais bonita que ele jamais vira. Sua beleza exterior era estonteante, mas era sua beleza interior que capturara realmente seu coração. Hoje, ela renunciara ao avô e declarara para todos que iria ficar.

— Eu amo você, Laurel McTiernay — ele disse para sua esposa adormecida —, e nunca a deixarei partir — Ela inconscientemente respondeu à voz dele, virando-se e se aproximando do corpo dele, encostando as costas em seu peito. Ele estava completamente feliz.

Ele apoiou a mão na barriga dela e sentiu o movimento e os chutes constantes do bebê. Ele se perguntava como ela conseguia dormir com toda a

atividade dentro dela. A leve pressão que ele exercia devia ser evidente dentro do útero, pois ele recebeu vários chutes rápidos que o fizeram tirar a mão, para que ela não acordasse com o tamborilar interno.

Conor ficou ao lado dela por algum tempo, desfrutando a sensação de sua esposa, antes de se levantar e ver os convidados. Nunca tivera atritos com o padrinho. Ele percebeu que aquele fora um dia difícil para ambos quando entrou no salão principal e viu o homem mais velho em uma das cadeiras estofadas perto da lareira.

— MacInnes.

O velho homem se virou por um instante para olhá-lo, e então voltou a encarar o fogo.

— McTiernay.

Conor se sentou e pegou a caneca de cerveja que estava na mesa.

— Como ela está? — MacInnes perguntou.

— Cansada. Foi difícil para ela fazer o caminho de volta.

— Ela não devia ter ido até lá. Por que não tomou as providências para evitar isso?

— Tente dizer a uma MacInnes para não fazer algo que ela pretende fazer. — Conor tomou um gole. — Descobri que é praticamente impossível. Nunca tinha cedido em nada na vida até que conheci aquela mulher, e agora descubro que esse é o resultado mais normal em nossas discussões. Ela pode ter me chamado de cabeça dura, mas posso garantir que ela — ele apontou na direção dos aposentos deles — é a mais teimosa de nós dois.

Conor tomou um grande gole de cerveja.

— Ela está certa, sabe. Você devia ficar. É o único jeito de realmente apreciar a alegria e a frustração com as quais convivo. No início, ela vai se fazer de anfitriã atenciosa... graciosa, social e afável de todas as maneiras. Então, vai acontecer alguma coisa para soltar a fera que habita dentro dela. Só Deus sabe o motivo, mas amo todos os aspectos dela — E então terminou sua bebida.

MacInnes só ficou sentado, ouvindo o afilhado falar sobre Laurel. Vira as faíscas que voavam entre eles. Não faíscas de raiva bruta, mas o tipo que só podia ser causado por dois espíritos afins. Ao ouvir Conor falar sobre seu

amor pelo gênio forte e natureza apaixonada da esposa, MacInnes se convenceu que a união do afilhado era feliz.

Quando MacInnes soubera do casamento de Conor com sua doce Laurel, ficara atônito. Conor jurara nunca se casar. Dissera várias vezes que as mulheres só eram necessárias para procriar ou para formar alianças, e que não precisava de nada daquilo. MacInnes nunca pensara que Conor machucasse Laurel fisicamente, mas tinha medo que o espírito dela morresse com alguém que a mantivesse emocionalmente distante.

Quando o pai de Conor morreu e ele se tornou chefe de um clã grande e poderoso, ele mudara. Tornara-se mais reservado, menos disposto a participar de atividades familiares e menos inclinado a mostrar qualquer tipo de emoção. Hoje, no campo de batalha, Conor estava inteiramente frio durante toda a discussão. Foi só quando Laurel apareceu que sua resolução e controle se romperam.

— Quando o bebê deve chegar? — MacInnes perguntou.

— Hagatha, a parteira, diz que ainda faltam algumas semanas.

— Filho, a mulher parece prestes a estourar. Sua parteira é conhecedora desses assuntos?

— Laurel confia inteiramente nela. Então, por favor, não duvide dela diante de Laurel. Apesar do que você viu hoje, eu não quero que ela fique agitada com nada. Ela se cansa com facilidade e acho que o peso do bebê causa um esforço excessivo, mas ela nunca reclama. Voltando à sua pergunta, sim, Hagatha é mais do que conhecedora, e nós dois estamos bastante preocupados com o tamanho dela. Ela é pequena demais para estar tão grande.

— Nunca vi uma mulher tão redonda na vida.

Conor engoliu em seco e verbalizou seu maior medo para a única pessoa que podia compreendê-lo

— Laurel tem medo de morrer.

Imediatamente, MacInnes ficou alerta.

— O que você não me contou?

— Contar para você? Você está aqui há quanto tempo? Meio dia? E só estamos conversando amigavelmente há uma hora. Além disso, não há nada para contar. A mãe dela morreu no parto, e ela tem medo que isso aconteça

com ela também. Na verdade, estou assustado. Hagatha também. E todo mundo. Mas ela não deve ouvir nenhuma palavra sobre nossos temores. É importante que ela acredite que tudo está bem.

O velho viu a tensão no rosto do afilhado. Era óbvio que Conor estava profundamente apaixonado por sua neta, e a ideia de perdê-la era um tormento constante.

— Você não vai perdê-la, filho. Em algumas semanas ela estará bem, e você terá um novo herdeiro para animar essa casa. Você não vai perdê-la.

Conor assentiu, precisando ouvir a promessa de outra voz que não fosse a dele. Ele segurou a caneca com mais força, e uma lágrima caiu.

— Não posso. Se eu a perder, certamente morrerei também. Sei que não posso pensar nessas paredes sem ela me amando, me encorajando, me incomodando e tentando mandar em mim. Sim, ela faz isso — ele respondeu quando o velho levantou a sobrancelha com a menção de uma mulher tentando mandar em um chefe de clã. — Na maior parte do tempo eu ignoro, mas infelizmente aqueles olhos conseguem dobrar o metal mais duro, e meu coração não tem chance.

...

Laurel acordou um pouco desorientada no início. Lembrava-se de impedir a guerra, pelo menos achava que tinha impedido. Lembrava-se dos braços fortes de Conor levantando-a sem esforço para cima do cavalo. Ela queria conversar com ele sobre seu silêncio sobre saber quem ela era, mas não conseguia se lembrar dessa discussão ou de qualquer coisa depois. Conor devia tê-la levado para o quarto e a despido. Era a única explicação.

Ela se levantou e foi até a janela que dava vista para o norte. Amava aquela vista. As terras altas nunca foram tão adoráveis quanto agora, enquanto as montanhas relutavam em deixar as neves de inverno para aceitar a primavera com seu verde vivo e suas cores. O sol já seguia para oeste, banhando o campo com seus raios de calor promissor.

Dando as costas para a janela, Laurel encontrou um dos dois vestidos que ainda conseguia usar. Era feito de veludo escuro, com enfeites dourados. Contrastava com seu cabelo e pele, tornando o conjunto radiante. Seus olhos

combinavam com a cor da túnica e a trança de fita dourada acentuava seus cachos. Ela não conseguia mais usar o tecido dos McTiernay — não conseguia encontrar um cinto para segurar as pregas.

Conor argumentara que havia material mais do que suficiente para que ela fizesse mais túnicas, mas ela se recusava a permitir aquilo, julgando um completo desperdício de material e esforço. Nisso Laurel não cedeu nem foi persuadida.

— Prometo a você usar vestidos maravilhosos assim que retornar à antiga forma — ela prometera, aproximando-se dele na cama para lhe dar um beijo profundo que sinalizava que as noites de paixão também retornariam em algum momento.

Ao descer as escadas da torre, Laurel decidiu evitar os dois homens que lhe causaram tanta preocupação naquela manhã. Em vez disso, seguiu para a cabana de Aileen. Precisava de alguma perspectiva sobre o que Conor fizera ou não fizera. Enquanto atravessava o pátio, viu um soldado e acenou para que ele a acompanhasse.

Ele quase caiu no chão, correndo e tropeçando até chegar ao lado dela. Brion era um membro da guarda de elite de MacInnes, e o privilégio de escoltar Lady Laurel era uma honra. Ele ficara atônito com a beleza dela naquela manhã. Era uma visão dourada, que de algum modo ainda conseguia parecer régia e graciosa, apesar de carregar o que parecia ser um bebê muito grande. Era fácil ver as características dos MacInnes nela. O cabelo dourado, os olhos azuis ferozes, os modos rígidos quando ficava zangada — todas provas claras do sangue MacInnes.

Depois que Brion se aproximou, os dois saíram pelo portão em um ritmo muito mais rápido do que ele teria esperado de alguém carregando uma carga tão grande.

Ela sorriu para ele e continuou a andar.

— Olá. Meu nome é Laurel, e presumo pelo seu padrão xadrez que você chegou com meu avô.

Os olhos do soldado se arregalaram de surpresa.

— Sim, milady.

— Você se importaria em me escoltar até uma cabana logo depois das

muralhas do castelo? Não é longe, posso assegurar, mas meu marido acha que preciso de uma escolta onde quer que eu vá, e você pareceu ser o mais disponível.

— É uma honra, milady.

Laurel ficou assombrada.

— Não é uma honra. Um dever, talvez.

O soldado negou com a cabeça.

— Está errada, milady. Há muito espero encontrar a neta do chefe do meu clã.

— Como assim? Não pode me dizer que tem idade suficiente para ter me conhecido quando eu era criança — Ela comentou.

Ele sorriu.

— Não. Infelizmente, eu só me juntei à guarda de seu avô muitos anos depois de sua última visita. Mas as histórias de seus dias no castelo MacInnes até hoje ecoa nas paredes.

Laurel revirou os olhos.

— Ah, Senhor, por favor, diga-me que não está falando sério. Acredito que todas as minhas aventuras eram bem inocentes.

Dando uma gargalhada, ele disse.

— Sim, milady. Mas as histórias trazem risos e alegria aos olhos do nosso grande chefe.

A ideia de que o avô dela não fora nada feliz nos últimos anos era perturbadora e silenciadora. Quando chegaram na cabana de Aileen, ela podia ouvir o filho de Finn berrando por alguma coisa. Ele já estava ganhando mobilidade e causando muito caos.

Brion esperou do lado de fora enquanto ela entrava rapidamente para ver se podia ajudar em algo.

— Aqui, deixe-me ver isso — ela disse enquanto tirava batatas da mão de Aileen para que a amiga pudesse perseguir o filho. Aileen viu Laurel descascar distraidamente as batatas, levando muito mais tempo na tarefa do que necessário. Depois de alguns momentos, decidiu pressionar Laurel a entrar na conversa que precisava ter tão desesperadamente.

— Está aqui para conversar sobre o casamento de Brighid? — Aileen

perguntou calculadamente. Um irado Finn lhe contara o que Laurel fizera.

Lentamente, Laurel confidenciou sua batalha emocional.

— Não. Espero que possa me dar alguma perspectiva em relação a um problema. Temo que se encontrar meu marido agora, posso explodir, e então ele vai explodir também. Sinto como se tivesse todos os fatos, mas eles não combinam com o que sei ser a verdade de Conor — Ela estava à beira das lágrimas.

— Então, o que aconteceu essa manhã tem algo a ver com seu problema? — Aileen tentou ao máximo parecer casual, como se uma mulher grávida de nove meses em um campo de batalha fosse um acontecimento corriqueiro.

Laurel soltou um suspiro.

— Não, não exatamente, mas está relacionado — ela respondeu ausente. Então, um segundo depois, Laurel percebeu que Aileen sabia o que tinha acontecido. — Como você... você sabe o que aconteceu? — Ela sussurrou com uma voz estridente, temendo a resposta até ver uma sorridente Aileen acenando com a cabeça.

— Sim — Aileen riu. — Nunca vi Finn tão zangado quanto hoje, quando ele voltou para a refeição do meio-dia. Fiquei feliz que toda aquela energia fosse direcionada a você. Na verdade, ele disse que se perguntava como Conor tinha paciência de ficar casado com você — O sorriso crescente que tomava conta do rosto de Aileen dizia para Laurel que ela achara o confronto da amiga maravilhoso, embora Finn não achasse.

Laurel sentiu uma onda de vergonha atravessá-la.

— Ele não me disse isso! Mas como pode? Ele não percebeu o que estava acontecendo?

— Sim, e esse é o motivo pelo qual ele ficou tão aborrecido com sua teimosia. Estava com medo que você se machucasse.

Laurel acenou com a mão, descartando a ideia.

— Bobagem. Eu nunca estive em perigo. Nem Conor nem meu avô deixariam que eu me machucasse.

— Só se eles vissem você. Do jeito como Finn descreve a cena, eles não tinham ideia da sua presença até você começar a gritar.

— Ah, Deus — Laurel suspirou, sem ter visto daquele ponto de vista até

então. Talvez ela estivesse mais em perigo do que imaginava. — Finn deve achar que sou estúpida.

— Não, mas talvez um pouco tola. Não se sinta mal. Acho que o que aconteceu hoje foi absolutamente fantástico! — Ela disse com tanto entusiasmo e alegria que despertou a curiosidade de Laurel.

— Por quê, Aileen? Por que me colocar em perigo a deixa tão feliz?

— Ora, por causa de Finn, é claro. Acho que por um longo tempo ele a teve em alta consideração por suas demonstrações constantes do que ele costumava chamar de "coragem" em relação a Conor. Finn sempre foi apaixonado por mim, e eu por ele, mas acho que agora ele está mais feliz do que nunca por ter se casado comigo. Ele me disse, depois da refeição, que eu tenho a quantidade ideal de teimosia, sem ser tanto a ponto de fazê-lo se preocupar — Ela sorriu para a amiga. — Você pode me fazer esse tipo de favor sempre que quiser.

Laurel ficou olhando a amiga, sem saber se ria com ela ou ficava horrorizada que a guarda de Conor pensasse tão mal dela.

— Eu não queria ser tão desagradavelmente "teimosa". Apenas estava tentando evitar uma guerra. O mínimo que ele poderia fazer era tentar entender a situação.

— Não se preocupe. Finn ainda é um de seus maiores admiradores, mas espero que vocês dois não fiquem frente a frente por um tempo. O ego dele fica ferido quando ele perde uma briga.

— Sim, mas isso parece fazer maravilhas pelo seu — Laurel comentou.

Aileen apenas sorriu com alegria maliciosa.

— Certamente faz.

E as duas mulheres começaram a rir. Era bom liberar um pouco da tensão reprimida.

Depois que se acalmaram, Aileen finalmente conseguiu colocar o filho para dormir. Depois, voltou-se para a amiga e tentou mais uma vez encontrar a fonte de estresse dos olhos de Laurel.

— Então, se não foram as atividades da manhã que causaram a dor que vejo em seus olhos, o que foi? — Ela perguntou diretamente e se sentou, esperando que Laurel respondesse.

— Conor mentiu para mim — Laurel disse com tristeza.

Aileen endireitou as costas e olhou descrente para a amiga.

— Bem, ele não mentiu exatamente — Laurel corrigiu —, mas definitivamente me enganou. Eu não entendo por qual razão ele me machucaria assim.

— Você tem certeza que ele a enganou de propósito? — Aileen perguntou, tentando descobrir mais fatos ou qualquer pista antes de dizer qualquer coisa.

— Certeza absoluta. Não tenho dúvidas disso. Ele sabia que eu era uma MacInnes, Aileen. E ele sabia que eu estava preocupada com meu avô. E me deixou acreditar no contrário deliberadamente.

— Você está certa, isso não combina com o que sei ser o caráter do nosso chefe. — Aileen ficou em silêncio por um momento e perguntou. — Você acha que o chefe esperava a chegada do chefe MacInnes?

Laurel tentou se lembrar do que Conor dissera antes de deixá-la naquele aposento horrível da torre do guardião.

— Sim, acho que ele o esperava. Não tão logo, e não tão zangado — Ela levantou o rosto. — De fato, tenho certeza que ele estava bastante surpreso com a chegada hostil do meu avô.

— Então talvez Conor estivesse preparando uma surpresa?

— Acredite em mim, eu gostaria que fosse verdade, mas isso não explica por que ele me deixou acreditar que meu avô corria perigo.

— Mas seu avô não corria perigo.

— Mas eu não sabia disso até essa manhã! Não tinha ideia que ele fosse chefe de um clã tão grande e poderoso das terras baixas. Eu acreditava que ele estivesse vulnerável e fosse incapaz de se defender contra um ataque. Conor sabia que não era assim. Ele sabia o quão preocupada eu estava, mas em vez de corrigir essas apreensões, ele continuou com a farsa.

Aileen suspirou, entendendo.

— Ah, agora eu entendo.

— Entende? — Laurel perguntou, esperançosa.

— Hmmm-hmmm. Faz todo sentido. Você estava certa em vir até mim. Realmente acho que tenho a perspectiva pela qual você esperava.

— Então fale! Como Conor pode me enganar assim?

— Você está esquecendo o orgulho highlander. Qual é a coisa que Conor

mais deseja fazer por você?

— Presumo que “me fazer feliz” não é o que você está pensando. — Laurel olhou para a amiga. Aileen estava tão feliz consigo mesma que, se tivesse penas, elas seriam coloridas e estariam dispostas exuberantemente como a cauda de um pavão. Laurel revirou os olhos. — Ele quer me manter em segurança.

— Exatamente. Highlanders protegem os seus. Mais do que isso, eles têm grande orgulho em fazer isso.

Laurel assentiu. Era verdade.

— E então?

— Primeiro, sendo bem honesta, você estava realmente ansiosa e preocupada com seu avô durante o inverno?

Laurel pensou na pergunta e percebeu que, embora fosse sensível à vulnerabilidade do avô e talvez estivesse curiosa em saber como Conor iria protegê-lo, não estava realmente preocupada com ele.

— Suponho que no início. Então Conor prometeu que meu avô estaria em segurança e que eu não precisava mais me preocupar. Depois disso, agora que penso no assunto, vejo que não me preocupei mais.

— Agora eu pergunto. Do ponto de vista de um *homem highlander*, que homem intencionalmente deixaria de ser um herói aos olhos de sua amada, corrigindo-a e dizendo: “Guarde sua gratidão e admiração, porque não será necessário que eu proteja seu avô”. Rá! Todo homem que eu conheço, em especial o chefe de um clã poderoso que é casado com a mulher mais desejada... — Laurel abriu a boca para protestar, mas Aileen a impediu e prosseguiu. — Sim, você é. Todo homem acalenta a ideia de que sua mulher acredita em sua habilidade para proteger sua família do perigo. Nenhum highlander diria nada para mudar isso, em especial se soubesse que conseguira deixá-la confiante na segurança de seu avô — Aileen recostou-se na cadeira e cruzou os braços e as pernas, completamente satisfeita, sabendo que fizera a análise correta da situação.

Laurel também sabia que Aileen estava certa. Ela nunca pensara a partir do ponto de vista de Conor, só do seu próprio. Ora, dessa forma, sim, ele *fora* um pouco desleal, mas não havia maldade envolvida. Só o orgulho de poder fazer

sua esposa se sentir segura e feliz, com a possibilidade de fazer uma surpresa para ela na primavera. Não era culpa de Conor que seu avô reagira muito mais rápido e com muito mais força do que ele imaginara.

— É claro, isso não é... — Aileen exclamou, como se ouvisse os pensamentos de Laurel. Estava prestes a acrescentar algo mais quando ouviram uma comoção do lado de fora. Ela chutaria os jovens que estivessem por ali se acordassem seu filho. Levantou-se e abriu a porta bem quando Conor se preparava para bater.

Quando Fallon entrou no salão principal para perguntar quem era o MacInnes que escoltara Lady McTiernay para fora das muralhas do castelo, o coração de Conor quase parou. Seu primeiro — e mais assustador — pensamento foi que a tinham levado, como MacInnes havia jurado fazer naquela manhã.

O velho viu o sangue sumir e voltar do rosto de seu afilhado. Podia imaginar exatamente o que passava pela mente do rapaz.

— Meu homem não a levou.

— Quem era? — Conor rosnou, tentando impedir que sua fúria explodisse de vez.

MacInnes enfrentou o olhar de Conor.

— Não sei, mas meus homens são tão leais a mim quanto seus homens são a você. Nenhum deles faria nada sem minha ordem explícita.

— E esta ordem está por vir? — Conor perguntou diretamente. Por horas eles evitaram o assunto da remoção de Laurel das terras McTiernay.

— Não, não virá. Laurel deixou claro que quer ficar aqui com você. A menos que eu esteja... errado?

Conor apertou os lábios.

— Não. Não importava sua resposta, mas fico feliz de não ter que lutar com você. Ela é minha.

— Você já disse isso antes.

— Antes, seus homens não haviam levado a minha esposa para algum lugar desconhecido.

MacInnes estendeu as mãos abertas.

— Talvez seja o contrário. Talvez tenha sido sua esposa quem levou meu

homem para algum lugar.

Conor estremeceu.

— Infelizmente, você pode estar certo. Ela tem a obstinação e a cabeça dura dos MacInnes. Você viu um exemplo do que eu passo todos os dias essa manhã. Esse é outro.

O chefe mais velho sorriu com a frustração do mais jovem. Era claro que ele tinha uma relação de amor e ódio com a personalidade independente de Laurel.

— Fico feliz que o tempo tenha feito pouco para diminuir esse traço. Ela sempre foi uma criança determinada. Era impossível dizer a ela o que fazer. Diga-me, você tem que correr atrás dela todo dia?

— Na verdade, não. Mas a cada quatro meses, tem uma ou duas semanas ruins em que parece que não faço nada além disso. Tenho a impressão que você chegou em uma semana dessas.

O velho deu uma gargalhada e depois ainda outra mais forte quando Conor tentou intimidá-lo com um de seus olhares assustadores.

— Então acho que você só terá uns dois anos de semanas ruins com o que se preocupar durante toda sua vida com minha neta. Se tiver sorte. Vamos — MacInnes disse, dando um tapinha nas costas de Conor —, vamos encontrar minha neta e garantir a saúde dela.

Mas não foi nem de perto tão fácil quanto parecia à primeira vista. Conor supunha que ela pedira a MacInnes para escoltá-la até o acampamento, para ver se estavam sendo cuidados. Mas ninguém vira a senhora naquela manhã. Também parecia que Brion tinha desaparecido. MacInnes se lembrava que o jovem estava bem ansioso em encontrar e levar Lady Laurel para casa.

Quando lhe ocorreu que ela pudesse estar na casa de Aileen, Conor já estava extremamente tenso. Não gostava de ficar procurando a esposa, em especial a esposa em gravidez avançada. Quando ele, MacInnes e Finn chegaram na cabana, ele estava quase entrando em pânico com visões dela entrando em trabalho de parto sem ajuda. Quando a viu saudável e bem-humorada, toda a apreensão se transformou em raiva.

Ao ver a tensão borbulhando sob a superfície, Laurel imediatamente soube que ela era a fonte.

— Não faça cara feia, marido. Eu estava com uma escolta — ela disse na defensiva, apontando para o guerreiro do lado de fora da cabana.

— Ele é um MacInnes — Conor berrou.

Teimosa, e sabendo que aquilo o irritaria, ela deu de ombros.

— E é uma escolta. Não me lembro de você ter especificado que minhas escoltas só podiam ser soldados McTiernays. Na verdade, a discussão, que eu venci, diga-se, terminou com o acordo que qualquer pessoa poderia me escoltar desde que eu não me aventurasse além das cabanas próximas das muralhas — Laurel recordou. — Não vi mais ninguém, e Brion foi gentil em se juntar a mim.

Antes que Conor tivesse a chance de replicar com a lista de itens com os quais ele estava irritado, Brion apareceu em defesa dela. Conor se lembrava dele como o guerreiro que cavalgava como parte da guarda de MacInnes. Estava pensando que, se tinha que escolher uma escolta MacInnes, Laurel havia escolhido a certa, quando o soldado abriu a boca.

— Estou feliz que tenha chegado, chefe MacInnes — ele disse de forma autoritária para seu chefe. — Parece que estávamos corretos em nossas presunções originais. Lady Laurel está sendo maltratada aqui.

— O quê?! — Conor, Laurel e MacInnes gritaram tão alto que as portas das cabanas próximas tremeram. O barulho assustou e acordou o pequeno Gideon. Os três ignoraram o grito da criança e o olhar fuzilante de Aileen.

Laurel foi a primeira a recuperar a voz.

— Brion. Por favor, explique-se. O que diz não faz sentido — As palavras dela eram bruscas e iam direto ao ponto.

— Sim, eu me explicarei — Ele respondeu prontamente, sem desviar o olhar, recusando-se a capitular sob os olhares maldosos que recebia dos highlanders McTiernays. Era como se não percebesse como estava perto da morte. Mas Laurel sabia, e rapidamente se preparou para evitar derramamento de sangue pela segunda vez no mesmo dia.

— Brion. O que na terra lhe deu a ideia que eu estava sendo maltratada? — Ela perguntou em um tom de voz apressado.

O soldado lhe deu um olhar interrogativo.

— Você, milady, enquanto conversava com sua amiga — Ele respondeu,

acenando com a cabeça para Aileen. Laurel instintivamente empurrou o braço de Finn para lembrá-lo de não fazer nada impulsivo. Finn era muito sensível sobre sua família, assim como todos os highlanders. Brion caminhava sobre o fio da navalha agora e aparentemente não estava disposto a recuar. Se uma briga irrompesse, haveria morte e os dois clãs entrariam em guerra.

— Brion — ela falou, sacudindo de leve o braço dele para ter toda sua atenção —, diga-me exatamente o que o levou a essa conclusão.

— Você disse que mentiram e a enganaram. Que o chefe McTiernay intencionalmente a fez acreditar que seu avô estava em perigo e não lhe disse que ele sabia que viríamos assim que recebêssemos a mensagem dele. Por que você iria querer ficar aqui sob tais condições? Venha para casa conosco e será respeitada e amada, não enganada.

O tempo todo em que falava, Brion olhava incansavelmente para Laurel, capturado pelos olhos azuis da cor do mar, que ficavam maiores a cada momento. Então ele viu as profundidades cristalinas se tornarem turvas, como a mudança no céu antes da tempestade encharcar quem estava na terra.

Conor também viu a mudança. As costas de Laurel se enrijeceram, seu queixo se levantou, e seus olhos ardiam de fúria. De repente, Conor sentiu que seu mundo ficava um pouco mais brilhante. Finn estava certo. Embora não fosse uma experiência agradável ser o foco da raiva de Laurel, era divertido ver acontecer com outra pessoa.

A voz de Laurel tornou-se perigosamente doce, enquanto seus olhos tempestuosos engoliam o soldado.

— Brion, deixe-me fazer uma sugestão para seu futuro. Escute bem o que vou dizer, ou acredito que sua vida será muito curta, em especial se algum dia se casar com uma mulher com presença de espírito.

Brion estava atônito com a reação de sua senhora às suas palavras. Ele achava que ela se sentiria confortada com sua defesa, não ofendida. Antes que pudesse ver seu erro, no entanto, Laurel continuou, apenas começando a esfolá-lo verbalmente.

— Se vai escutar a conversa de alguém, faça sem querer. Se você *acidentalmente* ouvir, não deixe que a pessoa saiba que você a escutou. E, por fim, se for tolo a ponto de escutar e anunciar o que ouviu, pelo menos repita a

conversa inteira e de forma correta.

Brion sentia como se estivesse desaparecendo em um buraco na terra enquanto Laurel continuava com o sermão.

— Embora eu me sentisse maltratada, foi um sentimento temporário que foi substituído por alívio quando percebi que meu marido *só pensava nos meus interesses* com suas decisões, o que, posso acrescentar, ele sempre faz. — E vendo o sorriso que se abria no rosto de Conor, ela acrescentou: — *Embora* possamos discordar exatamente quanto ao jeito como ele gosta de proteger meus interesses.

Brion engasgou.

— Minhas desculpas, milady.

De repente, o mundo de Brion pareceu mudar novamente, quando ela lhe deu um sorriso radiante.

— Perdoado e esquecido — Voltando-se para os dois chefes de clã, ela olhou para ambos com uma advertência antes de finalmente perguntar: — Tudo certo?

— Sim, moça, você já acertou tudo — o avô dela riu enquanto lhe dava um abraço de urso que parecia muito mais apertado do que era.

Ele gostava muito da determinação da neta. Mesmo quando ainda era uma garotinha, ela conseguia argumentar e convencer a maioria de seus homens. Seus estratagemas inteligentes para evitar punições ou restrições faziam com que muitos deles implorassem ajuda para o chefe do clã. Ela conseguia exasperar, enfurecer e depois cativar um homem em minutos. O chefe MacInnes sentira muita falta de Laurel quando o pai dela a manteve longe. Ele nunca mais ficaria tanto tempo sem vê-la.

Conor pegou a esposa no colo pela segunda vez naquele dia, e começou a levá-la de volta para seus aposentos. Mas desta vez ela estava desperta e não tranquila ou complacente. Ele presumira que ela se submeteria em algum momento, ao perceber que ele não a colocaria no chão. Mas o orgulho nunca deixava que nenhum dos dois admitisse derrota, em especial na frente dos outros.

Nos aposentos deles, Conor colocou Laurel no chão e lhe deu um beijo longo e profundo, tomando completamente os sentidos dela. Supostamente

deveria impedi-la de retomar a discussão com ele. Em vez disso, o beijo tirou sua capacidade de pensar em qualquer outra coisa exceto a mulher que tinha nos braços. Ela era tão suave, e o cheiro dela afetava a habilidade dele de pensar. A visão dela o intoxicava mesmo depois de todo esse tempo. Conor achava que sempre seria assim.

...

Os dias que se seguiram foram cheios de festividades e competições entre os dois clãs. As sessões de treino — ou pelo menos era como o avô dela e Conor gostavam de se referir a essas atividades — eram feitas no campo de treinamento fora das muralhas do castelo com tarefas e objetivos mais difíceis a serem realizados a cada dia. Os homens achavam a ideia esplêndida; Laurel e Brighid achavam a ideia ridícula. Brighid se perguntava se chegaria ao altar, apesar da garantia de sua senhora de que o chefe do clã não permitiria que o futuro marido de Brighid corresse qualquer perigo.

Laurel passava a maior parte do tempo no salão principal ou dormindo em seus aposentos. Estava inchada, desconfortável e excessivamente irritada a maior parte do tempo. Não gostava que seu avô a visse daquela maneira e todo dia tentava mandá-lo para casa, prometendo visitá-lo assim que o bebê nascesse e ela se recuperasse. Toda vez ele respondia calmamente que ficaria até que seu bisneto chegasse ao mundo.

O que mais aborrecia Laurel, no entanto, era a indiferença de Conor e do avô à sua raiva ou às mudanças de humor. Ela sabia que muitas vezes era exigente ou descortês, mas a reação casual deles ao seu comportamento só aumentava sua frustração. Ela só desejava que alguém em algum lugar fizesse *algo* para forçar o bebê a chegar ou para redirecionar sua raiva. Infelizmente, o desejo dela foi realizado da pior maneira possível.

15

Keith Douglass cavalgou com seu pai e uma dúzia de guardas do clã direto para os portões do castelo McTiernay. Estavam cercados por homens McTiernay desde que entraram nas terras de Conor. O aviso da aproximação do chefe do clã Douglass chegou dois dias antes. A mensagem dizia apenas que o chefe Douglass tinha notícias importantes para o chefe McTiernay e que chegaria com uma guarda mínima para dá-las pessoalmente.

Foi só quando se aproximaram dos portões do castelo que Conor descobriu que Keith Douglass viera também. Com a notícia da chegada iminente do chefe Douglass, Conor contara ao chefe MacInnes o que sabia da experiência de Laurel nas mãos dos Douglass. Como Conor temia, a explosão de MacInnes atraiu metade de seus homens que chegaram correndo com as espadas em mãos. Conor evitara contar a história antes, sabendo que MacInnes lutaria com ele pelo direito de confrontar seu inimigo. Depois de uma longa discussão, Conor e MacInnes decidiram deixar os Douglass entrarem nas terras altas para entregar suas notícias. Só depois disso decidiriam quem executaria os destinos do desonesto e traiçoeiro líder do clã e de seu filho.

Agora, Conor estava na muralha do castelo, recusando-se a descer para encontrar o verme que se aproximava. MacInnes observava das sombras. Ambos concordaram que seria melhor que Douglass não soubesse da presença de MacInnes até que soubessem qual a mensagem que trazia.

A visão de Keith Douglass vivo enraiveceu os dois chefes. Conor sabia que Laurel pensava que o herdeiro Douglass estava morto. A presença dele significava perigo. Matá-lo sem um motivo claro desencadearia uma guerra. Robert de Bruce estabelecera uma lei sobre tais conflitos internos, declarando que as guerras deviam ser lutadas contra o rei da Inglaterra, não uns contra os outros. E recebera juramentos de Conor, de MacInnes e até mesmo dos Douglass a esse respeito.

Mas, sabendo o que Laurel fizera ao homem, e o jeito como Keith retaliara outros que o insultaram muito menos, Conor sabia que o homem viera atrás de vingança. Só não estava clara a forma que essa vingança teria.

— Alinhem-se nas ameias e protejam os portões! — Conor gritou enquanto soldados McTiernay cercavam os catorze Douglass. — Nenhum Douglass passa por essas muralhas ou come a comida da nossa terra — ele disse friamente, enquanto olhava o grupo maligno que estava parado fora de sua fortaleza.

— Trouxemos nossa própria comida, McTiernay — rosnou o velho Keith Douglass.

— Entregue sua mensagem e saia imediatamente das minhas terras — McTiernay retrucou.

Keith avançou e ignorou o pai, que obviamente queria que ele permanecesse em silêncio.

— Vim por minha esposa! — Ele gritou a plenos pulmões, incapaz de esconder a alegria hedionda em sua voz.

Laurel estava dormindo quando Conor e MacInnes souberam da chegada do grupo. Decidiram não informá-la, esperando serem capazes de lidar com a situação antes que ela soubesse de sua existência. Perceberam a futilidade da intenção deles, no segundo em que a ouviram gritar.

Conor correu até o pátio, ao encontro da esposa inconsciente perto da muralha norte. Quando ela voltou a si, ainda estava atordoada por ouvir a voz de Keith Douglass. O pânico imediatamente tomou conta de Laurel por inteiro.

— Não é verdade, Conor. Não é verdade — Ela agarrou a túnica dele e implorou para que ele acreditasse nela.

— Psiu, amor. Confio em você incondicional e absolutamente — Ele encarou os olhos suplicantes dela e tentou reafirmar sua certeza de que ela era sua esposa, e apenas sua. — Você me contou o que aconteceu. Lembra? Eu acreditei em você naquela época, e acredito em você agora — Ela começou a se acalmar com as palavras dele e com os braços fortes que a seguravam.

Conor queria protegê-la da dor e da mágoa mais do que qualquer coisa. Mas, enquanto estava sentado ali, segurando-a e olhando para MacInnes, os dois sabiam que, a fim de ganhar o tempo que precisavam, Conor seria

forçado a causar as duas coisas — uma mágoa enorme e uma dor inesperada.

Conor olhou para MacInnes, dando-lhe um aceno de cabeça seguido por duas palavras.

— Vá agora.

O escocês mais velho olhou para a coisa mais preciosa do mundo para ele e lhe deu uma ordem rápida e concisa antes de partir.

— Seja forte. Você pode fazer isso. O que quer que ocorra, não diga para ninguém que estive aqui — E com um beijo na testa dela, o avô transmitiu todo o afeto que sentia e desapareceu rapidamente, dirigindo-se para a passagem oculta da câmara da cisterna.

Conor segurou as mãos da esposa, percebendo que nunca estivera tão assustado em toda sua vida.

— Amor, agora me escute. Preciso que confie em mim e acredite no que partilhamos. Pode fazer isso? Douglass e seu filho estão entrando e...

— Você vai deixar aqueles monstros entrarem na minha casa! — A fúria tomou conta da voz e dos olhos dela, mas antes que Conor pudesse responder, o chefe Douglass entrou.

— Sim, filha — ele grunhiu ameaçadoramente. Mesmo a seis metros de distância, ela podia sentir o fedor dele.

— Saia daqui! — Ela gritou, odiando ver aquele homem vil em sua própria casa.

— Bem? Ela admitiu sua tolice? Admito que meu filho não tem muitas qualidades, mas acredito que ela escolheu seu destino quando disse “aceito”. — O homem pomposo zombava enquanto falava, mostrando os dentes podres.

Laurel pareceu perplexa por um instante. Então o ultraje iluminou seus olhos.

— Você é desprezível. Não consigo imaginar por que meu marido o deixou entrar.

— Talvez porque ele não seja seu marido — Douglass sugeriu.

— Não é meu marido? Sua serpente vil e maldosa. O único mais sujo do que você é seu filho odioso — O aperto que Conor dava em seu braço não era mais apenas para manter as aparências; ele realmente causou dor física nela quando Laurel tentou avançar.

— Você fica aqui — Conor ordenou com força. Então se virou, incapaz de olhá-la nos olhos enquanto enfiava uma estaca direto no coração dela. — E Deus a ajude se aqueles homens que estão com Keith Douglass contarem a história de sua noite de núpcias — A inimizade que soava nas palavras dele a deixaram em silêncio enquanto ela o observava seguir até o pátio para confrontar os guardas Douglass.

Ela não podia provar sua versão do que acontecera, e não havia dúvidas de quais mentiras aqueles guardas iriam vomitar. Conor realmente acreditaria neles? Mas ele dissera que acreditava nela. Ela ainda estava lutando com a mudança de comportamento dele quando ele voltou, parecendo frio e distante. Os dois Douglass estavam em seus calcanhares, antecipando ansiosamente a próxima rodada.

Keith parecia satisfeito com os acontecimentos. Depois que Laurel o atacara e o deixara para morrer, ele jurou vingança. Teria Laurel de volta e se asseguraria de que o resto da vida dela seria implorando misericórdia. Ele teria a vadia quantas vezes quisesse e a trataria como desejasse.

No início, seu pai não estava inclinado a concordar com aquela ideia. Não era segredo que a vadia conquistara as boas graças dos McTiernays. Então os planos de casamento que ele tinha para Keith foram cancelados repentinamente, seguidos pelos motivos pelos quais isso aconteceu. No instante em que Douglass descobriu que os McTiernays tinham acabado com suas esperanças de aliança, ele rapidamente ficou ansioso para ajudar na vingança do filho e buscar retribuição pessoal por suas perdas.

Douglass sabia que não era possível entrar em guerra contra McTiernay, mas que tal tomar a vadia dele? Seria um belo golpe no orgulho do homem. Apesar do sangue e da sujeira no rosto dela naquele dia, ele se lembrava que ela era uma beldade, um prêmio a ser conquistado. McTiernay roubara isso dele também.

Conor precisava ganhar tempo. Com tempo suficiente, poderia evitar uma guerra e matar Douglass e seu filho sem atrair a ira de Robert. Mas mesmo se tudo funcionasse como planejado, ainda poderia haver uma baixa involuntária — o amor de sua adorada Laurel. Ele rezava para que ela tivesse energia para permanecer forte por ele, pelo futuro deles, e pelo filho deles. Ele ouviu as

mentiras dos homens dos Douglass e virou-se para Laurel, com expressão pétrea.

— Peça para alguém levar suas coisas para o solar da Torre Norte. Não quero vê-la nunca mais — A frieza nas palavras dele penetrou fundo na alma dela. O tempo parou por alguns segundos. A próxima pessoa que falou parecia estar muito distante, embora estivesse apenas a poucos metros de distância dela.

— Levá-la para a Torre Norte! Ela é minha! — Keith exclamou, começando a se aproximar dela com um olhar maligno de posse no rosto. Era o mesmo olhar de raiva louca que ele tinha na noite em que ela se recusou a casar com ele diante do sacerdote.

Conor foi mais rápido, bloqueando o caminho dele, impedindo-o de se aproximar dela.

— Fique longe dela — Ninguém tinha dúvida do que aconteceria se Keith desafiasse sua ordem. — O bebê que ela carrega é meu. Depois que ele nascer, você pode tê-la. Mas, até lá, ela permanece sozinha — Então cravou os olhos no pai de Keith. — Não vou ceder nisso — Agarrou o braço de Laurel com força e a levou até seu novo quarto na Torre Norte.

Ele rezava para que tivesse pelo menos alguns minutos para se explicar, mas o chefe Douglass o seguiu.

— É aqui que você vai ficar até que minha criança nasça. Você comerá aqui e dormirá aqui. A parteira pode visitá-la diariamente para garantir que o bebê esteja bem. Fora ela, você permanecerá fora da vista — Ele fez uma pausa, olhando diretamente para ela, suplicando com os olhos que ela entendesse, e acrescentou. — Não suporto mentirosos.

Então a porta se fechou, e ela ficou sozinha no quarto.

...

Laurel ficou parada por um longo tempo, olhando a porta que acabara de se fechar, perguntando-se sobre a mudança cruel no destino que deixara Keith vivo para que pudesse se vingar.

Ela não derramou lágrimas. Só quando uma criada abriu a porta e lhe trouxe sua escova, alguns pertences pessoais e sua única outra túnica, o desespero

realmente tomou conta dela. A jovem tentara lhe dizer que tudo ficaria bem, mas Laurel podia dizer pela voz trêmula da garota que até ela duvidava do que dizia. Assim que a criada saiu, as lágrimas de Laurel começaram a fluir.

Mais tarde, a mesma criada trouxe comida para ela, mas Laurel não sentia vontade de comer, e deixou o pão e o ensopado esfriarem e estragarem. Quando soube da recusa dela em comer, Conor percebeu que ela não entendera a falsidade na performance dele, mas considerara suas palavras como verdadeiras. Depois que sobrevivessem a isso, ele jurou nunca mais deixar ninguém ameaçar tirá-la dele novamente. Ele imploraria o perdão dela e juraria nunca mais machucá-la pelo resto da vida deles. Ele prometeria sempre ceder quando discutissem, se isso a fizesse entender por que ele tinha que protegê-la daquela forma.

Laurel não conseguiu dormir aquela noite. Ficou sentada na janela, olhando suas preciosas terras altas. A lua estava tão brilhante e, embora o ar noturno estivesse frio, não estava gelado demais. Teria sido uma noite ideal para visitar as estrelas no alto da Torre da Estrela. Pelo menos tinha um quarto bem alto, que lhe proporcionava uma vista incrível para pensar em tudo.

A manhã chegou e, com ela, outra refeição que Laurel deixou de lado. Sabia que devia comer para o bem do bebê, mas não tinha fome. Depois de um tempo, se arrastou até a cama e caiu no sono de pura exaustão.

Quando despertou, estava escuro, e a luz da lua enchia o quarto. Mas com a escuridão veio a iluminação. Estava surpresa por não ter reconhecido a verdade antes. Em seus sonhos, ela foi visitar a sábia amiga Aileen que, como sempre, fizera-a ver o outro lado da situação.

Tirando a emoção dos acontecimentos, Laurel conseguiu entender o que ocorrera no dia anterior. Primeiro, Conor lhe dissera que confiava nela incondicional e absolutamente. Ele disse que acreditava nela. Então seu avô lhe dissera para permanecer forte e não contar para ninguém que ele fora visitá-la. Por fim, Conor pediu para ela confiar nele.

Desperta e vendo a luz da lua ondular no rio abaixo com a forte correnteza aumentada pelas neves derretidas do inverno, Laurel revirou as palavras várias vezes em sua mente. Então, relutante, reviu o que aconteceu depois. Conor agira como se a odiasse. Mas, quando Keith fez um gesto para atacá-la, Conor

reagira imediatamente e a protegera.

De repente, Laurel entendeu. Conor precisava ganhar tempo. Tempo e proteção. Tudo aquilo, a raiva, as palavras, até o aperto em seu braço, era tudo uma artimanha para enganar Douglass e seu filho. Ele estava usando a gravidez dela para ganhar tempo para ele e para seu avô, assim como protegê-la e ao filho de ter que ir com os Douglass. Ao perceber aquilo, o coração dela foi até Conor, que tinha que suportar os Douglass — as palavras, o fedor, a presença deles em sua casa. A compaixão dela extravasou e tomou o céu noturno. Só havia um jeito de dizer para ele que ela estava bem, que entendia e que manteria o filho deles em segurança até ele encontrar um jeito de resolver aquele desastre. Então ela comeu todo o jantar que estava na mesa.

Conor recebeu a mensagem. Ela estava comendo, dormindo e recebendo Hagatha. Ela não teria cedido tão rapidamente se não tivesse entendido ou ao menos estivesse confiando nele.

Quatro dias se passaram. Se Laurel não tivesse recuperado a confiança e a fé nele, Conor nunca teria deixado aquilo ir tão longe. Conseguira manter os Douglass fora das muralhas do castelo, mas só depois de concordar que quatro guardas Douglass vigiassem as portas da Torre Norte. Hagatha foi escoltada até o quarto de Laurel no terceiro dia, mas não pôde sair mais. Um guarda escoltava as criadas que chegavam e entrava para se assegurar que nenhuma mensagem fosse trocada.

Conor permitiu tudo aquilo. Manteve Brighid e Aileen longe, e até deteve seus irmãos na Torre da Estrela. Conor odiava fazer tudo aquilo, mas sabia que a lealdade deles para com Laurel poderia ameaçar o plano abominável que estava tramando.

Conor teve sorte que seus irmãos o encurralaram no solar e não em um dos salões. A frustração deles com a ideia de que Douglass e seus homens tivessem permissão para permanecer nas terras McTiernay era compreensível. E nem tinham ouvido falar do aprisionamento de Laurel. A juventude e a incapacidade de controlar as emoções deles obrigaram Conor a tomar sua decisão. Todos que ele amava estavam vivendo em confinamento forçado. E ele vivia um inferno de sua própria criação.

...

Laurel despertou com uma dor aguda. Olhou ao redor e viu a velha amiga ressonando ao seu lado. A luz da manhã começava a surgir atrás das cortinas que agora estavam nas janelas. Hagatha reclamara que era sensível à luz quando dormia, e exigira completa escuridão para dormir bem. Laurel concordara alegremente com o pedido da amiga.

Hagatha era sua única companhia e, consequentemente, sua única confidente. Embora concordasse imediatamente com as conclusões que Laurel tirara da situação, Hagatha não conseguia imaginar qual era o plano de Conor. As duas apenas rezavam e esperavam que ele conseguisse acabar com aquilo antes que o bebê nascesse.

Infelizmente, parecia que isso não ia acontecer. Laurel teria o bebê naquele dia e, lembrando-se de Aileen, não haveria como manter silêncio quando as dores chegassem ao auge, perto do fim. Independente disso, Laurel sabia que Conor nunca a entregaria para ninguém, muito menos para os Douglass. Ela só desejava conseguir avisá-lo de algum jeito, para que ele pudesse pensar em outro plano.

As dores eram consistentes, mas ainda bastante espaçadas quando Hagatha acordou e espreguiçou.

— Laurel? Parece que nos trouxeram comida enquanto estávamos dormindo. Está fria, mas comível — Ela disse enquanto provava alguns pratos. — Sua Fiona realmente sabe cozinhar.

Laurel estava acordada quando o guarda trouxe as bandejas, mas fingiu estar dormindo. Embora Aileen se sentisse compelida a andar entre as contrações, Laurel preferia descansar, reunindo forças antes que a próxima viesse. Ela observou Hagatha preparar um prato.

— O que está esperando? Em geral você é a primeira a atacar e a última a devorar as migalhas.

— Não estou com fome, acho — Ela estava tentando adiar o inevitável, mas era inútil tentar fazer isso perto da experiente parteira.

— Quanto tempo, agora?

— Desde que acordei, mais cedo.

— Provavelmente vai demorar um tempo, então — Elas olharam uma para a outra, sabendo que o plano de Conor estava em risco. Naquela tarde ou naquela noite, a fortaleza inteira saberia que Laurel estava em trabalho de parto. — Não se preocupe, moça. Você vai ficar bem.

Laurel agarrou a manga da parteira.

— Prometa-me uma coisa, Hagatha.

— Mais uma? Eu já cumpri a primeira. Estou aqui.

— Por favor — ela disse entredentes quando a dor atravessou seu estômago até o baixo-ventre. Então desapareceu lentamente. — Prometa-me que se tiver que escolher entre mim e o bebê, o bebê viverá.

Hagatha olhou a amiga por um instante antes de responder.

— Não prometerei isso, Laurel.

Os olhos de Laurel imploravam para Hagatha.

— Você e eu sabemos que o bebê é grande demais. Se tiver que me cortar, corte e tire-o. Não quero que nós dois morramos, como minha mãe e meu irmão.

Durante toda a manhã, Laurel tentou várias vezes fazer Hagatha jurar que cuidaria do bebê primeiro, mas a velha se recusava a aceitar a ideia de perder a esposa ou o filho do chefe do clã. Nenhuma pessoa a faria mudar de ideia.

O primeiro indício de que alguma coisa estava acontecendo na fortaleza foi quando a refeição do meio-dia não chegou. As contrações de Laurel estavam mais frequentes agora, então ela não estava ciente do tempo como Hagatha estava. Para Laurel, parecia que estava em trabalho de parto durante dias, não horas. O segundo sinal foi toda a gritaria naquela tarde. Até Laurel achou que estava ouvindo o choque de espadas no pátio.

No começo da noite, Laurel caminhava pelo quarto, tentando permanecer calma, mas a dor era excruciante e, baseada no parto de Aileen, sabia que só ficaria pior. Ela tentava se concentrar em qualquer outra coisa que não fosse seu corpo sendo rasgado ao meio.

Laurel engoliu em seco.

— Hagatha, o que acha que está acontecendo?

O sol estava se pondo, e ainda nenhuma comida ou água fora levada para o quarto desde aquela manhã. Além disso, nenhum som era ouvido na fortaleza

há algum tempo. Hagatha não disse nada, mas também estava preocupada com o silêncio que se seguira ao chamamento às armas mais cedo. Estava com receio de deixar Laurel sozinha e depois não ter permissão para voltar. Até agora, Laurel conseguira controlar os gritos de dor, mas Hagatha sabia que só ficariam piores, e que a força de Laurel estava diminuindo. Precisava que Laurel guardasse sua força e não a desperdiçasse desnecessariamente mantendo silêncio.

Hagatha fez uma careta.

— Não sei. Mas vou pedir ao guarda que pelo menos nos traga mais água. Não posso acreditar que Conor permita que nos matem de fome desse jeito.

Laurel se deitou e rangeu os dentes, lutando contra outra forte onda de dor.

— Você e eu sabemos que ele está em guerra.

Hagatha negou com a cabeça.

— Não sei nada disso.

— Se ele estivesse aqui, teríamos comida e bebida. Você não pode negar isso.

Recusando-se a responder, Hagatha tomou uma decisão.

— Vou buscar alguma coisa para você beber. Estamos quase sem água, e posso não ter outra chance mais tarde.

Laurel assentiu.

Hagatha abriu a porta e percebeu imediatamente que não havia guardas no pé da torre. Desceu rapidamente as escadas e esquadrinhou o pátio. Não havia uma única alma a vista. O silêncio era assustador. Onde estava todo mundo?

Hagatha foi direto para a cozinha. A comida fora deixada na metade do preparo, e o fogareiro fora apagado. Agora Hagatha tinha certeza que algo sério acontecera. Vários acontecimentos podiam esvaziar o pátio, mas sempre havia alguém na cozinha para que o fogo não se apagasse. Ela pegou algumas coisas para comer, um jarro de água, e voltou para Laurel, que não conseguia mais controlar os gritos de dor.

— Não se reprima mais, moça. Os guardas não estão mais aqui.

— Não estão? Estamos livres para sair? — Laurel perguntou ansiosa.

— Sim, mas primeiro você precisa beber alguma coisa — Hagatha respondeu, colocando a comida e o jarro na mesinha.

— Não há ajuda a caminho?

— Logo estarão aqui — Hagatha sentia-se horrível por mentir, mas resolvera que nas condições de Laurel era melhor não revelar tudo o que tinha, ou não, descoberto.

— Vá buscá-las então — Laurel suplicou.

Assim que as palavras saíram, outra forte contração a atingiu, e Laurel gritou intensamente.

— Não vou deixar você.

A hora seguinte passou, e Laurel já não conseguia mais perceber o que estava acontecendo. Hagatha se perguntava se ninguém apareceria.

A parteira limpava Laurel e ajudava a se acomodar novamente quando a porta se abriu e Brighid e Aileen entraram correndo.

— Meu Deus! — Aileen gritou, olhando assustada para Laurel e depois para Hagatha. Laurel estava muito pálida. — Quanto tempo mais?

Hagatha deu um olhar para que Aileen ficasse quieta e disse:

— O tempo que for necessário.

Brighid, que estava parada atrás de Aileen, deu meia volta e desceu correndo as escadas para buscar Conor.

Aileen se aproximou da parteira, encarando Laurel, que parecia estar dormindo entre as contrações.

— Por favor, diga que ela vai sobreviver — ela sussurrou.

Hagatha a silenciou mais uma vez com os olhos.

— Agora me ajude.

Aileen se sentou ao lado de Laurel e segurou a mão da amiga. Laurel abriu os olhos.

— Já acabou?

— Sim — Aileen respondeu, tentando não chorar ao ver a amiga com tanta dor.

— Conor? — Laurel perguntou, a voz apenas um sussurro.

— Está bem. Estamos todos aqui para ajudá-la. Não vai demorar muito mais.

Laurel negou com a cabeça.

— Alguma coisa está errada. Eu sei.

Conor perdeu a compostura assim que soube que Laurel estava em trabalho

de parto desde aquela manhã. Quando chegou na torre para vê-la, Hagatha e Aileen se recusaram a permitir que ele entrasse. Ele teve que se retirar, ouvindo os gritos de tortura dela pelo outro lado da porta.

Com o coração em agonia, Conor disse:

— Diga para ela que está tudo acabado.

— Ela sabe — Aileen respondeu, voltando para o quarto com um balde de água fresca.

Conor ficou olhando enquanto ela entrava no quarto. Ele se perguntava se algum dia voltaria a sentir a confiança e a certeza que tinha antes de conhecer Laurel. Laurel chamaria isso de arrogância, ele se repreendeu, enquanto descia as escadas e seguia para a capela.

MacInnes encontrou Conor na manhã seguinte, na capela.

— Por favor, diga-me que acabou — um agoniado Conor implorou para seu padrinho.

O velho só negou com a cabeça e se sentou ao seu lado no banco. MacInnes tinha saído tarde na noite anterior para escapar dos gritos descomunais de sua amada neta. Ele não fora capaz de salvar sua preciosa filha, e agora temia perder o último membro de sua família. Sentia-se incrivelmente fraco. Queria ajudar Conor, mas sabia que nada aliviaria a dor do homem mais jovem.

Conor apoiou os cotovelos nas coxas e enterrou o rosto entre as mãos.

— Achei que a semana passada tinha sido difícil. Nunca devia ter mantido Laurel presa. O estresse que causei...

— Não — veio um comando firme. — Você fez o que era melhor. Você a manteve em segurança e longe deles. Garantiu que ela ficasse com Hagatha e, principalmente, *ela sabia a verdade*.

— Nada do que vivi pode superar essa tortura — Pela primeira vez na vida, Conor estava nitidamente assustado. Genuína, completa e profundamente assustado.

O padrinho não falou nada — ele também estava assustado.

...

A manhã anterior começara de um jeito bem diferente. Conor estava prestes a reivindicar sua vida perfeita.

No dia em que os Douglass chegaram e anunciaram sua mentira, o chefe MacInnes partira com o padre Lanaghly em busca do sacerdote que presidira as supostas núpcias de Laurel. O padre Lanaghly encontrava o padre Uron com frequência em suas viagens pelos clãs durante os meses de inverno, e sabia onde o sacerdote costumava ficar. Eles só esperavam que ele ainda estivesse ali.

Foi uma longa cavalgada, mas conseguiram encontrar o sacerdote, que confirmou a história de Laurel e concordou em acompanhá-los. Já que era o único sacerdote na vizinhança naquela época, poderia facilmente refutar a afirmação de Keith Douglass. MacInnes não teve dificuldade em convencer dois chefes de clãs imparciais a se juntarem a eles na jornada de retorno. Quando voltaram ao castelo no fim da manhã do dia anterior, Conor ordenara que todos os Douglass fossem rendidos e levados até o campo de treinamento. Então libertou seus irmãos, para que eles testemunhassem sobre o comportamento de Laurel e as condições físicas dela na noite em que a salvaram.

Toda a fortaleza parou para testemunhar o evento. A raiva e o ressentimento por tolerarem a presença dos Douglass eram bem conhecidos. Os Douglass tinham atacado a honra de Lady Laurel. Todos os queriam mortos. Mas Conor queria mais uma coisa antes de tirar a vida deles; queria que Laurel fosse inocentada.

O campo de treino estava cercado por McTiernays e MacInnes. Soldados, fazendeiros, criados e mulheres de todo o clã estavam lado a lado para testemunhar.

Pela primeira vez, a história de como Laurel se juntara a Conor e seus homens foi contada. Hamish falou sobre a coragem dela. Seamus falou de suas habilidades. Cada irmão relembrou o estado físico e o porte régio dela durante o caminho para casa. Glynis falou sobre sua generosidade. Aileen falou de suas habilidades curativas. Por fim, o padre Uron foi levado diante de todos e denunciou a mentira de Keith Douglass.

Quando Douglass e seu filho tentaram argumentar com o sacerdote, os dois chefes de clã que tinham acompanhado MacInnes cortaram suas palavras. Durante tudo aquilo, Conor ficou impassível, sem demonstrar emoção alguma,

e terrivelmente em silêncio. Ver os homens patéticos, malignos e deformados que ousaram ferir Laurel fazia seu sangue ferver.

Lentamente, Conor se virou para os dois chefes imparciais.

— Vocês informarão Robert?

— Sim — eles responderam. Ambos sabiam o que estava prestes a acontecer, e ambos apoiavam a decisão. Robert de Bruce também apoiaria, assim que soubesse a verdade.

Conor olhou para os homens que estava prestes a matar.

— Um dos meus homens para cada um dos seus.

Douglass não conseguiu esconder a surpresa. Presumira que seria apenas um massacre.

— E se vencermos?

— Podem partir.

Douglass inspirou profundamente várias vezes. Ouvira dizer que McTiernay era um líder talentoso e estrategista. Mas quão esperto era no um-a-um? Teria ensinado truques para seus homens? Antes que tivesse uma resposta, MacInnes se adiantou.

— Metade é meu — disse resolutamente. Conor assentiu, concordando.

— Escolha seus homens — Conor olhou para Finn e assentiu. Imediatamente, seis homens McTiernay, incluindo Finn, se apresentaram, espadas desembainhadas. Segundos depois, foram acompanhados por MacInnes e seis de seus homens.

A batalha foi rápida. Douglass cometeu o erro de subestimar a lealdade e o amor que os homens de Conor tinham por Laurel e devia ter encontrado um jeito de recuar. Esse erro de julgamento acabou com a linhagem dos Douglass sem um único McTiernay ou MacInnes ferido.

Quando a batalha terminou e os corpos foram retirados das terras McTiernay, Laurel já estava em trabalho de parto a quase doze horas. Conor fora até o rio para se banhar antes de cumprimentar sua esposa mas, quando ele chegou, era tarde demais. Ela estava em trabalho de parto muito avançado para receber visitas, incluindo ele.

Primeiro, veio o pânico típico de quem se tornaria pai. Mas, quando os gritos de dor duraram toda a noite e a manhã do dia seguinte, o medo que

Laurel e ele tentaram ignorar veio à superfície com força total.

...

— Você conseguiu, Laurel! Você conseguiu! — Aileen sorria de alegria enquanto ajudava a amiga a colocar uma roupa limpa. Os bebês tinham levado um bom tempo para chegar, mas agora estavam ali. Um menino e uma menina. Laurel ficara acordada o suficiente para beijar e segurar cada um deles por um breve tempo antes de sucumbir em um estado abençoado de esquecimento indolor.

Hagatha terminara seus deveres de parteira sorrindo e secando as lágrimas. Ficara temerosa por um tempo. O menino nascera ao contrário, o que explicava a dor e por que o parto demorara mais do que o normal. Sua irmã foi muito mais cooperativa e chegou cinco minutos depois do irmão, de cabeça.

Em algum momento perto do amanhecer, algo tomara conta de Laurel e, de repente, ela resolveu ver seu filho nascer. Quando por fim o menino saiu para ver o mundo, Hagatha percebeu o erro que cometera.

O garotinho era pequeno demais para o tamanho do ventre de Laurel. Imediatamente, Hagatha entregou o menino para Aileen e se preparou para a segunda criança. Logo a cabeça apareceu, e Hagatha estava segurando uma menininha.

Laurel dissera que gêmeos nunca foram comuns em sua família — apenas crianças grandes e os riscos associados a isso. Por isso, as duas tinham presumido que o bebê era simplesmente grande. Ainda assim, os bebês de Laurel eram grandes para gêmeos. A maioria dos gêmeos era pouco maior do que as mãos de Hagatha. Quando a mãe de Conor teve Craig e Crevan, ela ficara só um pouco maior do que o normal e ambos eram incrivelmente minúsculos. Os gêmeos McTiernay, contudo, eram praticamente tão grandes quanto bebês normais.

Brighid correu para dar a notícia assim que Hagatha viu que os bebês eram rosados e saudáveis.

— Chefe! Chefe! Chefe McTiernay! Chefe McTiernay! — Ela gritou pelos salões.

Os dois homens saíram correndo da capela, com medo de perguntar o que era.

— Chefe — Brighid começou a dizer, incapaz de encontrar as palavras de tão feliz que estava. O coração de Conor parou no peito quando ele viu as lágrimas correndo pelo rosto de Brighid.

— Você é pai de um menino e de uma menina! — Por fim ela exclamou para os dois homens, que pareceram não entender o anúncio.

Visivelmente trêmulo, Conor perguntou.

— E Laurel?

— Ela está bem. Muito, muito cansada e dormindo agora, mas bem, posso assegurar. Foi difícil, mas ela é tão forte e teimosa que venceu a recusa dos dois de nos visitarem pessoalmente.

Conor fechou os olhos e inclinou-se na parede de pedra do lado de fora da capela. Sua família estava a salvo, Laurel lhe dera gêmeos, e — pela primeira vez em meses — ele estava tranquilo em relação ao futuro. Sentira tanto medo por sua esposa por tanto tempo que não estava mais acostumado a sentir esperança e felicidade verdadeiras.

MacInnes não reagira muito melhor. Caíra de joelhos ao ouvir as notícias. Tinha perdido sua amada filha no parto e sentira tanto medo por Laurel, ainda que fosse incapaz de dar voz ao seu medo, sabendo que Conor contava com sua fé, força e apoio.

Brighid não sabia o que dizer. Nunca vira seu chefe agir de forma tão emocional. Este homem tinha nervos de aço e vontade de ferro. Era desconcertante ver sua fraqueza revelada. Mas, depois de ver a reação dele às boas notícias, ela secretamente desejou que seu forte e impassível Donald fizesse o mesmo no nascimento do primeiro filho deles. Ela sorriu e correu de volta ao quarto de Laurel para ajudar com os bebês.

...

Por fim, Laurel convenceu Conor a deixá-la sair de seus aposentos e ir até o salão principal. A única exigência foi que ele a carregasse nas escadas, tanto para descer quanto para subir. Era uma pequena concessão, em especial porque fazia menos de três dias que seus dois amores preciosos chegaram ao mundo.

Mas, como explicou a Conor, por conta de seu confinamento na semana anterior, ela ficaria louca se permanecesse por mais tempo naquele quarto.

Conan e Clyde foram os primeiros a cumprimentá-la quando ela chegou, aninhada nos braços fortes e hábeis de Conor. Quando Conor a colocou na poltrona perto da lareira, parecia relutante em deixá-la ali.

Finalmente acomodada, Laurel segurava seu lindo garoto de cabelos negros, enquanto Conor embalava sua filha, cuja cabeça já mostrava tufos dourados. Conan foi o primeiro a começar a falar.

— Vocês vão continuar com os nomes com *C*? Sei que provoco Clyde, mas ainda há vários nomes bons com *C*. Que tal Calum e Colleen? — Sugeriu o animado garoto de catorze anos.

Seus irmãos não foram melhores. Craig e Crevan ficaram dando conselhos e só pararam quando Conor os ameaçou com tarefas de limpeza. Os dois bebês dormiram durante todo o jovial debate.

Naquela tarde, quando finalmente ficaram a sós, Laurel sorriu e perguntou mais uma vez que nomes Conor preferia. Desde que os bebês nasceram, ficavam passando a responsabilidade de um para o outro.

— Essa decisão é sua, amor. Eu lhe dou total autonomia para escolher os nomes dos nossos filhos. É o mínimo que posso fazer depois de tudo o que você me deu — Era sua defesa favorita para não lhe dar uma resposta. Ele acariciou o rosto dela, inclinou-se e lhe deu um beijo suave nos lábios.

— Eu amo você, Conor McTiernay.

— E eu amo você, Laurel McTiernay.

Ela olhou novamente para seus dois milagres.

— Gosto da ideia da sua mãe, de usar a mesma letra para dar o nome de todas as crianças. E eu amaria honrá-la continuando a tradição. Mas eu também queria honrar minha mãe. Ela estaria muito orgulhosa e feliz hoje. Mas o nome dela era Brenna.

— Então por que não usar nomes com *B*? — Conor sugeriu.

Os olhos estonteantes de Laurel dançaram, e seu sorriso se alargou. Ao observá-la, o contentamento e uma sensação de paz mais profunda que ele já sentira tomaram conta dele.

— Conor, eu gostaria que você conhecesse Braeden Conor e sua irmã,

Brenna Gillian.

Enquanto embalavam seus filhos e um ao outro, Conor e Laurel perceberam que agora tinham tudo o que queriam. Tinham encontrado um ao outro, lutado por aquilo e produzido seus próprios corações escoceses.

Primeira edição (maio/2017)
Tipografias Adobe Garamond Pro e ITC Stone Serif Std

Michele Sinclair

começou a escrever após se tornar mãe pela segunda vez. Leitora voraz de romances e uma constante sonhadora de enredos românticos, criou coragem e passou a colocar suas ideias no papel. Hoje, ela é escritora de inúmeros romances, muitos deles best-sellers, e vencedora de diversos prêmios. É membro da associação Romance Writers of America e da Georgia Romance Writers e trabalha também como consultora há mais de 15 anos. Atualmente mora em Atlanta, Georgia.

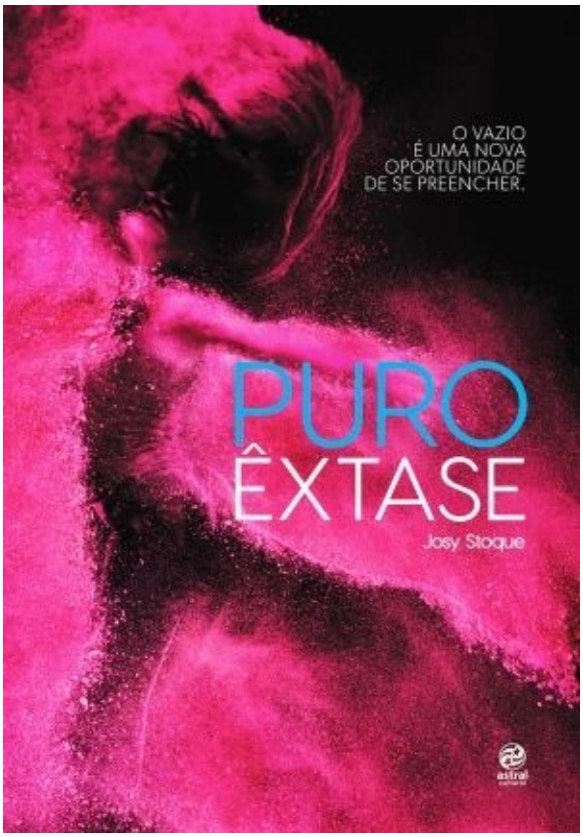


O escocês Conor McTiernay sonhou a vida inteira com um amor verdadeiro e duradouro. Mas ele sempre se deparou com uma situação oposta... As mulheres sempre o desejavam por causa de suas terras e títulos. Por isso, ele decidiu que nunca iria se casar. Mas isso mudou quando viu, pela primeira vez, uma mulher vinda da Inglaterra, que estava escondida na floresta. Misteriosa e totalmente diferente de qualquer outra mulher que Conor já conhecera, Laurel Cordell era uma mulher linda.

Porém, será que ela irá conseguir provar a ele que, ao contrário das outras mulheres que só queriam seduzi-lo por interesses materiais, ele tinha encontrado uma esposa a quem poderia entregar seu coração?

Aqui tem:

- Amor
- Disputa
- Traição


O VAZIO
É UMA NOVA
OPORTUNIDADE
DE SE PREENCHER.
PURO
ÊXTASE
Josy Stoque
astral

Puro êxtase

Stoque, Josy
9788582463482
256 páginas

Compre agora e leia

Trinta anos, bonita, bem-sucedida, casada. Aparentemente, não faltava nada na vida de Sara, mas não era bem assim. Faltava amor, cumplicidade e estímulo. Faltava se lembrar de que estava viva, e o divórcio foi uma maneira dolorosa de entrar em contato com essa realidade. Agora, é tempo de recolher os pedaços e se reinventar. Resgatar os amigos esquecidos, investir na carreira, ser dona do seu futuro. Uma noite, um bar, um estranho. Pouco a pouco, todos os preconceitos são deixados de lado. E todas as possibilidades de prazer se tornam reais. Puro êxtase é o livro mais ousado de Josy Stoque. Dispa-se dos preconceitos e venha se surpreender com a coragem de Sara.

Compre agora e leia


Authentic
Games
VIVENDO UMA VIDA AUTÊNTICA
UM DOS MELHORES CANAIS DE GAMES DO YOUTUBE
MAIS DE 1 BILHÃO DE VISUALIZAÇÕES
astral

AuthenticGames: Vivendo uma vida autêntica

Túlio, Marco

9788582463147

160 páginas

Compre agora e leia

O mineiro Marco Túlio sempre foi apaixonado por games. Tão apaixonado que decidiu enfrentar a timidez e criar um canal no YouTube para falar dos jogos de que gostava. Com seu jeito simples e engraçado, Marco Túlio transformou o AuthenticGames em ponto de encontro para quase 4 milhões de crianças e adolescentes. É lá que eles trocam ideias, aprendem estratégias secretas sobre Minecraft e acompanham as séries exclusivas. Neste livro, os fãs vão saber como surgiu o projeto do canal, quem são os amigos da internet que o Authentic levou para a vida real e muito mais! Um dos youtubers mais amados do Brasil conta todos os seus segredos. Mais de 1 bilhão de visualizações!

Compre agora e leia


AUTHENTIC GAMES
A BATALHA DA TORRE
UMA TRILOGIA NÃO OFICIAL DE MINECRAFT
VOLUME I
astral

AuthenticGames: A batalha da Torre

Túlio, Marco

9788582465424

112 páginas

Compre agora e leia

Um sequestro misterioso coloca o nosso herói AUTHENTICGAMES em uma grande enrascada, e ele vai precisar de ajuda para sair dessa. Mas ele sabe que pode contar com um grande amigo para salvá-lo: você! Prepare-se para destruir aranhas, acabar com creepers e derrotar tantos outros mobs aterrorizantes para libertar o Authentic dessa confusão. Escolha uma armadura bem resistente, pegue a sua espada mais poderosa e comece já o caminho de A BATALHA DA TORRE, o primeiro livro de uma trilogia eletrizante e cheia de aventura!

Compre agora e leia


AUTHENTIC GAMES
A BATALHA CONTRA HEROBRINE
UMA TRILOGIA NÃO OFICIAL DE MINECRAFT
VOLUME II
astral cultural

AuthenticGames: A batalha contra Herobrine

Túlio, Marco

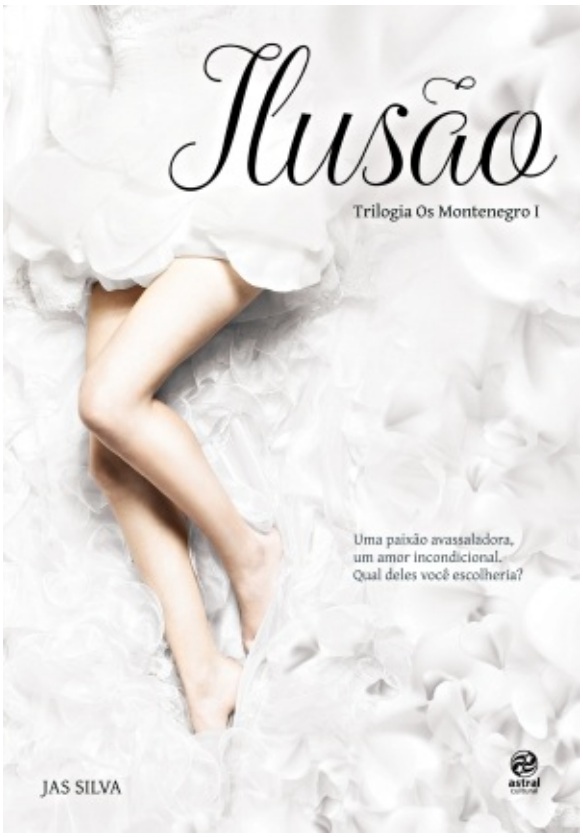
9788582465417

112 páginas

Compre agora e leia

Depois de ser resgatado de um terrível sequestro, AUTHENTICGAMES está de volta para proteger a Vila Farmer. Mas antes ele precisará encarar uma nova aventura para recuperar sua espada de diamante. Para isso, Authentic conta mais uma vez com a sua ajuda! Ao lado do herói, você – na pele do aventureiro Builder – e a esperta Nina vão partir para uma perigosa jornada até o Nether, onde os mobs esconderam a poderosa arma. Mas o maior desafio ainda está por vir: encontrar e derrotar Herobrine, que está por trás do roubo da espada e quer, junto com o Ender Dragon, acabar com o mundo da superfície. Preparado para mais um desafio? Então, mergulhe em A BATALHA CONTRA HEROBRINE, o segundo livro da trilogia AuthenticGames, uma história recheada de ação, mistérios e muitos enigmas para você decifrar.

Compre agora e leia


Ilusão
Trilogia Os Montenegro I
Uma paixão avassaladora,
um amor incondicional.
Qual deles você escolheria?
JAS SILVA
astral cultural

Ilusão

Silva, Jas

9788582464823

352 páginas

Compre agora e leia

Mariana, a caçula da tradicional e rica família Montenegro, é uma jovem obstinada e competitiva que durante anos foi uma das amazonas mais promissoras de Santa Catarina. Até que, por uma reviravolta cruel do destino, ela se viu obrigada por seus irmãos, Marcos e Isadora, a deixar toda a sua vida para trás: seus sonhos, planos para o futuro e até mesmo Henrique, o homem por quem sempre foi apaixonada. Depois de cinco anos vivendo em Portugal, Mariana fica sabendo que Henrique está noivo da última pessoa que ela poderia imaginar: sua irmã. Após essa descoberta, a jovem decide voltar ao país em uma última tentativa de conquistar o homem que ama e revelar um pequeno segredo. As coisas, porém, não saem como planejado e ela se vê envolvida em um jogo sórdido de mentiras e escândalos. Mariana é forte, mas muito impulsiva. Por sorte, ela tem ao seu lado Guilherme, um amigo de infância que sempre fez de tudo para protegê-la. Traições, segredos desvendados e descobertas inesperadas. Ilusão nos prende do começo ao fim com seus personagens intensos e cenas ardentes.

Compre agora e leia